

**Comunidades camponesas em
Concepción, Paraguai.**
Crítica à economia global no tipo
de vida rural do norte do
Paraguai.

Camilo Bravo Molano

Orientador: Prof. Doutor Carlos Piteira

WWW.ISCSP.U LISBOA.PT

Comunidades camponesas em Concepción, Paraguai.

Crítica à economia global no tipo de vida rural do norte do Paraguai.

Camilo Bravo Molano

Orientador: Prof. Doutor. Carlos Piteira

Dissertação para obtenção de grau de Mestre
em Antropologia

Júri:

Presidente: Doutor Paulo Castro Seixas

Professor Associado do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
da Universidade de Lisboa;

Vogal: Doutora Maria de Fátima Calça Amante

Professora Associada do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da
Universidade de Lisboa

Vogal: Doutor Carlos Piteira

Professor Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da
Universidade de Lisboa, na qualidade de orientador

Lisboa

Março/2021

Comunidades camponesas em Concepción, Paraguai.

Crítica à economia global no tipo de vida rural do norte do Paraguai.

Peasant communities in Concepción, Paraguay.

Criticism to the global economy in the rural lifestyle in northern Paraguay.

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Antropologia

RESUMO

Os camponeses da região norte do Paraguai estão perdendo o poder e o controle das instituições que governam o seu território. Para recuperá-lo e dirigir seu próprio plano de desenvolvimento social, eles mantêm uma luta ideológica e pragmática baseada na tradição local, em seus interesses sociais e na formação da igreja.

A fundação das comunidades/colônias de camponeses é uma resposta à economia de mercado globalizada, sendo que o seu pensamento sobre o meio ambiente, qualidade humana e crescimento sustentável é uma crítica aos efeitos das políticas de desenvolvimento social baseado no crescimento do PIB.

O plano de desenvolvimento do estado está feito para melhorar a qualidade de vida da população no território, mas com a perspectiva de que o problema era a população por não ter qualidade de vida. Com as políticas baseadas no crescimento econômico (e a discriminação militar), procurou-se promover uma mudança cultural e de migrações em benefício de comunidades trazendo a industrialização e o capital financeiro, porque, segundo as teorias científicas sociais hegemônicas, isso iria proporcionar qualidade de vida. A resposta do estado para resolver os problemas sociais da população foi a de trocar a população.

Neste contexto, durante o mês de setembro de 2017, fiz o meu trabalho de campo, visitando, conversando e registrando entrevistas com camponeses, líderes sociais e moradores dos municípios de Arroyito, Horqueta, YbyYau e Azotey.

Para contextualizar o fenômeno social na região norte do Paraguai, procurei com este trabalho aprofundar os processos históricos que permitiram construir as políticas de desenvolvimento. São analisadas de forma sumária as teorias de economia de mercado em processos históricos da globalização, focando-se e esclarecendo os conceitos sobre desenvolvimento, bem-estar e humanismo que apareceram no pensamento social desses processos.

No trabalho de campo, percebi também que esses processos são influenciados pelo pensamento religioso e pelas migrações, pelo que a investigação faz uma análise cultural da teologia tanto dos jesuítas como dos menonitas no território do Paraguai.

Pelo interesse que as colônias camponesas me suscitam enquanto desenvolvimento social e resposta cultural ao processo de globalização, esta dissertação assenta na seguinte pergunta de partida: Quais são as consequências do desenvolvimento social baseado no crescimento económico para as populações rurais do departamento de Concepción, Paraguai?

Palavras-Chave: Desenvolvimento, Antropologia, Econômia, Paraguai, Camponeses, Religião.

ABSTRACT

Peasants of the Northern region of Paraguay's power and control of the institutions that govern their territory have been receding since the beginning of the democracy. Nonetheless, they are bringing forward an ideological and pragmatic struggle based on local tradition, on social own interests, and on the educative formation from the church, in order to recover their territory and manage their own social development.

The foundation of peasant colonies is a response against the global market economy, and its takes on environmentalism, human quality, and sustainable growth, is a criticism to the effects of social development policies based on GDP growth.

The regional development plan is designed to improve the quality of life of the population in the territory. In Northern Paraguay, the state's assumption being that the problem rests on the local population because they lack quality of life, it implemented policies aimed at economic growth. These policies, reinforced by the social discrimination enacted by military forces, are promoting cultural change and migration of communities that bring industry and financial capital –which supposedly enhance quality of life according to hegemonic social scientific theories. The state's answer for solving the population's social problems is changing the population.

In this context, throughout September 2017 I did my fieldwork visiting, talking, and recording interviews with peasants, social leaders, and residents of the municipalities of Arroyito, Horqueta, Yby Yauú and Azotey.

In order to contextualize the social phenomenon in the Northern region of Paraguay, this work delves into the historical processes that build this kind of development policies. The market economy theories in historical processes of globalization are briefly analysed, focusing on and clarifying the concepts of development, well-being, and humanism and questioning the transformation of ideals of society resulting from these processes.

In the fieldwork I also realised that these processes are influenced by religious thought and migration; therefore the investigation also makes a cultural analysis of the theology of both Jesuits and Mennonites in the territory of Paraguay.

Due to the interest that the peasant colonies as a social development and cultural response to the globalization process awoke in me, this thesis is based on the following question: what are the consequences of the social development based on economic growth in the rural communities of the department of Concepción, Paraguay.

Keywords: Development, Anthropology, Economy, Paraguay, Peasants, Religion.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	8
PROBLEMÁTICA.....	12
METODOLOGIA	19
CAPÍTULO 1 - ETNOGRAFIA NO INÍCIO	24
A TERRA VERMELHA DOS GUARANIS	24
CAPÍTULO 2 - A ECONOMIA DE MERCADO NO PARAGUAI	28
2.1. CIDADES PARA MORAR OU PORTOS PARA O MERCADO	29
2.2. SÉCULO XVIII ATÉ O XXI.....	35
2.3. POLÍTICAS ECONÔMICAS MODERNAS	37
2.4. A SOJA.....	42
CAPÍTULO 3 - DESENVOLVIMENTO SOCIAL: CULTURA, ECONOMIA E RELIGIÃO.....	44
3.1. TRABALHO PARA QUALIDADE DE VIDA.....	44
3.1.1. <i>TRABALHO MODERNO</i>	45
3.1.2. <i>MODELO RURAL</i>	51
3.2.1 <i>DESENVOLVIMENTO</i>	55
3.2.2 <i>POBREZA</i>	60
3.2.3. <i>RELIGIÃO E MIGRAÇÃO</i>	66
3.2.3.1 <i>MENONITAS E BRASIGUAIOS</i>	66
3.2.3.2. <i>TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO</i>	72
NOTA FINAL	78
BIBLIOGRAFIA	86

INTRODUÇÃO

"(...) A soja é o que produz mais prejuízo porque o pesticida é amplamente utilizado para a plantação.

a criação de gado prejudica porque os ricos ocupam a terra com o gado e os pobres não têm terra.

Aqui no Paraguai há milhões de habitantes que não têm terra (...) As vacas têm mais terra, têm mais direitos as vacas."

(Conversa com camponês em Yby Yaú, 2017).

Arroyito, uma palavra em espanhol que descreve uma pequena corrente de água, é o nome da primeira colônia¹ camponesa fundada no norte do Paraguai depois da ditadura de Alfredo Stroessner - a ditadura mais longa da América do Sul.

Perto da fronteira com o Brasil, Arroyito está localizada no departamento de Concepción perto da fronteira com o Brasil, no interior da América do Sul, sem costa marítima, mas com superávit energético em função do tamanho e da força de seus rios. Compõe a sua geografia um percurso antes de subir à cadeia montanhosa dos Andes, onde as nuvens são quebradas em forma de chuva, irrigando as florestas e criando as afluentes dos principais rios da região. Estes rios têm marcado as características históricas no desenvolvimento econômico e social das migrações humanas que habitam o território; terras dos povos guaranis que mantiveram afastados os Incas e se misturaram aos europeus.

¹A palavra "colônia" no contexto do Paraguai corresponde a uma organização de famílias, num território ocupado de maneira planejada, para o desenvolvimento econômico e social da região. No caso dos 'menonitas', as colônias foram incentivadas inicialmente pelo governo a povoarem a região do Chaco, território que estava em disputa de propriedade com a Bolívia. No caso da comunidade camponesa de Arroyito, a colônia foi planejada pela comunidade "Sem-Terra" da cidade de Concepción e apoiada pela igreja católica da Pastoral Social.

A posição geográfica do Paraguai fez com que a sua sociedade estivesse afastada dos processos globais causados pela economia de mercado nas sociedades industriais. Isso produziu vantagens e desvantagens ao desenvolvimento social durante diferentes processos de sua história.

Mesmo com o processo de globalização atual, em que a geografia pode ser acessada pelos novos meios de comunicação via internet e mercado financeiro virtual, somados aos avanços tecnológicos no transporte aéreo e fluvial, a economia da região manteve-se nos produtos primários. Caracterizou-se nas últimas décadas pelo seu principal produto de exportação: a semente de soja e seus derivados, respondendo por 51% de suas exportações em 2017. A região se destaca também pelo seu segundo produto de exportação, a carne bovina, o curtume e seus derivados, os quais juntos representam 20% das exportações².

Esta característica econômica é o principal fator de desequilíbrio no desenvolvimento social rural do Paraguai. O motivo está em sua economia estar sendo cada vez menos controlada pelos próprios cidadãos paraguaios, em contraste ao poder político e à acumulação de capital obtidos pelas companhias de origem internacional.

A população que se tem especializado na produção de soja e que recolhe o lucro de capital do mercado faz parte maioritariamente de migrações estrangeiras de origem brasileira e germânica, como é a comunidade de Brasiguaios³.

Quanto à produção de carne bovina, 50% é feita por quatro principais armazéns frigoríficos, os quais têm capital brasileiro e produzem com interesses na exportação⁴ (Ávila & Portillo, 2017).

²<https://oec.world/es/profile/country/pry/#Exportaciones>

³Segundo a descrição da população da comunidade em Arroyito, os Brasiguaios são brasileiros que ultrapassaram as fronteiras procurando expandir seus negócios agrícolas. São nomeados Brasiguaios porque são filhos de brasileiros que tendo nascido no território paraguaio e se nacionalizam. Outra característica é que falam, ao menos, as três principais línguas da região: espanhol, português, guarani e, em alguns casos, também alemão moderno.

⁴Os principais produtores de carne bovina são: Concepción, Bertin y Frigomerc e JBS..

O lucro da produção fica diretamente com os proprietários das companhias privadas, não chegando aos moradores do território. Nem mesmo os bens produzidos são desfrutados pelos cidadãos paraguaios. A produção tem os seguintes destinos:

Os compradores dos produtos derivados da soja são principalmente Argentina, com 25%, Rússia, 15%, e Turquia, 13%, seguidos por Espanha, 7%, Alemanha, 5%, e Portugal, Brasil e Itália com 4% cada um⁵. O consumo interno da soja no Paraguai é só como reserva de semente para a agricultura, o que significa que a produção é feita 100% para exportação.

A produção de carne bovina e do curtume é também uma consequência do mercado global que está transformando o território e as decisões políticas da região. Segundo o processo histórico descrito por Josefina Coll no livro “*La resistencia indigena ante la conquista*” (1974) se pode deduzir que aquela base económica é consequência do processo histórico de dominação e fundação das cidades da região. Este tópico será desenvolvido no capítulo 2 deste estudo.

Já os países importadores da carne produzida no Paraguai são Chile, com 72%, Rússia, 38%, Brasil, 15% e o território dominado baixo o governo de Israel, 11%. Da produção de curtume, os principais importadores são Itália, 57%, e Brasil, 11%⁶.

Em 2016, só 0,3% da produção de derivados bovinos ia para o consumo interno da população paraguaia, cifra que era de 3%, em 2012, 12%, em 2007, e 33%, em 2002. Isso significa que atualmente a percentagem da produção de carnes do Paraguai para exportação é maior que 99%⁷, e que nas últimas décadas é exponencialmente maior para exportação e menor para consumo interno.

Conforme assinalado anteriormente, a economia é o principal fator de desequilíbrio nas problemáticas sociais, mas ainda dependente dos fenômenos culturais e históricos, tanto paraguaios como da globalização e da economia de mercado, os quais acabam

⁵<https://oec.world/es/profile/country/pry/#Exportaciones>

⁶Ibid

⁷Base de dados do Anuário Estatístico de SENACSA 2016.

direcionando o desenvolvimento e a política socioeconômica da região. A inter-relação dos fenômenos econômicos e culturais e suas consequências para o desenvolvimento social do norte do Paraguai, representados na comunidade de Arroyito, serão analisados nos capítulos seguintes deste estudo.

PROBLEMÁTICA

A população local que se autodefine social e culturalmente como paraguaia, especialmente os camponeses, está perdendo a soberania do território e a governança sobre as políticas de desenvolvimento devido ao processo de sojalização na região. Eles, entretanto, mantêm uma luta ideológica e pragmática baseada na sua tradição para recuperar o seu território e dirigir o desenvolvimento de sua própria sociedade.⁸

“O departamento de Concepción é um território em disputa com enormes quantidades de terras, controladas por narcotraficantes, traficantes de madeira [rollo-traficantes], sojeiros, roubo de gado [abigeato e fazendeiros] e por o EPP [guerrilla automeada Ejército do Povo Paraguai].”

(Conversa com o Pa'i Pablito, vigário de Concepción, no trabalho de campo
feito em setembro de 2017)

⁸No trabalho de campo se observou que a população paraguaia faz uma distinção entre 4 tipos de populações, que podem se explicar pelos diferentes tipos de migrações que coexistem no território. Além dos camponeses paraguaios e das comunidades brasiguaias descritas anteriormente, na região estão também as colônias menonitas, que têm tido diferentes migrações. Seus inícios, tradições e língua mantêm ainda a cultura germânica por vir de povos do atual território do norte da Alemanha. Segundo o reconhecimento feito na região, encontraram-se características culturais que mostram origens como a língua Baixo-Alemão (Plattdeutsch) do norte da Europa. Alguns deles falam alemão, português pela sua migração e conexões mercantis com Brasil, espanhol por ser a língua local e guarani (Jopará) por ser a língua nacional e a “língua-franca” da população no território que falam ainda algumas comunidades indígenas as quais são empregadas pelos fazendeiros menonitas. Os indígenas, são a quarta distinção que indiretamente compõe a população na região. Os indígenas, os quais apesar de serem paraguaios pela constituição, são curiosamente diferenciados da comunidade paraguaia nas conversas recolhidas tanto com camponeses, representantes de organizações religiosas como com os líderes sociais. Os indígenas são descritos como se não tivessem uma identificação cultural nem nacional. Eles falam sua língua nativa, a maioria guarani, mas existem ainda outras línguas nativas na região. Este tipo de diferenciação foi comum nas descrições dos habitantes como paraguaios, indígenas, brasileiros e alemães. Legalmente, todos eles são paraguaios por terem nascido no território. A população que se autodenomina paraguaia pode ser identificada pela sua língua materna, o Jopará, a qual é uma mistura entre espanhol e guarani. O Guaraní Jopará é o principal traço cultural do Paraguai.

Esta foi a descrição dos problemas sociais vividos pelos habitantes da região e que se pode estender aos fatores da economia de mercado global (sejam legais e ilegais). Esta realidade afeta as políticas de desenvolvimento social na região, especialmente com o uso do território e dos recursos do Estado para produção de soja e de gado.

A democracia do Paraguai tem 30 anos. Durante esse tempo tem sido mantida uma política econômica neoliberal, baseada em atrair agroindústrias de capital estrangeiro como estratégia para obter crescimento econômico, o que, segundo a teoria econômica neoliberal, melhoraria a qualidade de vida da população.

Em 2014, o presidente Horacio Cartes, durante uma conferência com representantes da Confederação da Indústria e Comércio do Brasil, dizia a frase: “*usem e abusem do Paraguai*”. Essa frase simbolizou as políticas de desenvolvimento na região e é o resumo do fenômeno social que, neste estudo, vai ser analisado tanto a partir do processo histórico da economia de mercado, como das teorias sobre o desenvolvimento, tendo como principais expoentes as teorias do Sistema-Mundo, de Immanuel Wallerstein, e as Teorias da Dependência e do Desenvolvimentismo produzidas pelos teóricos da Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (CEPAL), criada pelo Conselho Econômico e Social das Nações Unidas.

Antes do período atual de democracia, o Paraguai foi governado pela ditadura de Stroessner entre 1954 e 1989. Segundo os moradores do município de Arroyito, durante aquele período, as terras do departamento de Concepción, que tinham de ser destinadas para a reforma agrária, foram cedidas a familiares e militares com vínculos afetivos ao ditador. É por isso que são chamadas terras “*mal-havidas*”. Algumas delas foram cedidas para indústrias brasileiras em Concepción e para menonitas na região do Chaco, as duas para desenvolver o setor agropecuário.

Quando a ditadura acabou em 1989, moradores do município de Horqueta, Concepción, que formaram organizações “sem-terra”, decidiram ocupar aquelas terras *mal-havidas*, que estavam abandonadas ou destinadas ao gado. O objetivo era construir casa para suas famílias ou mesmo para ter uma fonte de trabalho e de alimento. Com o acompanhamento da igreja jesuíta, o primeiro assentamento criou um planejamento de

desenvolvimento social baseado no modelo de economia agrícola-familiar. Esta primeira comunidade/colônia foi chamada Arroyito.⁹

A organização social das comunidades/colônias camponesas em Concepción é também uma consequência dos processos históricos e econômicos do desenvolvimento da região. A explicação remonta aos interesses do Brasil no território desde a guerra da Tríplice Aliança, no século XIX, assim como com a tradição deixada pelo antigo domínio de terras e cidades durante a colônia, cujo objetivo era a criação de bovinos, suínos e equinos, feita para sustentar a alimentação dos exércitos no tempo da colonização europeia (Coll, 1991). Com a etnografia no território pode-se perceber também a influência das estruturas sociais e acadêmicas trazidas pelas missões jesuítas, que continuariam desenvolvendo-se até a atualidade no pensamento social da região, neste caso de estudo especificamente com a teologia da libertação.

No contexto paraguaio, a religião é um fator importante no pensamento desenvolvido pela influência dos jesuítas na população guarani. O sistema de produção jesuíta permitiu o desenvolvimento econômico com a otimização da administração de fazendas (Negro & Marzal, 2005), mas também gerou um pensamento moral crítico sobre as consequências da economia de mercado na população, especialmente desde a modernização da filosofia social da igreja na década de 1960 com a teologia da libertação (Gutiérrez, 1972). O pensamento jesuíta é um fator cultural que ainda hoje marca o desenvolvimento social focado em conceitos teológicos como “a pobreza”, conceito em que também se têm focado as teorias econômicas.

⁹“(…) Os assentamentos no Paraguai são geralmente terras “pouco habitadas” ocupadas por camponeses, isto é, terras públicas que deveriam ser destinadas à reforma agrária, mas que foram entregues a parentes e amigos do ditador Alfredo Stroessner. Estima-se que eles totalizem cerca de 8 milhões de hectares que foram alocados ilegalmente entre 1954 e 2003. Arroyito vem da primeira ocupação feita na democracia em 1989 (...) É um dos últimos lugares onde existe um modelo alternativo de produção agrícola em Concepción. Eles foram capturados entre culturas mecanizadas de soja ou estabelecimentos de criação de gado, onde alguns trabalham. A tecnificação da agricultura e pecuária os coloca fora de competição. Suas escolas também propõem um sistema de ensino diferente, como é o caso da escola Monsenhor Maricevich (...) Escolas criadas por padres jesuítas reivindicam educação popular e treinamento agrícola (...) ” (Manzoni, 2016)

Durante o meu trabalho de campo na colônia/comunidade de Arroyito, a população falava constantemente sobre a educação e o trabalho de organização social realizados pela Pastoral Social, no momento em que foi dirigida pelo Monsenhor Anibal Maricevich, bispo de Concepción de 1965 a 1993.

Segundo as conversas com a comunidade, nesse período, em sua jurisdição, praticou-se a *teologia da libertação*, e o trabalho de “doutrina” da igreja focou-se na crítica das teorias sociais modernas e apelou também ao olhar crítico sobre as políticas econômicas e as teorias de desenvolvimento social do governo ditatorial e dos interesses de mercado internacional.

Dessa maneira a população rural geraria uma consciência sobre o desenvolvimento baseada na inspiração do equilíbrio ambiental e econômico, com uma economia de autos-sustentabilidade familiar e de gestão horizontal.

Este tipo de economia dos camponeses de Arroyito tem mais outras características diferentes às descritas pelas teorias da economia moderna baseadas no intercâmbio do mercado. Como já tinha sido analisado pelo cientista social Karl Polanyi e descrito no seu livro “A Grande Transformação”, existe outro tipo de economia, uma baseada na reciprocidade e na redistribuição (Polanyi, 1944).

Esse pensamento de desenvolvimento e de crítica ao desequilíbrio econômico e ecológico global está ligado e vai ser analisado neste estudo com as teorias de Pós-desenvolvimento, em especial, de acadêmicos como Arturo Escobar.

No período de democracia, os modelos de desenvolvimento, tanto o local da comunidade como o global do mercado internacional, tornaram evidente a ruptura de interesses. Isso gera uma luta entre as comunidades rurais e as companhias agroindustriais com capital estrangeiro, as quais têm o apoio de instituições e da política internacional, que fazem pressão nas políticas do governo.

Nessa problemática socioeconômica abordada anteriormente, em que a força de trabalho e a produção do país beneficiam interesses globais, apesar da iniquidade social, a desigualdade econômica e o alto impacto ambiental, precisa-se analisar também o

fenômeno da guerrilha como consequência das desigualdades, em paralelo às comunidades camponesas pelo pensamento e processos históricos que a criou e porque exerce poder no mesmo território.

O movimento de guerrilhas na América do Sul teve seu auge no contexto global da “Guerra Fria”, na segunda década do século XX. No início do mesmo século, a política dos EUA denominada “doutrina Monroe” procurava manter o controle sobre a América, especialmente as Caraíbas (Escobar, 1999). Essa política foi renovada na Guerra Fria para impedir a influência soviética, com a nomeada “Operação Condor” do governo de Richard Nixon, para apoiar os governos ditatoriais da América do Sul¹⁰.

Essas intervenções e a gestão dos governos militares aumentaram a desigualdade social, produziram a perda do controle institucional nacional, além de serem responsáveis pelo recrudescimento das guerras de guerrilhas, pela criação de grupos paramilitares e pelo fortalecimento armado e territorial do narcotráfico¹¹.

Esta problemática chegou ao território de Concepción, no norte do Paraguai, na década de 2010, com a luta armada entre a guerrilha do Exército do Povo Paraguaio (EPP) e o exército especial nacional, nomeado Força de Tarefa em Conjunto (FTC), como consequência de diferentes fatores geopolíticos da região. Isso acabou por envolver negativamente a luta dos camponeses pela sua independência no seu desenvolvimento social.

No território é especialmente interessante analisar que o fenômeno social da região, além das causas econômicas, pode ter sido influenciado pelas características culturais, já que no território também se encontraram as comunidades menonitas. Tal grupo também seguiu um modelo de desenvolvimento social baseado na *agricultura familiar* com a fundação de comunidades/colônias e uma formação fortemente religiosa de tradição protestante, mas, diferentemente das comunidades/colônias de camponeses paraguaios, a comunidade menonita tem se encaixado aos interesses da economia de mercado; no

¹⁰Essa versão foi oficialmente negada, mas é uma dedução feita com a análise da história das últimas décadas na América do Sul.

¹¹Essa afirmação é feita a partir da análise de minha experiência pessoal recoletada em conversas e mídias durante diferentes viagens a países da América do Sul.

mesmo contexto econômico e social, os menonitas têm sido beneficiados pelos interesses do governo.

A explicação pode estar nas suas características culturais, que vem de migrações e tradições germânicas. Os menonitas viveram uma diáspora em diferentes lugares do mundo iniciada no século XVI. Sua cultura está fortemente baseada na religião e, apesar de seu afastamento devido à sociedade e ao estilo de vida da modernidade, tem forte influência no desenvolvimento industrial do setor agropecuário. Durante a última década tem aumentado a comunidade menonita no Paraguai (Prieto-Valladares, 2009), sendo o país que mais recebe imigração da comunidade menonita na atualidade.

A fundação das colônias de camponeses, mesmo com o seu próprio planejamento-desenvolvimento social e suas posturas políticas, é uma resposta à economia de mercado globalizada. Focados em suas tradições de agricultura, os camponeses fazem parte da crítica, que em diversas partes do planeta são uma resposta cultural, aos efeitos das políticas de desenvolvimento que se baseiam no crescimento do Produto Interno Bruto (PIB).

Para se afastar das teorias do desenvolvimento social com objetivo de crescimento monetário, o agir dos camponeses está focado em mudar o conceito para pôr o desenvolvimento humano da sociedade como núcleo da construção social. Assim o seu desenvolvimento social faz parte das respostas locais às problemáticas globais atuais sobre meio ambiente, qualidade humana e crescimento sustentável.

O modelo de produção agroindustrial baseado na economia de mercado e o desenvolvimento medido segundo o crescimento do PIB respondem ao sistema de economia global, o qual permite acumular grandes quantias monetárias que desequilibram o poder em favor das indústrias, desestabilizam as políticas públicas e polarizam a legislação. Para fazer uma análise mais profunda sobre as teorias de desenvolvimento, vou recorrer aos estudos de Cowen & Shenton (1995), Banuri Tariq (1990), Kilani (1994) e Redclift & Goodman (1991).

As políticas do governo paraguaio baseiam-se em interesses transnacionais de mercado e em teorias globais que procuram o crescimento da economia, a qual é medida na atualidade em termos financeiros. Para o crescimento da economia, o governo faz uso de sua população nacional como força de trabalho. A justificativa dessas políticas é o progresso da civilização global e o desenvolvimento social da região, mas a realidade da comunidade é conviver com o abandono e a perseguição do Estado. Por essa razão e pelo interesse que as colônias camponesas suscitem enquanto desenvolvimento social e resposta cultural ao processo de globalização, esta dissertação fundamenta-se na seguinte pergunta: Quais são as consequências do desenvolvimento do sistema de crescimento econômico para as populações rurais do departamento de Concepción?

Meu interesse com este estudo é reconhecer os processos históricos das políticas de desenvolvimento social do Paraguai, para, então, analisar as consequências atuais dessas políticas na população rural, especificamente nos camponeses do departamento de Concepción, com uma crítica a partir da antropologia do desenvolvimento (Viola Recasens, 2000).

Concretamente, o objetivo geral do estudo é descrever e analisar as características históricas e socioeconômicas das colônias de camponeses no norte do Paraguai. Quanto aos objetivos específicos procura-se reconhecer os processos históricos da globalização e da economia de mercado na região, além de se identificar e analisar as consequências desses processos nas características socioculturais atuais das colônias camponesas. Para, ao final, analisar e fazer uma crítica à teoria de desenvolvimento social e aos efeitos da globalização e da economia de mercado na sociedade local, fundamentada pela teoria antropológica.

METODOLOGIA

Para contextualizar o fenómeno social na região norte do Paraguai, recorri de forma sumária às teorias da economia de mercado em processos históricos da globalização, focando-me sobre os conceitos de desenvolvimento, bem-estar e humanismo que apareceram no pensamento social desses processos.

Depois de analisar os processos históricos, incorporei as descrições do contexto e da experiência vivida pela comunidade de Arroyito no departamento de Concepción no Paraguai. Os dados se baseiam na recolha de uma série de entrevistas feitas a camponeses, membros da comunidade religiosa, líderes sociais, empregados do setor público, trabalhadores sociais, judiciais e do exército, representantes de organizações não governamentais e académicos. O que me permitiu analisar os efeitos das políticas globais voltadas ao desenvolvimento do mercado e da população local rural.

O meu estudo sobre as problemáticas do norte do Paraguai inclui o levantamento de dados em jornais do país, especialmente, no *ABC Color*, *Ultima Hora* e *El Surtidor*, e de dados socioeconómicos recolhidos em livros de investigação social feitos por ONGs, como a *CLACSO* e a *Diakonía Paraguay*, da diocese de Concepción, além de consultas a instituições do Estado.

Essas pesquisas buscavam esclarecer o atual conflito armado no Paraguai. As informações recolhidas evidenciaram dados inverossímeis que produziram conclusões contraditórias, pelo que, em setembro do mesmo ano, fiz um trabalho de campo para recolher dados primários e reconhecer diretamente o território e as dinâmicas sociais e económicas da região.

Ao comparar os dados históricos e quantitativos recolhidos junto aos dados sociais e económicos, entre outras características de vida da população, percebi que era fundamental analisar o tema à luz da teoria antropológica e de desenvolvimento e fazer um análise interpretativa do material recolhido no trabalho de campo (Bernard, 2011).

Parti, assim, da premissa do enquadramento da antropologia do desenvolvimento e da perspectiva que a Antropologia nos oferece sobre o desenvolvimento, que na versão anglo-saxônica diferencia os conceitos Anthropology of Development e Development Anthropology (Viola, 2000, p. 27).

Retomo o paradigma da Teoria Crítica (Guba & Lincoln, 1994) para contrastar a ideia de desenvolvimento social que se aplica globalmente nas políticas neoliberais da economia de mercado com os resultados na região norte do Paraguai, segundo a observação obtida junto à comunidade.

Paralelamente, procuro inscrever uma narrativa baseada nos aportes do trabalho etnográfico no terreno para poder expressar as características qualitativas que tenho percebido com o trabalho de campo e com a experiência com a comunidade. A comunicação não verbal das entrevistas, de reconstrução literária e com elementos visuais, permite enriquecer a análise do contexto (Ruby, 1981) e mostrar o perfil subjetivo do investigador.

A etnografia é, assim, a linha principal da metodologia de investigação (Guber, 2001) feita junto às comunidades camponesas no norte do Paraguai, especificamente as comunidades de assentamentos que ocuparam as terras de Arroyito, Horqueta, Yby Yauí e Azotey. Estes são pontos geográficos importantes para analisar as diferenças políticas econômicas, sociais e culturais que têm causado os conflitos emergentes.

O trabalho de campo etnográfico (Guber, 2011), com observação participante, entrevistas, recolha e registro de dados, tanto de maneira escrita como em vídeo e fotografia, foi feita para poder utilizá-los posteriormente (Ferro, 2005).

A pesquisa documental (Moreira, 2007), produzida tanto por acadêmicos locais quanto pela mesma comunidade, permitiu-me entender a auto-representação, o imaginário social e os interesses culturais de comunidades de difícil contato, como são as menonitas.

Durante o trabalho de campo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e conversas com a população. Depois de reconhecer a comunidade e o território, fizeram-se diferentes percursos pela região para reconhecer e registrar a geografia social e a agricultura no departamento, assim como para experimentar o dia a dia e as problemáticas da população na região. Foi-me permitido ficar nas suas instalações da comunidade, o que contribuiu para o processo assinalado anteriormente.

No início as conversas foram feitas com integrantes da Pastoral Social. Eles contaram a história da comunidade segundo seus conhecimentos e interesses religiosos e sociais, além de falarem sobre seus trabalhos na comunidade rural, sobre os líderes sociais e suas relações, e sobre os conflitos com outras comunidades, como os menonitas, as indústrias e o narcotráfico. Os representantes da Pastoral Social me apresentaram aos integrantes da comunidade rural de Concepción, onde se centrou o trabalho de campo. Foi na comunidade de Arroyito que obtive relatos de seus líderes sobre os lugares onde tinham acontecido os atos que marcaram sua história recente. Já sobre o seu modo de vida, foram mostradas suas escolas e sua forma de agricultura.

Foram feitas entrevistas semiestruturadas que abordaram temas sobre a percepção do seu contexto social e suas problemáticas, sobre o conflito armado, o modo como o governo marca presença no território, as vantagens para a indústria e as desvantagens para a população camponesa, assim como sobre a discriminação cultural, a infraestrutura de saúde, assuntos de gênero, de migrações e de desenvolvimento, entre outros temas.

Depois de conhecer a colônia de Arroyito, foram visitadas outras famílias rurais mais afastadas e menos organizadas como comunidade, o que permitiu reconhecer as problemáticas escutadas pelos líderes sociais.

Outra visita foi à comunidade menonita em Paso Tuya, onde foi difícil estabelecer conversas e registros. Só foi possível conversar com os representantes religiosos e com uma família cujo filho foi sequestrado pela guerrilha. Foi uma conversa que, no início, pensavam ser de cunho jornalísticos, mas que, espontaneamente, tornou-se numa conversa sobre as características de sua vida como família rural no contexto do norte do

Paraguai. Isso me permitiu entender as suas características culturais, como as suas raízes migrantes, suas relações com outras comunidades, especialmente com trabalhadores paraguaios e indígenas, suas relações de mercado e seu pensamento sobre desenvolvimento e trabalho. Semanas depois, aconteceu uma marcha contra a violência (contra as afetações do conflito armado entre o Estado e a guerrilha), organizada pela comunidade menonita da região, tendo sido possível observar sua presença em dimensão e seu poder de influência.

Finalmente, depois da observação participante na região, a investigação continuou na capital do departamento com o mesmo nome, Concepción, onde se fizeram entrevistas a representantes do governo. O mesmo foi feito na capital do país, em Assunção, para conhecer, por meio de entrevistas e conversas, a percepção que as instituições públicas e a academia tem da região.

Uma das primeiras revelações, depois do trabalho de campo, foi entender que a informação dos meios de comunicação e as estatísticas oficiais de entidades do governo não correspondiam à realidade das comunidades que, por sua vez, estavam sendo afetadas em seu estilo de vida e, estigmatizadas como se fossem o problema.

Este resultado obtido durante o trabalho de campo me fez mudar o enfoque do trabalho de mestrado. Passei a dar menos importância ao conflito armado, focando mais nas críticas ao processo da agricultura industrial que estava subjacente ao plano de desenvolvimento do governo, este baseado em políticas econômicas bem-sucedidas no estrangeiro, aconselhadas por instituições internacionais e apoiadas por teorias acadêmicas globais.

O plano de desenvolvimento do Estado estava previsto para melhorar a qualidade de vida da população no território, partindo do princípio de que o problema era a população não ter qualidade de vida, pelo que, com as políticas baseadas no crescimento econômico (e a discriminação militar), foram promovendo uma mudança cultural e de migrações por populações que traziam a indústria e o capital financeiro. Segundo as teorias científicas sociais hegemônicas, isso traria qualidade de vida. Afinal a resposta do Estado para resolver os problemas sociais da população foi o de trocar a população,

excluindo os nativos que já lá residiam e incorporando uma nova vaga de gente que apoiasse os princípios da economia global e liberal.

Assim a presente investigação para o mestrado passou por aprofundar os processos históricos que permitiram construir e dar importância a essas políticas de desenvolvimento, colocando-as como fonte de conflito.

Essa conclusão entre a diferença de dados sobre a realidade da comunidade e a percebida pelo Estado, também me fez tomar uma interpretação com maior foco na observação participada com a comunidade, e manter um olhar crítico para os documentos escritos oficiais e acadêmicos.

No trabalho de campo percebi também que esses processos tinham características culturais do pensamento religioso, assim como do fluxo das migrações. A população que mora no território não se identifica como nacionais, mas sim como locais, pelo que a investigação procura também o caráter das migrações e da teologia tanto dos jesuítas como dos menonitas.

Essas causas históricas, características religiosas e teorias econômicas foram focadas inicialmente em livros científicos clássicos de economistas e antropólogos que marcaram a base das teorias sociais científicas, especialmente acadêmicos clássicos como David Ricardo e Max Weber.

A literatura sobre a teoria antropológica foi recolhida durante o mestrado, focando-me na área de globalização e desenvolvimento, matéria que me permitiu lançar um “olhar” crítico sobre esta realidade.

Capítulo 1 - ETNOGRAFIA NO INÍCIO

A TERRA VERMELHA DOS GUARANIS

Caminhávamos sobre a terra caracteristicamente vermelha do Paraguai, que como sangue, é rica em ferro, conferindo-lhe sua cor vermelha e sua fertilidade. Sentia-se provavelmente 26°C sob o raio do sol do inverno de Concepción, e respirava-se uma humidade de floresta tropical que vinha do Chaco. Procuramos a sombra na beira do caminho enquanto chegava Juan Cuevas e Benjamín Valiente. No entanto, chegou primeiro uma conversa em língua guarani que vinha de um prédio ainda sem janelas nem portas que seria a nova igreja da comunidade de Arroyito.

Era 11 de setembro de 2017, na região Norte do Paraguai, estávamos bem perto da fronteira com o Brasil, a 2 horas de carro até a cidade brasileira de Pedro Juan Caballero e a 6 horas de carro até a capital paraguaia, Assunção. Nós chegamos para fazer uma pesquisa sobre o conflito armado na região, que vinha acontecendo há mais de 10 anos entre a guerrilha Exército do Povo Paraguaio (EPP) e entre o Exército Nacional (FTC). O interesse inicial era entender a causa do conflito armado na região, mais especificamente, conhecer quais eram suas consequências na vida do dia a dia das pessoas da comunidade, porém, por meio da experiência das pessoas, o objetivo inicial foi mudando.

As conversas que escutávamos mudaram para o espanhol e nos chamaram, tornando evidente nossa presença estrangeira, que ainda foi maior quando respondemos com o nosso sotaque colombiano. Nós, éramos dois bogotanos, mas nosso terceiro parceiro cumprimentou em guarani: “Mba'éichapa”, e esclareceu que ele era sim paraguaio, que vinha de Assunção, e que entendia o básico de guarani, aprendido na época da escola.

Naquele prédio estava o Juan Cuevas, reconhecível por seu chapéu cinza e por o seu gosto pela literatura, sempre com uma risada sonora quando termina de contar uma memória. Comparava os dilemas da comunidade com a tragédia de Macbeth de Shakespeare. Ele nos guiou, com sua motocicleta, até a casa da nossa primeira entrevistada, a mãe do seu cunhado assassinado, chamada Ña.

O filho de Ña, “Toto” Lezcano, foi um dos fundadores de Arroyito, líder social da comunidade. Ele é mais uma das vítimas e dos combatentes no conflito de terras que deixaram 35 anos de governo da ditadura.

Junto com Ña, Juan, Benjamin, meus parceiros de pesquisa e outros membros da família, nos sentamos fazendo um círculo sob a sombra duma árvore. Bebendo tereré começou a conversa, dirigida por Juan e Benjamín. Eles nos contavam sobre a história da comunidade e de suas lutas, mas Ña ainda não falava nada, só assentia com sua cabeça enquanto acariciava um pintinho que tinha subido sobre o seu joelho.

Ela, a mãe, a camponesa, com a pele oxidada de tanto respirar, de cor canela por tanta mistura entre sol e terra, cheia de caminhos e de rugas como a superfície constantemente batida de um rio. Descendente de guaranis e de latinos-europeus, era o seu corpo a presença dos sobreviventes de terras e corpos colonizados e de colonizadores. Era, ao mesmo tempo, habitante do território guarani e do tempo ocidental. Era a síntese de lutas armadas feitas com paus e com ferros, síntese de ideologias religiosas entre a libertação do espírito humano que tanto procuraram os jesuítas no novo mundo e o respeito pelo espírito da natureza que tanto protegem os povos nativos da Amazônia. Era a síntese de interesses econômicos e de sistemas de mercado da modernidade que medem o bem-estar social e o progresso humano com as quantias de moedas, síntese de desenvolvimentos tecnológicos e sociais que movimentaram (transportaram) povos e destinos de nações em máquinas gigantes juntando -como se fosse um tecido- os continentes e a cultura, durante séculos por mar e, durante as últimas décadas, por céu.

Sua pele, sua família, sua presença no futuro, ela e seu território são, no presente, ameaçados pela produção altamente eficiente e rentável de vacas e de soja.

Ña, com todo o que ela significa, não falou nem uma palavra depois de nos cumprimentar em guarani. Só escutava e assentia com a sua cabeça enquanto acariciava o pintinho.

~

Atrás da poeira de terra que levantava a camionete, via-se no espelho retrovisor um carrinho de madeira puxado por um forte e sobre-esforçado boi branco de lavoura. Continuávamos avançando e, da janela, corriam rapidamente para trás as casas camponesas sendo avançadas pela agricultura extensiva. O sol ocultava-se intermitentemente entre as árvores novas de pinho plantadas simetricamente que deixavam a distância exata para otimizar o espaço para os custos da produção. Vários metros depois tudo horizonte, todo o raio visível pertencia só às plantações de soja.

Quilómetros depois chegamos à San Blas, na escola onde o Benjamín ensinava, tínhamos marcado um encontro para conhecer a história de Arroyito:

Arroyito, segundo o Benjamín, tinha começado com uma ocupação de terras feita por habitantes e estudantes sem casa própria nem trabalho da vila de Horqueta e da cidade de Concepción no período final da ditadura de Stroessner no ano de 1989. A ocupação tinha se mobilizado pela necessidade de moradia e de trabalho, mas também para retomar terras que tinham sido doadas pela ditadura para militares e fazendeiros industriais. No entanto, estas terras eram patrimônio da nação, especificamente do povo local, mas que tinham sido doadas como propriedade privada sem nenhum processo democrático. No caso de Arroyito, as terras pertenceram à “Industrial Paraguaya SA”¹², de capital brasileiro, que tinha comprado as terras depois da guerra da Tríplice Aliança. Essas terras chamadas *mal-havidas* foram retomadas com o direito de criar uma própria comunidade autogerida, baseando-se no bem-estar social que protege a constituição, mas também afastando-se da economia de mercado:

“Eles [os estudantes] geralmente não sabem o que era a ditadura, nem no momento em que Arroyito entrou. Arroyito se preparou durante a ditadura, como 4 ou 5 anos, quando a ditadura caiu, toda a folia veio e nós pensamos que estávamos em uma democracia. Em fevereiro a ditadura cairia, então

¹²Industrial Paraguaya, o maior latifúndio de capital estrangeiro de Paraguai (2.6 milhões de hectares). As famílias queriam obter a expropriação de 12 mil hectares, mas só conseguiram 8.667.

<http://www.baseis.org.py/en-arroyito-hay-un-plan-para-acribillar-a-mas-dirigentes-campesinos/>

<http://www.jma.gov.py/wp-content/uploads/2018/12/64-La-Industrial-Paraguaya..pdf>

em maio seriam as primeiras eleições após a ditadura, e o consorte do ditador -[Andrés]Rodriguez- estava concorrendo ao cargo e sua vitória eleitoral era óbvia. Então as pessoas de Arroyito pensaram, se nós esperamos maio e eles estarão no governo, então eles não vão mais nos permitir entrar [nas terras], temos que entrar agora'. E entrou-se no dia 11 de abril, obviamente essa foi uma medida estratégica.... Arroyito foi quem iniciou a ocupação da terra, depois continuou Kuruzú de Hierro, seguido por Agüerito. Isso começou na Estancia Agüerito de la Mate Larangeira, que era internacional britânico-brasileira...¹³»

¹³ Inicialmente denominada Empresa Matte Larangeira, a Companhia Matte Larangeira foi uma empresa que surgiu de uma concessão imperial ao comerciante Thomaz Larangeira, por serviços prestados na Guerra do Paraguai.

Capítulo 2 - A ECONOMIA DE MERCADO NO PARAGUAI

“(...) olha, as mesmas terras que há 25 anos produziram alimentos para alimentar aos homens, às famílias e aos animais que eles têm aqui, agora, com a grande extensão da monocultura, essas mesmas terras produzem alimentos, grãos, para alimentar os animais de estimação dos homens solitários na Europa, nos Estados Unidos ou na Espanha, ou de qualquer outro lugar. Produzem soja, produzem trigo ou aveia ou qualquer outra coisa, mas é vendido, e quem fica rico com isso? Os intermediários que existem, o governo. E o governo não tem interesse em que esse sistema que eles implementam [a agricultura tipo camponesa] seja feito, porque eles [o governo] vão perder todos os lucros que obtiverem. Fácil é de perceber.”

(Conversa com trabalhadora social da igreja jesuíta em Concepción, 2017)

O fenômeno social na região norte do Paraguai é uma materialização das teorias da economia de mercado, que, durante os processos históricos da globalização, tem transformado o território e as sociedades que o habitam. Neste capítulo sobre o processo de mercado se faz uma descrição histórica dessas transformações, em que se identificam processos próprios da globalização, como são a urbanização, a expansão de rotas mercantes para acumulação de capital e a homogeneização sociocultural. Esses processos permitem identificar as características culturais do pensamento local sobre a economia e o desenvolvimento.

O conceito da urbanização é analisado neste estudo focando-se na transformação do território de comunidades-sociedades por motivos de mercado.

O processo de expansão do mercado para a acumulação de capital, que pode ser entendido também como o processo de industrialização global para gerar mais-valia, é analisado para entender os vínculos culturais e o poder que tem exercido as migrações

no norte do Paraguai, incluindo as mudanças do território e interpretações das comunidades sobre os conceitos do rural e do urbano.

Igualmente, a descrição do fenômeno da homogeneização sociocultural vai permitir analisar em um capítulo posterior a problemática dos direitos básicos humanos que existem atualmente no território.

Assim, com esses três processos: urbanização, mercado e etnocentrismo, identifica-se a origem e se descreve o tipo de governo no território para entender o objetivo tanto do desenvolvimento social como das atividades econômicas.

2.1. CIDADES PARA MORAR OU PORTOS PARA O MERCADO

A economia de mercado envolve inicialmente o território do Paraguai em um processo pré-industrial europeu, de acumulação de capital dos impérios por meio do roubo legitimado da matéria-prima coloniais.

No território paraguaio, especificamente ao século XVI, a procura da prata e a procura de uma rota que conectasse o Atlântico com o o território do império Inca, impulsionou a exploração do território dos guaranis (Coll, 1991).

No século XVII, chegariam as missões jesuítas no território para evangelizar e ensinar a cultura e a estrutura social ocidental aos nativos.

A apropriação da ourivesaria que pertencia aos Incas, pelos espanhóis, e o mesmo com as minas de ouro, criaria a principal rota marítima de transporte de mercadorias pelo Pacífico. A rota partia da costa peruana, do porto do Callao, perto da cidade de Lima, até a América Central, o lugar mais curto para cruzar o Caraíbas, para finalmente enviar as mercadorias para Europa (Coll, 1991).

A segunda rota, em consequência de brigas entre os subgovernos do Vice-Reino do Peru, e para evitar a pirataria do Caraíbas, foi estabelecida para transportar por terra os minerais, usando as antigas rotas dos nativos que conectavam os Andes com os rios da região que afluíam no Rio de La Plata até o oceano Atlântico.

Essa segunda rota, que tinha como objetivo principal o transporte dos minerais da América do Sul para Europa, impulsionou o domínio de cidades nativas e a fundação de vilas que seriam posteriormente as capitais de mercado da região, como Buenos Aires, Montevideu e Assunção, só para nomear as capitais entre outras cidades importantes da região naquele momento e na atualidade.

O nome dos países e das regiões que foram dados pelos colonos ao território permite entender também rastros dos interesses econômicos do mercado no desenvolvimento da região. *Argentina* vem do latim *argentum* que significa prata, o nome de *Rio da Plata* foi dado, segundo uma das versões, pela lenda que se criou durante a colonização que dizia que aquele rio conduzia para uma montanha de prata. Isto poderia ser referido ao Potosí na Bolívia. De igual maneira, o nome para denominar o território do Uruguai e do Paraguai provém de palavras nativas para descrever os rios que permitiam aos colonos transportar os produtos eficazmente pela região.

Nesse momento de domínio do território e fundação de cidades, o objetivo não foi desenvolver uma qualidade de vida baseada em princípios morais de bem-estar social. O desenvolvimento humano não existia ainda como objetivo do governo, seria uma ideia que chegaria depois com as revoluções sociais causadas pela industrialização. Mas a ideia de desenvolvimento humano existia já no pensamento humanista-social da religião. Desde o início do cristianismo, havia a ideia de bem-estar e salvação do indivíduo humano. Até chegar no momento de encontro cultural na América, tinham que tomar um juízo ético para decidir quem poderia ser chamado de humano, a depender de suas características físicas e culturais¹⁴.

Este critério de seleção social para decidir quem pode obter bem-estar na comunidade pode ser comparado com a ideia de democracia que tinha o governo na Grécia clássica. Naquele contexto, todo cidadão tinha direito de votar, mas nem as mulheres nem os estrangeiros que moravam na metrópoles eram considerados cidadãos, pelo que poderia ser menos da metade da população que tinha tal direito.

¹⁴Neste estudo não se identifica como era o tipo de desenvolvimento social dos nativos antes da colonização, o qual fica como tema aberto de estudo para comparar a influência do desenvolvimento social atual segundo o pensamento social das tradições nativas.

Faço a comparação desses dois exemplos de governo baseados em juízos morais da cultura em diferentes períodos, a fim de explicar que a interpretação de humanismo, cidadania ou simplesmente de indivíduo com direito não é universal. Apesar de que, no século XX, tenha se tentado criar os direitos universais humanos, o conceito de humanismo muda com a cultura, e na história da globalização especificamente depende dos interesses da economia de mercado.

Esse conceito de qualidade humana desenvolvida pela religião existia nessa etapa primária da globalização e permitiu criar termos legais para a exploração e apropriação do território e do trabalho dos indígenas nativos em todo o continente. Também foi usada convenientemente pelo mercado para justificar a comercialização das pessoas com a instauração da escravidão.

Mas essa ideia do desenvolvimento social humano dos jesuítas traria também problemas ao governo colonial no território do Paraguai, pelo modelo de vida comunitário de bem-estar e o ensino de ciências, filosofia, arte e trabalhos técnicos dos Jesuítas para a população nativa. Um inconveniente para o governo colonial porque uma população com um pensamento bem formado era mais difícil de controlar como força de trabalho. Também um problema sob a perspectiva econômica, porque o trabalho nas fazendas causou o enriquecimento e o controle do território, deixando maior poder na Companhia de Jesus do que no governo espanhol. Isso causaria a perseguição e o final das missões da Companhia de Jesus na metade do século XVIII.

É importante analisar também que esse mesmo pensamento ético de desenvolvimento social da Companhia de Jesus criou mercados agrícolas fortes com a inovação de administração de fazendas comunitárias, o que otimizou a produção (Marzal, 2002; Tua, 2005). Pelo que estes modelos são um exemplo de que a otimização da produção não significa necessariamente o desequilíbrio social. Com os modelos de produção dos jesuítas pode se mostrar que é a desigualdade na repartição do lucro da produção baseado em critérios morais hierárquicos o que cria o desequilíbrio no bem-estar social. Ao mercado serve uma força de trabalho educada para otimizar a produção, mas para o lucro máximo de um indivíduo único, seja pessoa física ou jurídica, nomeado “chefe” ou “conglomerado”; para eles não serve otimizar o desenvolvimento humano. Essa

afirmação será explicada segundo a *teoria de jogos* e a *teoria mercantilista* em capítulos posteriores.

Pode se contrastar a fundação dessas cidades como portos mercantes para extrair recursos com a urbanização das colônias planejadas em outros momentos históricos na região. O exemplo do segundo caso são as menonitas no Chaco paraguaio em 1927, que foram colônias migrantes que chegaram com o objetivo de desenvolver sua própria sociedade, tomando o território dos nativos sem esperar voltar para Europa e com benefícios do governo como: isenção de impostos durante 10 anos, a liberdade de fundação e administração de escolas, e o livre ensino de sua língua e religião (Goossen, 2016).

Essas colônias vinham fugindo das políticas dos governos que os tinham acolhido livremente para depois tentar os aculturar. Eles migraram sem interesse de estabelecer portos mercantes nem transportar riqueza para seu mercado de origem. Essas migrações eram formadas por famílias: mulheres, homens, crianças, esperando construir uma vida, se autossustentar e criar produtos e serviços próprios que satisfizessem suas necessidades (ROA, 1997). Assim a lógica econômica não era de mercado, não era obter moeda para trocar produtos, mas sim produzir produtos e serviços básicos para ter uma qualidade de vida mínima que permitisse a suas gerações prosperidade segundo sua ética e religiosidade (Goossen, 2016). Naturalmente essas estruturas mudaram nas gerações seguintes, permitindo que a qualidade de seu trabalho e a sua qualidade de vida fossem boa para a abertura do mercado global e para atrair novas migrações.

Mesmo assim, seja dos menonitas ou dos jesuítas ou com outros diferentes povoamentos no continente, seja em diferentes momentos históricos, esse modelo de colônia construiu uma sociedade fechada a qualquer indivíduo que pudesse mudar esses princípios morais de bem-estar social. Esse receio justificou o etnocídio em diferentes regiões de colonização, fosse com o assassinato ou com a conversão do pensamento e das expressões culturais.

É importante fazer lembrança que no território em que chegam estas colônias de migrantes, tanto de paraguaios como de estrangeiros, já existiam comunidades nativas, porém é comum escutar nomear o seu território como deserto e inabitado, o que causa a percepção social deles como cidadãos sem direitos. Pode deduzir-se que no momento de fundação das colônias, as populações foram desterradas pois na observação da população atual não se encontra uma mistura cultural, os nativos que ainda hoje continuam na periferia do território tem ligações económicas como trabalhadores para ás famílias descendentes dos migrantes, dado que as migrações eram incentivadas pelo governo e que os nativos não eram vistos como cidadãos com direitos, pode se deduzir, pela observação de sua condição atual, que os nativos ficaram sob condições de desigualdade jurídica ante a moral cultural do novo povoamento.

As migrações são como redes com forças vetoriais, que mantêm vínculos com sua cultura de origem. As comunidades religiosas que migraram foram colônias impulsionadas em parte pela transformação ética e mercantil que a sociedade nas cidades de origem estava tomando. Essas eram regiões europeias beneficiárias da apropriação económica da riqueza do planeta, com um superávit de produtos que estava mudando as relações humanas de bem-estar social e tornou o território, antes feito para habitar, num mercado. Esse efeito se intensificaria com a industrialização.

Para entender a mudança do pensamento sobre o desenvolvimento social que pode ter trazido o processo de industrialização, vou propor pensar na mudança da paisagem natural que aconteceu com a construção de prédios habitacionais e fábricas. Hipoteticamente, o que segundo a moral religiosa, podia ser a representação simbólica de Deus nas forças da natureza, passava a ser o domínio do homem com capital representado na urbanização. Nesta hipóteses proposta, inconsciente e paulatinamente aquilo passaria a ser também o objetivo do bem-estar social. O juízo de valor ético e estético, seja o julgamento do bom e do belo, igual ao que se identifica como o sucesso de um indivíduo, de sua sociedade, de suas instituições, e de seu desenvolvimento como humano, estaria baseado segundo sua quantidade de capital.

Seguindo essa hipótese, aquela moral progressista se espalharia da Europa até as colônias, numa mudança do mundo da natureza representada por deuses e governada pelas regras da lógica religiosa para o mundo governado pela lógica antropocêntrica, representada pela urbanização e governada pelos objetivos do mercado.

Na filosofia europeia esse processo foi entendido como o racionalismo. Na cosmologia ocidental foi a virada copernicana do geocentrismo da perfeição de Deus para o antropocentrismo da perfeição do homem. A mudança se fez presente na academia e nas instituições oficiais, concedendo o direito moral de exercer o poder pela lógica racional e científica de sua cultura.

Na religiosidade ocidental, esse processo representou o homem que se afasta de Deus pela acumulação da riqueza. A crítica a esse fenômeno pode ser o pensamento austero dos jesuítas, os votos de pobreza, a defesa da população pobre como o reino de Deus que é prejudicado pelo pecado produzido pelos ricos. Também foi o motivo do afastamento e das migrações de comunidades religiosas radicais como os Menonitas e os Amish.

A forte identidade religiosa dos menonitas faz com que, apesar do tempo, sua cultura se mantenha afastada das transformações culturais da industrialização, mas não do mercado global. Sua arquitetura, sua construção de ferramentas, sua produção de vestimentas, sua divisão de trabalho por gênero e sua estrutura familiar pertencem às características culturais dos povos do norte europeu da etapa pré-industrial, identificados como falantes do dialeto anglo-saxão de Plattdeutsch. Mas, com a agricultura da soja, eles importaram tecnologia avançada adaptada a sua cultura só para usos de trabalho e, com sua superprodução, alimentam os mercados globais.

Na contemporaneidade, seguindo a ideia de desenvolvimento da modernidade, os menonitas são uma comunidade importante da economia global que consegue negociar suas grandes migrações com governantes de diferentes nações para ter favores econômicos com a promessa de desenvolver a indústria agrícola.

2.2. SÉCULO XVIII ATÉ O XXI

A teoria da especialização na produção de um único produto, como é o caso aplicado na indústria agrícola da soja no Paraguai, foi uma teoria econômica formulada pelo economista britânico David Ricardo no final do século XIX com o nome de Vantagem Comparativa. Teoria que descrevia que se uma região tendia a especializar-se na otimização de um único produto no qual usasse o menor esforço de trabalho, isso como consequência de características culturais e do ambiente. Desse modo, uma região conseguiria obter o melhor benefício e a maior produtividade no âmbito da troca de mercado, produzindo maior quantidade de oferta com menor preço para a demanda (Ricardo, 1817).

Essa teoria foi aplicada nas relações econômicas internacionais na expansão do mercado europeu com as rotas marítimas para América, África e Ásia. E se desenvolveu com os processos econômicos primários da globalização, especialmente com a colonização de territórios para criar um mercado.

Na fase seguinte da industrialização, a acumulação de capital e o poder aquisitivo de matérias-primas permitiram construir tecnologia para acelerar a produção e movimentar a força de trabalho.

A globalização se caracteriza pelo uso de amplos sistemas de transporte de produtos, como trens, barcos de carga e, mais recentemente, por via aérea, gerando grandes fluxos migratórios. De início, o processo deu-se com a escravidão de pessoas retiradas da África, nas regiões de produção de matérias-primas, com a aglomeração obreira nos setores industriais, e, numa etapa tardia, com as redes migratórias de nossa contemporaneidade.

Segundo a observação atual do estilo de vida rural e do estilo de vida urbano em diferentes cidades de América do Sul, mesmo como do estudo do processo histórico desta região, propõe-se que a industrialização causou transformações sociais e culturais baixo o conceito de modernismo baseado na urbanização e na produção de maquinaria em contraposição às características rurais. Como se o rural fosse significado de atraso e

o urbano, de progresso. Foi mudando o imaginário cultural global sobre a natureza e o direito legal de fazer uso dela.

No século XX, especializa-se a troca de produtos com o mercado financeiro como mercado global. As tentativas de se unificar uma única moeda de troca, a exemplo da oficialização do dólar, marcam a fase madura (até a atualidade) do capitalismo global.

O processo histórico global dessa segunda fase de industrialização na região seria a independência política das nações da América do Sul. Como o território do Paraguai ficaria sem saída ao mar, isso não permitia acesso ao mercado de intercâmbio de matérias-primas com os países europeus em via de industrialização. Esse fato promoveu uma tentativa de industrialização e independência econômica no Paraguai, que, na segunda metade do século XIX, foi inviabilizada. Devido ao objetivo do segundo presidente da república, Francisco Solano López, de ter o controle comercial sobre os territórios do rio de La Plata, o país entrou em guerra contra Brasil, Uruguai e Argentina; o que seria o maior conflito bélico internacional na região. Segundo o historiador argentino Felipe Pigna a guerra acabaria com mais de 50% da população geral e com 90% da população masculina. Deixaria também uma forte dependência econômica e presença cultural da Argentina no Sul do país, e do Brasil no Norte.

Para restaurar a economia, o governo colocou à venda terras que se transformariam em latifúndios de indústrias estrangeiras. Nos anos de 1940, começam a chegar grandes migrações de comunidades menonitas, vindas principalmente do Canadá, e, na década de 1960, foi a vez de indústrias brasileiras para continuar a expansão agrícola, que estava acontecendo no Sul do Brasil.

Com o fim da ditadura de Stroessner em 1989 e com a transição para a democracia, seguindo a corrente política neoliberal da época na região, o governo se focou no desenvolvimento econômico da indústria agrícola, especialmente na produção da soja com vistas ao bem-estar social.

2.3. *POLÍTICAS ECONÔMICAS MODERNAS*

Essas teorias de otimização da produção descritas como *Vantagem Comparativa*, que no século XX, no contexto da globalização, seriam conhecidas como *Divisão Internacional do Trabalho*, junto à especialização produtiva, são teorias econômicas contemporâneas que governam as políticas de ordenamento produtivo do território global, no entendimento da otimização e o progresso desenvolverem as sociedades.

A teoria baseada na ideia de *Vantagem Comparativa*, formulada pelo economista David Ricardo anteriormente nomeada, pressupõe que uma região tende a se especializar na produção de um produto. Entretanto, essa visão de desenvolvimento estava baseada só na produção de riqueza de produtos e serviços, mas não no desenvolvimento social. A *Divisão Internacional do Trabalho* concebe a distribuição de regiões do planeta por setores que devem se especializar num único produto. Assim, no século XX, a Europa e os EUA seriam o centro da indústria, e a América Latina a fazenda que abasteceria de matérias-primas para o processo industrial (Amin, 1975).

Depois das guerras europeias que envolveram o mundo na segunda metade do século XX, na América do Sul, com a Comissão Econômica para América Latina e o Caraíbas das Nações Unidas (CEPAL), surge um grupo de pensadores economistas que achavam que a solução para o desenvolvimento e independência econômica das nações da região consistia na industrialização nacional, que acabasse com o desequilíbrio dos países produtores de matérias-primas com baixos lucros, pela precariedade de valor agregado de seus produtos e baixa competitividade no mercado global. O objetivo do nomeado substituição de importações era alcançar um nível de produção industrial que permitisse competir no mercado financeiro. Essas medidas precisavam proteger a economia nacional do livre mercado externo, enquanto o mercado interno crescia e conseguia ser competitivo (Rodríguez, 1980).

É assim que surgem as políticas econômicas protecionistas e de bem-estar social, que seriam depois desmontadas pelas ditaduras. As ditaduras continuariam o mesmo raciocínio econômico, mas dariam outra interpretação à política econômica nacional. O entendimento era de que a economia seria só mercado, e o dever do Estado só o de proteger o capital do mercado. Essa interpretação rejeitava as necessidades e as

obrigações básicas do Estado com as políticas de bem-estar social e se focava no lucro financeiro do intercâmbio de bens e serviços.

Aquela interpretação da economia nacional vinha como resposta às crises socioeconômicas da Inglaterra, em que a Primeira-Ministra do Reino Unido, Margaret Thatcher, implementaria as bases da economia neoliberal, baseada na teoria do livre mercado do economista clássico Adam Smith. Para o economista escocês, o mercado tende a se autorregular, sendo consideradas perfeitas as relações entre oferta e procura na produção de bens e serviços quando não existe intervenção do governo (Harvey, 1989). Posteriormente, esta interpretação foi adaptada pelo neoliberalismo no sentido de que o Estado deve proteger a empresa privada que está em desequilíbrio nas relações de oferta e procura, já que ela seria a responsável por incentivar o desenvolvimento social dos indivíduos envolvidos no mercado. Assim, na América do Sul, foram desenvolvidos planos sociais de políticas econômicas neoliberais, baseados no crescimento econômico, que protegiam a indústria privada em detrimento das políticas de proteção social (Marini, 2007).

A teoria neoliberal seria implementada nas principais instituições de desenvolvimento global. Essas políticas foram dirigidas tanto direta como indiretamente por instituições transnacionais, a exemplo do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, para financiar economicamente os projetos. Também esteve presente em instituições como a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) a Organização Mundial da Saúde e a Organização dos Estados Americanos (OEA). O objetivo era justificar moralmente, por meio de medidas econômicas, científicas e históricas da experiência dos países industrializados, as transformações que deveriam guiar a América do Sul para vir a ser uma região reconhecida como desenvolvida. Seria uma transformação econômica capaz de promover uma mudança social, que geraria mudanças culturais, cortando e adicionando características das expressões locais, na filosofia, nas artes, na linguagem, na educação, nos meios de comunicação, no reconhecimento de sua memória, etc. Transformações que permitiriam à região entrar no conceito estrangeiro e global de desenvolvimento (Escobar, 1995).

A identidade, em termos de mercado e cultura, pode-se entender como a relação entre uma sociedade dominante que procura entender, por meio de sua própria definição de humanidade¹⁵, a sua diferença cultural com outra sociedade com a qual está negociando. O afastamento identitário, pelo seu contraste ético e estético no reconhecimento do conceito subjetivo de humanismo, tem se reconhecido na história da literatura como o selvagem, o primitivo e o subdesenvolvido.

Para poder entender ao outro sob a égide do mercado, procura-se um tradutor intercultural não só nos termos da linguagem, como também nos termos do pensamento baseado em valores éticos e estéticos. Desde a própria observação pessoal das cidades de América do Sul, considero que aquele é o papel de tradução intercultural do ponto de vista do mercado para o crescimento econômico das cidades da América do Sul. A hibridação cultural e o papel que atualmente estão desenvolvendo as capitais financeiras globais, uma constante transformação ética e estética da sociedade que procura se identificar para poder comercializar.

Com base na observação descrita no parágrafo anterior, as principais cidades econômicas da América do Sul cresceram com um objetivo extrativista sobre a região que administram. O interesse no desenvolvimento social está mais focado no pensamento global do que nos interesses das comunidades locais. O objetivo do comércio internacional é a obtenção de recursos externos, estabelecendo um valor de troca escolhido pela parte dominante e também um valor moral, que no caso do direito internacional, é a manipulação dos conceitos de desenvolvimento social e de direitos humanos para interesses do mercado.

¹⁵O antropocentrismo -ou humanismo- é o conceito central do pensamento e da existência humana nas sociedades modernas ocidentais. Semelhante ao conceito de Deus na Idade Média que era segundo esse tipo de pensamento como se construía a identidade comercial. Mesmo assim, na América do Sul, o pensamento central é o conceito da natureza, já que para as comunidades locais o mercado não é só a produção e a troca com outras comunidades de humanos, é também uma negociação com a natureza e com as forças físicas que produzem a riqueza. O que para as comunidades nativas representa a comunicação com os espíritos da natureza, para o mercado moderno ocidental, está o estudo do impacto na ecologia.

Este tipo de comércio internacional tem se estabelecido em regras desequilibradas de mercado, justificadas em teorias econômicas de desvantagens sociais, surgidas da ética de máximo lucro individual do mercantilismo inglês do século XVI. Essa base permite ao comércio o controle e a dominação para obter todos os recursos da sociedade com a qual comercializa. Mas os estudos atuais na “teoria dos jogos”, mais especificamente o Equilíbrio de Nash, formulado pelo prêmio Nobel de Ciências Econômicas John Forbes Nash, tem demonstrado que existem formas de comércio cooperativo que produzem máxima otimização de lucro para todas as partes que comercializam (Nash, 1951). Este sistema de comércio precisa que todos os jogadores conheçam e respeitem as regras convencionadas e, em alguns casos, precisa estabelecer tipos de castigo para desincentivar incumprimentos. Mas a razão para não infringir as regras depende dos valores morais, da identificação, familiaridade e confiança entre as partes.

A relação comercial entre os antigos impérios e suas antigas colônias, na atualidade, muda dependendo de sua familiaridade cultural e de sua identidade de progresso. Vide a relação entre Espanha e América do Sul: a primeira entende-se por um conjunto de sociedades com uma identidade de progresso ligado às ideias de industrialização europeia; já a segunda, um grupo de sociedades com forte identidade de progresso ligado às ideias de ecologia e de proteção da natureza nativa, com acréscimo às diferenças culturais. Situação diferente à relação de familiaridade entre EUA e Inglaterra que mantém uma forte cooperação intercultural que facilita o mercado.

Esses valores culturais de identificação que permitem a cooperação de mercado sob a forma do Equilíbrio de Nash não existem nas economias dirigidas pelas capitais da América do Sul. Isso porque se percebem mutuamente como selvagens, primitivas, subdesenvolvidas, em uma procura por se identificar com a ideia de progresso do *humanismo global*. As economias da América do Sul, dirigidas por seus governos, procuram criar cooperação e reciprocidade com os mercados dominantes, mas a falta de identidade cultural mantém o comércio em uma ótica mercantilista de otimização individual.

Alguns produtos têm conseguido espaço em mercado dominante ou na região, como é o caso do petróleo. Esse exemplo contemporâneo demonstra que a economia baseada no mercado não é a base do desenvolvimento social, pois pode desenvolver riqueza quantificada em valor moeda, desenvolver a infraestrutura comercial e produzir qualidade de vida para os indivíduos envolvidos na atividade comercial, sendo reconhecido pelas instituições internacionais como progresso do país. Mas a razão constitutiva das sociedades não é criar estruturas comerciais, pelo que é natural que a população não use sua força de trabalho para pertencer a uma entidade de mercado. Este tipo de estrutura de sociedade é só uma opção, mas os interesses do mercado tendem a convencer os governos que essa é a razão da sociedade e que o Estado deve manter principalmente as relações de mercado.

No processo de mercado internacional, os interesses e o conceito de desenvolvimento, capitaneados por instituições como o FMI e o BM, ampliaram o mercado e mantiveram um fluxo de riqueza crescente, sem se importar com as consequências sociais, ambientais e culturais. As ferramentas científicas econométricas foram usadas para procurar o menor impacto, ainda que esse fosse devastador nas comunidades.

A base constitutiva dessas instituições foi feita para desenvolver o mercado não o bem-estar social. Tende-se a confundir o bem-estar que recebem os donos do capital com a ideia de que eles representam o progresso da sociedade. Se generaliza a ideia de que eles são os verdadeiros cidadãos com direitos humanos, e aqueles que não são semelhantes, nem esteticamente nem moralmente com eles, não podem exigir os direitos que garantem as instituições.

Aqueles com uma moral e uma estética diferente perdem sua humanidade e seu reconhecimento como indivíduo social, ficando em um limbo legal e moral mais perto do animal, identificado como o selvagem.

As semelhanças estéticas e morais são reconhecidas nas características culturais, como a linguagem, os tipos de comunicação, a vestimenta, a gastronomia, etc. Na globalização e no tipo de desenvolvimento social baseado no mercado, se estas expressões culturais não mostram um valor útil para a produção de capital, então, não são vistas como

progresso, e tendem a se identificar com adjetivos como *subdesenvolvidas*, *selvagens*, *irracionais*, *primitivas*, e próprias do *terceiro mundo*, quando existe uma relação comercial.

Tais características culturais não baseadas no desenvolvimento do mercado são identificadas, na modernidade, com o estilo de vida rural, mas, na verdade, estão presentes no dia a dia de todas as sociedades, incluindo nas cidades mais industrializadas da Europa.

As políticas de desenvolvimento do estruturalismo econômico ou desenvolvimentismo na América do Sul, as quais serão explicadas no capítulo seguinte, foram baseadas no PIB e na quantidade de produção de bens e serviços, incentivando a superprodução de matérias-primas na competitividade do mercado global. Essas medidas econômicas transformariam também os costumes da produção local, afetando os interesses tradicionais e o planejamento das comunidades locais sobre o seu território e as suas instituições. Essas alterações foram possíveis graças aos interesses do governo no capital a permitirem um maior poder aos investidores multinacionais com grande capacidade de acumulação de capital.

2.4. A SOJA

A plantação de soja é, no Paraguai, a representação do processo histórico da economia de mercado na região, conforme explicado anteriormente.

Na atualidade o Paraguai é o sexto maior país produtor de soja do mundo com uma produção, em média, de 10 milhões de toneladas por ano (Nações Unidas, 2019). Em 2016, o grão de soja foi o seu maior produto de exportação, sendo a terceira parte (33%) do total das exportações do país. O alimento de soja para animais foi a segunda maior, com 11%. Já o molho de soja foi a quinta, com 7%. Assim, os produtos baseados na soja são a metade (51%) da exportação total do país. Outros produtos vegetais, a exemplo do milho, arroz e trigo, representaram 10% do total exportado (OEC, 2017).

Neste contexto econômico, em setembro de 2017, fiz o meu trabalho de campo, realizando entrevistas a camponeses, líderes sociais e moradores do departamento de Concepción, no norte do Paraguai, especificamente nos municípios de Arroyito, Horqueta, Yby Yaú e Azotey.

Segundo informações recolhidas durante as entrevistas, as plantações de soja no norte do Paraguai estão aumentando, ao passo que as plantações de produtos nativos e para o consumo local, diminuindo. Como resultado, a industrialização da agricultura está trocando o modelo de cultivo familiar, gerando efeitos como: (i) deslocamentos de trabalhadores que antes cultivavam para autoconsumo de sua comunidade e agora trabalham em plantações de soja e de *cannabis*; (ii) desintegração familiar com migração da população jovem para as cidades ou para o estrangeiro¹⁶; e (iii) contaminação e destruição do meio ambiente, entre os efeitos mais nomeados.

¹⁶Essas mudanças sociais correspondem também a mudanças culturais nomeadas anteriormente no processo de modernismo e globalização, pela preferência por viver uma vida de “progresso” representada pelo conceito de urbanização, industrialização e acumulação de capital, dinheiro e bens de consumo.

Capítulo 3 - DESENVOLVIMENTO SOCIAL: CULTURA, ECONOMIA E RELIGIÃO

Neste capítulo vão ser analisados os conceitos teóricos sobre o trabalho e do desenvolvimento como conceitos fundamentais da atividade econômica de uma sociedade. O passo seguinte será explicar a lógica produtiva da economia global de mercado e compreender o impacto nas comunidades camponesas no Paraguai.

Os conceitos sobre trabalho e desenvolvimento são primeiro descritos a partir de um ponto de vista analítico próprio, seguido pelas teorias científicas sociais e, finalmente, sob o ponto de vista teológico; este último devido à forte influência que tem no tipo de economia e na estrutura social do Paraguai.

3.1. TRABALHO PARA QUALIDADE DE VIDA

A industrialização foi um fenômeno social que trouxe mudanças na estrutura social, econômica e cultural das sociedades europeias. O processo continuou desenvolvendo-se e expandindo-se em todo o mundo até a atualidade, confluindo para fenômenos contemporâneos de globalização, migração, pós-colonização e superprodução (Wallerstein, 2004).

Geograficamente a industrialização gerou a divisão entre os conceitos de urbano e de rural, com a aglomeração das populações nas cidades. No sistema político, gerou a divisão entre dois modelos socioeconômicos de tipo de governo: o capitalismo e o comunismo. As consequências desses fenômenos na transformação do conceito do trabalho e da cultura são analisadas neste capítulo, tendo como base a aproximação do Sistema-Mundo, especialmente pelo pensamento de Immanuel Wallerstein aplicado na América do Sul e no caso de estudo sobre o Paraguai.

3.1.1. TRABALHO MODERNO

“A agricultura familiar está com os homens e não com as máquinas. É um modelo de produção e conservação. Somos produtores de alimentos e, sendo produtores de alimentos, reproduzimos a vida. Sem comida não há humanidade. Essa é a nossa luta, e isso se constrange com o modelo agroexportador que é comercial. Então eles nos confrontam, estamos diante de um modelo, digamos, de extensa produção. A nossa é a agricultura, porque muitas coisas entram em jogo. A vida, deve ser preservada. E a vida não é só minha, é também a natureza. O oxigênio que nos dá vida está na natureza. Interpretamos que aquilo que acontece com os fenômenos naturais, é pela destruição do meio ambiente.”

(Conversa com camponês em Arroyito, 2017)

Qual é o significado e o sentido do trabalho na atualidade? Vou propor afastar-se nesta análise das teorias vigentes, como um exercício de lógica individual para compreender a questão. O trabalho é uma característica cultural da espécie humana, não só para sobrevivência. Além da produção, com o trabalho se estabelecem relações sociais, para cobrir as necessidades básicas do indivíduo e da comunidade.

Neste capítulo vou dividir os tipos de trabalho em diferentes setores básicos do indivíduo numa sociedade: Alimentação, Moradia e Patrimônio Imaterial.

Tais motivações básicas, em pequenas comunidades ou em pequenos grupos de famílias com um tipo de governo natural, têm em cada uma atividades como:

Na alimentação: caçar, recolha e preparação de alimentos.

Na moradia: construção de abrigos para dormir e para cuidar dos filhos e dos membros doentes das famílias.

E algumas gerações depois quando uma comunidade consegue se estabelecer no espaço, ou tem migrações rotativas ou um forte desenvolvimento simbólico, o trabalho gera a proteção do legado e do patrimônio imaterial (herança), religioso, simbólico e histórico dos antepassados, e incentiva o imaginário do futuro que é o desenvolvimento e a prevenção.

As relações interpessoais do trabalho entre famílias constroem de maneira natural as dinâmicas e características das sociedades humanas ao redor do mundo. Com o tempo, o trabalho gera ou transforma os tipos de governo e as regras sociais, as quais, ao mesmo tempo, geram políticas para direcionar o trabalho em prol do bem-estar da sociedade.

O trabalho promove uma identificação e um objetivo social ao indivíduo e o integra na sociedade, construindo ligações.

O sociólogo francês Émile Durkheim analisa o conceito de trabalho na etapa industrial das sociedades dos finais do século XIX no seu livro "*De la division du travail social*", com o qual sugere que a função do trabalho não é tanto econômica quanto social. Para isso analisa a natureza entre diferentes alianças sociais formadas tanto pelas suas dissemelhanças, como pelas semelhanças, como são os exemplos da sociedade conjugal e da amizade:

“Somos assim levados a considerar a divisão do trabalho sob um novo aspecto. Neste caso [na amizade], de facto, os serviços económicos que pode prestar são pouco comparados ao efeito moral que produz, e a sua verdadeira função é criar um sentimento entre duas ou mais pessoas de solidariedade. Qualquer que seja o resultado obtido, é ela quem desperta essas sociedades de amigos e deixa sua marca nelas.”

(Durkheim, 2007, p. 19)

Além da mais-valia que pode produzir o trabalho, a importância deste na sociedade está nas relações sociais que gera. Como nem todas as sociedades têm sistemas econômicos de mercado, mas todas têm força de trabalho, pode-se sugerir que a função natural do trabalho na estrutura social é principalmente moral, mais do que econômica produtiva.

Porém, na economia de mercado de otimização da produção, e o mesmo para as teorias científicas sociais modernistas de desenvolvimento que a sustentam, a força de trabalho é focada na mais-valia, afastando, assim, qualquer função moral na atividade de trabalho que não produza valor ou retraia a produtividade.

Na etapa industrial, as políticas do governo são voltadas para a otimização do trabalho em busca do desenvolvimento humano e da construção do imaginário social, o que é nomeado como progresso. Porém, a economia de mercado global, baseada no modelo mercantilista, reúne a força de trabalho, tanto do núcleo como da periferia, para desenvolver o conceito de humanidade e o imaginário de progresso da economia dominante. Esse grupo concentra a riqueza, controla o desenvolvimento de comunidades locais e deslegitima suas ideias de progresso quando obstruem a ideia global.

No momento atual da globalização, o sistema econômico tem facilidade para um fluxo global, enquanto o sistema social é ainda nacional. Isso é percebido com o uso da força de trabalho, a qual está dirigida a nível global, exemplificado pelas migrações e pelas empresas transnacionais, em que o governo receptor da riqueza redistribui os benefícios só no núcleo, e, basicamente, só na comunidade nacional. É excluída da equidade de direitos sociais a população migrante ou estrangeira que habita o território nacional, como se aquele não fizesse parte da comunidade, não produzisse nenhuma força de trabalho e não fosse cidadão com direitos de bem-estar.

Voltando para a divisão de trabalho básica de uma sociedade apresentada no início deste capítulo, na contemporaneidade, a estrutura de trabalho é mais complexa nas sociedades pós-industriais, entenda-se sociedades industrializadas ou dependentes de um sistema de economia capitalista, comunista ou sua hibridação. Assim as divisões de trabalho

nomeadas no início como básicas (Alimentação, Moradia e Património Imaterial) e suas interligações, podem ser descritas nos setores de trabalho moderno como:

Indústria agrícola e de carnes (semear, cuidado e distribuição de animais e plantas), gastronomia, arquitetura, urbanismo, educação, saúde, religiosidade, museologia e arte.

Nesta divisão não apareceria como prioridade básica para o bem-estar de uma sociedade o setor energético com atividades como a extração de minerais e metais preciosos. Tal atividade é a prioridade em muitas regiões da periferia, entendido como o principal produto econômico, ao ponto de abandonarem os outros setores nomeados como básicos, o que poderia explicar os resultados da miséria e desigualdade social.

Não obstante, o conceito de trabalho moderno entende-se só como a atividade remunerada. Em outras palavras, entenda-se como o tempo e força de trabalho que oferece um trabalhador em troca de dinheiro. No sistema econômico moderno, um trabalho é útil se produz um valor agregado, que pode ser físico e/ou simbólico na sociedade.

A definição do trabalho culturalmente também tem juízos morais, embora exista um esforço físico e mental para obter alguma coisa. Igualmente, existem atividades de trabalho que não são admitidas como emprego por serem julgadas antiéticas. Como analogia, uma sociedade não admite o roubo como trabalho, porém, no colonialismo, a Inglaterra recompensava com títulos e pagava para piratas que roubavam mercadorias de outros impérios.

Para Durkheim, o crime é um fato social normal, mas o fato do colonialismo contrasta com sua ideia de que ofende os estados fortes definidos na consciência coletiva. Tanto no colonialismo como na atualidade com a extração de recursos naturais e os efeitos que isso produz nas comunidades locais, os governos e as instituições transnacionais estão mais interessadas em legislar essas atividades pela mais-valia que recebem para sua sociedade do que em se ofender pelas consequências que causam na periferia. Esse tipo de direito moral de exploração dos estados, que Durkheim chama como fortes, é gerado

quando o objetivo para o progresso é a obtenção de riqueza e maior prioridade que o bem-estar da comunidade, ligado aos valores morais identitários do etnocentrismo.

Atualmente, a milícia é um trabalho aceito e remunerado, mas sua legitimidade corresponde aos juízos morais de cada sociedade e, obviamente, do vencedor na disputa bélica.

No caso do Norte de Paraguai, o tráfico de narcóticos, madeira e roubo de gado faz parte da economia e do poder local. Apesar de moralmente não ser aceito, tem legitimidade social e política com fins no crescimento econômico. As atividades de trabalho ao estilo de milícias podem ser tanto legais, a exemplo do exército especial para combater a guerrilha Força de Tarefa em Conjunto (FTC) e a segurança privada dos industriais, como ilegais, no caso a guerrilha Exército do Povo Paraguaio (EPP) e a segurança privada dos traficantes.

O trabalho ainda é a principal atividade de subsistência para a maioria dos seres humanos, para cobrir as necessidades biológicas básicas, que são: comida, casa e saúde. Embora a afirmação acima pareça óbvia, na prática nem todos os indivíduos da sociedade devem trabalhar (no sentido moderno da palavra) para sobreviver. De acordo com a sua posição social, histórica e econômica, eles podem decidir não trabalhar e ainda obter suas necessidades básicas por meio da acumulação monetária, heranças ou com hegemonia sobre o capital social.

Mas é importante lembrar que a definição do conceito de trabalho é simplesmente o esforço humano para sobreviver e para ter uma vida digna. Na estrutura social da modernidade, baseada no conceito ético e estético do humanismo, o objetivo do trabalho em conjunto está direcionado para gerar qualidade de vida a todos e a cada um dos moradores do território e integrantes da sociedade.

Assim, as necessidades básicas a serem garantidas pelo governo de uma sociedade na comunidade que dá sua força de trabalho são: Alimentos, Lar (moradia) e Saúde; essas necessidades se misturam entre elas e geram outros componentes, por exemplo:

A alimentação e a moradia dependem do território E, por conseguinte, cabe à legislação ou à legitimação sob o território a aceitação moral segundo a herança familiar ou pelo poder que governa, no caso da expropriação. No nível micro é uma questão de propriedade familiar que pode ser uma casa ou fazenda, no nível macro é um assunto de soberania nacional.

A Culinária é um fenómeno cultural que depende da alimentação e da saúde e corresponde à geografia, às migrações e às tradições.

Entre Lar e a Saúde está a arquitetura como desenvolvimento cultural e urbanismo, o que é o desenvolvimento de um bem-estar social. No nível micro são os imóveis onde os indivíduos e as famílias descansam e se protegem e, no nível macro, é o território urbano onde os cidadãos se movem, tem convivência social e ambiental.

As variantes desses três elementos, Comida, Lar e Saúde, são os objetivos fundamentais pelos que um indivíduo trabalha, e esses são os direitos que um governo deve garantir e ser prioridade para ter equilíbrio, equidade social e qualidade de vida em qualquer tipo de sociedade moderna.

No entanto, o modelo económico de mercado produz a ideia de que o trabalho é para obter e produzir dinheiro, e valora isso como riqueza. Quando se pensa, por exemplo, na exportação de recursos naturais, na realidade é a riqueza em troca de dinheiro. Este dinheiro não é a riqueza real e sim um meio para transferir o valor em outro produto, mas, até não obter aquele outro produto, a riqueza não existe, foi doada tendo fé em conseguir trocá-la por mais alguma outra.

No modelo de economia mercantilista e bem-estar social nacionalista, a riqueza representada em dinheiro desenvolve o progresso humano na sociedade receptora da força do trabalho global. Ao passo que nas sociedades excluídas da distribuição de dinheiro, a riqueza continua a ser representada na autoprodução, na força de trabalho e na troca de bens e serviços de maneira recíproca.

3.1.2. MODELO RURAL

“Precisamos de ajuda para que esse sistema de produção, como pequenos agricultores, não morra, porque a soja está avançando, empresas transnacionais, eles plantam milho, trigo, soja, etc. em grande escala. E os pequenos produtores, estamos ficando menores e corremos o risco de desaparecer.”

(Entrevista a líder social em Arroyito, 2017)

O modelo da industrialização se expande do trabalho urbano ao trabalho rural, produzindo uma lógica de capital, utilidade, mais-valia, monetização da riqueza e do patrimônio, até tornar o meio mais importante do que o objeto. Ou seja, o dinheiro torna-se mais importante do que aquilo que é obtido com o dinheiro. Perde-se qualquer objetivo humano quando o objetivo principal é obter dinheiro.

A expansão do modelo industrial em áreas rurais e naturais¹⁷ causou desequilíbrios ecológicos e sociais, que são refletidos nos juízos de valores culturais que, por exemplo, construíram a ideia de que os empregos rurais são subdesenvolvidos e realizados por indivíduos e sociedades pobres. Na contramão, os empregos industriais e a estética de urbanização são vistos como sociedades avançadas, como se fosse o caminho que toda sociedade deseja alcançar.

Majid Rahnema, diplomata iraniano envolvido em diferentes projetos para o desenvolvimento social, distingue o conceito de pobreza como um estilo de vida baseado na moderação, que pode ser voluntário como um tipo ascético de vida. Esse

¹⁷Na região da América do Sul se descrevem os efeitos do modelo industrial, como a urbanização pela expansão das indústrias, mas, especificamente, quando se fala do modelo industrial se faz referência aos efeitos que produz a extração de recursos naturais de minerais, madeira e superprodução de grãos e de carnes para sustentar a industrialização e a economia de mercado global.

conceito se diferencia do conceito de miséria, descrito como a falta de acesso à qualidade de vida.

A ideia de riqueza na modernidade constrói modelos econométricos que justificam as teorias de industrialização e de crescimento econômico para o desenvolvimento humano na região. Mas o tipo de desenvolvimento que procuram as comunidades locais está baseado em outro tipo de modelo econômico.

No livro *A Grande Transformação*, Karl Polanyi descreve que, antes da hegemonia da economia de mercado, existiam três tipos de sistemas econômicos: redistribuição, reciprocidade e autoprodução doméstica. Para explicar esse sistema Polanyi ilustra a divisão do trabalho com uma comunidade das ilhas da Melanésia (1944. pp. 47-53). Esse tipo de modelo, econômico diferentemente do modelo de mercado, assemelha-se ao das comunidades-colônias de camponeses em Arroyito. Sua forma de autogoverno, sem ser independente do Estado paraguaio, baseia-se em decisões e planejamentos tomados nas assembleias. A distribuição de terras, tanto para plantações como o terreno onde moram, tem as mesmas extensões para cada família, seguindo um princípio social de simetria.

O objetivo do modelo familiar-camponês não é produzir dinheiro e sim cobrir necessidades sociais, humanas e naturais básicas por meio do trabalho. Para eles, nem os animais nem as pessoas são propriedade privada. A produção de alimentos e objetos transformados da natureza, mesmo como a força de trabalho, é usada para cobrir as necessidades sociais.

Polanyi analisa também que, nas relações de mercado, especialmente quando o trabalho só depende do mercado, a pessoa só vale como força de trabalho e perde direitos como indivíduo pertencente a uma sociedade. Para explicar, Polanyi compara as relações comerciais do sistema feudal, onde as pessoas têm direitos pela estrutura social, o que permite dispor de um valor apesar da sua força de trabalho. A relação no sistema feudal era o servilismo para obter os direitos do feudo, um contrato perto da escravidão, mas com direitos e obrigações do senhor feudal. A diferença da escravidão dá-se por as pessoas não terem direito nenhum, e o escravocrata não ter dever nenhum.

Nas relações atuais de livre mercado debilmente reguladas pelo Estado, a pessoa só vale pela sua força de trabalho. Quando suas condições físicas e políticas não lhe permitem exercê-la, a pessoa perde valor na estrutura social por não ter poder aquisitivo representado em dinheiro, assim perde também seus direitos a uma vida digna. Tais direitos deveriam ser garantidos pelo Estado, pois a qualidade de vida de cada indivíduo na sociedade é a razão básica da administração do Estado.

No caso do Paraguai, os camponeses se tornaram *commodities* valorizados socialmente só pela sua capacidade de força de trabalho produtiva para o desenvolvimento econômico global. Aquilo está refletido na opinião pública, nas cidades e nos meios de comunicação, onde os assuntos dos camponeses são comparados com as indústrias transnacionais, como se seu papel social fosse o mesmo. Indiretamente, os camponeses são valorados e julgados pela sua produção em vez de serem entendidos como cidadãos com direitos. Suas demandas estão centradas na necessidade de terra para morar, trabalhar e se alimentar. Mas, na lógica do mercado, eles são um problema por não se deixar possuir como força de trabalho. Os camponeses e seu modelo econômico são tratados como indesejados por rejeitar o sistema industrial.

Para Durkheim (2007), o problema das sociedades industriais estava na desintegração social que poderia causar a divisão do trabalho em especialidades extremamente diferenciadas. Como consequências, assinalou a perda de percepção da sua interdependência e a falta de solidariedade. Segundo Durkheim, isso acarretaria formas patológicas e anormais na divisão de trabalho, pelo que a ordem e a coesão social deviam ser reguladas e garantidas formalmente.

“Se a divisão do trabalho não produz solidariedade, é porque as relações dos órgãos não são reguladas, é porque estão em estado de anomia.”

(Durkheim, 2007, p. 360)

Essa ideia progressista de Durkheim é interessante de analisar, porque permite perceber as bases das ideias unidirecionais de desenvolvimento no modernismo. Durkheim mostra a estrutura de trabalho como uma engrenagem de pessoas conectadas e dirigidas por regras sociais universais, sem que tenham capacidade de autonomia nem decisão para mudar o objetivo de seu trabalho. Em vez disso, descreve a inconformidade com o sistema como uma patologia, como se um sistema de governo diferente ao hegemônico fosse uma anomalia. Esse ponto de vista, ao estilo de *Darwinismo Social*, fundamentaria as ideias etnocentristas, qualificando como *doente* qualquer tipo de subversão social que surgisse. Essa lógica unifica o pensamento em um padrão único de cultura.

Há de notar que esta abordagem dá maior importância à criação de leis para manter o controle de um sistema do que às necessidades humanas de cada pessoa. Enquanto esta última deveria ser a verdadeira razão da invenção de um sistema. Ainda é esperado que as pessoas se moldem ao serviço da lei e não a lei ao serviço do bem-estar social. Neste ponto, é importante notar que a sociedade muda naturalmente e, portanto, as leis que deveriam mudar e se adaptar à sociedade.

No norte do Paraguai, acrescenta-se à problemática social de estigmatização do modo de vida camponês julgada pelos valores do modernismo, anteriormente explicados, a presença das comunidades menonitas, cujo estilo de vida por razões culturais religiosas (mais detalhado no item 3.2.3.1), dedicam seu tempo totalmente ao trabalho. O que incrementa a ideia de que as comunidades camponesas paraguaias, pela sua cultura, são o problema por não produzir a mesma quantia de dinheiro.

De igual maneira, as transformações culturais em busca da estética e da ética da economia dominante deformam a equidade no tratamento. Os direitos na constituição, que deveriam ser garantidos pelo governo e suas instituições, acabam por serem exercidos segundo julgamentos de preferências culturais das populações no território. As instituições do Estado definem quem tem direito a ser protegido e quem deve ser excluído segundo a quantidade de sua produção e a sua postura política ante a ideia de progresso de mercado.

3.2.1 DESENVOLVIMENTO

“Se eles não tivessem a força da unidade, teriam que ter deixado tudo. Eles [o governo] procura desocupar. Certamente para dar lugar à soja e às vacas. Aqui eles divinizam as vacas e a soja sobre os camponeses. Para uma vaca há 100 ha, para eles [as famílias camponesas], apenas 20 ha.”

(Conversa com família camponesa, tradução Pa’i Pablito,

Kurusú de Hierro, 2017)

No campo da Antropologia, existem dois tipos de aproximações com o conceito de desenvolvimento: Antropologia para o Desenvolvimento e Antropologia do Desenvolvimento. A primeira usa o conhecimento da Antropologia ao serviço dos projetos das instituições de desenvolvimento econômico, sejam estas governamentais ou transnacionais, impulsadas pelo conceito de progresso e modernismo. A segunda é uma análise antropológica do conceito do desenvolvimento.

Andreu Viola (2000), em seu estudo sobre o desenvolvimento na Antropologia, faz a seguinte descrição baseado no autor Ralph Grillo:

“Por um lado, a chamada Development Anthropology (cuja tradução aproximada poderia ser “Antropologia para o Desenvolvimento”), diretamente envolvida no trabalho das instituições de desenvolvimento, através da concepção, avaliação ou assessoria de projetos, e por outro lado, a conhecida como Anthropology of Development ou “Antropologia do Desenvolvimento” strictu sensu, que considera o desenvolvimento como um fenômeno sociocultural, geralmente de uma perspectiva alheia ao discurso do desenvolvimento e muito mais crítica de seus enunciados e práticas.”

(Viola, 2000, p. 27)

A diferença entre os conceitos de *desenvolvido*, *em desenvolvimento* e *não-desenvolvido*, mesmo como os adjetivos *rico* e *pobre*, são juízos morais baseados na medição hegemônica modernista dos valores sociais, neste caso com base no PIB. Uma escala de bom e mau, do desejado e do indesejado, baseado segundo a quantidade de dinheiro que se possui ou que se pode possuir.

Arturo Escobar, em seu livro *O Fim do Selvagem (1999)*, explica o surgimento do conceito de desenvolvimento segundo os interesses políticos do governo do presidente dos EEUU de pós-guerra de 1949, Harry Truman, que anos depois seria adotado pelas instituições de interesses transnacionais como as Nações Unidas¹⁸. A análise

¹⁸*“Em quarto lugar, devemos embarcar num novo programa ousado para disponibilizar os benefícios de nossos avanços científicos e progresso industrial para o aprimoramento e o crescimento de áreas subdesenvolvidas.*

Mais da metade da população mundial vive em condições próximas da miséria. A comida deles é inadequada. Eles são vítimas de doenças. Sua vida econômica é primitiva e estagnada. Sua pobreza é uma desvantagem e uma ameaça tanto para eles quanto para as áreas mais prósperas.

Pela primeira vez na história, a humanidade possui o conhecimento e a habilidade para aliviar sofrimento dessas pessoas...

Acredito que devemos colocar à disposição dos povos amantes da paz os benefícios de nosso acervo de conhecimentos técnicos, a fim de ajudá-los a realizar suas aspirações por uma vida melhor. E, em cooperação com outras nações, devemos promover o investimento de capital em áreas que precisam de desenvolvimento.

Nosso objetivo deve ser ajudar os povos livres do mundo, por meio de seus próprios esforços, a produzir mais alimentos, mais roupas, mais materiais para habitação e mais energia mecânica para aliviar seus fardos.

Convidamos outros países a unir seus recursos tecnológicos neste empreendimento. Suas contribuições serão muito bem vindas. Esta deve ser uma empresa cooperativa em que todas as nações trabalhem juntas por meio das Nações Unidas e de suas agências especializadas, sempre que seja possível. Deve ser um esforço mundial para a conquista da paz, abundância e liberdade.

Com a cooperação de negócios, capital privado, agricultura e trabalho neste país, este programa pode aumentar muito a atividade industrial em outras nações e pode elevar substancialmente seus padrões de vida.

Esses novos desenvolvimentos econômicos devem ser planejados e controlados para beneficiar os povos das áreas em que estão estabelecidos. As garantias ao investidor devem ser contrabalançadas por garantias no interesse das pessoas cujos recursos e trabalho são destinados a esses empreendimentos...

Todos os países, incluindo o nosso, se beneficiarão enormemente de um programa construtivo para o melhor uso dos recursos humanos e naturais do mundo. A experiência mostra que nosso comércio com outros países se expande à medida que progredem industrial e economicamente.

hermenêutica desse discurso permite entender os juízos éticos que conduziam, naquele momento, a política e o mercado global de intervenção internacional praticada pelos países dominantes da atividade industrial, fossem aqueles do modelo capitalista ou comunista.

Esse conceito do desenvolvimento e progresso foi adotado ainda pelo imaginário social global e pelos estudos sociais como uma verdade natural da evolução da sociedade. Esse passou a ser o objetivo, e qualquer coisa que não o seguisse, indesejado. Mas, para fazer uma análise científico-social, as sociedades são mais complexas de se compreender do que uma bidimensional regra moral e estética do que é bom e mau - divisão feita com ideia de progresso modernista entre o desenvolvido e o não-desenvolvido. Por isso, neste subcapítulo, propõe-se uma análise do significado dos adjetivos *desenvolvido*, *em desenvolvimento* e *não-desenvolvido*, além de *rico* e *pobre*. Pretende-se também uma crítica desses conceitos nas principais teorias sociais por ter interferido no estudo social, sendo um exemplo do etnocentrismo causado pelo processo de globalização e da necessidade de hierarquia no Sistema-Mundo, hierarquia definida como núcleo-periferia.

Para continuar com essa análise, já tendo exposto de onde vem o conceito de desenvolvimento, é preciso explicar o modelo de Sistema-Mundo, especialmente a partir do estudo de Immanuel Wallerstein. A finalidade é entender como aquele conceito moral do desenvolvimento é uma lógica que mantém as políticas e condições sociais desfavoráveis para a região da América do Sul, em particular, para o Paraguai.

Maior produção é a chave para a prosperidade e a paz. E a chave para uma maior produção é uma aplicação mais ampla e vigorosa do conhecimento científico e técnico moderno.

Somente ajudando aos menos afortunados, a família humana poderá alcançar a vida digna e satisfatória que é direito de todas as pessoas.

A democracia sozinha pode fornecer a força vitalizante para levar os povos do mundo à ação triunfante, não apenas contra seus opressores humanos, mas também contra seus antigos inimigos - fome, miséria e desespero.” (Discurso inaugural de Harry S. Truman, 20 de janeiro de 1949)

A principal característica do modelo de Wallerstein é a explicação da divisão global do trabalho num sistema mundial capitalista da economia de mercado. Aquele modelo de Sistema-Mundo é dividido em regiões centrais (núcleo), semiperiféricas e periféricas, sendo regido pelo modo de produção capitalista. Na divisão de regiões, o núcleo e a periferia são segmentados entre países nomeados: desenvolvidos e em desenvolvimento. Os primeiros são caracterizados pelo poder que exercem, principalmente, o econômico, ou pela riqueza acumulada, sendo nomeados por ‘núcleo’. Enquanto os descritos como a periferia são denominados países em desenvolvimento e dependentes do núcleo. Para Wallerstein, é importante também incluir nesta divisão as áreas semiperiféricas, cujos países estão localizados entre o centro e a periferia, beneficiando-se desta última do mesmo jeito que o núcleo se beneficia da semiperiferia quanto às trocas desiguais (Alvin, 1990, pp. 169–199).

Para Wallerstein, um país do núcleo é dominante quando lidera três formas de economia: a da produtividade, do comércio e das finanças. O domínio da produtividade permite que um país produza produtos de maior qualidade a um preço mais barato em comparação aos outros países. Esse processo pode conduzir ao domínio do comércio, com uma balança comercial favorável. O que, finalmente, permite o domínio financeiro, quando entra mais dinheiro no país do que sai, dando maior poder econômico às instituições de governo e bancos, tendencialmente as controladoras dos recursos financeiros mundiais (Wallerstein, 1980).

A divisão de trabalho institucionalmente feita entre o centro e a periferia se deve basicamente aos fatores de desenvolvimento tecnológico, fabricação de produtos complexos, propriedade de matérias-primas, produção agrícola e mão de obra barata. O que gera um intercâmbio econômico desigual entre o centro e a periferia, em que esta é forçada a vender seus produtos a preços baixos, mas compra os produtos do centro a preços comparativamente altos.

Sob o prisma da lógica mercantilista, a região dominante fornece a suas necessidades básicas sociais e de produção de tecnologia própria para comercializar, seja em termos de tecnologia em transporte, comunicação ou otimização produtiva. Isso a mantém independente de outras áreas núcleos ou emergentes e lhe permite manter a balança

comercial favorável. Há um acúmulo de riqueza real estrangeira, como recursos naturais, os quais são obtidos em troca da riqueza simbólica como é a moeda, seja dólar, euros ou outras que permitam adquirir objetos que simbolizem progresso. Com a mesma lógica, as regiões dominantes procuram transformar em produtivas as regiões sem recursos naturais úteis (em termos do progresso), seja por meio da produção geralmente agrícola ou como campos de concentração de trabalho. Essas áreas, tanto pela sua riqueza real como pelo seu potencial produtivo de força de trabalho e de produção energética, são disputadas politicamente e de maneira bélica pelos núcleos.

No final do século XX, os países da Europa Oriental, China, Brasil e México foram identificados como periféricos. Neste caso de estudo, entretanto, o Brasil ocupa a região núcleo e o norte de Paraguai, a periferia.

Como explica o modelo do Sistema-Mundo, no sistema econômico-político, existe uma divisão de três áreas, núcleo, semiperiferia e periferia. Ao considerar a América do Sul pela sua divisão administrativa colonial que pouco modificou os processos de independências, a população, numa mesma divisão administrativa, pertence a diferentes etnias. A cultura é tão variada, quanto os interesses das atividades econômicas do território. Classificar os países só como periferia é uma aproximação superficial. Para entender o sistema, a forte consequência histórica no desenvolvimento e a desigualdade de distribuição de riqueza no território, não basta só descrever todo o território de um país como pertencente a semiperiferia, é preciso fazer a divisão pelas cidades, capitais financeiras das regiões e suas conexões migratórias e de mercado, as quais dominam como um porto o fluxo núcleo-periferia.

Assim, de acordo com a descrição de Wallerstein, um Sistema é uma unidade com uma única divisão de trabalho e múltiplos sistemas culturais. O sistema mundial capitalista está longe de ser homogêneo em termos culturais, políticos e econômicos; em vez disso, caracteriza-se por diferenças fundamentais no desenvolvimento social e na acumulação de poder político e de capital.

O problema do Paraguai pode ser entendido, pela análise do Sistema-Mundo, historicamente pela estrutura deixada pelo imperialismo, como uma região na periferia dos interesses do mercado, onde a divisão do trabalho global procura a força de trabalho e o seu território para produzir alimentos que sustentarão a industrialização dos núcleos.

Wallerstein rejeitou a noção de um "Terceiro Mundo", alegando que há apenas um mundo conectado por uma complexa rede de relações de troca econômica. Uma "economia mundial" ou "sistema mundial" em que a dicotomia do trabalho e de acumulação de capital por agentes históricos, mas não se limitando, a estados-nação, são responsáveis pelos atritos (Alvin, 1990, pp. 169–199).

3.2.2 POBREZA

“Onde há terra, há comida. Não vamos mais negar nossa identidade camponesa, não digamos mais: não quero mais que meu filho seja como eu! Puxa, caralho! Que seja como eu! Para que pelo menos saiba defender os seus direitos. Dizemos: não quero que meu filho seja como eu. E então o que sou eu? O que você é? Se você não quer que seu filho seja como você, isso significa que você é um inútil.

...Nós, pessoal, fazemos nossos filhos estudarem para serem ferramentas do sistema. Quem de nossos filhos que estudou engenharia voltou interessado em nos ajudar? Dizendo: Vamos construir uma fazenda modelo e comer bem e viver bem aqui. Ele é contratado por aqueles que virão nos matar amanhã. ... Não vamos mais nos negar... Não vamos mais nos vender...

E colegas professores, eu digo a vocês, façam as crianças amarem a sua terra e a sua família, para que sejam pessoas dignas. O dinheiro não nos torna pessoas! Não importa os trapos que usamos, se a sua cabeça está vazia você é pior do que o lixo! Sejamos pessoas dignas e não lixo ferramentas do sistema. Nós temos dignidade e por isso temos o direito de

comer bem. Mesmo assim vamos implorar aos brasileiros (sojeiros) um dinheiro miserável. Que envenenam nossos jovens que vão trabalhar com tanques de veneno (agrotóxicos) nas costas. Vamos entender o que está acontecendo pessoal.”

(Intervenção de camponesa de Arroyito em Assembleia Comunal, 2013)

Do ponto de vista cultural, se se afasta a definição construída da econometria, e do pensamento religioso, de *pobreza*. Dizer que um país é pobre é inverossímil. Todo país, segundo termo moderno de sociedade que habita um território, é produtor ou possui recursos naturais, comida e força de trabalho. Assim sendo, é uma contradição dizer-se pobre, como se estivesse vazio de qualquer tipo de riqueza. Do ponto de vista da antropologia, toda sociedade humana possui pelo menos uma riqueza simbólica.

A ideia de pobreza se faz na econometria e na teologia quando se comparam as condições das pessoas, famílias, sociedades ou regiões sob um juízo moral do desejado, para obter um objetivo. Pobre é quem tem pouco. É quando se faz a comparação, sob a égide de um sistema de acumulação de capital, na intenção da industrialização e da estética modernista e se afasta de valorizar a riqueza detida pelos indivíduos que não seguem os mesmos ideais. Isso até chegar à conclusão de que aqueles valores não desejados, por não estarem focados no objetivo, são um impedimento para o progresso.

Em consequência, como debatido nos capítulos anteriores, pelo viés de Durkheim, aquelas pessoas que não seguem os mesmos ideais de progresso são chamadas de anomalias patológicas do Estado, como se sua consciência, mente ou alma estivesse num estado de loucura e incompreensão por rejeitar sua condição e o sistema imposto. São pobres por não possuir objetos que simbolizem progresso, despossuídos porque sua riqueza não tem valor no mercado, desvalorizados sua educação, conhecimento e alma na escravidão e na modernidade. Ocupam a posição social de inferioridade, em uma desvalorização moral que permite a quem exerce o poder fazer uso de seus recursos físicos justificado no direito moral e com a escusa de ele não saber como usá-los.

Mas, no caso das chamadas sociedades pobres ou países em via de desenvolvimento, especificamente a América do Sul e, no caso de estudo, o Paraguai, a ideia de pobreza não só é inverossímil pela riqueza não reconhecida dentro da lógica do progresso. As sociedades desta região são donas também de grande quantidade de recursos físicos desejados para a prática do progresso, que são realmente úteis em comparação com o valor de uso do dinheiro, o qual é útil só virtualmente¹⁹.

O dinheiro é útil para obter riqueza, mas não é riqueza, pois se a riqueza desaparece, a acumulação monetária não tem utilidade. Aquela é a razão das crises econômicas do capitalismo, como a especulação financeira.

Pode-se dizer também que a riqueza em termos de progresso é a obtenção e a propriedade dos produtos. Entretanto, não é riqueza a potencialidade de obtê-los no futuro, sendo apenas uma possibilidade virtual. Esta diferenciação é importante, porque é com essa ideia de capacidade de obtenção de bens que se fortalece o valor das moedas produzidas pelo núcleo, seja o dólar ou o euro, e se desvalorizam as moedas da periferia. É o valor simbólico, da crença na moeda, que representa o juízo moral de quanto vale um produto. O produto tem um valor por sua utilidade de uso, seu custo de produção, mas também uma representação cultural. Com o juízo etnocêntrico de progresso se desvaloriza a riqueza da periferia e seu poder aquisitivo, incluindo sua própria ideia de desenvolvimento.

A industrialização e a superprodução de objetos significam riqueza em um sistema de teoria capitalista com culturas de objetivos sociais semelhantes, em que, por valores morais e estéticos culturais, cria-se um acordo a legitimar o valor de um produto e a estabelecer o comércio. Esta é a função da abertura dos mercados internacionais: convencer outra sociedade de que precisa do produto para ser/estar melhor. Mas, em sociedades que não aceitam esse acordo, a acumulação de objetos não significa um estado rico, nem representa o desejo da sociedade. Quando não se podem estabelecer acordos comerciais para obter as propriedades de uma sociedade se aplicam os métodos bélicos, a instabilidade política e os conflitos sociais. Isso explica a conversão religiosa

¹⁹Ou dinheiro serve para intercâmbio produtos, mas como como produto seu uso é simbólico.

dos nativos, como um etnocídio para ensinar a importância do progresso, e, no caso de não os convencer, o homicídio e sua expropriação de terras, para trocar a população num potencial mercado. Esta é a problemática social dos camponeses do Paraguai.

A região da América de Sul é definida, nas comunicações oficiais de governos, de instituições transnacionais e da mídia, como *sociedades pobres* pelos seus conflitos sociais, por não terem conseguido uma resolução de conflitos num estado estável de paz e de economia, o que, entre outros motivos, permite a descrição de Estado falido. No caso da definição de pobreza, as sociedades que se descrevem como *desenvolvidas*, que são definidas no *Sistema-Mundo* como os núcleos, são as principais sociedades causadoras dos conflitos e das instabilidades *Sistema*, por diferentes razões comerciais. São, por exemplo, as principais produtoras de armas e controladoras desse mercado. Pelo que o adjetivo de pobreza é um eufemismo para não descrever a verdadeira causa de interesses transnacionais do conflito.

Enquanto aos países ou regiões do núcleo, descritos comumente como países ricos ou desenvolvidos, a industrialização não acabou ainda, portanto, em perspectiva eles estão em uma carreira para terminar a otimização da tecnologia para obter o máximo de mais-valia, até que isso aconteça esses países são na realidade países em desenvolvimento. O adjetivo *desenvolvido* é uma descrição altruísta, hegemônica e superficial para o processo de uma sociedade vertiginosa em constante mudança. Assim como o adjetivo *subdesenvolvido* parece mais uma descrição de aversão e repulsa, do que uma análise científica dos fenômenos de uma determinada sociedade por não seguir a ética e a estética do sistema hegemônico.

A aceitação da região da América Latina, incluindo o Paraguai, no Sistema-Mundo se estabeleceu com o propósito de os governos nacionais integrarem a região em uma iniciativa pelo progresso e pela industrialização, a fim de mudar o estado de dominação para ser independente economicamente. Esse projeto foi chamado como Teoria da Dependência, na qual se aceitavam os conceitos e teorias sobre o desenvolvimento, afirmando política e moralmente um acordo que facilitaria o comércio e a integração no mercado global.

Paul Baran (1975), representante da corrente marxista nos EUA da teoria da dependência, analisa que o desenvolvimento depende da sobreprodução de uma população, gerando quantidades maiores do que precisa para sua subsistência, o qual seria o excedente. Parte desse excedente deve ser usado para acumulação de capital para o desenvolvimento, a exemplo da compra de novos meios de produção ou de otimização; mas, assinala que gastar o capital em objetos de consumo de luxo não produz desenvolvimento.

Baran distingue dois tipos de atividade econômica nos países denominados pobres pela sua estrutura econômica. A primeira consiste na agricultura de plantação, fundada na época colonial, em que o excedente é retido pelos proprietários das terras e, gasto, maioritariamente, no consumo de produtos simbólicos inspirados no estilo de vida dos países denominados ricos. A segunda atividade econômica é a indústria, geralmente realizada por estrangeiros e com benefícios governamentais. O excedente dessa produção retorna aos acionistas estrangeiros como lucro e é gasto igualmente no consumo de produtos simbólicos. Nos dois tipos de atividades pouco do excedente é usado para o desenvolvimento.

A Teoria da Dependência, de Baran, que colocou a extração de excedente e a acumulação de capital no centro de sua análise, é um exemplo de como eram, e ainda hoje são, algumas das instituições de desenvolvimento quanto à problemática social da periferia, e, neste estudo, a do Paraguai. O desenvolvimentismo defendia a ideia do progresso modernista, fundamentado na industrialização e na acumulação de capital, e aceitava o conceito de pobreza baseado no ideal de obtenção de moeda fortemente valorada internacionalmente. Isso colocava a ideia de subdesenvolvimento nas decisões culturais das comunidades por não produzirem produtos complexos e funcionais para a superprodução.

A descrição do fenômeno da periferia estabelecida por Baran é bastante semelhante ao contexto das plantações de soja no Paraguai, onde as comunidades estrangeiras são favorecidas pelo governo para a indústria agrícola. A mais-valia gerada direciona-se para os sócios estrangeiros e para o consumo de produtos estrangeiros, sendo que, a problemática social analisada desse ponto de vista, focou na concentração de capital e

não na qualidade de vida e no desenvolvimento humano da população. A solução, assim, centrou-se em trocar a balança comercial desfavorável nas regras de mercado capitalista por uma balança comercial favorável através das estruturas de trabalho que a população não desejava implementar. Como essa lógica, desenvolvia-se a produção de capital acumulado por poucos proprietários privados e não o bem-estar da população. A população passou, assim, a ser valorada pela sua força de trabalho na produção de capital, sendo um incentivo ao governo a troca de população e de valores culturais mais bem ajustados aos valores do progresso. Desse modo, os camponeses e seu modelo de agricultura familiar ecológico não industrial começaram a ser indesejados.

“Antes, eles se incomodavam muito [“FTC” Exército Nacional], e vinham falar para eles [aos camponeses] para saírem de casa. Eles falavam: Aqui você não vai ficar. Ela disse para eles que eles mesmos nunca sairão daqui, que se forem para Assunção [capital] ou para outro lugar vão morrer, porque aqui podem criar porcos, podem ter aves, podem ter pomar, chácara, e para que vão ir embora para outro lugar? Para morrer de fome? Mas eles insistem: saia daqui, esse terreno não vai ser para você, você tem que desocupar esse terreno.

-É o que o FTC diz?

-Sim: Vá embora!”

(Conversa com camponesa e tradução do Pa’i Pablito,

Kurusu de Hierro, 2017)

Uma diferença apresentada por Wallerstein na análise do Sistema-Mundo com a Teoria da Dependência, é a exploração da força de trabalho, a qual não só acontece na periferia por razões históricas, mas também no núcleo. Avalia ainda que não são os estados-nações que se autoexploram, dependendo de sua hegemonia no sistema núcleo-periferia, mas são as regiões que concentram o capital, e estas podem mudar de estados dependendo do fluxo em benefício do mercado.

O que se pode perceber nas migrações contemporâneas, tanto a nível local na região do Paraguai como em diferentes áreas do Sistema-Mundo, é que das zonas nomeadas como periferia para as zonas nomeadas como núcleo, a razão de iniquidade na distribuição da riqueza está nas políticas dos estados. Estas priorizam o livre fluxo do mercado e os movimentos financeiros transnacionais, em detrimento da população, bloqueando os processos migratórios que procuram a redistribuição justa pela sua força de trabalho.

Além da força de trabalho, os estados, praticamente inexistentes ante o poder atual das instituições transnacionais, trocam sua função social de desenvolvimento humano dos moradores do território em benefício do capital transnacional. Cabe assim à população ser usada como commodities, incapaz moralmente de decidir sobre seu futuro.

3.2.3. RELIGIÃO E MIGRAÇÃO

3.2.3.1 MENONITAS E BRASIGUAIOS

“Dizem aos paraguaios, vocês deixem de cultivar com enxada, com arado, com bois. Venham até nós que os apoiaremos, vamos dar-lhes sementes, vamos arar a sua terra, vamos plantar e vocês vão nos vender. E assim convencem muitos paraguaios. Mas, no final da colheita, ele diz, tiram a terra deles, compram a terra, tiram a produção, não pagam o que promete e o camponês fica na rua. O paraguaio, que antes tinha pelo menos 20 ha de terra, fica sem terra porque o outro a comprou. Eles [os dirigentes] vão embora e ensinam ao povo [aos camponeses] que não mexem com soja. Os outros [menonitas e brasileiros] falam, o que tem que fazer é mexer com a soja, com suas ferramentas tradicionais eles não vão conseguir comer. E é

o oposto, é por isso que agora há muita migração paraguaia, gente que conquistou a terra aqui, que entra naquele tema de trabalhar com os alemães [menonitas] e depois o alemão compra ao preço da injustiça.”

(Conversa com camponês e tradução de Pa’i Pablito, Kurusú de Hierro, 2017)

A bonança econômica tem aumentado a imigração de comerciantes brasileiros. Desde os anos 1960, tem triplicado o número de estrangeiros residentes no Paraguai (Organização Internacional para as Migrações, 2011), assim como tem crescido, mesmo indiretamente, o poder das comunidades menonitas sobre as instituições governamentais e judiciais.

Os menonitas são uma comunidade protestante originária dos países germanos, estão em diáspora desde o século XVI e têm sido um fator importante na migração e no desenvolvimento do trabalho agrícola em diferentes países da América durante o último século. Em busca de um desenvolvimento social diferente do modelo industrial, começaram sua diáspora na Rússia. Deslocaram-se depois para o Canadá no século XIX, e, na intenção de encontrar estabilidade social e prosperidade econômica, chegaram nos anos 1920 no Paraguai (ROA, 1997). A diáspora continua ainda, apesar disso, eles mantiveram suas características culturais, como a língua, seu sistema de ensino e, especialmente, sua ética religiosa, assim como também a prática do trabalho sistematizado com a máxima utilidade produtiva.

Segundo a descrição do Max Weber (1905), na *Ética protestante e o espírito do capitalismo*, a profissão representa para os protestantes o dever para com Deus e a salvação eterna. Assim, o pensamento protestante foi uma base moral para o desenvolvimento da industrialização e para a superprodução do capital.

Os menonitas são uma comunidade que, pelas suas atividades de trabalho, integram-se economicamente aos modelos urbano-industriais, mas, culturalmente, estão afastados do modelo industrial.²⁰ Max Weber, também descreve as seguintes características éticas, que diferenciam o tipo de trabalho entre católicos e protestantes:

“os protestantes... terem mostrado uma especial tendência para desenvolver o racionalismo econômico, fato que não pode ser observado entre os católicos... A explicação principal de tais diferenças deve pois ser procurada no caráter intrínseco permanente de suas crenças religiosas, e não apenas em suas situações temporárias externas, históricas e políticas.”²¹

Na região, o sucesso da superprodução de soja encontra explicação na ética protestante que promove o planeamento e o lucro econômico. Esta ética pode se expressar por exemplo na vestimenta, já que para eles os indivíduos são iguais ante Deus, não precisam se diferenciar. Também não são consumistas, nem tem interesse em obter

²⁰“...ligação entre um modo de vida religioso e o mais intenso desenvolvimento da acuidade comercial entre aquelas seitas cujo desapego do mundo é tão proverbial quanto sua riqueza... O papel que os primeiros (os Quaker) desempenharam na Inglaterra e na América do Norte, coube aos últimos (os Menonitas) na Alemanha e na Holanda... Os menonitas foram tolerados por Frederico Guilherme I, na Prússia Oriental, por tê-los como indispensáveis para a indústria, a despeito de sua absoluta recusa de prestar serviço militar”(WEBER, 1991)

²¹“O católico é mais quieto, tem menor impulso aquisitivo; prefere uma vida a mais segura possível, mesmo tendo menores rendimentos... entre os diaristas católicos parece preponderar uma forte tendência a permanecer em suas oficinas, e tornar com frequência mestres artesãos, enquanto os protestantes são fortemente atraídos para as fábricas, para nelas ocuparem cargos superiores de mão de obra especializada e posições administrativas.” (Ibid.)

Weber justifica aquelas diferenças éticas, entre protestantes e católicos, segundo as crenças sobre a salvação, na qual os católicos procuravam uma salvação depois da morte, mas para os protestantes a salvação estava no mundo terrestre e precisavam de sua comprovação, pelo que estavam predestinados e obrigados a agir o mundo e transformá-lo como desejo divino. Mas, segundo Weber, para Calvino, diferentemente de Lutero, a graça divina manifesta-se no homem seguro de si mesmo, porque a dúvida significa falta de fé e é sintoma de condenação. Assim, o Calvinismo produz modelos humanos para desenvolver o espírito capitalista: quer dizer, homens ativos, severos e constantes, que encontravam sua salvação no sucesso de seu trabalho vocacional.

novas tecnologias, fazem uso dos meios de comunicação e de transporte só para emergências e para otimizar sua produção. Ou seja, utilizam para transportar seus produtos ao mercado, para estabelecer negócios e para trazer mão de obra às fazendas. Isso depende também da radicalidade de cada comunidade/colônia.

Weber descrevia que os menonitas e anabatistas superavam o instintivo irracional, as paixões, para que a alma estivesse serena e tranquila e pudesse encontrar Deus. Os menonitas, na região, mantêm um misticismo radical por Deus, que ensinam como religião nas suas próprias escolas, e evitam a educação moderna, por medo de que esta destrua a estrutura da comunidade. Nestas escolas, ensinam também tecnologias (ferramentas técnicas) que possam ser úteis para a comunidade, essencialmente mecânica e agricultura, e não têm interesse em desenvolver a ciência.

A análise anterior sobre a ética protestante, é importante para compreender o contexto atual no norte do Paraguai, onde se concentram colônias de menonitas há meio século, vinculadas ao crescimento produtivo do país, especialmente com a superprodução da soja, uma produção agroindustrial legitimada no desenvolvimento econômico capitalista moderno, mas desvinculada do desenvolvimento social que procuram os camponeses nativos.

Durante sua história, Paraguai tem sido um território de população católica, já que, desde a conquista, comunidades jesuítas se estabelecerem no território e doutrinaram a população guarani. Ainda na atualidade, a presença da igreja católica é forte, sendo comum encontrar instituições cujos estudos e trabalhos sociais são feitos com ou pela igreja católica. Seus líderes, incluído presidentes e prefeitos, têm desenvolvido um cargo religioso antes do cargo público. É interessante, então, analisar o contexto atual e a relação entre as coloniais menonitas protestantes e os camponeses nacionais católicos.

Desde a época colonial, as terras do norte de Paraguai têm sido retiradas dos nativos como se não fossem moradores legítimos do território, afastando deles a característica humana que confere direito jurídico. Desde a Guerra da Tríplice Aliança, são vendidas a latifundiários e, na ditadura de Stroessner (entre 1954-1989), doadas para pagar o serviço de militares e políticos.

Na ditadura não existia uma delimitação oficial das propriedades das terras, e muitos dos proprietários corriam as cercas e se apropriavam dos terrenos adjacentes, mesmo quando ali moravam outras populações. Com os benefícios da ditadura, comunidades estrangeiras chegaram a se apropriar de grandes fazendas no norte do Paraguai (Pereira, 2016). Também, segundo camponeses entrevistados, alguns proprietários dizem ter menos terras no registro cadastral para não pagar impostos, mas na prática exercem poder e têm usufruto sobre mais terrenos.

Depois da queda da ditadura no ano de 1989, organizações camponesas, com a ajuda da igreja e de seus líderes inspirados na teologia da libertação, invadiram algumas terras para exercer o poder sobre aquele território que acham seu. Havia uma descrença de que a democracia faria uma reforma agrária, com a efetivação de direitos básicos de moradia, saúde, educação e alimentação.

A comunidade de Arroyito, depois de ocupar terras em 1989, conseguiu desenvolver seu projeto social, que, na atualidade, está legitimado pelo governo. Dentre as políticas aplicadas estão a distribuição igualitária de metros quadrados de terra para todos, de propriedade comunal para cultivo agrícola, construção de uma escola agrícola, um centro de saúde, e um economia baseado na agricultura familiar, entre outras características.

Na região do norte e nas cidades de Horqueta e Concepción, pode-se identificar o incremento da presença brasileira ao observar o tipo de comida dos restaurantes, a música que toca na rádio, a origem das cidades pelas placas dos carros, o uso de palavras portuguesas no espanhol, etc. Os paraguaios têm um sentimento de serem colonizados pelos brasileiros desde a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). Atualmente, segundo camponeses e a comunidade religiosa, a presença dos brasileiros é pela expansão de terras para o cultivo da soja; eles são denominados “brasiguaios”, como uma população agroindustrial que mora no Paraguai, perto da fronteira com o Brasil. Alguns desses migrantes vêm de colônias fundadas e desenvolvidas por alemães

durante diferentes migrações desde o século XIX no Brasil,²² e que hoje são cidades industriais, como Curitiba ou Blumenau, e cuja religião é na sua maioria protestante.

Com as facilidades econômicas proporcionadas pela ditadura, e a instabilidade para a democracia, os industriais agrícolas brasileiros começam a passar a fronteira facilitada por políticas e leis paraguaias, a exemplo da permissão de compra de terras próximas à fronteira e o direito ao voto nas eleições para governadores. Os camponeses também falam que os menonitas foram beneficiados nestes contextos históricos, mas falta investigação na região para poder afirmar isso. Ainda assim, é evidente a oferta de trabalho agrícola que oferecem os menonitas, e a identidade e empatia laboral entre brasileiros, indústrias e menonitas.

Com a chegada desta população de estrangeiros, os camponeses encontraram uma ameaça no seu projeto “tradicional” de agricultura familiar, que não procura interesses industriais nem de exportação. Mas, o maior problema começou com a contaminação que a indústria produzia com os químicos para otimizar a produção. Foi, então, quando os camponeses começaram a ganhar batalhas legais para proibir o uso de agrotóxicos, decisões estas que os industriais não cumpriram protegidos pelo seu poder hegemônico e econômico. Nesse contexto, surge a guerrilha do EPP, que seguia por via armada a mesma ideologia dos camponeses (Pereira, 2016), mas que não pode ser confundida com eles, já que os camponeses não legitimam a existência da guerrilha, nem o uso das armas no conflito. Com a aparição da guerrilha, o governo com o exército passou a estigmatizar, desde aquele momento, aos camponeses do norte como sendo guerrilheiros de ideologia comunista e contrários ao desenvolvimento do país.

Com a globalização e o desejo de entrar na modernidade ocidental, o governo, a partir da capital, define políticas econômicas que satisfaçam as necessidades produtivas globais, que beneficiam a agroindústria do país. Mas este não é o mandato da população no campo, ainda menos quando a distribuição da riqueza dá-se de forma desigual (Machado, 2017; Pereira, 2016). A governança é dividida entre dois modelos de

²² <http://www.dw.com/pt-br/as-diferentes-fases-da-imigra%C3%A7%C3%A3o-alem%C3%A3-no-brasil/a-1195367>

desenvolvimento social, um segue os interesses das pessoas com capital acumulado, que precisam de um modelo capitalista para fazer crescer a produção e transformar a natureza, e outro segue os interesses das pessoas “tradicionais”, que procuram o básico, sem luxos, nem alterar o equilíbrio estabelecido pela natureza.

A questão interessante é que a comunidade menonita faz parte dos dois modelos de desenvolvimento, tem uma ética protestante tradicionalista que não deixa estabelecer o capitalismo nas suas comunidades, mas seu trabalho está alimentando a superprodução de soja para o capitalismo global e o crescimento econômico do país e, portanto, o deslocamento do modelo econômico dos camponeses.

3.2.3.2. TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

A formação intelectual da comunidade de Arroyito e de camponeses em Concepción tinha sido fortemente influenciada pelo trabalho social das dioceses de Concepción, especificamente pelo bispo Aníbal Maricevich, por meio do programa da Pastoral rural. Foi uma ação fortemente ligada ao pensamento da teologia da libertação iniciada nos anos 1970 na América Latina.

A Conferência de Medellín, em 1968, trouxe o pensamento religioso católico para a modernidade, dando resposta às problemáticas da globalização, industrialização, urbanização e distribuição de riqueza, características da modernidade. Foi com a teologia da libertação que se constitui um movimento religioso de pensamento político para transformar de maneira racional a condição social das pessoas menos favorecidas. Essa condição era entendida como consequência de um sistema econômico de mercado, refletido também em um sistema acadêmico ligado a interesses dos poderes transnacionais (Tamayo, 2013). Assim, a religião católica se afasta do idealismo platônico para transformar materialmente a realidade, apoiando-se intelectualmente em estudos econômicos e sociais.

Max Weber descrevia os católicos como uma comunidade passiva que esperava a salvação depois da morte. Com a teologia da libertação essa postura religiosa passiva se torna ativa contra a pobreza espiritual e moral da população. A dignidade de vida de

cada pessoa estaria na independência econômica, política e social, isso faria o espírito livre. A escravidão do espírito, tanto como de sua vida no mundo físico, era consequência de um contexto socioeconômico da região, o que causava um pecado social e contradizia a vontade de Deus. Pelo que as consequências históricas tinham que ser equilibradas e dar oportunidades às populações “pobres”. Esse equilíbrio era a missão da igreja como representante de Deus no mundo físico e teria que ser feita como uma prática de libertação (Richard, 1983).

“Como tem sido observado insistentemente nos últimos anos, o próximo não é apenas uma pessoa levada individualmente. Ele é, antes, um indivíduo considerado na trama das relações sociais. Ele é o indivíduo localizado em suas coordenadas econômicas, sociais, culturais e raciais. É também a classe social explorada, o povo dominado, a raça marginalizada. As massas também são nossos próximos.”

(Gustavo Gutiérrez, 1972)

Para Pedro Casaldáliga, a reflexão e a experiência da espiritualidade da libertação têm como consideração o pensamento crítico contra os meios de comunicação, estruturas, ideologias e valores (Casaldáliga, 1982).

“...a situação de injustiça e corrupção é mantida através do pecado institucional e da violência institucionalizada.”

(CELAM Puebla, 1979)

A filosofia da igreja católica torna-se nesse sentido moderna. Mas, cumpre lembrar, que, do ponto de vista da economia, a igreja jesuíta já tinha entrado nesse processo da modernidade, com as fazendas da companhia de Jesus a utilizar um sistema de produção industrial em pequena escala. Os jesuítas entraram no território dos guaranis para controlar as populações, e fundaram, entre os séculos XVII e XVIII, assentamentos de fazendas agroindustriais com otimização administrativa. Mas, com a redistribuição da produção entre os produtores da riqueza, quer dizer, indígenas, escravos e empregados; um tipo de empresa onde os empregados são ao mesmo tempo acionistas.

“O objetivo dessas propriedades era financiar suas escolas, que, devido a uma concepção rigorosa do voto de pobreza, eram gratuitas. No entanto, a riqueza desses complexos e propriedades atraiu a ambição das coroas e de privados e, a longo prazo, foi um fator na supressão da Ordem [da Companhia de Jesus].”

(Duthel, 2015)

A presença cultural das instituições jesuítas é uma característica do Paraguai, especialmente na academia em que os estudos sociais estão fortemente vinculados aos estudos teológicos. Junto à renovação intelectual da teologia da libertação na década de 1970, o bispo de Concepción, de descendência Croata, Mons. Maricevich, era tanto um líder espiritual como um educador e um planejador do desenvolvimento social, baseado no bem-estar do espírito humano.

Como exemplo da importância de Maricevich na comunidade está a carta dos camponeses, na qual falam da percepção que têm do bispo (Rossi, 1998):

“Maricevich: Pai e bispo que nos parece exemplar [...]. Em seu contato contínuo conosco, camponeses, ele soube nos dar a Cristo, que nos dá força e coragem para seguir em frente. O bispo Maricevich nunca nos abandonou, nos bons e maus momentos, e também em situações difíceis, por isso tem coragem e transmite aos outros padres que estão com ele.”

O Maricevich descrevia a população com quem trabalhava da seguinte maneira:

“75% das pessoas pobres são camponesas. E o agricultor do norte é realmente uma pessoa, uma família pobre [...]. Nosso camponês carece de educação, de saúde, de recreação, de moradia ». Falando sobre a ação da evangelização, ele afirmava que o objetivo era que o paraguaio e o camponês fossem não apenas bons cristãos, mas sim "um homem com maior senso crítico, maior senso de serviço, mais fraternal, mais amante do desenvolvimento, mais amante de sair de sua miséria. Queremos que o homem tenha verdadeira dignidade, seja mais uma imagem da casa de Deus.”

(Rossi, 1998)

Numa carta pastoral, na qual pode se entender a importância que dava para a educação da comunidade, dizia:

“Fizemos pouco, devemos honestamente confessá-lo, na parte material, especialmente na parte de construção. Mas, deve-se concordar que, durante a luta por Deus e pelas pessoas, nos últimos tempos, era difícil e inconveniente estabelecer-se em tranquilo conforto e cuidar das coisas materiais. Além disso, ainda não era o momento adequado para isso. Nossa

prioridade marcou a construção da pessoa e do cristianismo, da comunidade eclesial e humana.”

(Maricevich, 1975, p. 148)

Na mesma recompilação feita pela pesquisadora M. Laura Rossi sobre o desenvolvimento do ensino social dos bispos no Paraguai, são descritas as condições da população rural e o pensamento da igreja frente a essas condições, especialmente a partir das palavras do Maricevich²³.

Monsenhor Pablo Cáceres é Vigário Geral da Diocese da Conceição, mais bem conhecido no departamento como o Pa’i²⁴ Pablito, foi o tradutor de guarani-espanhol durante o trabalho de campo nas visitas às comunidades rurais socialmente mais

²³“Em 1975, grandes setores do campesinato paraguaio estavam passando por novas angústias na ordem econômica. A falta de mercado para seus produtos e a fixação arbitrária de preços pelos fornecedores levaram muitos a passar fome. ... A Assembléia LXXII do CEP, realizada em Caacupe de 6 a 12 de janeiro de 1975, sob a presidência do Bispo Benitez, analisou as atividades da Igreja em 1974 e agendou os trabalhos para 1975. Era afirmado entre outras coisas, que a evangelização necessariamente teve consequências na ordem social e econômica. Além disso, afirmava-se que a fraternidade camponesa se expressava em organizações como cooperativas, minga e lojas de consumo, e que alguns acreditavam que essas atividades eram estranhas à religião ou à Igreja. Essa incompreensão levou a intrigas, denúncias e perseguições contra os camponeses pobres. Com a voz do bispo Maricevich, podemos capturar algo dessa experiência: lá em Jejuí nos lançamos fortemente em busca da justiça e da caridade social, pelo amor ao ser humano [...] e, assim, foram estabelecidas as experiências que queríamos fazer à luz da fraternidade, de uma luta, não do comunismo, mas da comunidade. Fizemos trabalhos muito grandes e difíceis, em meio a uma pobreza incrível e com uma terrível perseguição por parte do governo. ... Nós os conhecemos: são camponeses humildes e laicos simples, sacerdotes e religiosos. [...] (Rossi, 1998)

No mesmo escrito, que continua a seguir, pode se notar duas coisas: primeiro, a perseguição política por parte da ditadura e, segundo, que os jesuítas recolhiam dinheiro para pagar terras para a comunidade, o que é interessante por mostrar a intenção, desde 1975, de planejar uma colônia autossustentável:

“Durante a operação, ao revisar a casa dos habitantes, foram retidos: livros, Bíblias, notas e síntese de reflexões. Desapareceu a soma de 900.000 guaranis, doada para o pagamento de alguns hectares de terra, e a soma de 100.000 guaranis pertencentes aos Pequenos Hermanos de Jesus.”

²⁴Pa’i significa sacerdote em língua guarani.

afetadas em Concepción. Numa conversa de um foro feito na cidade de Horqueta em 2016, ele deixava notar a importância da igreja na formação de líderes sociais e a perseguição do Estado sobre eles. Ele descrevia a luta social das comunidades camponesas do norte, desde a época da ditadura, além de abordar as condições de vida da população rural e as problemáticas com a chegada da guerrilha e do narcotráfico²⁵.

²⁵"...no tempo da ditadura, dentro da igreja nasceu a organização camponesa do norte, a UNC, a organização camponesa regional Concepción. Quase todas as organizações camponesas nasceram sob a influência da igreja, fortemente promovida pelo clero e o bispo que acompanhou as manifestações, e na época da tirania [ditadura] houve uma perseguição muito aberta...

Quando a tirania estronista termina, as pessoas começam a procurar novos espaços, organizações camponesas, por um lado, organizações de bairro, por outro lado, havia comitês de agricultores, de trabalhadores da vizinhança, para se expressarem livremente... Alguns resultados muito grandes e importantes após a ditadura foram, após três meses, a ocupação de Arroyito, que vinha se preparando cinco anos antes. As comunidades especiais de base foram organizadas olhando para o futuro compromisso social do povo, mas o bispo não permitiu [as ocupações], [ele] disse que ainda não. Havia uma luta muito forte entre os camponeses, porque alguns já queriam, mas o bispo não queria por em risco a vida dos camponeses. Disse que tinham que esperar o momento.

Arroyito é um símbolo da maturidade da liderança, porque em Arroyito os colonos projetaram a maneira que queriam viver naquele assentamento.

Depois nasceu Kurusú de Hierro, e, em pouco tempo, nasceu Nova Fortuna, depois Aguerito, que foi fortemente maltratada [a comunidade], foi separada, foi levada para uma montanha inóspita e para uma terra diferente daquela que estavam procurando. De lá, e até mais ou menos em 2005, houve uma espécie de apatia da liderança ...

Em 2007-8, aparecem os grupos armados, que infelizmente destruíram as organizações camponesas, destruídas no sentido em que o governo começa a ver as organizações camponesas como perigoso. Os líderes aparecem como "má-palavra", ou pessoas perigosas, até a igreja tem sido classificada como grupos indesejáveis...

Depois, em 2008, aparece um novo fenômeno que nos machuca muito, a narco-gado, a narco-política, o tráfico ilegal de madeira que destrói nossas comunidades. As comunidades se dispersam, há uma desconfiança mútua entre as principais comunidades de liderança porque não se sabe os chefes -com quem se fala- em que estão.

Em 2011, a Pastoral Social chama os líderes históricos, como Monsenhor Ortiz, Benjamin (e quem fala o Pa'i Pablito), entre outros. Nos dedicamos à reunificação dos grupos de liderança camponesa, associações intermediárias, cooperativas, grupos de mulheres e trabalhamos desde a Pastoral Social para unir novamente os líderes.

Antes da FTC, veio o FOPE, para matar o nosso povo, e depois veio a FTC, acho que era de boas intenções, mas para nós representava um perigo latente e houve perseguições de líderes novamente, e estávamos com medo, estamos com medo. Convocamos a FTC, tivemos 5 conversas com a FTC e, se não fosse pela intervenção do bispo e da Pastoral Social, teríamos recolhido mais luto ... e temos exigido que a força que eles têm fosse contraposta com outros tipos de serviços. O grande problema em Concepción continua sendo a pobreza e a desigualdade social, e nesse contexto não se pode falar de paz nem segurança verdadeira ..."

NOTA FINAL

A partir da análise econômica, propõe-se uma alternativa ao problema da dependência econômica vivenciada pela periferia no Sistema-Mundo. As soluções propostas são:

Ajustar o valor-preço das exportações com o PIB e o salário per capita do mercado com o qual vai se comerciar, como se fosse uma estratificação de mercado, em que o preço está determinado segundo a capacidade aquisitiva da procura. Isso para desestimular a superprodução para consumo externo, manter os recursos básicos e naturais no território e estimular a produção de outros bens para atender a demanda das necessidades locais. Assim, fortaleceria o mercado local e as reservas de moeda internacional, sem afetar a produção de produtos de necessidade local.

Para encerrar este estudo delimitado ao contexto do norte do Paraguai, e de crítica às teorias, conceitos e valores gerados pela ideia do desenvolvimento de mercado e da industrialização na periferia, faço uma descrição comparativa das comunidades camponesas, tanto menonitas como católicas na região. O intuito é o de resumir o fenômeno social analisado nos capítulos anteriores.

Neste sentido, faço uma divisão das comunidades camponesas católicas em duas: as comunidades que foram educadas socialmente pela igreja católica, com a teologia da libertação, e que ocuparam terras em 1989; e, por outro lado, os camponeses isolados daquele movimento. Para este estudo cabe o foco apenas no primeiro grupo, uma vez que possuem planejamento social desenvolvido.

Essas comunidades dispõem de um projeto agrícola não industrial autossustentável, trabalham o tempo todo, mas, diferentemente das comunidades menonitas, não estão à procura de uma máxima otimização da produção. Tudo o que eles precisam cultivar é fornecido na mesma comunidade e trabalhado por eles mesmos. Ou seja, não precisam de mão de obra externa. Eles introduzem ferramentas e fazem uso de máquinas só na medida em que o seu poupado capital o permite, algumas vezes com intervenção do governo, como na construção de caminhos (o Estado fez-se presença somente depois da

aparição da guerrilha). Para eles, o trabalho pode diminuir se a produção aumenta, pois não procuram maior produção nem acumular.

Eles, como os menonitas, têm um caráter tradicionalista, e tendem a rejeitar o capitalismo, não são acumuladores, por isso, não possuem elevado poder aquisitivo monetário. Mas, diferentemente dos menonitas, seguramente pela formação da teologia da libertação, eles têm um forte interesse pelos meios de comunicação, a exemplo da televisão digital e dos smartphones. Quanto à educação, desfrutam de duas opções de escolas: a agrícola criada pela e para a comunidade, ou a pública oferecida pelo governo na comunidade.

Por enquanto, as novas gerações de jovens menos tradicionais, contagiados pelo ideal da modernidade e do capitalismo, estão abandonando os estudos para trabalhar nas plantações de cannabis no departamento de Amambay, um território próximo e controlado pelos narcotraficantes. Este é praticamente o único trabalho acessível aos jovens sem formação. O rendimento obtido é gasto em consumo de luxo, como motocicletas, smartphones, televisores e outros aparelhos.

As comunidades menonitas têm acumulado capital, incentivando o afastamento das gerações seguintes ao modo de vida tradicional, antes isolado da modernidade e agora a gerar indústrias, segundo os valores protestantes propulsores do capitalismo. Ou seja, estão propensos a ideias e hábitos que favorecem a procura racional de ganhos econômicos, segundo uma maximização do rendimento e uma minimização do gasto desnecessário.

Os menonitas geram oferta de trabalho e precisam de mão de obra que é suprida, preferencialmente, por brasileiros, mas também por indígenas e camponeses paraguaios.

“...os indígenas são mais dóceis, e se acoplam sem problema às regras e ao modo de trabalho [em referência à comunidade menonita de Filadelfia, no Chaco], mas os paraguaios [como eles chamam os camponeses] não querem trabalhar, não gostam de poupar e desperdiçam seu dinheiro em

cerveja e aparelhos que não conseguem pagar, e, por isso, ficam com dívidas.”

(Conversa com agricultor menonita, Paso Tuyá, 2017)

Este agricultor menonita tem a ideia de que os “paraguaios” são pobres pela sua decisão na vida; mas se esquece de todas as vantagens concedidas pelo governo aos estrangeiros para trabalharem. Ignora também o contexto histórico pós-colonial e pós-ditadura que mantém em pobreza a população nativa. Em seu discurso, ele achava que os “paraguaios” não tinham legitimidade moral para desenvolver um modelo social. Por outro lado, não é consciente que a legitimidade do modelo agrícola e social dos menonitas é dada pela economia capitalista global, de revolução produtiva, e que os deixa em uma posição social privilegiada.

Aquela conversa com o agricultor menonita, envolveu o conceito de Estado, e como se legitima o poder na região. Citando as palavras de Trotski²⁶, Weber define o Estado moderno, desde a política como a atividade do Estado para influir sobre a distribuição relativa de força. A política, portanto, deriva do poder. Este conceito de Estado é muito complexo no norte do Paraguai com o conflito armado entre guerrilha e exército especial (Força de Tarefa Conjunta - FTC), que pode se agravar com o crescimento do narcotráfico. O conflito envolve o trabalho no campo, por meio do controle do modelo agrícola. A guerrilha quer legitimar o modelo camponês, e, em resposta, o exército protege as indústrias, suas relações de mercado. A proteção alcança o nível de permitir que o exército atue como uma segurança privada, controlando a entrada aos caminhos, impedindo a circulação nas fazendas como se fossem privadas, escoltando a suas produções sem permitir a fiscalização por outras instituições, além de cobrar subornos e

²⁶“*Todo Estado se fundamenta na força*” como “...uma comunidade humana que pretende, com sucesso, o monopólio de uso legítimo da força física dentro de um determinado território.” E faz notar que “...o território é uma das características do Estado.”... “O estado é a única fonte do “direito” de usar a violência.”

reprimir qualquer ação que altere o modelo de agroindústria, justificado no estado especial de guerra interna.

No contexto do Paraguai, os menonitas e, especialmente, as companhias industriais estão legitimadas pelas políticas que os precederam historicamente no território, pela ditadura, e, atualmente, pela política econômica global de superprodução. O poder que eles exercem, seja direta ou indiretamente, sobre os territórios e agricultura é legitimado ante o estado paraguaio pelos dados estatísticos econômicos positivos. Aqui surge uma questão que ficará aberta: Como evitar a preferência do Estado pelo desenvolvimento econômico sobre o bem-estar social, sem que o mercado capitalista exerça maior poder na sociedade?

Segundo a definição sobre Estado do Weber, no norte do Paraguai existem três tipos de estados, quer dizer, de lutas pelo poder que geram as políticas. São o estado de direito do governo defendido pelas leis, o estado legitimado pela produção econômica (seja legal ou ilegal) compatível à agroindústria, que vincula as comunidades menonitas e o narcotráfico, e o estado de contrapoder que é a guerrilha do EPP.

Durante dez anos a distribuição do poder tem estabelecido um equilíbrio entre os atores do fenômeno, entenda-se guerrilha EPP, governo com o exército especial FTC, narcotráfico, e indústrias, e a população no meio como conectores. O equilíbrio na relação destes quatro atores mantém uma balança social em que ninguém quer destruir o outro, além que seja aquele o seu objetivo principal pelo que foram criados os grupos.

O equilíbrio das relações está, entretanto, no fluxo econômico em dinheiro de uma forma paradoxal. O exército da FTC recebe elevada quantia em dinheiro do estado paraguaio para acabar com a guerrilha, mas se acabasse com a guerrilha a FTC acabaria também. Para os indústrias, a proteção da FTC e a guerra contra a guerrilha constituem uma barreira que blinda e favorece sua exploração de recursos naturais e comercialização da agroindústria na região, pelo que não lhes interessa que a FTC acabe. O narcotráfico é um ator isolado, porém, respeitado pelos outros três, e exerce uma tensão que pode abalar a distribuição do poder naquele equilíbrio. Isso se deve a seus recursos monetários e sua força armada, além de ter legitimidade junto à população

por introduzir dinheiro na estrutura social, especialmente, com a população pobre, que recebe mais dinheiro do narcotráfico do que da distribuição de riqueza proporcionada pelo governo e pela indústria. A necessidade de legitimidade da população pode ser a explicação indireta do porquê a guerrilha sequestra menonitas e industriais em troca de alimentos a serem distribuídos nas comunidades pobres. É a maneira de o povo os legitimar, mas na prática a população não aceita tais produtos.

A partir da análise de Polanyi, pode-se perceber que a economia de livre mercado não faz parte natural de uma sociedade como integram o trabalho e o uso da terra. E como tal, deve ser controlada, uma vez que a experiência histórica mostra a responsabilidade da superprodução e da maximização do individualismo, base de suas teorias, em acabar com os recursos naturais e o tecido da sociedade, seja por meio de conflitos políticos seja pelos efeitos destrutivos na natureza. Pelo que, para haver bem-estar social e desenvolvimento humano, o Estado deve controlar o fluxo de dinheiro do mercado, as políticas laborais e os recursos naturais.

No contexto de Concepción quem tem controle sobre estes recursos são os traficantes. O Estado tenta tomar o controle por meio da força militar e outras instituições, mas a corrupção pelo lucro em dinheiro mantém o controle no mercado ilegal. Mesmo com as baixas ofertas de trabalho e a idealização cultural do mundo urbano e capitalista, a força de trabalho de jovens da região acaba por ser levada para as plantações de cannabis e para o trabalho temporal nas fazendas privadas. Pela perspectiva de Polanyi, a região vivencia uma ruptura social pelo controle do mercado dos recursos naturais, da força de trabalho e do fluxo de dinheiro.

É preciso analisar com mais profundidade a relação de poderes na região, mas a reflexão sobre o Estado permite entender o capitalismo moderno, no qual se luta por acumulação de dinheiro, para desenvolver planos econômicos multinacionais que, na teoria, desenvolveriam o bem-estar social, porém, na prática, alteram dramaticamente as relações de poder.

Na observação das comunidades do norte do Paraguai, os menonitas não têm interesse em política, nem procuram o poder, mas, com sua produtividade, obtêm poder econômico, que é usado para legitimar as políticas econômicas do país. Acredita-se num crescimento produtivo de industrialização. Essa mesma política é rejeitada pelos camponeses, uma vez que a necessidade de mão de obra e urbanização gera miséria, ao não oferecer garantia de direitos básicos humanos e pertencimento a uma sociedade, além de despojá-los de seus bens materiais.

O conceito de pobreza tem de ser reavaliado na América do Sul, em especial para comunidades indígenas, que são donas de seu território desde antes do estabelecimento do estado-república, e que não têm interesse em se integrarem à globalização. O governo e as instituições internacionais afirmam que as populações camponesas são pobres porque não dependem do dinheiro para viver. Acreditam que eles precisam ser integrados nas cidades e adaptados ao sistema produtivo para, assim, poderem competir e acumular riqueza. Mas, na verdade, é isso o que os faz entrar em condições de miséria. No campo, eles não são pobres porque dispõem de todo seu sustento vital e digno pelo trabalho com a natureza. É importante fazer essa distinção já que, pelas políticas econômicas, acredita-se capaz de retirar da pobreza a populações não vinculadas à produção urbana e industrial. No entanto, é um erro estatístico dizer que são pobres porque não há acumulação de capital. Não ser pobre significa ter uma vida digna, e a desigualdade na distribuição de riqueza faz com que nas cidades e, pela lógica da urbanização, não possam viver com dignidade.

O poder dos estados modernos é constituído pelo acordo de progresso com o objetivo do crescimento da economia que mantém o Sistema-Mundo. Em complemento, detêm ainda armas e grandes exércitos como segunda opção caso a força econômica colapse. O conflito armado no Paraguai é um exemplo articulado da distribuição geopolítica de poder sobre os recursos energéticos naturais destinados para a corrida industrial exercida pelos núcleos na periferia. As guerras contemporâneas são estratégias tecnológicas e de pressão econômica para ter controle do mercado energético que permita um crescimento produtivo industrial. Mas o objetivo natural de uma sociedade é o bem-estar de seus integrantes. Os valores da filosofia e do racionalismo humanista

defendem a ideia de que o dever da conformação de uma sociedade e o Estado de governo estão focados basicamente no bem-estar dos humanos.

Enquanto pela perspectiva religiosa, há comunidades que ainda vivem segundo sua ética religiosa tradicional, impedindo que o capitalismo se desenvolva nas suas comunidades. A questão é: precisa-se dar poder à religião para controlar a excessiva produção que causa o capitalismo, e com ele a pobreza? Ou a sociedade moderna, racional, que tem chegado em um patamar tecnológico capaz de decidir sobre o destino, pode entender que o crescimento produtivo tem limite de equilíbrio? A pobreza é uma questão de distribuição e não de superprodução. A equidade é uma questão racional e não deve ser questionada segundo a moral.

A sociedade moderna acha que tem superado a etapa de misticismo por deuses, mas só trocou de símbolo. A fé já não está em uma personagem espiritual. A fé está no dinheiro como poder aquisitivo. Todo governo contemporâneo focou na procura de ter mais poder aquisitivo e predestina a vida de seus habitantes nesta ideia mística e divina, de que o dinheiro traz paz, harmonia e tranquilidade. As escolas, a saúde, a conformação de famílias, a aquisição de nacionalidade, a entrada no território, etc., toda a lógica social está em busca não do bem-estar do homem, mas do crescimento econômico.

Antes da industrialização, a filosofia procurava sustentar o fenômeno da fé em Deus, agora as ciências sociais estão empenhadas em sustentar o fenômeno da fé no crescimento econômico e na revolução da produção. Aquela fé mística causada na antiguidade pelas cruzadas, agora causa guerras por minerais energéticos que mobilizam grandes projetos no mundo. São empresas com poder superior ao dos estados, para obter símbolos de riqueza que permitam ter vantagem no mercado de produtos e no desenvolvimento industrial. Aquela é a modernidade no capitalismo, uma troca do espírito religioso-místico para um espírito econômico-racional.

A ideia de desenvolvimento foi direcionada para favorecer a industrialização dos núcleos, desvalorizando e transformando as características culturais da periferia e se apropriando dos recursos naturais com a ideia moral do progresso e da existência de um

estado pobre do indivíduo e da sociedade. Aqueles projetos causaram miséria, despojando as comunidades nativas e camponesas de sua riqueza física e cultural.

Tanto a pobreza como a riqueza são conceitos que devem ser entendidos dependendo do objetivo social e dos valores morais e estéticos culturais. A conformação do Estado de base humanista deve procurar o bem-estar da população no território e garantir as atividades básicas de trabalho descritas como Alimentos, Lar (moradia) e Saúde, sem que estas dependam do mercado, mas que permitam liberdade de escolha e decisão aos cidadãos.

BIBLIOGRAFIA

- Amin, S. (1975). *La acumulación a escala mundial*. Bogotá: Siglo XXI.
- Andreff, W. (1987). *Faut-il refuser le développement?* *Revue économique*, 38(5), 1061-1064.
- Appadurai, A. (1996). *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Banuri, T. (1987). *Modernization and its Discontents*. WIDER Working Papers 295562, United Nations University, World Institute for Development Economic Research (UNU-WIDER).
- Banuri, T. (1990). *Development and the politics of knowledge: A critical interpretation of the social role of modernization theories in the development of the third world*. In F. Apffel Marglin and S. A. Marglin (Eds.) *Dominating knowledge: Development, culture and resistance* (29-72) Oxford: Clarendon Press.
- Baran, P. A. (1975). *The Political Economy of Neo-Colonialism*. London: Heinemann.
- Bauman, Z. (1998). *Globalization. The Human Consequences*. Cambridge: Polity Press.
- Bebbington, A. (1993). *Modernization from below: an alternative indigenous development?* *Economic Geography*, 69(3), 274-292.
- Borja, J., Castells, M., Belil, M., & Benner, C. (1998). *Local y global: la gestión de las ciudades en la era de la información*. Madrid: Taurus.
- Bottos, L. C. (2008). *Old Colony Mennonites in Argentina and Bolivia: Nation making, religious conflict and imagination of the future*. Leiden: Brill.
- Bretón, V. (1999). *Los Límites del desarrollo: modelos "rotos" y modelos "por construir" en América Latina y Africa*. Barcelona: Icaria.
- Burt, M. (2009). *La escuela agrícola autosuficiente*. Asunción: Tiempo de Historia.

- Casaldáliga, P. (1982). "Los rasgos del hombre nuevo". Em Vv. Aa (Eds.). *Espiritualidad y Liberación en América Latina (177-180)*. San José de Costa Rica: D.E.I.
- Castells, M. (2017) *Ruptura. La crisis de la democracia liberal*. Madrid: Alianza.
- Castles, S. (2002). Migration and community formation under conditions of globalization. *International migration review*, 36(4), 1143-1168.
- Chesterton, B. M. (2013). *The Grandchildren of Solano López: Frontier and Nation in Paraguay, 1904–1936*. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- Cogo, D., El Haji, M., & Huertas, A. (2012). *Diásporas, migraciones, tecnologías de la comunicación e identidades transnacionales*. Barcelona: Institut de la Comunicació de la Universitat Autònoma de Barcelona.
- Coll, J. O. D. (1974). *La resistencia indígena ante la conquista*. Bogotá: Siglo XXI.
- Corbridge, S. (Ed.). (2017). *Development: critical essays in human geography*. London: Routledge.
- Cowen, M., & Shenton, R. W. (1996). *Doctrines of development*. London: Routledge.
- Cowen, M. P., & Shenton, R. W. (1998). Agrarian doctrines of development: Part I. *The Journal of Peasant Studies*, 25(2), 49-76.
- De-Sardan, J. P. O. (2005). *Anthropology and development: Understanding contemporary social change*. London: Zed books.
- Dos Santos, T. (2020). *Teoria da dependência: balanço e perspectivas*. Florianópolis: Insular Livros.
- Durkheim, E. (2007) *De la division du travail social*, Paris: Presses Universitaires de France.
- Escobar, A. (1995). *Encountering Development: The Making and Unmaking of the Third World*. Oxford: Princeton University Press.
- Esteva, G., Babones, S., & Babcicky, P. (2013). *The future of development: A radical manifesto*. Bristol: Bristol University Press.

- Faust, J. B. (1929). The Mennonite Colony in Paraguay. *The Mennonite Quarterly Review*, 3(3), 183-189.
- Ferro, M., Beaufils, T., & Caranci, C. A. (2005). *El libro negro del colonialismo: siglos XVI al XXI: del exterminio al arrepentimiento*. Madrid: La Esfera de los libros.
- Fogel, R., & Riquelme, M. A. (2005). *Enclave sojero: merma de soberanía y pobreza*. Asunción: Centro de Estudios Rurales Interdisciplinarios.
- Foth, H. (2016). *Mennonitische Geschichtsblätter*. Weierhof: Mennonitischen Geschichtsverein.
- Furtado, C. (1987). *La economía latinoamericana: Formación histórica y problemas contemporáneos* (16. edición.). Bogotá: Siglo XXI.
- Goodman, D., & Redclift, M. R. (Eds.). (1991). *Environment and development in Latin America: the politics of sustainability*. Manchester: Manchester University Press.
- Goossen, B. W. (2016). Religious Nationalism in an Age of Globalization: The Case of Paraguay's "Mennonite State". *Almanack*, (14), 74-90.
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. *Handbook of qualitative research*, 105, 2(163-194).
- Gutiérrez, G., & Seco, L. F. M. (1971). *Teología de la liberación*. Lima: Centro de Estudios y Publicaciones.
- Hall, S. (2006). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- Harvey, D. (1990). *The condition of postmodernity: An enquiry into the conditions of cultural change*. Oxford: Blackwell.
- Islam, Md. (2013). *Development, power, and the environment: Neoliberal paradox in the age of vulnerability*. New York: Taylor & Francis.
- Kilani, M. (1994). Anthropologie du développement ou développement de l'anthropologie? Quelques réflexions critiques. Em G., Rist (Ed.). *La culture, otage du développement?*, (15-29). Paris: L'Harmattan.

- Kilani, M. (1994). Du terrain au texte. Sur l'écriture de l'anthropologie. *Communications*, 58, 45-60.
- Kleinpenning, J. M. (2009). *The Mennonite Colonies in Paraguay: Origin and Development*. Berlin: Ibero-Amerikanisches Institut, Stiftung Preußischer Kulturbesitz.
- Latina, A. (2007). *Dependencia y globalización*. Bogotá: Siglo del Hombre- Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales.
- Latouche, S. (1995). *L'économie dévoilée: du budget familial aux contraintes planétaires*. Autrement. Série mutations (1989), 159.
- Latouche, S (1998). Les dangers du marché planétaire. Em L, Moreau de Bellaing (Ed.). *Illusion identitaire et histoire*, (132-134). Paris: Presses de Science po.
- Latouche, S. (2004). *Survivre au développement: De la décolonisation de l'imaginaire économique à la construction d'une société alternative*. Paris: Mille et une nuits.
- Latouche, S. (2012). *L'invention de l'économie*. Paris: Albin Michel.
- Lazăr, A. (2011). Transnational migration studies. Reframing sociological imagination and research. *Journal of comparative research in Anthropology and Sociology*, 2(02), 69-83.
- Lima, J. Á. D. (2013). Por uma Análise de Conteúdo Mais Fiável. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 47(1), 7-29.
- Lima, J., & Pacheco, J. A. (2006). *Fazer investigação: contributos para a elaboração de dissertações e teses*. Porto: Porto Editora.
- Loewen, R. (2013). *Village Among Nations: "Canadian" Mennonites in a Transnational World, 1916-2006*. Toronto: University of Toronto Press.
- Machado, C. S. (2017). Conferência, 30 agosto. Facultad de Derecho, Universidad Nacional de Asunción.
- Manzoni, M. (2017). *Vacas que vuelan escuelas que caen. Seis historias sobre la crisis del peor sistema educativo del mundo*. Asunción: Kurtural.

- Marcus, G. E. (1995). Ethnography in/of the world system: The emergence of multi-sited ethnography. *Annual review of anthropology*, 24(1), 95-117.
- Maricevich, A.(1975). “Carta Pastoral”. 4 de julho de 1975.
- Martins, C. E. (2011). *Globalização, dependência e neoliberalismo na América Latina*. São Paulo: Boitempo.
- Martins, C. E. (2015). *Globalização, dependência e neoliberalismo na América Latina*. São Paulo: Boitempo.
- Marzal, M. M. (2002). *Tierra encantada: tratado de antropología religiosa de América Latina*. Madrid: Trotta.
- Mauri, M. M., & Killinger, C. L. (2010). *Antropología social, desarrollo y cooperación internacional: introducción a los fundamentos básicos y debates actuales*. Barcelona: UOC.
- Meillassoux, C. (1972). From reproduction to production: A Marxist approach to economic anthropology. *Economy and Society*, 1(1), 93-105.
- Nash, J. (1951). Non-Cooperative Games. *Annals of Mathematics*, 54(2), 286-295.
- Nederveen, J. & Pieterse, J. N. (2000). *Global futures: shaping globalization*. London: Zed Books.
- Nederveen, J. (2010). *Development theory: Deconstructions/reconstructions*. London: Sage.
- Neufeld, A. (2008). *The Mennonite Experience in Paraguay*. Bechtel Lectures. Conrad Grebel University College.
- Ocampo, J.A. (1990). New economic thinking in Latin America. *Journal of Latin American Studies*, 22(1), 169-181.
- Oddone, H., & Guidini, J. (2013). Public policies on migration and participation of civil society in Paraguay. Em L. M. Chiarello (Ed.). *Public policies on migration and civil society in Latin America: The cases of Bolivia, Chile, Paraguay, and Peru*. (220–354). New York: Scalabrini International Migration Network.

Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación y la Agricultura & Ministerio de Agricultura y Ganadería, Paraguay. (2016). Plan Nacional para la Gestión del Riesgo de Desastres y Adaptación al Cambio Climático en el Sector Agrícola del Paraguay 2016-2022. Disponible em:

<http://extwprlegs1.fao.org/docs/pdf/par179000.pdf>

Pereira, H. (2016). Extractivismo armado en Concepción: "EPP", la fantasmal guerrilla que "lucha" por la expansión del capital internacional en suelo norteño. Asunción: Centro de Estudios Rurales Interdisciplinarios.

Pilipenko, X. (2010). Was Mennonite and Jewish emigration from Eastern Europe at the end of the nineteenth century driven by non-economic factors? Masters thesis. Universität Wien.

Polanyi, K., & MacIver, R. M. (1944). The great transformation. Boston: Beacon press.

Rahnema, M. (1991). Global poverty: A pauperizing myth. Montreal: Intercultural Institute of Montreal.

Redclift, M. R., & Springett, D. (Eds.). (2017). Routledge international handbook of sustainable development. London: Routledge.

Reed, M. C. (Ed.). (1997). Practicing anthropology in a postmodern world: lessons and insights from federal contract research. NAPA Bulletin (17). Arlington: American Anthropological Association.

Ribeiro, G. L. (2011). A antropologia da globalização. Circulação de pessoas, mercadorias e informações. Brasília: Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.

Ricardo, D. (1891). Principles of political economy and taxation. London: George Bell and Sons.

Richard, P. (1983). La raison de notre espérance. Notre théo-logie de la libération in Théologies du tiers monde-2. Spiritus Paris, 24(90), 45-54.

Riquelme, Q. (2003). Los sin tierra en Paraguay: conflictos agrarios y movimiento campesino. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales.

- Rist, G. (2019). *The history of development: From western origins to global faith*. London: Zed Books.
- Roa, A. (1997). *Chile y Estados Unidos: Sentido histórico de dos pueblos*. Santiago de Chile: Dolmen.
- Rodríguez, O. (1993). *La teoría del subdesarrollo de la CEPAL*. Bogotá: Siglo XXI.
- Rodríguez, O. (2006). *El estructuralismo latinoamericano*. Bogotá: Siglo XXI.
- Rossi, M. L. (1998). *El desarrollo de la enseñanza social de los obispos del Paraguay (1940-1993). Un compromiso progresivo con la dignidad de la persona humana*. Roma: Gregorian University Press.
- Ruby, J. (1981). *Seeing Through Pictures: The Anthropology of Photography*, *Critical Arts*, 1(4), 3-16.
- Sachs, J. D. (2015). *The age of sustainable development*. New York: Columbia University Press.
- Santos, B. D. S. (2011). *Epistemologías del sur. Utopía y praxis latinoamericana*, 16(54), 17-39.
- Schneider, S. (2003). *A pluriatividade na agricultura familiar*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Schuurman, F. J. (Ed.). (1993). *Beyond the impasse: New directions in development theory*. London: Zed books.
- SENACSA (2016). *Base de dados do Anuário Estatístico*. Disponível em: <http://documentos.senacsa.gov.py/share/s/FgIgEdSgQCiVE3NVhibVuA> .
- Souchaud, S. (2007). *Geografía de la migración brasileña en Paraguay*. Asunción: Fondo de Población de las Naciones Unidas.
- Sprandel, M. A. (2006). *Brasileiros na fronteira com o Paraguai. Estudos avançados*, 20(57), 137-156.

Tamayo, J. J. (2013). Reflexiones sobre las mujeres en las religiones y la teología feminista. Em Conferência da Escuela de Teología Feminista de la Asociación Católica por el Derecho a Decidir de El Salvador.

Tock, D. (1994). German immigration and adaptation to Latin America. Thesis. Lynchburg: Liberty University.

Troeltsch, E. (1992). The social teaching of the Christian churches. Louisville: Westminster John Knox Press.

Truman, H. S. (1949). Truman's inaugural address, January 20, 1949. Disponível em: http://www.trumanlibrary.org/whistlestop/50yr_archive/inagural20jan1949.htm (Último Acesso: 10.12.2020).

Tua, S. N., & Marzal, M. M. (Eds.). (2005). Esclavitud, economía y evangelización: las haciendas jesuitas en la América virreinal. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú.

Vellinga, M. (2018). The changing role of the state in Latin America. New York: Routledge.

Veltmeyer, H., Petras, J., & Vieux, S. (2016). Neoliberalism and Class Conflict in Latin America: A Comparative Perspective on the Political Economy of Structural Adjustment. London: Palgrave Macmillan Limited.

Vincent, S. (2012). Dimensions of development: History, community, and change in Allpachico, Peru. Toronto: University of Toronto Press.

Viola, A. (2000). Antropología del Desarrollo: teoría y estudios etnográficos en América. Barcelona: Paidós.

Wallerstein, I. (1989). The Modern World System, Vol III: The Second Great Expansion of the Capitalist World Economy 1730-1840's. San Diego: Academic Press.

Wallerstein, I. (2001). Democracy, Capitalism and Transformation, Palestra apresentada em Documenta 11. Vienna, Março 16.

Wallerstein, I. M., & Wallerstein, S. R. I. (2004). *World-systems analysis: An introduction*. Durham: Duke University Press.

Wallerstein, I. (2011). *The modern world-system I: Capitalist agriculture and the origins of the European world-economy in the sixteenth century (Vol. 1)*. Berkeley: University of California Press.

Wallerstein, I. (2011). *The modern world-system II: Mercantilism and the consolidation of the European world-economy, 1600–1750 (Vol. 2)*. Berkeley: University of California Press.

Wallerstein, I. (2011). *The modern world-system IV: Centrist liberalism triumphant, 1789–1914 (Vol. 4)*. Berkeley: University of California Press.

Wallerstein, I., Rojas, C. A., & Lemert, C. C. (2015). *Uncertain worlds: world-systems analysis in changing times*. New York: Routledge.

Weber, M (1985). *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Universidade de Brasília.

Weber, M. (1991). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, São Paulo: Pioneira.

Wolf, E. R. (1976). *Sociedades camponesas*. Rio de Janeiro: Zahar.

ANEXOS - ENTREVISTAS

SEGMENTO ARROYITO Día 1

Arro_11092017

8525

Plano abierto casa donde dispararon a Toto Lezcano

- JC - Ah! Está todavía el pozo ahí (risa). Hace un año y está todavía ahí?!...

BENJAMIN - Quería mostrarle la casa de Toto también ... a la vuelta. donde dicen que fué asesinado por sicarios ...

JC - y ese fue justamente por la ocupación de esas tierras que le dige de Santa Adelia...

8527

Moto andando en carretera

8528

Benjamín, Juan Cuevas, Madre Ángeles, Daniel y Marcelo, bosque desde donde se detonó la bomba que atacó camión del ejercito

- JUAN CUEVAS - Tres kilometros allá está el cuartel

DANIEL - Está muy cerca...

-JC - Está muy cerca realmente, tres km así dando vueltas...

...éste es el sendero, desde donde supuestamente se detonó acá la bomba.

DANIEL -A tres km y después hubo despliegue de fuerza o?

-JC -3km, este, no había fuerza casi ahí, estaban haciendo guardia en la ganadería. Los policas después nos comentaron muchas cosas.

Es que eso le había dicho yo una vez al ministro de defensa, cuando estuvimos allá en el parlamento, que no existe una tal Tarea Conjunta, que no trabajan conjuntamente, ellos trabajan...

MA -Por ahí se escaparon ellos, verdad?!

JC -Ese es el sendero desde dónde supuestamente se detonó la bomba.

MA -Y aquél montonsito?

8529

Benjamín, Juan Cuevas, Madre Ángeles, Daniel y Marcelo, plano contrapicado camino rojo ellos avanzan

-BENJAMÍN- se vendió esa tierra

MA - Y es lo que yo te decía.

JC - Allá vino el camión, desde allá.

...acá a 2km está el núcleo 6...

...la gente me comenta que parecía como si hubiera caído algo en el techo de las casas

8536

Benjamín, Juan Cuevas, Madre Ángeles, Daniel y Marcelo, plano contrapicado camino llega una moto jalando una carreta, saluda a Juan Cuevas hablan en Guaraní.

8538

Juan Cuevas, Benjamin hablando sobre modificación estatuto agrario

-JC- ...ver la forma de como trabajar, hacer todos los levantamientos con el planteamiento de que se haga esa modificación de ese artículo del estatuto agrario, vinieron ya como para trabajar, y no hicieron nada, entonces yo le dije, puede que nosotros nos ayamos sentado a hablar con el tema de como trabajar, y sale el comisario de "demanda"(?) diciendo que el EPP en una asamblea decidió...

8541

Madre Angeles, Benjamin, Marcelo, Daniel, JC, Casa donde dispararon a Toto Lezcano

8542

Madre Angeles, Benjamin, Marcelo, Daniel, JC, Casa donde dispararon a Toto Lezcano

BENJAMIN - La moto vino...

MA - Supuestamente qué grupo lo hizo ACA, o...

JC - ...no, no, no, en esa época se hablaba del EPP, nadie sabía quién era, verdad?! no había acción de nada todavía

MARCELO - Eso fue en el 2013

JC- 2013 si, y vinieron acá en la moto y se fueron para allá, dos personas y con la metralleta, 50 tiros, nosotros le encontramos más de 30 impactos, este se ve cuando le... porque con la moto

le encandilaron, verdad? Y puso así su brazo, porque este estaba así (gesto de impactos a lo largo del brazo izquierdo) totalmente, y toda esta parte (continúa el gesto de impactos sobre el pecho y abdomen). Y alguno traspasó su humanidad digamos, y rompe la madera del sillón, quemaron el sillón porque quedó la sangre.

Marcelo - Y hubo una investigación sobre...

JC -Nada, una hoja hicieron en el expediente, la carpeta de Toto Lezcano tiene una hoja.

Que se hizo manuscrita de la fiscalía, escribiendo todo mal, y así está.

BENJAMÍN -diciendo que era un ajuste de cuentas entre los miembros,

JC -que en Arroyito eso es normal.

BENJAMÍN -Y Antonio Gamarra también dijo eso

JC -que seguramente el falló con el grupo y que el grupo le...

BENJAMÍN - Y la policía está aquí a 2 kilómetros y no...

8543

Madre Angeles, Benjamin, Marcelo, Daniel, JC, Hermano de Toto, Mamá Toto, casa donde dispararon a Toto Lezcano. Muestran retratos y fotografías de Toto. Final madre bajo el árbol esperando.

JC- El trabajando en su chacra

MA- ese es el señor.

MA- El tenía hijos?

JC - 4

MA -y dónde están ahora?

JC -En el núcleo 5, son los hijos de mi hermana Nancy.

JD -Y la familia de él, bueno su hermana y sus sobrinos

BENJAMÍN -el es su hermano

JD -Si ya igual nos habíamos presentado. A usted le han dicho algo, lo han amenazado?

- Nada, no

JC -Estaba con el tema de la lucha por la tierra, acá a 1 km, la ocupación de tierra

JD -La que nos había hablado ahorita que estábamos allí...

JC -Si, de Santa Adelía

-Ella es la mamá

JD -La mamá ok, toda la familia sigue aquí?

-Sí

JC -Nosotros creemos que fue por ese lado. Y había mucho abijeo, y que a él lo sindicaban como el jefe de los abijeos, para matarle a alguien pues le das muchos pecados digamos, no?, para que tenga derecho a morir.

JD -pero ninguno más de la familia estuvo en la ocupación por ejemplo? O estuvo usted en la ocupación con el?

JC -No. El era más dirigente, líder, de los ocupantes, entonces le tenían también como que era el jefe de los abijeos.

BENJAMIN -Toto tiene una famosa frase cuando la ocupación, Uno de los militares le dijo que este terreno no era apto para la agricultura, y entonces Toto le respondió, si no sirve para la agricultura va a servir para cementerio, por que de acá solamente muertos van a sacarnos.

JC -Y sí, así al Coronel Ocampo.

BENJAMÍN -al general Ocampo.

JC - Al coronel en esa época.

BENJAMÍN -Sí no sirve para la agricultura dice, va a servir para cementerio...

MA -Y dónde lo enterraron a él

JC -ACÁ A LA vuelta no más, acá a la vuelta está en el cementerio de la comunidad.

Me acuerdo yo cuando el velatorio de él acá de su cuerpo, vinieron cantidad de policias todo al rededor, para ver si de repente no estaban los del EPP

BENJAMIN -Alla debajo del arbol el padre Pablito rezo la misa, y estabamos ahí y venían ahí camionetas cerradas pasando despasito.

JC -Y uno de ellos se tuvo que correr, la gente salió, porque vinieron a quedarse allá, porque allá hay otro camino y vienen a quedarse allí en camionetas, entonces la gente salió a ver quién eran.

BENJAMÍN -Posiblemente eran enviados de Antonio Gamarra.

JC -Sí, sí, sí. Y el policia que estubo mucho tiempo acá era uno de los emisarios de Martin Martinez, o sea el emisario de Gamarra, manejaba mucho tema de Gamarra

BENJAMÍN -A mi, un policia una vez me había dicho -que trabajaba con ellos- que Gamarra recibía personalmente, por ejemplo, la plata de los secuestros.

Antonio Gamarra.

El policia me dijo, yo se bien dice, se cobraba 500.000 us\$ y 250.000 us\$ quedaban para Gamarra

JD -De qué secuestros estamos hablando, como el de Sabala,

JD -Sabala sí.

BENJAMÍN -El otro también al que le quitaron

JC -Linstrom (Menonita)

BENJAMIN -Alan Fix (Menonita), al papá de Alam le sacaron mucha plata.

Si, Alam Fix.

JD -Pero con el de Sabala por ejemplo, no se supone que habían hecho este operativo que pasó una avioneta...

BENJAMÍN - Si, eso si. Eso estubo hace poco relatando Fidel cómo fue y todo eso, qen la Televisión

JD -Si y creo que de hecho el EPP grabó un video de cómo recogían el dinero

...

Fuera de chiste muestran mucho lo que hacen para ser un grupo que debería cuidarse, es una opinión...

8544

Madre Angeles, Benjamin, Marcelo, Daniel, JC, Hermano de Toto, Mamá Toto, casa donde dispararon a Toto Lezcano. Muestran retratos y fotografías de Toto
BENJAMÍN -La cárcel Cebego (?) Es una cárcel famosa, medio legendaria, pero era la cárcel del tiempo de la dictadura de Francia, en la época de Francia que era un lugar inhóspito. Nadie salía de ahí sano, salía loco, era un confinamiento, eso era el Tebego.
Y ellos muestran en el video eso y cómo van (el EPP?) a mostrar eso? Yo que ando por el monté voy a saber dónde es. O sea qué es una estupidez.

JC -No hay elocuencia.

JD -Pregunta, podemos sentar, charlar de pronto más tranquilos...

8545

Madre Angeles, Benjamin, Marcelo, Daniel, JC, Hermano de Toto, Mamá Toto, casa donde dispararon a Toto Lezcano. Sentados a la sombra del árbol. Entrevista sobre la toma de tierras y la historia de Toto con JC y la madre de Toto.
BENJAMÍN -...no, se quemó esa (la silla donde estaba Lezcano cuando le dispararon). Quemaron ellos, porque olía mucho la sangre dice, entonces quemaron, por que la sangre ya no sale de la madera. Pero es igualito aquel...

MA -Y usted con quién vive ahora?

...

JC -Van a decir qué es lo que tiene en esa mochila?

MA -Yo? Yo no sé qué es, no me preocupa, sus cuadernos...

JC -Ropa, sucia

MA -Ah la ropa sucia?

JD -Una de las cosas que quisiera preguntarles, que quisiera saber un poco, es como son las cosas acá en terminos de la propiedad de la tierra, que es lo que hemos hablado un poco, y finalmente lo que pudo haber, según me dicen, ocasionado la muerte, que haya sido el movil de Benjamín (Toto?). Entonces acá en esta parte de Arroyito cómo funciona la tierra, porqué se hizo esa ocupacion, cómo es la historia de esa ocupación, cómo para tener ese antecedente y saber.

JC -Los antecedentes de la ocupación del Santa Adelfía? No de estas tierras?

MA -De todo

JD -Sí, pues entiendo que acá ya la tierra es de ustedes, así se la tenga que pagar al estado, la tierra es de ustedes. Esa ocupación de Santa Adelia porqué se dio?

Y qué papel jugaba ahí Benjamín (Toto?)

JC -Esa ocupación se debió a que ya habßían muchos jovenes, ya mayores de edad digamos, que eran sin tierra, sus papás tienen tierras pero ya los jovenes no, entonces acá estamos rodeados de miles de hectareas, Santa Adelia 100.000 Hectareas, la Estancia Guaraní no sé cuantas-1000 hectareas, acá el Pontí 10.000 hectareas, Santana 10.000 Hectáreas ... o sea, estamos rodeados de ganadería, de extensiones de miles de hectareas, entonces se optó por estas tierras, entonces Toto encabezó esa formación de jóvenes para ocupar las tierras, y se prepararon bien, y a esa preparación se le llamo el entrenamiento como base del EPP.

Ese fue el argumento que hubo.

8547

Madre Angeles, Benjamin, Marcelo, Daniel, JC, Hermano de Toto, Mamá Toto, casa donde dispararon a Toto Lezcano. Sentados a la sombra del árbol. Entrevista sobre la toma de tierras y la historia de Toto con JC y la madre de Toto.

JC -...Se dispersaron, 90 se fueron presos, eran 270 jovenes

JD -o

k y el resto

JC -y ya se dispersaron de vuelta, porque eran no solamente de aca sino de la zona de Arroyito, eran de la parte de la ruta asfaltada, toda esa zona

Ben -de comunidades tradiocionales que venian a formar con el deseo de tener la tierra ... fundar

JC ...comunidades antiguas, los jovenes de las comunidades antiguas

MA -el hermano de Arminda, yo recuerdo, la Arminda ... que el militar le puso el pie sobre su cabeza y le dijo, vos querés tierra, comé tierra, aquí tenez, y le hicieron acostar

JC -sí, ese fue ya para la ocupación del Arroyito sí, de nuestro Arroyito

Y acá era como extensión, pensando en extender la comunidad porque este iría casi saliendo a la ruta 3 que va de lby Yabú hasta 2 kms de la ruta, hasta ahí llega la propiedad, Entonces era extensión de la comunidad, del asentamiento.

JD -Esos jovenes, los que no quedaron detenidos y que regresaron a sus comunidades no han temido que ustedes sepan de pronto problemas de haber sido estigmatizados, señalados, que sean vistos como no sé que hayan tenido problemas posteriores por eso...

Jc -Si quedaron bastante relegados porque ellos tenían la comision 22 de Septiembre, era el nombre de ellos, 22 de septiembre, porque un 22, el día de la juventud, ellos iniciaron esa, entonces, bueno, es la comisión sin tierra 22 de diciembre, esa era la comisión y tuvieron comisión legalmente constituida, hacían la gestión ante las instancias estatales. Incluso se llegó a tener, ya el dueño presentó su carta de oferta al estado para vender sus tierras, hasta ese punto se llegó, y luego vino la desazón, no sabemos porque

JD -Cuánto tiempo pasó entre que se acabó toda esta posibilidad de comprar las tierras, esta negociación y que pasara el asesinato de Benjamín?

JC -ya , en el 2009 fue el atropello y la garroteada, el apresamiento masivo, y conste que no estaban dentro de la propiedad, estábamos afuera, estábamos hacia este lado, la cuál igual les atropello, le apaleo, les llevó presos. 90 Presos.

y eso fue en Junio del 2009.

Pero el 22 de septiembre, no se desintegró digamos, no fue al olvido, sino siempre ellos llegaron a coordinar con otras organizaciones de la zona, organizaciones campesinas, ellos seguían coordinando como esa comisión,

Benjamin -y 4 años después le mataron a él,

Jc -si si si, 4 años después

JD -Cuando ustedes ven que comienzan a vincularlos con este tema del EPP, quién comienza a vincularlos que reacción tiene en la comunidad en los vecinos, qué reacción hubo acá, cuando se presentó ese absurdo por que si no tenía nada que ver, no tenía nada que ver. La comunidad dijo algo, se quejó, fue, cuál fue la respuesta?, respondió a esa acusación, o los mismos jóvenes que estuvieron con ellos?

JC -Si claro, ellos hicieron de todo, y se pusieron más bravos digamoslo en ese sentido, ellos por una necesidad estén luchando por emplear sus tierras y que se les vincule...

pero si la vinculación vino por el lado de..., hubo personas que les capacitaron en esa tenencia y en la forma de tenencia de tierra, porque ellos tenían todo planificado como iba a ser esa colonia, y siempre más o menos este modelo original digamos de Arroyito, pero más ya un modelo más urbano y las tierras que serán trabajadas a su alrededor, y en un modelo cooperativo, que eso se convertiría en una gran cooperativa, y no sé, de repente todo eso jugó a que no fuera una colonia

Sí por que la misma fiscalía, cuando viene y le encara a los jóvenes, eran estudiantes, la mayoría estudiantes universitarios, de aquí se iban a Horqueta, ellos estando en la ocupación se iban en

la noche a Horqueta a estudiar y le encara a la fiscal le argumenta su lucha, y la fiscal le dice, le dió su razón, incluso llegó a decir -nunca me he encontrado con un grupo de jóvenes tan bien formados, y que tenga los argumentos tan claros de lo que quieren, o sea la misma fiscal que luego vino a aprezarles, le dijo eso. Al principio. Pero cuando ya hay un mote,

MA -un estigma es difícil de quitar.

JC -Si, si, estigma.

benjamín -un poco sobre la cuestión ahí de Toto y la vinculación con la gente del EPP, siempre hubo esa parte de los organismos de estado, de que ellos son los soportes del EPP, el famoso apoyo logístico...

y sobre todo se tuvo miedo con la muerte de Toto, bueno, le mataron a Toto por ser miembro del EPP, incluso el comisario Gamarra dice que habrá fallado, entonces la misma gente del EPP le mataron, eso él declaró públicamente y la otra fiscal dijo „... no, esto sucede cotidiano en Arroyito, siempre suceden estas cosas“ Qué conste que nunca hubo asesinato. Bueno ellos los dirigentes ahí dijeron, qué vamos a hacer, vamos a callarnos? Y nos llamaron a nosotros al padre Pablito, y que vamos a hacer? Vamos a ir a lo de Toto, venimos acá, vino la prensa, ellos vinieron y comenzó una reacción positiva en ese sentido de no identificarnos con el EPP

JD -Qué prensa vino? ABC, Última Hora, fue prensa grande o?

Benjamin -Prensa local, pero como ellos son corresponsales también.

JC -telefuturo, en ese caso Última Hora,

Benjamin - Ellos abiertamente se opusieron...

8553

BENJAMÍN-...de la comunidad frente a esta matanza al asesinato de Toto
y sobre todo querer vincularles a ellos con el EPP

JD- por eso iba un poco mi pregunta de la reacción de la gente frente a esa vinculación cómo reaccionaba

BENJAMIN - la reacción que ellos hicieron después...

siempre esta latente la extensión sojera de que esto desaparezca y que se plante soja, y eso es justamente lo que dijeron.

Y resistieron y siguen resistiendo.

...porque nosotros reivindicamos el modelo de la agricultura familiar y campesina.

JD - hablemos un poco eso, para poder comprender el contexto en el que se está dando todo esto, cuál es el desarrollo que ustedes quieren, en qué consiste el modelo...

8554

JC - un modelo, digamos de producción extensiva, nosotros llamamos un modelo de producción extensiva, el nuestro es agricultura, porque ahí entra a jugar muchas cosas, la vida, por lo tanto hay que preservarla, y la vida no es solo lo mio, es también la naturaleza, porque es lo que nos da vida, es el oxígeno que nos da vida, está en la naturaleza.

Entonces la interpretación de estos fenómenos naturales que vienen, porqué? Por la destrucción del medio ambiente, o sea esta es nuestra lectura. Nuestra lectura es parecido a lo que el EPP proclama, entonces por ahí está la vinculación nuestra al EPP desde los órganos estatales...

BENJAMIN - que casi utilizan nuestro mismo lenguaje.
Y por eso decía un obispo que ya murio, „no porque ellos digan vamos a callarnos“

JC - Si por que nosotros dijimos eso primero.
Con el monsenor Maricevich, porque todos estos toto y compania, otros dirigentes que aún existen, fueron formados en la epoca de Monsenor Maricevich, en su programa Promocion Humana,
aca la hermana sabe bien eso

H. Angeles - ...ya les explicaba lo de los famosos yepagra(?)

JC - Yepagra, toto fue uno de los primeros que fue a yepagra. Marciano fue de Yepaga.

H. Angeles - ...que se les formó a ellos para que sean lideres multiplicativos que hagan autosustento en la comunidad con vinculos positivos con la tierra, con la ecología y con ellos, por qu econ la extension comercial que se tiene, yo siempre hago ese analisis a las personas, mira, las mismas tieraras que hace 25 producian alimentos para alimentar a los hombres, las familias y los animales que ellos tienen aqui ahora con la extensión grande monocultiva, esas mismas tierras producen alimentos, granos para alimentar las mascotas de los hombre solitarios de Europa, o de EEUU o de Espana, de donde sea, producen Soja, producen trigo, o avena o lo que sea, pero eso se vende,

y quien se enriquece con eso? los intermediarios que hay, el gobierno, y el gobierno no le interesa que ese sistema que ellos implementan (agricultura campesina), se haga, por que ellos (el gobierno) van a perder todas las ganancias que obtienen.

Facil es de entender.

JD - yo quisiera como para tener claro también sobre este modelo, y para saber un poco más del lugar, qué es lo que cultivan ustedes usualmente? Cómo es su modo de sustento, si hay excedente, cómo lo venden, cómo esta funcionando la economía de Arroyito,

JC - Aunque hayamos pensado, sigamos pensando de esa manera, no nos escapamos de las fauces del león, estamos a expensas de los intermediarios, y vienen y llevan nuestro productos sin el precio que se merece que se pague por ese producto, por que fue justamente lo que mas fortalecio el programa de la época de Maricevich, eso es el autosostenimiento, que llamaba autoconsumo, yo trabajo, yo produzco mi comida, y de lo que me sobra, el excedente vendo.

Y otro producto, que sí siempre hubo, y hasta ahora, es el tartago, ese si producto de renta del departamento de concepción, y eso más se fortaleció en Arroyito, de acá se sacaron miles y miles de de Kilos de Tartago, que llevan los intermediarios.

Nunca se llegó, por que también eso fue el ideal, tener una especie de cooperativa y una venta en forma conjunta.

es a lo que nunca se llegó, porque te viene el intermedario acá, te bombardea acá (mostrando con los brazos como si lo acorralaran)

H. Angeles -siempre tienen contratiempos, o sea no pueden avanzar, en ese proceso hasta verlo si no terminado, verlo en su resultado máximo verdad,

que es tener la familia, hacerle crecer, hacerle formar, hacer que amen su tierra y su cultura de aquí, que no emigren hacia aquello que le contaba al inicio, me entiende?

y que sean felices y estén bien.

Y yo siempre digo, tienen que tener las mismas comodidades y posibilidades que se tienen en la ciudad, pero aquí, sobre su tierra.

JD - Hablando de eso, qué hay, y que no hay en Arroyito, cómo están los colegios, qué es lo que falta, cómo está la salud, cómo están las cosas necesaria para vivir?

JC - hasta ahora seguimos supliendo al estado en esas instituciones, porque somos nosotros quienes gestionamos la apertura de una escuela que a veces con maestros sin rubro, que gestionamos la apertura de un puesto de salud, con funcionarios sin salario...

H. Angeles - o que mandan a estudiar, a formarse con apoyo de la comunidad.

JC - ...pagando la comunidad para que alguien pueda estudiar, supliendo lo que el estado debería haber estado haciendo, no?

Y seguimos con eso, aún no (con tono de desilusión).

JD - Y cómo lo logran gestionar? cómo funciona esto?, ustedes estan organizados en algunas...

JC - Y si, las comisiones, a travez de las comisiones, comision de educacion,, comicion de salud, comision de iglesia, comisiones habidas y por haber, no?

BENJAMIN - eso es un poco lo que hace la diferencia, lo que yo le conté, la resistencia ante la extensión sojera, la resistencia a la propaganda de vinculación que hace el gobierno con el grupo del EPP

y por eso hace diferencia, por ejemplo, mañana ustedes van a visitar Kuruzu de Hierro con el padre Pablito, y ahí hay diferencia,

tienen también, pero es mucho más debil la organización de base, pero en cambio, ellos, su organización de base es fuerte, y se van fortificando incluso con estos hechos violentos que suceden,

porque ellos reaccionan, después de por ejemplo del ataque de una vez en Arroyito, en que mataron a 4 o 5 miembros estos adolescentes del grupo ACA, ellos inmediatamente se reunieron más de 300 personas en este asentamiento 3. Al día siguiente, proque ellos reacionan, PORQUE si ellos se cayan, ellos dicen, bueno, si nosotros nos callamos ahí van a vincularnos más. Entonces tenemos que reaccionar.

Entonces esa organizacion de base que ellos tienen es lo que les mantiene, incluso les sirve para el desarrollo, tanto social cultural y en la defensa de su sistema de agricultura familiar

JD - en ese sentido esas organizaciones y...

8555

JC - ...eso fue los inicios de Arroyito,

En esa época en la década del 90 fácilmente encontrás 100 personas reuniendose en un núcleo, porque en esa época era la máxima autoridad de esa comunidad, es la asamblea, no había policia,

la que determinaba las sanciones era la asamblea, era muy parcedio a la asamblea indigena,

pero esa era la que determinaba si alguien falla, y que habría que incluso expulsar de la comunidad, eso determinaba la asamblea...

H. Angeles - En la iglesia también era así

JC - ...se tenía un miedo, un temor de la asamblea, a que mi casa no se toque en la asamblea, entonces habría que solucionar antes que llegue a la asamblea, porque es la que dictaminaba ahí

y eso, nosotros llamamos ataque o invasión desde los órganos o digamos instituciones estatales, de las tierras, y ver el ministerio de educación viene y van dividiendo de a poco, y no disperso a todos hasta ahora una buena cantidad de esa gente sigue manteniéndose en esa...

y cuando hay un problema, se llama a una asamblea comunitaria hasta ahora, y me acuerdo cuando allí en la otra calle, 600 mts de acá, un muchacho este Ojeda, cuando fue masacrado, acribillado en su propia casa una mañana, acá se reunieron 100 personas ahí, en la vuelta, en la iglesia, para tocar ese tema, porque la comunidad estaba siendo estigmatizada, porque un miembro del ACA supuestamente ahí, y era miembro incluso de la comisión escolar el que fue acribillado, entonces la gente ahí, expresa su malestar y se le invita a la autoridad que muchas veces no quieren venir.

JD - Alguna vez han venido?

JC- Algunas veces sí, pero para salir corriendo.

BENJAMÍN- Al respecto de la conversación con los militares, nosotros creamos un tiempo con ellos, un encuentro permanente con el Comandante de la FTC, con el general comandante y sus asesores cercanos, le pedimos a través de la pastoral social un encuentro con ellos e hicimos 4 encuentros creo, con 4 comandantes diferentes con la presencia del obispo, del padre pablito, conmigo o sea con el equipo de pastoral social y los principales dirigentes, para decirles lo que usted dijo, nosotros no somos del EPP, no nos consideren a nosotros miembros.

JC - ...y ese equipo surgió justamente después del asesinato de Toto, en el núcleo 3 allá donde yo estaba.

BENJAMÍN - Y uno de los generales incluso pidió perdón a la gente.

JC - Por que esa cancha alli donde estaban jugando los chicos, esa cancha fue atropellada, una tarde, un domingo donde había un campeonato de futbol allí por el comandante de la fuerza conjunta, porque alguien le informó que un miembro del EPP Estaba ahí

BENJAMÍN - Un piragué (?)

JC - ...y ese equipo surgio despueas de la muerte de Toto, bueno, que hacemos acá, dejamos que nos maten a todos, o salimos a enfrentarle así de frente, y a hablar, a esclarecer lo que somos.

Y ahi se llamaron de todo el departamento incluso, y se conformo la coordinadora departamental de organizaciones campesinas.

JD - y ese espacio sigue vigente?

JC - Ese espacio sigue vigente.

BENJAMIN - el ultimo comandante no quiso hablar, yo era el vínculo con ellos, yo lo llamaba al general le decía, en nombre del obispo, queremos hablar con usted, hablamos con el General Gonzales, despues del atropello de la cancha como dice Juan, y el incluso pidió disculpas a ellos, diciendo, yo me equivoqué, y por qué me equivoqué? a causa de los informantes, los famosos Pirague que le decian que eran los...

H. Angeles - Pirague es una palabra guaraní (literalmente „pelos en los pies“ „pies de pelo“ „espía“), el que va a llevar noticias, informante.

BENJAMIN - ...Y con el segundo comandante, con el General Benitez sucedio algo, es interesante también, nos reunimos en Horqutea, en la parroquia

Una hora antes de la reunion El general me llama y me dice yo me voy con mis guardías, seguramente ustedes no se mueven sin sus guardias general, nosotros no podemos impedirle, venga no más, y a la 1 comenzo la reunión y coparon la casa...

JC - Asaltaron la casa

BENJAMIN - ...con su equipo pasamontanhas, ahí arriba por sobre los techos y vinieron los periodistas, quisieron entrar y no les permitieron,

y enseguida por los medios dice,
el obispo con el bicario y la parroquia estan sitiados y de rehenes, ayanados por la Fuerza de
Tarea Conjunta.

Y después nos reunimos con el general Martín Cáceres, eso fue en Yby Yabu
después hubo un atropello en una comunidad de Kuruzu de Hierro y quisimos reunirnos ahora
ultimamente, y el general este, ya me dijo que no tienen permiso para reunirse con nosotros

JC - Si porque cada reunion, ellos salen mal parados

JD- qué les dicen, solo le hechan la culpa a los soplones?

JC -Lo primero que nos pide es que seamos sus informantes.

H. Angeles - Que te parece

JC - Si así, el general Benitez fue el que nos propuso eso.

H. Angeles - Eso es prostituirse.

JD - Y después de ese ofrecimiento qué más viene?

JC - no nos ofrecieron plata, eso si, pero siempre nos piden nuestra „cooperación“.
Pero el debate siempre es fuerte, y más fuerte fue justo esa vez que nos asaltaron, porque fue
un asalto, un asalto tipo comando, poruqe en las ventanas quedaron dos tipos apuntandonos,
nosotros estabamos dentro...

H. Angeles - En dónde

JC - Eso fue en la parroquia.

H. ANGELES - De Horqueta?

JC - Sí, nosotros ya estabamos dentro, el obispo aún no había llegado.

BENJAMÍN -

...y vino el fiscal Joel Casal,
porque nosotros le sitamos, porque esa semana se había publicado por la prensa que la Pastoral
Social eramos los instructores y entrenadores de los futuros guerrilleros.

Que le adoctrinabamos, y entonces nosotros les dijimos si los adoctrinamos pero le damos la doctrina social de la iglesia.

Incluso, el gobernador llegó a decirle que la escuela agrícola, que ahí se adoctrinaba

H. Angeles - El gobernador nuestro?

JC - Sí.

Benjamín - Y con ellos nos reunimos también en Horqueta, y el Fiscal Casal dice, no yo no dije eso, y el gobernador dice yo no dije eso, solamente la prensa.

JD - Listo esa es su relación con las fuerzas de tarea conjunta y con las instituciones, pero hablando... obviamente esta pregunta es delicada y ustedes sabrán si no la quieren contestar, lo acepto.

Ha habido relación, acá ustedes les han dicho a los del EPP a ustedes no los queremos acá, ha habido alguna postura de la comunidad para resistir ante esa otra amenaza que tienen?

JC - De frente digamos que no, porque nunca nos han venido así de frente, que hablemos. Y tampoco que nosotros no queremos aventurarnos „bueno vayanse de acá“ pero quienes?!

Dónde están y quiénes?

Nosotros queremos, ese es nuestro estilo, así de decir de frente...

A mi incluso me miraba cuando le decía al General Benitez, yo le hablé de Hamlet, yo le dije bueno ustedes los militares a veces leen novelas.

Así le dije,

y a Hamlet,

el chico al que su padre se le mató, que escribió Shakespeare.

Y el dirigente social, y el dirigente campesino está en el dilema de Hamlet, yo le dije, o tomo la mochila de la injusticia a esta pobreza, y llevo en mi mochila y sufro eso, o agarro un fusil y le meto bala a todo el mundo.

Ese fue el dilema, ese fue el dilema de Hamlet.

Eso yo le dije al viceministro allá,

en el parlamento le dije eso.

Y después cuando terminó la reunión en el parlamento me viene y me dice el general.

Tengo que leer más para no verme en aprieto en estas cosas

BENJAMÍN - Audiencia pública fue?

JC - Audiencia pública en el parlamento, y yo le dije eso, y eso le dije al general Benitez,

la mochila es más pesada que el fusil si voy a asumir la causa de los pobres, es mucho más pesada.

BENJAMÍN - ...Juan dice, aparentemente a nosotros podría ser más fácil irnos con el EPP, le dijo eso, es más pesado...

JC - ...claro, ante tanta injusticia, eso yo le dije, o tomo la mochila de la injusticia cometida a la gente, o tomo el fusil y le meto bala, y ese es más fácil, incluso es más cercano, si porque yo estoy viviendo inmerso en esa injusticia.

BENJAMÍN - Respecto a la pregunta de Daniel, esa misma pregunta nos hacen a nosotros los periodistas por radio, recuerdo que les hizo a Marciano una vez y a Juan. Porque ustedes hacen sus comunicados contra las acciones de la Fuerza de Tarea Conjunta.

JC - Y no contra el EPP

BENJAMÍN - Porqué ustedes condenas sus acciones y nunca condenan a la gente del EPP. Y recuerdo que marciano, le respondo, yo también le dije a la radio, nosotros no le conocemos a ellos.

Además si hacemos comunicados contra gente que se consideran terroristas, que fruto va a tener?

Y Marciano le dicen, nosotros no podemos hacer porque no le conocemos, en Guaraní le dijo, si le conociéramos y nos sentáramos uno frente al otro, le vamos a decir también, Pero a ellos no les conozco por que le dicen „Gente de Monte“

JD - Porque la pregunta ahí también va, Ustedes se ven afectados por la presencia de este grupo. Afectados, la militarización, fuera de la estigmatización hay alguna afectación directa acá en Arroyito que sea identificable, esto pudo haber sido no la FTC sino pudo haber sido el EPP o algún otro grupo armado...

8556

JC - Mamá porque los tanques salen a recorrer las calles si no estamos en guerra? (sobre lo que decía un niño de la población sobre la militarización de la zona)

esas son preguntas terribles, 7 años.

Eso si juega, pero ahora ya están acostumbrados, y esos fueron los primeros militares, los primeros grupos que vinieron a recorrer, que nadie les tenía miedo.

Entonces eso ellos quedan impactados,
hasta los niños le preguntan cosas.
Acá no hay nada, entonces los primeros que vinieron, eran más cuerdos seguramente,
y decían: „pero acá no hay nada“,
porque donde hay cosas, la gente se esconde,
se meten, no se dejan ver,
pero acá todo el mundo mira, sale.
Entonces después vinieron los helicópteros, bueno eso perjudico porque, algunas vacas, están
atadas, se asustan, algunos se golpean, se tuvo que matar,
eso fue.

BENJAMÍN - Y las consecuencias, Juan, de la familia apresada y condenada, por el tipo Damián,
eso sí terrible porque ahí ya entra a tallar la acción de la Fiscalía, porque la Tarea Conjunta es
increíblemente porqué le mete a la fiscalía también como miembro...

JC - La esposa de Alberto, un docente ahí de la escuela agrícola está en la cárcel de Concepción,
más de un año, la esposa, y una criatura que quedó con su papá,
porque supuestamente tienen una foto que le implica haber estado reunido en un bosque con
el grupo armado, y nunca apareció tal foto.

JD - Cuales son los argumentos más corrientes con los que vinculan a miembros de la
comunidad de Arroyito con el EPP? Fotos he escuchado muchas veces...

JC - Sí fotos,

JD- ...pero además de fotos hay algo más? ha habido algún documento, algún caso que la
misma comunidad se haya dicho, bueno reflexionemos sobre esto por que ya no es...

JC -Bueno, lo que estás haciendo (risas)
Manuscritos, agendas, un muchacho del grupo tres lo llevaron preso,
porque en la época del 90 que estuvieron por acá
Juan Arron, este otro Matinez que murió en la cárcel,
y mucha gente pasaron por acá, si llegamos a enumerar,
porque siempre Arroyito llamó la atención,
y seguramente pasaron todos por acá, los que bueno, tenían en su mente guerrilla y compagina,
pero no encontraron acá guerrilla,
ese es el tema,

pero la gente deja, bueno, que paso acá, fulano, una agenda de hace 10 años atrás, por eso les llevan preso, porque tenía ahí el logo que le dejó su calcomanía Patria Libre a esos sí le bajamos, porque eso es cercenar el pensamiento.
Entonces nosotros le caemos así duro con el tema...
Y dónde está la democracia entonces?
Eso es dictadura. Ah eso no quieren entonces.
Entonces yo incluso le desafié al general Benitez,
bueno si quieres irte a casa (de JC) vas a encontrar muchos libros, porque yo leo, y si esos libros...

8557

JC - ...estuvimos a punto, si la dictadura iba 3 meses más, íbamos a ser masacrados ya estábamos en la lista negra, de la dictadura...
iba a ser bombardeada la catedral...

H. Angeles - ...tomado preso el obispo -

JC - si, y bombardeado saladillo, porque era la cuna de los comunistas, y Arroyito, el estigma de Arroyito cuando se ocupó esto, que estos ocupantes eran comunistas.
Si, por acá pasaron, los primeros tiempos de Arroyito, muchos gringos pasaron por acá, buscando...

H. Angeles - Gringo es extranjero

JD - Sí

JC - Los rubios de ojos azules son

JD - Igual nos pasa en Colombia que le decimos gringo a todo el de afuera...

JC - O los Yankees o no sé, esos rubios altos, muchos pasaron acá, a investigar lo que es Arroyito. Porque salir de la dictadura y al día siguiente pensar un modelo totalmente diferente, es ser comunista, o sea, ese es el estigma, y hasta ahora se sigue, bueno ahora se pasó, ahora ya comunista nada, primero comunista, luego nos quisieron tildar de marihuaneros-narcotraficante, y ahora EPP

BENJAMÍN - Pero también utilizaron, este el ingeniero Hugo, que estuvo acá con Concoder(?)

JC -ah si si

BENJAMIN - ...Cuando se entró acá y vinieron la gente oficialmente, militares, el General Rodriguez el primer presidente después de la dictadura, formó lo que se llamo Concorder como un organismo oficial que vino acá a vivir con ellos y ayudarles...

JC - Consejo de Desarrollo Rural.

BENJAMIN - ...a darles asentamiento y él llevó a un foro de Panamá el modelo de tenencia que ellos idearon, o sea, tenencia mixta, individual-colectiva, y él, yo recuerdo, porque yo estuve en un foro en Asuncion, y él tenía eso y llevó como ponencia a Panamá el modelo de tenencia de la tierra, o sea vinieron a actuar y también se sirvieron de lo que ellos habían ideado.

JD - Y el estigma se ha ido superando al menos el de comunistas, porque no puede ser que a estas alturas siga...

BENJAMIN - No, ahora ya no es más con esa, pero ahora es con el EPP

JC - Después de estos secuestros y compagina, pues salió a decir un ganadero chileno „matemos a todos estos comunistas“, esa fue la expresión en televisión.

BENJAMIN - Y el general colombiano que vino: „Nosotros llegamos a diálogos con las FARC pero después de haberlos masacrado, dice.

Con esta gente no se dialoga, dice el general, no sé si viste, hay que matarles a todos, con bala hay que reducirles.

JC - Se combate con bala...

JD - Lastima que sean esos los que vengan a hablar acá pero... esos son los más representativos...

Me llama la atención, que otra de las cosas con lo que los estigmatizan a ustedes es con lo de narcotráfico con lo de la marihuana.

Entiendo yo, no conozco mucho, primero eso sucede, hay cultivos de marihuana pero mas hacia San Pedro. Aquí en Arroyito... no les voy a poner a decir, pero ha habido alguna vez presencia de gente plantando algo?

JC - Ha habido, sí, fue en el 96.

JD - Y como superaron pasar de ese cultivo a otro,

JC - Hicieron, acá se conformó una, ya que para sostenernos no había forma de cómo sostener ese modelo de tenencia, se conformó una asociación comunitaria...

...y justamente era para sostener, un poco esa idea, ese pensamientos que se había traído, y por ese lado fue el tema de...

...porque esta organizacion...

...entonces desde fuera habría...

...desintegrar para que no estemos a expensas de las fauces...

8558

JC -cómo es que le llaman a eso, operación en cubierta, supuestamente, uno que estuvo en el Guairá, Villa Rica, y estaba en Pedro Juan y vino a hacer acá la operación en cubierta, y fue descubierto, y se mataron entre ellos...

8563

JC -...nosotros sí, eso como que lo hacimilamos más, lo aguantamos más, en ese sentido de que siempre la gente se reúne y se defiende, y se defiende en asamblea.

JD - La pregunta va a hacer, la verdad no es agradable, me causa a mi algo de escosor hacerla, pero a parte de BENJAMÍN Lezcano, cuantos lideres ha perdido arroyito en este proceso de la militarizacion?

JC - Una pregunta bastante difícil de responder. si si, porque incluso ha habido así expresión cuando a Benjamín lo mataron, dice: acá termina Arroyito!
Pero nosotros dijimos es incluso gritamos esa vez de su muerte, que la lucha continua y que Toto vive.

Eso gritamos, toda la gente que estuvo ahí presente,
uno gritaba eso, no?
Toto vive, la lucha sigue, sigue.
Y eso lo gritamos llorando.
Y eso sí,
de que dirigente así marcado digamos que se nos ha llevado al otro sistema digamos,
bueno no tan así,
algunos sí, se han ido,
como no sé, de repente cansados,
pero sí, se han ido.

JD - La juventud retoma eso?

JC - No mucho.
No mucho. porque justamente se estigmatizó a la Escuela Agrícola,
viene a ser un poco el semillero de esas ideas, esos pensamientos,
porque incluso en los inicios de Arroyito se penso incluso
bueno, nosotros acá buscamos una comunidad diferente, por lo tanto, debe haber una
educación diferente para ese tipo de hombre diferente que sonamos y por el que peleamos,
entonces pensamos incluso nuestra escuela.
Y eso fué lo más grave para las instituciones del estado encargadas de la educación.

BENJAMÍN - Juan, una pregunta al respecto, solo a tu pregunta, Gerbasio(?) se fué
definitivamente?

JC - Sí, se fue, porque un hijo suyo se hizo policía, y era secretario de uno de los jefes grandes...
hizo sentir miedo

BENJAMÍN - ...Un líder ahí del asentamiento, como consecuencia casi directa de la muerte de
Toto, es que él abandono el...

JC - Sí, porque el dijo muchas cosas ahí en esa asamblea que tuvimos en el 3, creo que por el
lado de su hijo que es policía, por ese lado...

8586

JC - Nosotros supimos ya que se hizo incluso, se estaba haciendo, listado, planilla, gente de otros
lugares, para sacarnos nuestra tierra y meter allí a otra gente, de otros lugares.

Y eso le dije, ahí si fui fuerte, por que yo le dije, acá eso no va a ocurrir. Ssi eso acontece acá, acá va a haber mascre,

H.Angeles - ...Vamos a morir acá...

JC - Sí, va a haber masacre, Eso fue justamente lo que se le dijo al Coronel en aquella epoca, al Coronel Ocampo.

Bueno, si esto no es tierra nuestra de agricultura, bueno esto es un cementerio.

Y eso sí la gente no...

Y que van a entregar su tierra, no van a entregar.

Y eso, bueno, se llevaron también en su mochila eso.

JD - han vuelto?

JC - aún no, pero ya nos digeron, bueno “ahora ustedes tienen que gestionar ante las autoridades”... bueno no hay problema, dejemos a nosotros.

JD - Si ustedes están listos...

H. Angeles - ...hay que resistir y hay que continuar...

JC - ...pero ya estamos de vuelta, incluso ya le hemos indicado que queremos extender la colonia

H. Angeles - (Se rie) En lugar de reducir

JC - No. Extender la colonia.
Muchos hijos que no tienen tierra...

8587

Imagenes de cruz y bandera de Paraguay

SOMP ... Manuel ... Ferreira

13 - 03... ... 11 - 2014

8588

Imagen de lapida con figuras catolicas tras un alambrado, reflejo camara

(inscripción)

SD Inf José Manuel Gonzalez Ferreira

13.03. 1975

26. 11. 2014

DIOS DA LAS MISIONES MAS DIFICILES A SUS
MEJORES SOLDADOS. POR ESO TE LLEVO A
SUS FILAS PARA OTRA MISION.
TUS HERMANOS DE ARMAS.

SEGMENTO ARROYITO Día 2

Entrevista Teniente Coronel Urdapilleta

8795

JD - ...van a ver periodistas allá, para que no allá...

TC - ...Voy a hablar con el comandante, voy a hablar con el comandante. Pero como le reitero, no se puede hacer ninguna toma del lugar, nadie de ese lugar le va a hacer ninguna manifestación.

JD - ...No voy a hacer tomas. Y lo entiendo perfectamente, para eso está usted...

TC - ...a lo sumo se van a limitar a decirle, no nosotros no podemos hablar. Y le van a pedir que por favor no filme ni quite fotografías.

JD - No está dentro de los planes, simplemente como protocolo que sepan que hay gente, y entendemos también las novedades que colombianos jóvenes, podrían ser también...

TC - Sí, no y yo le soy sincero verdad!

Hay un canal de comunicación con los medios de prensa, que ese canal indefectiblemente soy yo. Entonces ninguna otra persona, salvo una autorización del escalón superior, le va a dar ninguna nota, ni le va a responder ninguna pregunta, salvo lo básico. Le va a decir que por favor que no filme que por favor que se retire. Y así ese tipo de cosas y así no va a obtener nada.

-JD - Y así también es allá, entonces estamos acostumbrados, es el protocolo.

TC - Y es como una medida estándar de seguridad porque cuando no hay control en ese sentido, entonces muchas veces pueden ocurrir muchas cosas, entonces para prevenir nada más.

JD - Claro

Usted nos dirá Camilo (cuando se pueda empezar la entrevista)

Camilo - Listo

JD - Entonces yo quiero comenzar un poco por el principio, no?.
Quisiera que me contara qué es la Fuerza de Tarea Conjunta (FTC) y qué hace que sea necesaria,
que se instale...

TC - Bueno la FTC es una... vamos a llamarle una unidad operativa que está constituida por
varias instituciones de seguridad de la Republica del Paraguay,
encabezada por las fuerzas armadas de la Nación,
está integrada por miembros de la Policia Nacional,
también con miembros de la secretaría Nacional antidrogas,
y todos trabajando en conjunto con el Ministerio Público
a efectos de pacificar la zona norte del país, donde han ocurrido varios eventos, que han, en
cierta forma alterado la actividad normal y común de todos los ciudadanos,

JD - Perfecto. Alguién está tocando la puerta?

TC - Este es el Sargento Ayudante "Talavera"(?) mi auxiliar también, que está trabajando
conmigo.

JD - Perfecto.

Cuál es la actual situación de seguridad en el departamento?
Y con eso me refiero a cuáles son los principales hechos, afectaciones a población civil que
ustedes registran, fuera de la del secuestro que es quizás la que mas mediatica es.

TC - Sí. En realidad estamos hablando de tres departamentos, no solamente el departamento de
Concepción.

Porque para la conformación de esta fuerza de TC se ha firmado un drecteo presidencial, con el
cual se le da como zona de responsabilidad, tres deptos. el dep. de concepción, el Dep. de San
Pedro, y el Dep. de Amambay.

No todo el territorio de esos tres deptos. tiene un problema de seguridad de esta indole en el
que nosotros estamos hablando de un grupo terrorista,
sino son areas dentro de esos departamentos donde se manejan informaciones con respecto a
las actividades delincuenciales y terroristas,
como también de las actividades propias, logisticas de este grupo.

Si bien hay zonas en donde no tenemos actividades... vamos a decirle de secuestro, no tenemos
eventos de algún tipo de ataque,
sí tenemos conocimiento de actividades logisticas que se realizan.

JD - Por actividades logisticas, qué podemos entender?

TC - podemos entender como el tráfico, algún tipo de elementos, llamese armas, llamese en cierta forma también algunos estupefacientes, drogas.

Estamos hablando de mercancía de distinta índole, municiones, estamos hablando de explosivos, estamos hablando también en cierta forma de la extorsión, que es el pago de lo que nosotros conocemos como “el impuesto revolucionario” verdad?.

JD - Lo que nosotros en Colombia alguna vez llamamos “Vacuna” no?

TC - Sí, exactamente, claro.

JD - Pero, listo, ya que usted menciona este de la extorsión, si me gustaría, conocer, hablamos de secuestros, de extorsiones, estos pasos de mercadería...

La población civil qué sensaciones percibe? o que afectaciones directas?

No sé, hay de pronto también asesinatos, hay robo, porque en menor medida hemos visto que hay quemados, de pronto un evento que es el inicial, el de la quema de un tractor...

TC - Sí, exactamente.

JD - ...que acciones puntuales están haciendo estos grupos?

TC - Básicamente, yo creo que esto ha ido evolucionando, verdad?

En donde, inicialmente las acciones propias del grupo eran la de marcar presencia, tratar de ganar espacio mediático a través de los medios de comunicación, por las acciones criminales que realizaban,

y en ese sentido verdad, los asaltos a las estancias, la quema, de retiro de maquinarias, también el asesinato de peones de estancia, de guardias de seguridad, y eso ha ido evolucionando hasta el punto en que ahora prácticamente ya no hacen esas actividades,

sí están avocándose en los últimos tiempos, específicamente a los secuestros, secuestros que les redituarian en alguna circunstancia en obtener medios económicos para ir buscando nuevos objetivos.

JD - Ya.

Si pudiéramos definir, porque usted nos ha hablado de tráfico de estupefacientes, etc. Si pudiéramos definir qué es el EPP cómo se comporta, qué actividades tiene, sería un grupo narcotraficante? Cómo está actuando, y en qué rotulo lo podemos encasillar?

TC - Básicamente, el EPP es un grupo terrorista, que está compartiendo el espacio geográfico con otro grupo delincuenciales que tiene una estructura bastante grande, verdad? y también bastante diversa cual es el grupo del narcotráfico. Entonces, en cierta forma no podemos descartar en un 100% que haya una conexión entre el EPP y el narcotraficante, debido a que nosotros sabemos que el narcotráfico mueve mucho dinero, hay muchos intereses de por medio. Y la misma gente que estaría operando en favor del narcotráfico a fin de no ser molestado en la misma área geográfica en el que actúa el autodenominado EPP, podría también de cierta forma favorecerlo económicamente, Entonces son cuestiones que nosotros no podemos descartar en un 100%, para ser categóricos en eso, tendríamos que tener... vamos a decirle indicios o pruebas que podamos presentar, pero no hay. Lo que tenemos realmente, lo que fácilmente podemos nosotros establecer, es que comparten el mismo espacio geográfico, en lugares donde hemos encontrado campamentos, en donde hemos encontrado actividades de este grupo terrorista, esta muy cercano por ejemplo a cultivos de marihuana, o es en la misma zona donde se tienen establecimientos donde procesan marihuana o que procesan otro tipo de estupefacientes.

JD - Qué otro tipo de estupefaciente se está procesando acá?

TC - Bueno, yo creo que en ese aspecto sería más propio hablar con la gente de la SENAD(?) el tema de los estupefacientes, pero yo no quiero entrarme mucho en el tema de eso...

JD - Perfecto, perfecto, era una curiosidad nada más.

Lo digo por lo que leo en la prensa local, también por las causas que tiene la fiscalía, se habla de mucho apoyo logístico, o sea que hay una relación de la población.

Desde lo que ustedes manejan como Fuerza? es real, o son casos aislados, o es un problema realmente? o esto se está conteniendo de manera adecuada?

TC - Básicamente el EPP está conformado por componentes familiares de los cabecillas, están implicados en las acciones delictivas, están implicados hermanos, están implicados primos, están implicados parejas sentimentales, ahora inclusive hijos que han sido integrados al

autodenominado EPP como también al autodenominado Ejército Mariscal López, que es un nuevo brazo liderado por Alejandro Ramos, en la zona de Horqueta.

Entonces hay un componente familiar en la operación de estos grupos terroristas. Y en la zona de influencia donde ellos normalmente se manejan o tienen su apoyo o su sostén logístico, están inyectados varios familiares.

No tenemos nosotros pruebas contundentes de que ellos estén operando en favor de estos criminales, estos terroristas.

Pero hay una presunción vamos a decirle bastante seria, por el área en que ellos se manejan y también por la cantidad de componentes familiares que hay en la zona.

Uno haciendo un trabajo, una pesquisa, ellos manifiestan que no tienen contacto con sus familiares que ingresaron en el grupo terrorista, hace años. Sin embargo hay informaciones, y hay inclusive pruebas de que estos terroristas están rondando en la zona.

JD - Perfecto.

Otras de las fuentes que nosotros consultamos antes de venir para darnos una idea de lo que sucede en el departamento antes de venir a corroborar en terreno, era reportes de derechos humanos, unos hechos por Juan Márquez que ha sonado mucho en la prensa, de hecho gracias a la prensa fue que pudimos verlo, otros los de la CODEUPI, y nos surge la inquietud, de en el ejercicio...

alguien entra - ...continúan?

TC - Cómo está amigo. Están filmando (señalando hacia la cámara)

-disculpen.

JD - No, no hay problema.

...En las misiones que ustedes tienen, o en su trabajo, ha habido o habría espacio para creer que ha habido algún daño colateral, han seguido alguna falsa pista, ha habido alguna afectación que ustedes creen que la FTC haya provocado a la población dentro de su ejercicio regular.

TC - Bueno en este trabajo específicamente nosotros hemos recibido todo tipo de informes, hemos recibido informes de diferentes personas, sean pobladores de la zona, sean personas que tienen cierto nivel económico y se están dedicando a actividades agropecuarias, comerciales en la zona, todas esas informaciones de alguna u otra forma debieron ser

corroboradas, y en la corroboración de esas informaciones han sido erradas, entonces las personas que fueron objeto de esa investigación, o que fueron objeto de algún tipo de ayanamiento en base a esas informaciones pudo haber sido afectada, verdad? Y por ende, por supuesto que va a presentar algún tipo de descargo, o algún tipo de queja en contra de la Fuerza. Nosotros como componente del estado Paraguayo y más todavía como componente vamos a decirle armado del estado paraguayo, nuestra mayor preocupación es la de realizar nuestro trabajo sin que sean afectadas personas que no tienen nada que ver con este problema de seguridad, personas inocentes. Siempre hemos sostenido que hay demasiada gente inocente que está siendo afectada en cuanto a su tranquilidad. No solamente por nuestras operaciones, que nuestras operaciones son una consecuencia del problema de seguridad, nosotros nosotros el problema como mucha gente quiere presentar. No, el problema es el autodenominado EPP, es el grupo terrorista que está creando una situación de inestabilidad en la zona, nosotros somos la consecuencia, pero necesariamente tenemos que ingresar en la población, necesariamente tenemos que operar en medio de la población, por que ese es el ambiente, ese es el area en el que ellos estan dirigiendose en cuanto a sus actividades.

JD - Perfecto.

Haciendo como las comparaciones de la experiencia colombiana, que tiene también, a veces estos por menores, se ha buscado la posibilidad de que el ejercito se acerque a la comunidad tenga enlaces comunitarios para poder plantear y discutir abiertamente estos problemas. La FTC tiene este tipo de espacios? Cómo es la relación con la población?

TC - Bueno, nosotros, desde el VAMOS hemos intentado siempre estar cerca de la población a través de acciones sociales, trabajo humanitario, a través de vamos a decirle, utilizamos también otros canales como ser por ejemplo el canal religioso, a través de los parrocos de los sacerdotes de la zona, hablando con las autoridades locales, intendentes, con los dirigentes también de cada localidad, de tal modo que ellos entiendan cuál es nuestra intención, nuestra intención de colaborar con ellos en el normal desarrollo de sus actividades y por sobre todo en el progreso sostenido de sus comunidades que es lo que a nosotros nos interesa.

Como FTC nuestra función principal es la de devolver la tranquilidad a la zona por medio de acciones que tiendan a la seguridad, pero tampoco descuidamos esa relación social con la gente.

O sea, que la comunicación, las acciones tendientes a que ellos tengan confianza con nosotros de tal modo a que nosotros también podamos ser tenidos como parte de esta comunidad por que ya llevamos cuatro años aquí en la zona, somos prácticamente parte de la comunidad.

JD - Ya.

Esa relación con la comunidad digamos que vista desde afuera, y ya no solo con la comunidad de estos departamentos,
sino vista también a través de la prensa, hay duras críticas a la FTC, no?
Esas críticas de qué pueden emanar? por qué se le acusa a la FTC de ineficiencia si vemos que de todas maneras estamos en un despliegue bastante grande.
Cuál cree usted qué podría llegar a ser la razón por la cuál está esa visión desde la prensa que podría ser una opinión pública?

TC - Bueno, de plano lo dejamos por sentado de que los medios de prensa son formadores de opinión pública,
yo siempre hablo con colegas de ustedes, verdad? que son Paraguayos, la prensa local, la prensa paraguaya...

8796

...La gente dice, la gente opina,
entonces yo le digo no, la gente dice, la gente opina, por lo que escucha en las radios, por lo que lee en los diarios y por lo que ve en la televisión.
Entonces, cuando el periodista no tiene la información amplia, o de todo el espectro de acciones que se están realizando,
y también no tiene la información y la comunicación con toda la gente de la zona que está siendo objeto del trabajo de la FTC
y tiene solamente una minoría que es la que normalmente siempre se quiere hacer escuchar, entonces por supuesto que la información no va a ser la más acertada, no va a ser la más objetiva.

Metemos el componente político o económico ahí, que los medios de prensa no están tampoco fuera de eso, entonces de ahí es que muchas veces hay permanentes críticas contra de la FTC. Ahora si vamos a hablar de objetivos, no hay resultados de la FTC, bueno, que es un resultado, tenemos que definir que resultado es lo que queremos.

Si nosotros queremos como resultado simplemente la captura de 7 cabecillas y la liberación de los secuestrados, entonces si pensamos que ese es todo el problema, entonces tenemos un análisis demasiado superficial, vamos a decirle demasiado libiano de la situación.
Ahora si nosotros queremos como resultado, el desarrollo sostenible, la seguridad, el trabajo de las personas, independientemente de la captura de estos cabecillas, verdad?
Si nosotros buscamos garantizar el desarrollo y la seguridad de la gente en el tiempo a través de un trabajo sostenido, y por sobretodo que sea un proceso que vaya de mejora en mejora.

Entonces yo creo que ese sería un resultado mucho más alentador, por qué, porque se va a sostener en el tiempo y va a ser mejor para las personas.

Nosotros como TFC capturamos a los 7 cabecillas, se le libera a los secuestrados, y nosotros podemos decir, misión cumplida, se terminó! Cumplimos nosotros?

No, ese no tiene que ser el objetivo.

El resultado para nosotros va a ser que la zona esté realmente pacificada, que la zona realmente sea una zona en vías de desarrollo y que sea sostenido ese desarrollo en el tiempo, y que no haya nuevas generaciones de llamese familiares, o entornos de estos terroristas, que tengan la misma intención que ellos, que tengan el mismo pensamiento o que haya un adoctrinamiento de que esa es la forma de solucionar el problema de Paraguay.

Por que ellos no están buscando eliminar la pobreza, ellos están buscando el poder a través de las armas.

Por que hace cuantos años? desde el 2008, que ellos están realizando extorsiones, están realizando secuestros,

Cuánto dinero ellos ya han generado a través de esos actos terroristas, a través de esos actos criminales?

quiénes fueron beneficiados con ese dinero?

Es una pregunta que hay que hacerse.

8797

TC - Bueno yo creo que la composición de esta FTC también es un proceso, verdad? En el cuál esto ha ido evolucionando en estos 4 años que llevamos como fuerza, hemos ido evolucionando no solamente en cuanto a comprensión del problema, sino también en cuanto al equipamiento y a la forma de trabajo.

Entonces, de por sí, damos a entender que siempre las necesidades superan a las disponibilidades.

Y cuando uno tiene un elemento logístico, ese elemento logístico debe sostenerse también.

Y aparte de sostenerse eso debe reemplazarse y cuando uno lo va a reemplazar tiene que reemplazarlo por algo mejor. Esa es la respuesta.

JD - Vale.

De pronto esta pregunta vaya más allá de lo que debería preguntar, pero entenderá usted para eso estoy acá.

Y es la relación, vamos a tomarla en dos partes.

Comencemos por la FTC, yo sé que el Ejército Paraguayo ha tenido colaboración, ha trabajado con el Ejército Colombiano,

que alguno de sus componentes ha ido a entrenarse a Tolemaida qué es una base que tenemos...

TC - Sí, si.

JD - ... cómo es esa relación si nos la puede comentar, entre la experiencia colombiana y la experiencia paraguaya, a nivel de las fuerzas militares en este caso.

TC - Bueno, al componente militar paraguayo que ha ido a hacer un entrenamiento en Colombia, le ha servido bastante como experiencia, verdad?
Ahora todo lo que el militar paraguayo ha aprendido allá estando en Colombia, lo va a aplicar acá, de acuerdo también a varios factores que son diferentes, tanto en Colombia como en Paraguay.
Empecemos por el terreno, por el area de operaciones, el área de operaciones en Colombia es totalmente diferente, estamos hablando de selvas, estamos hablando de areas en las que las FARC dominan totalmente, donde no ingresan normalmente las tropas regulares del ejercito de Colombia, y si lo hacen, lo hacen en incursiones de combate para asaltar alguna base, o con conocimiento ya de alguna situación verdad.

Nosotros no, nosotros tenemos un área donde estamos asentados, realizamos nuestras actividades operativas normales, en medio de la población, en contacto permanente con la población, donde los pobladores de la zona están mirando, viendo diariamente nuestro desplazamiento, nuestras actividades, donde nosotros podemos bajarnos pasarle la mano al ciudadano, tomarn un Tereré con ellos, preguntarle cómo están.
Donde en cada movimiento, en cada circunstancia que nosotros estamos operando, estamos teniendo personas civiles que están observando nuestro desplazamiento.

JD - Ya. Hay cooperación puntual, algún programa puntual, en este momento en vigencia, entre Paraguay-Colombia para esos efectos.

TC - Sí tengo entendido que hay.

JD - Y ahora pasemos entonces al otro lado.

Muchos son los rumores, en la prensa paraguaya más fuerte quizás que en la prensa colombiana, de colaboración, incluso en esta etapa a la que Colombia llegó por fortuna, de una paz negociada, temores de que haya influencias acá en Paraguay.

Usted me hablaba al principio cuando estábamos alistando los equipos, de pruebas, de certezas, cómo funciona eso, cómo se han enterado y a qué nivel estaría operando esa colaboración, u operó mientras las FARC estaba en su proceso de negociación, de pronto, no sé.

TC - Usted me dice de las FARC con los terroristas y con los autodenominados EPP.

JD - Sí

TC - Bueno esto ya se ha iniciado hace bastante tiempo, se ha iniciado hace bastante tiempo, ya ustedes deberán tener conocimiento verdad, que miembros del autodenominado EPP, fueron hasta Colombia para hacer un entrenamiento, para poder conocer el manejo, las técnicas de las FARC, entonces esto se ha iniciado ahí, sin descartar también de que hayan venido componentes de las FARC hasta Paraguay para seguir ese entrenamiento ya con personas que estaban ya aquí en condiciones de hacerlo verdad? y así poder viajar hacia Colombia, o sea que hay un vínculo comprobado de las FARC con el autodenominado EPP.

JD - Para las FTC y para el estado paraguayo, es un temor real, o es por ahora, hay hechos concretos que los hagan temer que desmovilizados, después del dejamiento de armas que hubo en Colombia por parte de las FARC, que vengan acá?

TC - Bueno en ese sentido yo no tengo datos que hablen sobre eso verdad, eso se estaría manejando a un nivel más alto verdad, yo creo que a nivel de gobierno, gobierno, o entidades ya mucho más por arriba de nosotros estarían manejando esos datos verdad.

Pero como te digo, los componentes iniciales, del autodenominado EPP tuvieron y probablemente hasta ahora tienen una vinculación con miembros de las FARC.

JD - Quizas ya para darnos un panorama global, porque creo que hemos recorrido bastantes temas, cuál es el futuro de la FTC, en un mediano y corto plazo? Ustedes se ven como una fuerza que deba permanecer mucho tiempo, como una FTC o de pronto se piensa que hay un objetivo en el cuál sea necesario estos tres componentes, Policía, Fuerzas Armadas, ministerio público, cuales son los objetivos, cuáles serían las condiciones, con las que esta misión, ya nos los mencionó algunos, pero con los que esta misión, ustedes considerarían que está cumplida, en que momento se desarticularía por ejemplo la FTC?

TC - Bueno yo creo que la FTC debe continuar en el Norte, esto va a continuar, es prácticamente un hecho, vamos a ser fortalecidos inclusive en el tiempo, porque hay amenazas regionales, no solamente del autodenominado EPP, hay otras amenazas regionales también que están procurando ingresar si es que ya no ingresaron al territorio Paraguayo.

Entonces la FTC se constituye como un elemento capaz de hacer frente a esas amenazas, de apoyar fuertemente al Ministerio Público y a la Policía Nacional en las tareas inherentes a esas instituciones.

O sea que básicamente, la FTC va a continuar en el Norte del país, a través del tiempo va a ser fortalecida, para hacer frente no solo a la amenaza del autodenominado EPP sino también a amenazas regionales.

JD - En ese sentido de amenazas regionales, amplió un poco la pregunta, de pronto usted tenga información, de pronto no.

La FTC ha pensado en tener otros escenarios de operación, teniendo en cuenta que las fronteras de Paraguay son múltiples y bastante extensas, ¿no?, ustedes están en un enclave geográfico.

TC - Ahora mismo nos encuadramos en lo que está establecido en el decreto de conformación de la FTC que nos da a nosotros 3 departamentos. pero eso ya dependería de una decisión del poder ejecutivo.

JD - Cambio mi pregunta, la amenaza usted cree que puede provenir de la frontera boliviana, o no sé, hay indicios, por que son amenazas y estamos hablando un poco de los carteles brasileros. Del PCC del comando vermelho, sabemos que también hay operaciones en Bolivia.

TC - Claro y estamos hablando de cualquier parte de la frontera en donde se necesite eso, no quiero ser específico en ese sentido.

JD - Vale.

Pues no sé si de pronto, usted quiera agregarnos algo de su experiencia en la FTC... ah, ya me acordé de una pregunta que tenía muy puntualmente, y es por que lo he visto, hay víctimas pues después de lo que pasó ahí en Arroyito mismo con la explosión, cómo está la moral del combatiente de la FTC, teniendo en cuenta la presión mediática? Sí es una pregunta que no quiero perder...

TC - La moral está alta, la moral está alta, por vamos a decirle las informaciones los trabajos que se realizan entonces el personal está permanentemente actualizado en cuanto al trabajo y el resultado de su trabajo, efectivamente, la gente está ansiosa por ver la captura de estos cabecillas, principalmente, ahí lo tienen a su espalda, verdad, quienes son los que están buscados.

Entonces ellos están ansiosos por ver las cabezas de esas personas, en televisión presentados a los medios verdad.

Pero hay algo categorico también, verdad, que hay cierto cuidado que debemos tener, porque no le conocemos a todos nuestros adversarios, no le conocemos a todos nuestros enemigos, hay personas que están vinculadas a este grupo terrorista, hay personas que están operando en favor de este grupo terrorista, que están mimetizados dentro de la población, entonces, tenemos que hilar fino en ese sentido, primero para no afectar a personas inocentes, y segundo para no ser nosotros víctimas de algún tipo de atentado, o ataque de estas personas a quienes nosotros no conocemos.

JD - Ahora si esa era la última que la tenía pendiente. Eso es todo, muchisimas gracias por su tiempo, muchisimas gracias por recibirnos acá, y eso era.

TC - Perfecto. Y fuera ya de micrófono y de cámara, yo te quiero decir algo.

Entrevista con afectados en Arroyito.

8800

Entrevista con Matilde dirigente Arroyito

(sin audio en cámara hasta el min 6:21)

Matilde - ...Sin embargo no lo reglamenta, y no lo ponen en práctica.
Y tenemos que movilizarnos, salimos a la calle, frente al parlamento, nos estamos manifestando,
pero no logramos con este gobierno, no estamos logrando absolutamente nada,
y ahora tenemos una preparativa de que para la próxima semana tenemos que hacer otra
medida de presión para que puedan reglamentar,
porque lo que necesitamos urgentemente es ahora, es un apoyo, una reactivación productiva
para la chacra, verdad.

Necesitamos ayuda para que no se muera este sistema de producción que llevamos como
pequeños agricultores, verdad.
porque nos está avanzando mucho los sojeros, los que trabajan... las empresas transnacionales
que cultivan gran escala maíz, trigo, soja, todo eso
y los pequeños productores vamos achicándonos, y estamos en peligro de desaparición
y eso es una lucha que estamos llevando a nivel general
donde estamos todas las cooperativas las asociaciones, las organizaciones, los comités de
pequeño un poco más grande,
así todos estamos todos buscando la forma de unificar todo esto, a ver si es que logramos por lo
menos que el gobierno se haga cargo un poco de ayudar a levantar la agricultura familiar y
campesina
y encontramos obstáculo donde sea,
mucha burocracia,
vienen programas del gobierno para ayuda, pero llena la expectativa de la gente, no llena
y tenemos demasiados problemas en la producción agrícola especialmente, estamos muy
decaídos.

JD - Cómo es la relación específicamente aquí en Arroyito con estos cultivos de soja y con esta
ganadería alguna vez han sentido ustedes que los están sacando?

Cuáles son las tensiones que hay con estos productores?

Matilde - Hubo momentos en las que en las estancias que lindan con el asentamiento se tuvo que cultivar, se preparo par cultivar soja transgeica incluso, y tuvimos que manifestarnos, tuvimos que manifestarnos, aunque no logramos el 100% por lo menos logramos trastornar el proceso verdad porque también viene de afuera gente que le trae a los companeros, compañeras agricultores, agricultoras, les traen semillas y vienen con el tractor, y le dicen para que cultive, le hacen la preparación del suelo, le trae la semilla, y le cultiva el maíz y luego ellos lo recogen y lo llevan pero son maiz que ya no es de carácter natural, que ya son transgenicos, maíz híbrido que no se puede guardar para semilla ni nada y nosotros como organizaciones lo que estamos luchando es preservar nuestra semillas nativas, y hacen totalmente lo contrario desde afuera, y son los ganaderos los que están viniendo a ofrecer a la gente semillas y ayuda para cultivar pero ellos tampoco dejan un desarrollo para la gente verdad sino solamente para subsistir para vivir apenas. Porque como te digo estamos en una crisis total.

JD - Cuales son las actividades económicas principales de Arroyito, y cuando digo principales actividades económicas, que cultiva, que se cultiva principalmente acá, y también que otras actividades tienen los jóvenes que estan saliendo

Matilde - Y el cultivo es, se cultiva todo lo que es para consumo, poroto, mandioca, maíz, también el feijao, también se cultiva el maní y también se cultiva para rubro de renta es el tártago el tartago es lo que aquí nosotros cultivamos para vender es el principal fuente de ingreso de los agricultores aquí verdad y también estamos que est ano vino el clima, colaboró mucho, vino la helada, y quedó por el suelo todo quemado las plantas de tártago y ahora esta a un precio mas o menos, pero el tártago no hay siempre el tártago es muy barato, pero por más barato que sea lo vendemos en cualquier partes eso ayuda por lo menos pero en esta época el tártago esta subiendo de precio porque es el brasil lo que esta comprando el tártago y esta subiendo de precio esta a un buen precio, pero que pasó, la helada lo quemó todo y hay poca producción, verdad y para recuperar todo eso, lo que estamos pidiendo ayuda al gobierno para la producción

pero hasta ahora no conseguimos nada

JD - Y a qué se dedican los jóvenes de acá de Arroyito
Es decir, también están cultivando o se van, cómo funciona

Matilde - Casi la mayoría de los jóvenes ya no están cultivando, los que cultivan mas son los
padres de familia,
los jóvenes se rebuscan por changas, por ejemplo ustedes vieron estas casas que están
construyendo la „cenhabitat“ y hacen trabajo de construcción
Los que logran quedarse acá
pero otros jóvenes migran a la ciudad están trabajando algunos que quieren estudiar procuran
trabajar por ejemplo en Pedro Juan Caballero,
trabajan de día estudian de noche así una vida sacrificada están llevando,
pero pocos son los que logran estudiar a la par que trabajan como empleados
también están otros que van a asunción, otros que van a ciudad del este, otros que van a ala
argentina
yo por ejemplo tengo dos hijos en argentina, dos hijos jóvenes todavía que están trabajando alla
como empleados en Buenos Aires
también se fueron por culpa de que la agricultura ya no resulta, ya no resulta la agricultura
familiar y campesina, ya no se puede vivir de ella, entonces los jóvenes necesitan algo más y se
rebuscan
y muchos jóvenes tenemos que aquí de Arroyito que están viviendo en la Argentina, y hasta que
van a Espana,
endognes y los pocos que quedan se rebuscan así, viven changando, pero últimamente también
hay mucha delincuencia, hay mucha delincuencia también porque estamos muy cerca de la zona
fronteriza de Pedro Juan Caballero
y hay mucho el narcotrafico está lidiando muchísimo también
no queda afuera tampoco eso.

JD - Se lo pregunté fuera de cámara se lo pregunto ahora que estamos grabando
cómo es la situación de la mujer acá en Arroyito y si usted nos puede dar también una visión de
Concepción,
sobre todo a raíz de todos estos problemas de inseguridad y de violencia, como está la mujer, se
está pudiendo organizar,
cómo es la situación de las mujeres acá

Matilde -y si también estamos las mujeres siempre también a la par con los varones luchando,
pero este tema de inseguridad también hace que las mujeres queden más en casa

como viste en las reuniones participan más varones,
a pesar de que siempre estamos luchando
para que la mujer también participe en los quehaceres comunitarios,
pero si no es de la escuela, de la iglesia, u otras actividades comunitarias pocas mujeres
participan en la reuniones de las organizaciones y que tenga que ver por ejemplo esas reuniones
como las que ayer vieron ustedes aquí en el núcleo 3 que estábamos participando
representantes de calles,
la mayoría van los hombres,
las mujeres se encargan más de los niños, quedan más en la casa
trabajando la huerta y haciendo los quehaceres de la casas, verdad.
A pesar de que en Paraguay siempre se esta llevando esa lucha para que las mujeres salgan más
a ocupar los espacios públicos, es muy poco todavía lo que se logra
muy poco todavía, pero si por lo menos tenemos un programa de gobierno que esta ayudando
un poco a palear la situación económica, ya eso desde el 2007 fue
un apoyo económico, un incentivo por familia que el gobierno está dando y específicamente a
las mujeres,
entonces eso hace que las mujeres un poco participen en esas reuniones por lo menos, que
salgan
porque que ella es la cabeza... en ese programa ella es la titular, y ese incentivo no se le da a los
hombres
se les da a las mujeres
entonces cuando hay asamblea en ese carácter las mujeres así salen y están al frente incluso
luchando porque ese incentivo persevere también
porque ya hubo momentos en que otros gobiernos quisieron sacar por completo,
pero entonces las mujeres se unen allí, y luchan, incluso se hizo grandes movilizaciones de
mujeres, pidiendo que el gobierno siga ayudando a las familias porque es una ayuda que se le
da muy poco, muy poco es
en dinero en efectivo, en forma mensual, una cuota mensual
pero eso es una ayuda condicionada que las mujeres tienen que llevar al puesto de salud al
control a sus hijos, ponerles las vacunas que necesitan
y también mandarle a la escuela
si o si tienen que matricularse en la escuela
no puede quedarse un niño sin tener escuela
eso es la condición
pero la ruta de, la hoja de ruta era, eso ya con el gobierno de Fernando Lugo fue,
cada 100 familias tienen un guía, un facilitador guía que ayuda a las familias en el desarrollo por
ejemplo
capacitación para el desarrollo,

pero cuando Lugo se le hizo el juicio político, vinieron otros gobiernos que no les importo
siguen teniendo guías las familias
pero no le ayuda en nada en las capacitaciones para que puedan formarse
por que lo que falta es formación
formación, las familias se tienen que formar para crear su propio ingreso
se tienen que ir formando y se tienen que capacitar para que ellas mismas puedan generar su
propio ingreso, verdad.

pero nada de eso, sigue siendo un asistencialismo nada más.

No ayuda el gobierno para que las familias puedan desarrollarse de por si
sino se convirtió más bien en un asistencialismo, y ese asistencialismo va hasta donde ellos
deciden,

y termina verdad.

Pero en eso si las mujeres están y también fue un poco aprovechar la oportunidad en que las
mujeres podían reunirse,
también nosotras como lideres, hemos hecho capacitaciones, hemos incentivado a las mujeres a
luchar por sus derechos

y se logra pero no mucho, porque no existe por parte del gobierno un plan así que pueda ayudar
a que las mujeres también participen el 50% con los hombres, verdad, igual en relación a los
hombres verdad,

no está tan facil, pero la lucha continúa.

Seguimos luchando, en nuestra escuela de formación de formadoras,
seguimos incentivando la participación de las mujeres,
aprenden sobre sus derechos, cómo defenderse, cómo insertarse en la sociedad, cómo vivir el
tema de género todo eso verdad
pero muy poco , es muy lento, porque tampoco tenemos ayuda del gobierno para eso verdad.

8801

JD- ... como funciona esa estigmatizaron, si sucede en Concepción, no sé cuando ustedes van a
Concepción, o si es más cuando van a Asunción.

Cómo funciona ese señalamiento que le hacen a los habitantes de Arroyito
Y cómo los afecta en estas organizaciones.

Matilde - Y si, y por ahora, un poco parece que la gente está más acostumbrada, pero
anteriormente, nosotros saliamos y si la gente salía de Asuncion nos preguntaba,
de dónde vienen, de Arroyito, uh! ya nos marginan.

Incluso yo como facilitadora de la escuela de formación he tenido que viajar al exterior, he
tenido que viajar a Bolivia,
al Salvador para las evaluaciones del proceso y cuando la situación estaba más candente el
control era más estricto para mí que yo me iba de Concepción.
Me iba con otras compañeras que eran de los alrededores de Asunción, otra de Caaguazú, pero
yo era la única que me iba del departamento de Concepción
increíblemente el control para mí era más severo
no podía pasar nada
me revisaban todo, todo, la balija completa, me revisaban
y me preguntaban y me representaban si para qué iba y con quienes me iba
y eso para mí era uff pero por Dios... por ser de Concepción?
eso me pasó muchas veces,
y también donde íbamos por Asunción por ejemplo, ah! ustedes vienen de la zona roja
de la zona del EPP
Eso no es nada bueno verdad
no da gusto pasar ese tipo de situaciones verdad
pero ahora un poquito eso está mermando más
porque también nosotros decimos
decimos nuestra realidad verdad
y aquí vienen periodistas preguntan, investigadores, preguntan de la situación
y yo siempre les digo con relación a los grupos criminales yo no puedo decir nada,
porque no lo vemos, no lo contemplamos no lo escuchamos no lo sentimos acá nosotros a
ningún grupo criminal
pero si lo que sentimos es la actuación de la FTC que anda con sus helicópteros con sus
patrulleras y con todo ahora con sus canoneros y todo es detrás del grupo criminal
recorre la zona, andan por todos los lugares de repente te salen te piden documento, te salen
en tu chacra, si vos no tenés documento te retienen,
así ellos actúan
y yo les digo yo, a los investigadores
yo puedo decir lo que veo de la FTC pero del grupo criminal no puedo decir nada por que no los
veo no los siento
y el temor acá es de la FTC
por si por sospecha te vienen a huanar tu casa
te vienen a huanar tu casa porque ya hicieron por sospecha hallaron casas
incluso se retuvo a muchos compañeros
Según anteriormente era por cruce de llamadas
que alguien del grupo criminal tuvo cruce de llamadas con ellos y todo eso
todo un enrollito así

pero el temor siempre es eso
los dirigentes tememos a que la FTC en cualquier momento nos implique
porque nosotros tenemos reuniones, estamos en todo
los dirigentes y dirigentes estamos en todas las actividades que se realizan en la comunidad,
fuera de la comunidad, así de repente
La gente te malinterpreta, la gente comun misma a veces te malinterpreta
y ahora mismo ustedes están llegando a mi casa y son unos perfectos desconocidos
para la comunidad sí para la gente que lo ve de afuera, no les conoce
y a hora la gente que pasa aquí por ejemplo les ve que están hablando conmigo que estamos
haciendo una entrevista y eso a veces para la oreja de la gente
y de repente qué será esta mujer
el día de mañana pueden venir a buscarme por eso
a indagarme porque esto, porque esta gente llegó en mi casa verdad, y así

JD - Usted cree que la FTC va a venir a preguntar porqué estuvimos acá?

Matilde - Y en cualquier momento puede ser,
no digamos que sí, pero eso se puede esperar de ellos,
se puede esperar que averigüen qué es lo que yo estoy llevando,
que es lo que yo estoy haciendo como dirigente verdad.
Incluso, habíamos tenido encargos muchos
porque se restregaba teléfonos incluso, a ver con quién hablabas, donde te ibas, y todo eso
entonces es una persecución sistemática, pero que de a poco vamos acostumbrándonos a eso,
vamos acostumbrándonos

JD - Qué horror!

Pensando en lo que usted me decía antes cual es el desarrollo que quiere arroyito?
En lo que ustedes han discutido, en lo que saben de los vecinos, cuál es el futuro que piensa
Arroyito para si mismo

Matilde - Es el desarrollo integral.
Este asentamiento se inicio en el año 89, yo ya vine 5 años después.
Y vine yo y empecé a trabajar con los pioneros de este asentamiento,
la colonia tiene una 8600 h,
esta dividido en 7 núcleos, 7 comunidades, este es el núcleo 3 el más grande de todos y el
centro
Y lo que desde el principio aquí se pensaba era el desarrollo integral e integrado de las personas,
que las personas se tienen que desarrollar en diferentes aspectos y se tenía que empezar por la
educación, una educación diferente un modelo diferente de vida

que no a la tradicional porque..
cuando no.... muchos asentamientos del INDERM que es el que regulariza las tierras en
Paraguay,
el instituto rural y de la tierra, adjudica a la gente con terrenos, con lotes agrícolas, verdad.
Pero si es que no hay una organización y un apoyo por parte del gobierno,
qué es lo que hace la gente, que no se puede por si sola desarrollar, entonces qué es lo que
hace la gente
pone en venta su tierra y se manda a mudar,
va en busca de un mejor vivir en otros lugares
entonces aquí lo que se pensaba es evitar un poco eso
pero no se logro tampoco el apoyo del gobierno,
por eso es que se planteo desde el principio aquí una tenencia de tierra comunitaria
10 jefes de familia estando aquí con un terreno de 3 hectáreas para cada casa
y unas 80 hectáreas en forma comunitaria
donde se pensaba sacar un titulo condominio que es de las 80 hectáreas para 10 jefes de
familia,
así fue el principio del asentamiento,
pero que ellos mismos infiltraron para decir, gente del gobierno mismo, que eso no resultaría,
no resultaría, que no resultaria hasta que al final
lograron convencer a mucha gente que pida parcelamiento de tierras
y se hizo el parcelamiento de tierra por la misma institución de la tierra
y quedamos cada uno con nuestro lote de 3 hectáreas
y con las 8 hectáreas para el otro lado, así en forma individual, se individualizo todo
y ahora lo que sucede es que el lote en que estamos el de 3 hectáreas es lote agrícola,
en el estatuto agrario dice que es lote agrícola,
el lote de las 8 hectáreas es otro lote agrícola, y el inder no permite que un adjudicado tenga
dos titulo de propiedad
de 2 lotes agricolas
entonces ahí es donde estamos otra vez entre la espada y la pared,
estamos entre la espada y la pared, y estamos luchando actualmente por que el inder que es el
encargado de la tierra modifique un articulo el estatuto
donde diga que si este lote de 3 hectáreas pueda reconocerse como lote granja
y que el lote de 8 hectáreas pueda reconocerse como lote agrícola y nos pueda dar los 2 títulos
porque o si no estamos en peligro de perder uno de los 2
2 lotes agrícolas no podemos tener
y es muy poco para el cultivo,
las 3 hectáreas es muy poco para el cultivo
también las 8 hectáreas es muy poco

nuestros hijos si van a trabajar todos en la chacra, ya no tenemos lugar
no tenemos lugar

JD - Un ultimo detalle sobre ese tema de las tierras.
Alguna vez le escuché a Juan Cuevas, no se si es así, no sé si usted me pueda explicar mejor,
esas tierras ustedes las están pagando?

Matilde - Hasta ahora no, he pero si mucha gente en forma individual,
porque ya te dije, después del parcelamiento de tierra mucha gente se fueron
dejaron su tierra, pusieron en venta
y vinieron otra gente nueva.
Y esa gente nueva ya lo único que piensa es pagar por la tierra, titular, y tener el titulo de su
tierra verdad

Alguna gente que puede, lo está pagando,
y por ejemplo los profesores,
hay gente de salud, funcionarios públicos que están aquí asentados,
esos si tienen, consiguen la plata para pagar,
ya están pagando, pero hasta hoy, se retrasa el titulo de propiedad,
no viene, se paga pero no vienen.
Lo que esta haciendo el gobierno a través del Inder es la titulación masiva, para eso está
queriendo levantar datos de la colonia
para hacer una titulación masiva.

Y te pone posibilidades, facilidades ahora, que tener que pagar un 3% del costo total y ya te da
tu titulo de propiedad,
con el compromiso de firmar un pagaré y pagarlo todo en 5 anos, eso es lo que se está
pretendiendo hacer
y hasta ahora nosotros no hemos permitido que se haga eso,
mientras que no tenemos claro de como van a quedar nuestros terrenos.

JD - Se ha presentado de pronto el caso, de algún extranjero, en este caso particular por la zona,
de algún brasileño, o digamos menonita,
no sé muy bien que otra población extranjera podría haber acá, que esté intentando comprar
terreno acá.

Matilde - bueno, y eso tenemos, el asentamiento de Arroyito está rodeado por estancias
ganaderas,
y de eso no se descarta la posibilidad, incluso hay algunos políticos de la zona que también
están buscando la forma de quien quiere vender su terreno y le paga y compra

a los alrededores,
pero eso siempre se esta luchando por que no fuera así,
porque si es que no luchábamos, la gente del asentamiento,
si quedábamos todos tranquilos dormidos, hace rato ya hubiera desaparecido la colonia,
pero estamos luchando, estamos paleando para que no suceda eso,
incluso ahora, los que lindan por el, las estancias colindantes al asentamiento están dando
trabajo a la gente,
y la gente como no le resulta más el trabajo de la chacra entonces se van a trabajar en la
estancia,
se le paga y trabajan, mientras tanto dejan descansar su chacra,
pero cuando viene la gente, el encargado de la tierra y hace un gps desde arriba,
bueno aquí no se trabaja, están todos de balde los terrenos, y eso también apunta en contra de
la gente,
porque el Inder, los terrenos que no se utilizan ellos pueden disponer, y dar a otra gente que lo
va a utilizar
y eso justamente es la lucha que estamos llevando
porque lo que necesitamos es reactivar la producción ahí, reactivar la agricultura familiar
campesina.

JD - Lo que ustedes producen donde se vende?

...

8802

-MATILDE - y eso se está logrando mucho aquí en la zona de aquí a 40 kms mas o menos sobre
ruta, hay una población donde si están logrando, en gran escala ya están yendo los compañeros
y compañeras organizados que están trabajando agroecologicamente
y los productos agroecologico si la gente consume mucho,
la gente de la ciudad quieren comprar productos agroecologicos,
pero lo que pasa es que para producir productos en forma agroecologica vos tener que tener
apoyo
apoyo incluso mucha capacitación y apoyo un apoyo de sostenimiento por parte del gobierno
para que la gente pueda producir, verdad
se tiene todas las ganas pero no se puede,
no se puede porque no se tiene el apoyo necesario.

JD - Yo voy cerrando la entrevista con una pregunta sobre salud.

A ustedes aquí en la comunidad de Arroyito les ha afectado el uso de agrotoxicos de los vecinos,

han registrado de pronto algunas enfermedades recurrentes que estén asociadas con el uso de pesticidas o de los químicos que puedan estar usando las haciendas cercanas?

MATILDE - pero muchísimas enfermedades muy extrañas han aparecido en estos últimos tiempos, y en especial las alergias, eso sí que, y también hay una enfermedad que, no se como le llaman ustedes pero, ese nacido, abseso(?), que le sale a la gente por la piel así y de repente que revienta vuelve a salir otro lugar y vuelve a reventar y no termina nunca.

Anteriormente cuando nosotros éramos más jóvenes esas enfermedades se curaban con un inyectable de penicilina, desaparecía totalmente, ahora 50.000 veces se le aplica los inyectables y no desaparecen, no desaparecen, parece que resisten las bacterias de esa enfermedad resisten.

Y nosotros creemos que todo es a consecuencia de la contaminación del medioambiente, es todo lo que esta sucediendo,

y además que se introduce muchísimo producto ya transgénico, y también nosotros los que estamos aquí, los pioneros, los que nos organizamos rechazamos esos productos

rechazamos el cultivo y el consumo de los cultivos transgénicos pero no así la gente inconsciente fácilmente se deja llevar, y hasta llegan y llegan por todas partes ya en los supermercados vos encontras

y lo peor es que en Paraguay, lo que se produce en Paraguay, los productos transgénicos no tienen la etiqueta que dice que es producto transgénico

los productos brasileños por ejemplo, vos compras una mayonesa y te dice que contienen almidón de milho modificado, pero en Paraguay no te dice, así que vos si compras algún producto del supermercado vos no sabes si es transgénico o no, verdad

eso está sucediendo, en Paraguay no les importa, al gobierno no le importa un comino la calidad de los alimentos,

porque vos podés elegir pues, si es un transgénico o un no transgénico vos podés elegir qué es lo que vas a consumir, verdad.

Y muchísimas cosas, lo que se está robando muchísimo es también de la agricultura familiar campesina

ya que está en una crisis ahora, es que la gente ya no produzca comida sino que compre.

Ya poca gente quiere cultivar su propio alimento verdad, más bien ya para renta, la insentivación es que la gente cultive y venda todo lo que cultiva,

venda todo a los intermediarios y después que vaya a comprar del supermercado lo que va a consumir verdad.

Esa es la tendencia que se está llevando a nivel general verdad.

Así como le llamamos nosotros acá la sociedad de consumo, es lo que está muy fuerte, muy fuerte.

pero seguimos luchando con que los campesinos tenemos que producir nuestros propios alimentos y preservar nuestras semillas nativa, para eso no tenemos ningún apoyo del gobierno.

Pero si estamos en la lucha.

-JD - ...que la aparición de grupos armados acá, desarticula esa lucha que ustedes me están diciendo por los objetivos tanto como comunitarios como de Agricultura familiar.

MATILDE - Y en un sentido sí, sirve mucho de obstáculo, porque bueno, la aparición de grupos armados,

del sistema de este sistema que se implemento así verdad

porque hasta hoy como le digo, nosotros no sabemos quienes son los grupos armados, quienes son los que están por ahí

los que están haciendo cuestiones de secuestro, los que están haciendo, todo lo que se hace verdad,

desde la clandestinidad pero si no conocemos, creemos que es todo un sistema, que los grupos armados por un lado que la FTC persiguiéndolos,

eso es un obstáculo para el desarrollo verdad,

no podemos trabajar tranquilos, no podemos estar en paz, porque pensando que entre hoy y mañana puede suceder cualquier cosa, ahora estamos

reclamando incansablemente el apoyo del gobierno para la reglamentación de la agricultura familiar campesina de la ley que declara la agricultura familiar campesina en crisis

y no nos da, nos dice que no hay plata, no hay dinero

pero sin embargo vimos que esta semana no más llegaron aquí al asentamiento nuevos tanques de guerra

nuevos tanques de guerra que los están llevando la FTC

y allá al termino del asentamiento donde colinda con una estancia vecina, allí tienen el destacamento militar

a 8 a 10 kms de acá, y a allá es donde se centra todo lo de la FTC y pasa por esta calle principal unos 5 a 6 tanques de guerra nuevito que según dicen que son canoneros, con más potencia y

que cuestan millones de dólares,

para eso si hay plata, pero para ayudar a los campesinos a que reactiven su producción, no, no hay plata, ni en una emergencia, esa es la triste realidad que estamos viviendo.

JD - Esas eran mis preguntas y le agradezco mucho por responderlas todas. Tan claramente,
muchas gracias.

Yo le podría pedir un último favor, podríamos hacerle un retrato con su casa ahí sentada?
Tomarle una foto.

MATILDE - Ah, sí, sí puede ser.

JD - Vale.

8804

JD - Ustedes conoces a la hermana Angeles?

MATILDE - Si, yo así personalmente no la conozco, pero por Sacarias sí, que el está más en el
tema de la iglesia.

JD - Aquí son más católicos?

MATILDE - Mayoria, pero también existen otras religiones.

JD - Cómo cuáles? Evangelistas?

MATILDE - Si evangelistas, de diferentes congregaciones hay 2 o 3 congregaciones diferentes
acá, por que son mucha gente ya la que...

JD - En todo Arroyito, en todo este asentamiento cuantos habitantes hay más o menos?

MATILDE - Habitantes exactamente no podría decirle, pero si familias, estamos al rededor de
900 familias, casi ya 1000 familias.

JD - 1000 familias? todos los núcleos?

MATILDE - Todos los núcleos, los 7 núcleos, más o menos unas 1000 familias ahora que estamos
completos. Se multiplican cada anho, cada anho y tenes que hacer cada anho (el censo). Porque
hoy por ejemplo se casa mi hijo le doy un pedazo de terreno, ya es una familia.

8806

Retrato MATILDE

MATILDE - Y ustedes son periodistas de radio...?

Entrevista Nancy Cuevas (esposa de Benjamín "Totó" Lezcano)

-JD - ...Cómo llegaron con Benjamin, si ustedes ya estaban casados antes de venir, si se casaron estando en Arroyito, cómo es esa historia de llegada acá a Arroyito

- Yo vine en el '92 por primera vez a Arroyito, fue por indicaciones de mi hermano Yo trabajaba con niños, trabajaba como maestra en las escuelas, y empecé en el núcleo 2, al año siguiente ya pasé en el núcleo 5 en el '93.
Y ya estando acá nos conocimos con Benjamín, él era el líder, uno de los que estuvo desde un principio hizo la ocupación, todo eso.
Y y continué trabajando.
Como docente hasta el '96 acá, '97 nos mudamos en el núcleo 1 en el '94 empezamos con la organización de, de una organización campesina que es la organización comunitaria campesina del asentamiento de arroyito, con la famosa sigla que nosotros llamamos aquí AOSEA,
y Toto siempre fue el que estuvo al frente de eso, de las organizaciones, coordinaba mucho, y nunca se quejó en que yo pierdo mi tiempo haciendo esto, tal vez así que como decían no acumuló riquezas, nunca se sirvió de nada, así como vino acá se fue,
sin dejar herencia, sin acumular nada absolutamente,
es lo que yo un poco les puedo decir, pero realmente venir aquí me ha hecho, me hizo realmente gente, convivir con la gente, y aprendí mucho, eso sí,
aprendí mucho con la gente.
Adecuándome a ellos, disponer de tiempo, sobre todo para ir a las reuniones, ni bicicleta teníamos, teníamos que caminar, y tampoco decíamos, no, de noche no voy si era de noche había que ir a la reunión y en el núcleo se organizaba, eran los famosos grupos de 10,
y todos estábamos involucrados en el grupo de 10,
y fue un comienzo muy bueno, una experiencia muy válida que yo siento mucho hasta ahora que se haya perdido ese espacio.

JD - No queda nada parecido en la organización ACCA, no queda nada parecido ya la gente no se organiza así, todo se acabo?

- Por llamarle así todo se acabo? no se acabo del todo.

Pero más ien queda en el tema de una mera organización, no es como antes, antes una convocatoria ea una convocatoria,
era como tenemos una asamblea e iban 250 personas, por que eran 250 familias y mínimo iban los 250 y si eran parejas, hijos mayores, eran muchos más.

JD - El trabajo de Benjamin a lo largo de todo este tiempo como fue?

Nosotros por Juan conocimos lo de la ocupación de la Estancia Santa Adelia, antes de esa ocupación cómo era el trabajo de él con los jovenes, cómo era el trabajo de él con la gente? qué hacían ustedes 2 con la gente?

-Y él se preocupaba mucho con que a la gente no le faltara nada, de los cultivos, del autoconsumo, y el no medía tiempo para ir a visitar a la familia.

El decía por ejemplo „guaraní ...“ a tal parte ese día
guaraní... me voy a visitarle a fulano, necesito ir a verle a fulano,
y tenía una forma de convivencia con la gente, por eso siempre yo digo que de repente la vida eterna es un poco lo que uno hace aquí,
porque no pasa una reunión donde la gente no diga, decía fulano, decía Toto,
sigue presente en el día a día de la gente,
y el por ejemplo no tenía 1 guaraní,
y jamas le iba a decir, yo no puedo, no tengo nada,
para el era posible cualquier cosa,
era posible,
a pesar de la pobreza de la escacez de todo, siempre era posible.
y el decía, esa su manera de ver las cosas, era increíble.

JD - Qué vino a cambiar a partir del 2008 cuando apareció ese grupo armado en Kuruzu, cómo cambió el ambiente

en Arroyito y si le cambio o no le cambio en ese momento que alcanzo a... la vida a Toto?

- La verdad que, es muy difícil, adentrar un poco en ese tema, porque en ese periodo yo casi no estaba por aquí, en ese lapso nosotros estabamos separados, yo tenía un problema de salud era bien jodida, casi no me quedaba, estuvo un tiempo fuera del asentamiento y es un poco la parte que yo no manejo, a partir del 2009 volví aquí y fue un momento bien duro porque yo conocí a la familia Munoz,

y Alejandro era un compañero nuestro un conocido nuestro y llegó un momento dado que yo también decía bueno a mi también me van a llevar preso, si es por el tema del cruce de llamadas y no sé cuanto.

De repente nosotros pensamos que podían llevarnos a todos, verdad? porque había un relacionamiento entre los compañeros y era jodida.

A partir de ese momento, yo creo que hubo mas o menos una dispersión, que todo el mundo, pero que es lo que está pasando, verdad, era como que cada quien, se arrinconaba, se arrinconaba, y el impacto fue duro.

JD - Ustedes dejaron de hablarse con los compañeros, con los vecinos, a eso refiere con una dispersión...

-No más bien el relacionamiento entre los compañeros de afuera de otras organizaciones.

Y también aquí, Hubieron mucho en el sentido de, pero qué puede pasar.

De repente de mi pueden decir, pero si esta, concí a fulano, es mejor alejarse... yo veía la cuestión así verdad.

Y yo creo que fue un impacto negativo hacia las organizaciones y todo eso porque de repente, nosotros que le conocimos a don Sindurifo por ejemplo, eso para nosotros fue un golpe, porque nosotros le conocemos al señor de mucho tiempo verdad,

y de como se le acusaba, y entonces que podíamos, un montón de gente ir al tacho, así verdad.

Y había poca organización, poca organización desde mi punto de vista, como que la gente realmente se dispersó.

JD - Volviendo a Benjamin, a Toto.

8836

- Pero sí, yo conozco a jóvenes que si llegaron a conocer a Toto que convivieron con él, que ve mucho más allá, como yo le digo, de sus narices,

y que hay momentos que ellos lamentan que eso se haya dispersado, se haya absuelto, porque quedaron jóvenes muy bien preparados.

Algunos de esos jóvenes sigue trabajo comunitario, acá en Arroyito o todos se fueron de acá de Arroyito, la mayoría creo que se fueron, la mayoría están fuera.

JD - Cómo fue para usted después de lo que sucedió con Toto, usted sintió miedo, la acosaron, sintió cosas por el estilo, la persiguieron a usted también, o nunca hubo problemas de eso?

- No, directamente de perseguirme, no.

Pero la amenaza de que pasan frente a tu casa los tanques, o vienen llegando todos armados de repente, o pasan en tu patio, y es complicado, uno se siente amenazado en ese, con eso de repente los helicópteros que pasan, vienen a caminar, los militares se quedan allí en la esquina, otros se quedan aquí...

JD - Y les dicen por qué?

-No, supuestamente para allanamiento que hicieron hacia el fondo.

JD - <Alguna vez han hablado con ellos, como comunidad me refieron.

-No-

JD - Nosotros estuvimos hablando con la familia de Sonia Munoz.

Estuvimos conociendo un poco todos estos casos, y por lo general lo que les dicen o los elementos de relación son cruces de llamadas o cosas tan absurdas como una lata de leche nido, que a nosotros nos ha impactado en otro caso, o cosas así.
Cuál era el argumento para supuestamente vincular a Toto.

-Nunca dijeron nada

Tal vez porque se haya hecho, no sé, el haya organizado una manifestación en el núcleo 6, contra la plantación de Soja.

JD - Cómo eran esas manifestaciones acá en Arroyito

- Y normales, así como nosotros le llamamos. Vamos a hacerlo

JD - Toda la gente...

- Sí.

JD - Algo así como las que uno vería en Asunción, o en Bogotá en nuestro caso.
La gente se reúne con pancartas,

- Aja

JD - Bueno, Y frente a qué la hacían.

- Era como una especie de denuncia, no aceptamos esto, por tal y tal motivo

JD - Y cual era el motivo de esa manifestación otra vez

- y no, era el plantío de soja, al lado de la comunidad del núcleo 6.

JD - De pronto usted sepa, y nos pueda comentar, ya le preguntamos a la senora Matilde, Usted que conoce la comunidad de hace tiempo, Ay algún problema de salud que se esté presentando a raíz del uso de los quimicos que se necesitan para la expansión de la Soja, enfermedades que antes había y que ahora sí y cosas as?

- Más bien en nuestro caso, por acá cercano no, pero hacia el grupo 6 el tema de alergias, y porque más bien a ellos le afecta directamente por la cercanía.

JD - Qué necesita Arroyito para su desarrollo.

O para seguir creciendo o para mantener esta historia de esta comunidad de Arroyito.

- Y la verdad que es muy difícil.

Porque la gente nueva hay un exodo terrible de jovenes que van a las poblaciones suburbanas (efecto globalización (transmercantilismo urbanización)) y van y ya no vuelven.

Es por el tema de que ya no ven como una alternativa la agricultura.

Porque la agricultrura tradicional, la convencional ya, ya no se puede, prácticamente ahora por ejemplo hay poquísima gente vas a encontrar por aquí porque se están yendo no hay nada absolutamente después de la helada.

Por que el cultivo de renta que había que es el tartago, la helada fundió.

Entonces absolutamente están sin, los que dependen absolutamente de los cultivos en este momento...

...ey mama no estás...

en este momento no hay nada, tal es así que ayer tuvimos una reunión con la gente de la Cruz Roja Internacional, nos ayudaron con el tema del agua potable y a mi me dolió el tema de que una de las mamás que era la más dinámica la que nunca faltó en el encuentro con la gente que venía, en el apoyo psicosocial a los niños, ella nunca faltó, y hora tuvo que mudarse, está trabajando, se fueron a vivir en el chaco, para poder... porque ya no tenía ingresos de que subsistir, entonces así uno va perdiendo, van perdiendo, realmente la comunidad...

MARCELO - Qué van a hacer en el Chaco exactamente?

-Y van a vivir en un retiro, el marido cuida animales y la familia, y lo más terrible es que los chicos van a vivir en un internado.

Es terrible.

(Mira el celular que está sonando)

... nha Mati, está queriendo saber si ya llegaron.
permiso.

JD - Si, si, adelante.

-Nha Mati, ya están acá,
sí sí, no hay problema,
ok vale,

sí. No hay problema, ya están por acá.
Dale, dale, estamos.

Nha Mati, tenía miedo que nos hubieramos perdido otra vez, si de que se hubieran perdido y que los vieran los de la FTC.

JD - Ya nos vieron, ya saben que estamos acá.

- Puedes venir a llevarle?

Jes, vení a llevarle...

Siente mucho calor, vení a cambiarle.

JD - Que usted haya conocido a parte del caso de Toto, ya sea que les hayan asesinado, o que se hayan tenido que ir, se ha ido perdiendo el liderazgo acá en Arroyito, es decir, esan sacandoles a los líderes?

O ese fué un caso excepcional.

-Yo creo que no, por un lado nadie saco a los líderes, algunos que otros yo creo que se inventaron la historia del grupo armado para mandarse mudar.

Yo no le veo otra causa.

JD - En la prensa, se le sigue vinculando a Benjamín con el EPP, sabemos porque nos hemos dado cuenta de que nada de lo que cuenta la prensa, quizás muy poco de lo que cuenta la prensa es lo que estamos aquí realmente viendo.

Que usted sepa qué argumentos han dicho, ya no como la fiscalía que habla de cruces de llamada, pero alguna vez la prensa dijo algo...?

8837

...

JD - Si usted tubiera que describir, que contarnos, o contarle a gente de fuera de Arroyito, lo que de verdad está pasando acá, si no para desmentir un poco lo que se ve en los diarios, cuáles serían los problemas que si existen en Arroyito cuales serían los que definitivamente se están inventando,.

-Nosotros estamos en un embudo, la entrada allá, un redondito así, una botella y tiene una salida.

Los alrededores son estancia sde brasileros, todos son brasileros, y yo creo que por ahí viene la mano,

están queriendo apretarnos, apretarnos, hasta que el royo se mande mudar, entocnes ellos se queden con las tierras, el caso del núcleo 6 ya 3 familias salieron, y yo digo esto porque, a Toto le habían mandado un maletín lleno de dinero, el mensajero solo le dijo, le mandan esto y dejense de joder, después de lo de Santa Adelia, y yo creo que ese dinero se usó para eliminarlo a él.

Más bien, viene la mano por ese lado, de querer sacarnos a todos fuera, y el tema es tierra, categorico, y por otro lado los partidos tradicionales.

Por que a ellos no les conviene que haya gente que piense diferente.

Y en este momento por ejemplo tiene mucha influencia de vuelta.

Antes, era casi nula, pero con la gente joven, impresionante es como están entrando de vuelta, y es una pensa. A mi me duele realmente.

JD- Han recibido ustedes apoyo...?

8838

- ...también se nos tilda de, hubo un momento en que alguíßen que quisiera ir a trabajar, se les preguntaban y decía que es de Arroyito, y solo por ese motivo no se les tomaba para un trabajo, hasta inclusive en las estancias.

JD - En las estancias de aquí cerca?

-Cerca y lejana también.

Los muchachos de Pedro Juan, más bien comentan eso. Que si vien de Arroyito, qu no es joda, en mi caso particular yo tuve un probema de salud y yo voy a Asuncißon, y cuando digo que vengo de Arroyito y me dicen „Gurani...” EPP

Yo no sé si es en foma chistosa o forma despectiva o qué, en seguida lo primero que te preguntan, le contás que sos de arroyito y te dicen y qué tal y no tienén miedo?

Y yo siempre les digo que yo no les temo a esa gente porque yo no les veo. Pero si les temo a la policia y a los militares, a ellos sí, por que ellos me pueden joder la vida.

JD - Quizas para redondear, que me gustaría, como conocer el legado la herencia no material que dejó Benjamßin, cuáöes serían esos grandes mensajes, esa gran herencia que sería buen que se replicara de lo que dejó Benjamín?

- Y la organización, que la gente debe organizarse, que por si solo la gente no, no puede conquistar muchas cosas.

Y por sobre todo su amor a la tierra.

De que la la tierra no, nos da lo necesario si sabemos aprovecharlo.

La fortaleza que el tenía era impresionante.

Porque él no salía de lo que decía.

Y él dice al burro burro es porque quiere ser burro, exacto...

Y valoraba mucho la parte humana de la gente.

Èl siempre decía que, que siempre se tenía que partir de lo primordial, y lo superficial que después venía.

Èl sabía lo que decía, y hacía lo que decía.

Y mucha gente que le conoce, ve así...

JD - Cómo complementaría usted ese legado, porque entiendo que usted fue docente y que también estuvo en las organizaciones, cuálsería ese concejo suyo ya, no de benjamín para los que vienn?

-Y que la tarea no es facil, yo le digo por experiencia propia, yo tengo hijos muy, muy inteligentes.

Pero que cuesta demasiado orientarlos a partir del golpe que sufrieron por que no fue cosa, no fue poca cosa, y que la gente siempre le digo a la gente que traten de amar lo que tienen porque el pedazo de tierra que tenemos, este no costó plata, no costó plata! no pusimos dinero

para esto, pero el sacrificio todo lo que se tuvo que hacer para llegar a esto, y falta liderazgo prácticamente falta muchísimo en los jóvenes, Dios mío, muy poco.

Mi hija por ejemplo es, ella no encuentra espacio para eso, ella se perfila a eso, pero espacio no encuentra, es muy difícil porque los jóvenes, generalmente miran a otra cosa, la mayoría por ejemplo el exodo, todo el mundo termina el colegio y va a la ciudad con el cuento de ir a la facultad, y si no tiene un soporte económico jamás va a llegar a la meta, jamás va a llegar a concluir. Y van y se quedan y no tienen un horizonte fijo se van por que sí, y de repente duele y siempre un poco mi reclamo en los espacios, en las asambleas que estamos haciendo con los jóvenes...

JD - Yo si cierro antes de saber si los compañeros tienen alguna pregunta, se lo hacía a Matilde como una pregunta.

Desde que apareció este grupo armado ha habido problemas con las mujeres?

Las mujeres han sido violentadas de alguna manera particular por este, o han tenido afectaciones, cómo es el papel aquí de la mujer en Arroyito, es organizado, es... o tienen problemas aún con su organización y falta?

Cómo lo ve usted?

-Yo no lo veo así, de ser violentada, no, porque forma de violencia hay muchas pero yo no veo tal cuál.

De repente un poco de miedo sí un tiempo, pero de repente se calma un poco y no veo tal...

más bien son las mujeres las que más se organizan en estos tiempos que hubo la manifestación de más de 40 días en Asunción, fuimos las mujeres las que organizamos para enviar comida y cosas a los que estaban en Asunción por ejemplo porque a pesar de todo este núcleo tiene su particularidad.

Porque acá la gente un poco se cuida todavía, que el vecino viaje, o que el vecino esté enfermo entonces el otro se encarga de todas esas cosas,

problemas no hay todavía.

Ahora estamos programando un equipo para trabajar con niños y tener un encuentro mensual específico con niños,

que realmente son los que estamos descuidando,

y tal vez parte de este, de ahí el tema del arraigo y el apoderarse de nuevo de la agricultura, todo eso, de repente, es la parte que nos falta por que los niños son los que quedan atrás nadie crea un espacio para los niños y ...

-JD - Bueno entonces la pregunta la cambio de mujeres a niños.

Ha habido de pronto afectaciones ya más puntuales a niños con este proceso que ha habido acá de militarización etc

Miedo de ir al colegio.

Cosas que entorpezcan los derechos de los niños?

- Sí, hubieron casos de los ayanamientos.

Hubo una chica que tuvo que ir a Asunción, prácticamente no sabemos que fue a consecuencia de eso que perdió el habla,

terrible fue el caso porque ya era la segunda vez que ayanaba la casa,

y siempre vienen a la madrugada, y los tira de la cama y cosas así,

y son chicos que realmente quedaron con problemas,

el tema del helicóptero y muchos que ya no iban a la escuela o si estaban en la escuela y venía el

helicóptero si el profesor tenía que llevarles,

o si tenía que venir su gente a retirarles,

si hubieron problemas por ese lado.

JD - Yo no sé si los compañeros tengan alguna pregunta más.

MARCELO - Bueno, a mi me gustaría saber como vez el futuro de Arroyito dentro de todo ese contexto?

Dentro de todo el contexto de la FTC de la lucha campesina...?

-Pues la verdad que es, no le veo un panorama cierto.

Habrá gente que van ahí recistiendo pero otros que no.

El problema mayor.

No podemos decir que da para mucho, que realmente es los jóvenes, porque de aquí a poco nosotros ya estaremos yendo al más allá,

entonces eso es un panorama incierto, porque realmente el grupo que se foro con Toto, y si

ese grupo se hubiera quedado aquí, llegamos lejos,

porque ya prácticamente nosotros no necesitaríamos ir tanto a las reuniones y organizar y todas

esas cosas,

serían ellos

JD - Si eso es todo, muchísimas gracias por...

8842

MARCIANO - ...la expansión sojera, y nosotros actuamos para ellos como un obstaculo para avanzar esa idea.

JD - Pues bueno yo creo que antes de seguir, si podemos, la idea sería grabarlos, como ya pudo ver, y yo si quisiera hacerle, pues un poco nosotros llegamos aquí a Paraguay y nos encontramos con lo que está en Asunción con lo que está sucediendo en esta situacón de la ley de emergencia de la agricultura familiar campseina.

Y yo si quisiera, porque usted está en esta organización nacional, que nos contara un poco cómo se da esa ley de emergencia, por qué se da esa ley de emergencia, y que nos cuente qué explicado para quienes no somos Paraguayos...

MARCIANO - Exacto, y no sería mucho mejor si nos colocamos ahí en el fondo, podamos sacar algunos plantines...

JD - Como usted... me parece mejor... genial su propuesta, ya que usted lo propone...

CAMILO - S, claro

8843

MARCIANO - Vamos a aprovechar la gentileza de tu huerta (diciendole a ... se rie)

8844

CAMILO - Ya

JD - Ya, bueno, entonces ahora sí la misma pregunta, si nos puede explicar un poco cómo se da esta ley , como fue la lucha para que se obtuviera esta ley...

MARCIANO - de la ley de emergencia?

JD - Sí.

MARCIANO - Bueno, en principio nosotros estuvimos hablando sobre la situaión de los campesionos a nivel departamental y omo nosotros estamos en una situación difcil, lo mismo también a nivel país, la situación que estamos viviendo es una crisis económica,

a causa de la falta de una política desde el estado Paraguayo,
que nunca se tuvo en cuenta la existencia del campesinado que se dedica en la agricultura
familiar-campesina,
y mucho menos con este gobierno actual.

Entonces desde un principio nosotros hemos afirmado que con este gobierno no va a haber
ninguna posibilidad para que haya oportunidad al campesinado para llevar adelante un
desarrollo adecuado, sostenible y en particular el modelo de la agricultura familiar-campesina.
Como todos saben el presidente no pertenece al sector social, al contrario él es un empresario
que siempre se dedica a gran escala,

por lo tanto a él no le interesa la situación del campesinado ni tampoco el sector popular.
Entonces a raíz de eso estamos en una situación, primero por la falta de precio de los productos
agrícolas que hace muchos años atrás no se tuvo la posibilidad para que la gente pueda vender
sus productos agrícolas con mejor precio, para que se pueda tener un ingreso económico en la
familia, tampoco se tiene mercado, anteriormente se tenía algunos rubros mercado asegurado
pero ultimamente no se tuvo y a consecuencia de eso ya se viene arrastrando una situación de
crisis a causa de esos.

A demás de eso también se tiene un clima que ultimamente no ha favorecido a la producción
agrícola

entonces a raíz de eso hay mucho perjuicio, muchas pérdidas,

Y a raíz de eso entonces decidimos organizarnos a nivel departamental y a nivel nacional.
A nivel departamental siempre estamos en coordinación a través de una instancia de unidades,
todas las organizaciones campesinas,

que nosotros denominamos coordinadora departamental de organizaciones campesinas,
que ahí integran 17 organizaciones regionales, distritales y zonales, incluyendo las cooperativas
de agricultores, también comité de mujeres.

Y eso ya estamos llevando ya, prácticamente durante 3 años y medio,
justamente también vimos que hay una amenaza de la expansión del cultivo de soja hacia el
departamento de concepción, y que ya se tuvo algunos problemas focales en algunas zonas,
entonces entendemos que si nosotros, nos hacemos un frente ante esa amenaza, pronto se va a
desaparecer las comunidades campesinas de concepción.

Y en particular está dentro de ese plan nuestra comunidad, que es el asentamiento de Arroyito,
entonces entendiendo eso, nosotros hicimos una reflexión, un análisis, y decidimos que nosotros
tenemos que luchar, de resistirnos, de poner frente, o frenar a expansión sojera, y plantear
algunas, algún programa de desarrollo para la comunidad, entonces, ya que no hay esa
posibilidad dentro del programa de gobierno, entonces, vimos que esa amenaza no es
solamente, está enfocado hacia nuestra comunidad, sino en todas las comunidades campesinas.
Entonces, frente a eso decidimos conformar la coordinadora departamental e hicimos una
gran campaña hace cuestión de 2 años con la pastoral social, a partir de foros zonales,

explicando el posible perjuicio o danho que se puede ocasionar si se permite expandir el cultivo de soja en la zona.

Entonces gracias a eso la gente toma consciencia y se decide a enfrentar o poner frente a esa amenaza, entonces ese fue el motivo de la coordinadora departamental de organizaciones campesinas,

y como hay otra cuestión también, después de la aprobación de la modificación de la ley de seguridad interna, y la implementación de la FTC también vimos que esa es una amenaza para la comunidad.

Y tal cuál se viene cumpliendo lo que nosotros sospechabamos que con la presencia de la FTC lo que se va a generar es una persecución a las comunidades campesinas, a las dirigencias, y se va a generar mucha tensión, insertidumbre, y mayor inseguridad en las comunidades campesinas, que nosotros desde hace ya más de 1 año estamos sufriendo esa situación.

Ya tenemos victimas fatales, tenemos gente imputada, dirigente, tenemos también procesada y que no tienen nada que ver con la cuestión que ellos dicen pero finalmente los que sufren, ya sufren y estamos en eso.

Ante esa situación entonces, siempre nosotros estamos unidos siempre estamos decididos en resistirnos,

entonces ya que hay una situación de crisis económica por la falta de una política, y ya que hay una persecución también por parte de la institución, del órgano de seguridad, entonces decidimos, formarnos (espanhol estructura gramatical portuguesa de brasil o Guaraní?) parte, en la coordinadora nacional intersectorial.

que es la instancia donde yo estoy también como miembro en representación del departamento de Concepción,

y a través de esa instancia también hemos realizado la gran movilización nacional, que en principio duró 38 días,

después volvemos otra vez,

y retomamos 2 días, el pasado 6 de septiembre, donde completamos 40 días de lucha, de resistencia, que nosotros también denominamos de sufrimiento y de sacrificio del sector campesinado.

1. Planteando la aprobación, una ley de emergencia nacional para la agricultura familiar-campesina

y 2do para que se pueda solucionar un problema de emergencia también que es el tema de las deudas impagas que tienen los agricultores a nivel país.

Entonces como resultado de esa movilización tenemos a la vista la aprobación de la ley de emergencia nacional de la agricultura familiar campesina.

Que no solo se plantea la provisión de víeres, sino que también a través de esa ley se pueda palear algunas cuestiones,

relacionadas a la tierra, ya que tenemos también una preocupación en términos de la regularización de la tierra, acá en la comunidad y otras comunidades también del departamento y a nivel país si que más de 150 asentamientos y comunidades colonias campesinas están en situación de incertidumbre, entonces por eso justamente planteamos dentro de la emergencia también para que se pueda ver la posibilidad de solucionar esos problemas de tierras, y también ese problemas de áreas sociales, por que desde que se instaló este gobierno, ellos dicen que llevaran adelante también el tema de la asistencia a la 3ra edad como parte de la lucha de la extrema pobreza también el programa „guaraní tecopora“ de la asistencia social, y vimos que eso solamente ellos hacen pero hacen dentro del contexto del prebendarismo, del clientelismo, y dentro del contexto de la campaña política que ellos desde hace mucho antes también ya vienen diciendo, vienen trabajando para la reelección del presidente, y ahora ya que no hubo esa idea de ellos verdad, entonces, igual ellos tienen su equipo que están instalando también para hacer candidato en las elecciones generales, entonces con miras a eso, ellos utilizan los recursos del Estado, utilizan las instituciones del Estado,

Y actúan, ejecutan los programas pero de manera prebendaria, de manera clientelista, entonces nosotros también vimos que esa metodología es muy perjudicial porque marginan a muchos y le dan pocas cosas pero le da mucha propaganda, Entonces decidimos también incluir eso dentro de la emergencia nacional, entonces de la misma forma hacen también el tema del programa de la vivienda, el tema de la vivienda está contemplada en la constitución nacional actual del Paraguay, en el artículo 100 donde dice que todos los paraguayos y paraguayas tienen derecho a tener una vivienda digna, y que el estado debe proveerla para que cada uno de los paraguayos pueda gozar ese derecho, sin embargo ellos utilizan el programa de la cenahabitat, a manera que los políticos, entre comillas, como si fueran de ellos, y le dan a ofrecer, a la gente, como si fuera un regalo de ellos, entonces de manera muy, digamos, muy seleccionado, no es para todos.

Entonces vimos también que esa situación genera mucha preocupación, a parte de que sospechamos que hay mucho negociado entre los contratistas las empresas constructoras y demás cosas entonces vimos que se está llevando adelante pero de manera muy fuera de lo que debería ser verdad.

Entonces incluimos también y tenemos la ley número 5868-17 que fue aprobada el 9 de Agosto y que ya estaba en vigencia a partir del 10 de agosto, y que ya pasó más de 1 mes y que hasta ahora no hay resultado en donde esa ley dice claramente que le da facultad a los ministerios del poder ejecutivo para reorientar su presupuesto, y para que se pueda dar respuesta a la demanda que se está planteando dentro de la emergencia, pero sin embargo ellos, dicen que no

tienen recurso, que se necesita otro proyecto de ley, o que se apruebe otra ley para que ellos pueda disponer de recurso, y que se pueda ejecutar.

Entonces hasta este momento no hay resultado. Nada, en terminos de emergencia, y también hemos impulsado el otro proyecto de ley de subsidios que nosotros los denominamos, entonces en los primeros tiempos tuvimos un avance importante que generaba mucha expectativa verdad, que se podría lograr también el tema de subsidios, primero se trato en la cámara de senadores, y allí se tuvo una mayoría interesante a favor del proyecto de ley en donde se aprobó.

Y en la segunda instancia se aprobo también de la misma forma, a diferencia, de 7 u 8 votos a favor de la cámara de diputados. despues pasó para que el ejecutivo pueda hacer, como corresponde también en relación al proyecto de ley, y finalmente el ejecutivo como nosotros también esperabamos eso, ver todo el proyecto de ley, entonces según la ley también dice que se tiene que volver a la cámara de origen, volvió entonces a la cámara de diputados, se dilató mucho, y eso fué el motivo mayor cantidad de días de nuestra estadía en la plaza.

Entonces finalmente se dilataron mucho, y el pasado 5 de septiembre, decidimos volver otra vez para forzar, para que de una vez por todas ellos puedan tratar y decidir a favor o en contra, finalmente salió aprobando el beto del poder ejecutivo, solamente se logró 17 votos a favor, y nosotros necesitamos 23 votos, que en la segunda vuelta ya se requiere una mayoría calificada que quiere decir la mitad más uno de los miembros de la cámara de senadores, y finalmente tuvimos solo 17 votos, hay algunas que se, que decidió abstenerse, no votó a favor ni en contra, otros si que votaron a favor del voto presidencial que son los oficialistas más una c. Y entonces los demás votaron pero no fue suficiente. Entonces se quedó cajoneado nuestro proyecto de subsidio.

Y ahora estamos luchando por la ley de reglamentación de la ley de emergencia y estamos en conversación con el ministro, el pasado lunes estuvimos ahí en su oficina conversando.

Pero el gobierno solamente enfoca el tema de la emergencia a causa de las perdidas de las heladas, que ya pasó también más de 1 mes que tuvimos una fuerte helada en la zona y que afectó a todo el país verdad.

Entonces como perdida de esa helada ellos tienen un plan de contingencia que lanzó ya más de un mes también. Y en ese plan de contingencia ellos presentaron a nosotros que nosotros rechazamos por muchos motivos, entonces siempre nosotros sostenemos nuestra propuesta ante la emergencia de la agricultura familiar-campesina, que no fue inicio de la emergencia por culpa de la helada, sino mucho antes, por la falta de una política, por la falta de la asistencia, por la falta del mercado y de los precios de los productos.

Entonces con eso ya se suma en último momento el tema de la helada, pero ahora lo más grave después de la helada estamos teniendo una prolongada sequía que mucho más están afectando que mejorando verdad, la situación.

Y frente a eso, hasta ahora no tenemos respuesta de parte del gobierno del tema de la emergencia.

El caso del subsidio, estamos haciendo plenaria en diferentes departamentos, y ahora estamos reeplanteando la posibilidad de presentar otro proyecto de ley, por lo menos similar a eso, con miras a buscar siempre a buscar una solución por el tema del endeudamiento, porque nosotros entendemos también que ese endeudamiento masivo forma parte de un paquete de estrategia de la gente que quiera apoderarse de las tierras de las comunidades campesinas, que es una forma también de lograr esa idea verdad, entonces ultimamente entendemos que las comunidades campesinas están amenazadas, por un lado por el tema de la expansión sojera, por otro lado se pretende que las comunidades sean abandonadas por los agricultores, generando conflictos, generando tensiones generando miedo a través de la presencia de FFMM, policías, fiscales, y la otra forma es persiguiendo a la clase dirigente a través de difamaciones en los medios, a través de imputaciones a través de apresamiento, y la otra forma es a través del endeudamiento masivo, que finalmente si no se soluciona eso, se van a llegar a la judicialización de las deudas, después de la judicialización seguro que ya vendrá también los remates de los bienes, lo primero que se va a rematar es la tierra que son patrimonio de la familia y si alguien no tiene tierra seguro que va a rematar su casa o sus bienes familiar que tiene, verdad.

Entonces esa es la amenaza que estamos teniendo, por eso decidimos ayer en la plenaria departamental que vamos a seguir con la unidad, que vamos a seguir con la propuesta de solucionar los problemas de deuda porque de lo contrario no va a haber tranquilidad no va a haber posibilidad que la gente pueda trabajar tranquilamente, entonces ahora estamos en eso, y estamos ahora, el ministro está convocando para mañana a las 9 otra reunión que nosotros sostenemos nuestra propuesta de que si o si la ley de emergencia se tiene que reglamentar y que en la reunión se tiene que participar también los responsables, en este caso, los ministros del CENHABITAT el presidente de INDER de la tierra y también de la secretaria de acción social, de la emergencia y otros, que están contemplados en la ley de emergencia.

JD -Hay muchas cosas en su...

8845

JD - De los créditos de los subsidios, mejor dicho, cuál es el modelo de desarrollo que ustedes se pensaron con esto de la agricultura familiar y campesina

MARCIANO - Bueno, el perjuicio que traen el modelo del agronehocio que nosotros lo denominamos. y que están impulsando fuertemente desde el gobierno actual

para nosotros es muy perjudicial por muchos sentidos, por muchos aspectos verdad primero porque a través de ese modelo lo que se va a generar es la descampesinización porque para el campesinado no hay posibilidad de sobrevivencia dentro de ese modelo, lo que se pretende es que el campesinado sea convertido en peones en changuero, en trabajadores informales o sea lo que se va a producir es el abandono masivo del campesinado y dónde van a concentrarse en la periferia de la ciudad lo que se va a agrandar es el cinturón de la pobreza de todos los cascos urbanos, y entonces eso para nosotros va a significar mayor pobreza mayor cantidad de pobre extremo y por ende también mayor inseguridad porque la mayoría de la veces según estudios revelados también que la causa de la inseguridad es el principal factor es la situación de crisis económica entonces para nosotros es muy claro que el modelo del agronegocio nos va a perjudicar muchísimo al sector campesino porque el campesino no tiene la capacidad de adecuarse en la vida de la ciudad y también para hacer trabajo que no sea de la agricultura porque no tiene esa preparación para ejercer o hacer otro trabajo que no sea de la agricultura entonces esa es la cuestión clave que nosotros entendemos por eso nosotros estamos resistiendo ante esa amenaza y tenemos nuestra propuesta de desarrollo como sector campesino y vimos también que el tema del agronegocio lo que va a dañar muchísimo y que ya estamos sintiendo el tema de la degradación del medio ambiente la desaparición de los bosques, la contaminación de los ríos eso ya estamos sintiendo las consecuencias y vamos a seguir sintiendo y sufriendo también en la medida que se va avanzando también el proyecto del agronegocio

Entonces ese es el motivo también que nosotros no estamos de acuerdo con ese modelo porque es un modelo excluyente es un modelo que excluye el medio ambiente y que pone en amenaza nuestro planeta tierra.

Y nuestra propuesta de desarrollo, nosotros estamos también desde hace mucho tiempo atrás discutiendo que nosotros tenemos que replantear el modelo de desarrollo y el modelo de producción basado sobre la de la agroecología que no es más que otra cosa sino producir sin dañar el medio ambiente y el ecosistema, entonces ese es el modelo que nosotros, y ese modelo no es un modelo nuevo sino que nosotros estamos planteando es que se recupere la cultura la costumbre y la tradición de nuestros antepasados, que son los indígenas, después son nuestros abuelos que siempre han trabajado siempre es el modelo

y que ahora nosotros vimos que es necesario
por que a medida que corre el tiempo también
se incluye dentro de la producción muchos elementos que son perjudiciales al mismo tiempo
para la salud humana y que ya está a la vista también las consecuencias de eso, el uso excesivo
del agroquímico
incluyendo herbicidas, insecticidas y otros productos químicos
entonces nosotros dijimos que se tiene que plantear un modelo basado sobre la agroecología
pero resulta que el modelo de la agricultura familiar y campesina siempre está basado en ese
modelo
de alguna u otra mayor grado, menor grado, pero siempre está basado sobre ese modelo
pero resulta que en Paraguay no hay un marco jurídico que garantice ese modelo, el primer
problema que estamos teniendo es eso,
no hay ninguna ley que diga que este modelo se tiene que proteger,, que este modelo se tiene
que dar garantías
que se tiene que fortalecer ni mucho menos que se tiene que apoyar
entonces pensando en eso tenemos ideado también, y ya tenemos presentamos también dos
proyectos de leyes en relación a eso
uno que se llama, ley de la agricultura familiar campesina que contempla muchos artículos
relacionados para que ese modelo pueda tener una garantía jurídica dentro del país
y segundo el tema de la ley para la creación de un ministerio de agricultura familiar y campesina
porque aquí en Paraguay se tiene el ministerio de agricultura y ganadería
pero eso solamente enfoca dentro del modelo del agronegocio
entonces para nosotros poco o nada
entonces queremos tener un ministerio enfocado directamente para que se pueda llevar
adelante programas proyectos y
algunos se pueda rescatar también alguna experiencia aquí
ya tenemos como organización y creemos que se tiene que expandir ese modelo

JD - Qué come el Paraguay?

De dónde come el Paraguay porque mi pregunta con esta expansión del modelo agroexportador
es si se cultiva soja y si se tiene el otro restante en ganadería de donde salen los alimentos del
Paraguay

MARCIANO -Y justamente ese es el mayor motivo de nuestro planteamiento allí se sustenta
nuestro argumento verdad
la defensa del modelo familiar y campesino
porque dentro de este modelo si uno pueda considerar que es del modelo de la agricultura
familiar

se tienen que tener en cuenta la diversidad de la producción entonces eso quiere decir que dentro del modelo de la agricultura familiar no entra el tema de la monocultivo sino que se tiene que producir la diversidad y también la autonomía de tener semilla de solucionar los problemas que se pueda perjudicar o dañar los cultivos, sin depender de cuestiones externas entonces ya que el modelo de la agricultura y la agroecología no permite el uso de agroquímicos entonces eso significa que se produce producto pero producto super sano que a la vez sirve para la alimentación y la nutrición de la población y para muchos hasta ahora o sea que por ahora ya se considera que el producto de la agroecología o de la agricultura familiar ya no se considera solamente como una alimentación sino también como una medicina entonces eso también ya tenemos a la vista la mayoría de la población que sufre actualmente en los países de desarrollo es el tema de la obesidad el tema de la diabetes, el tema del colesterol y cula es la causa de esas enfermedades y el primer factor es el tema de la mala alimentación y que se tiene que hacer esa persona que sufre esa clase de enfermedades primero se tiene que cuidar de la dieta y donde se recurre para que uno pueda tener una dieta sana y la producción de la agricultura familiar se tiene que comer producto fresco, se tiene que comer hortaliza, se tiene que comer frutas y todo eso, miel, todo eso viene de la agricultura familiar-campesina o sea que para este tiempo nosotros consideramos es fundamental es imprescindible para la humanidad que se genere mayor cantidad de alimento de la agricultura familiar campesina para que se pueda salvar también muchas vidas y se pueda evitar muchas enfermedades que ya vienen encima de la enfermedad y especialmente para los países que ellos dicen países desarrollados.

8846

JD - De orden público como lo llamarían en Colombia cómo afecta esta lucha por estos dos modelos por un modelo de agricultura familiar y campesina cómo ha afectado la presencia de un grupo armado? o cómo ha afectado todo el ruido mediático con la supuesta presencia de un grupo armado? esta lucha por una agricultura familiar y campesina?

MARCIANO - Bueno la verdad que nos afecta directamente la presencia de los grupos armados, pero que nosotros no podemos afirmar hasta el momento qué clase de grupos armados están en la zona se tiene muchas informaciones pero de las informaciones de los diarios, de la televisión de la radio y entonces ellos enfocan que existe un grupo armado específico y todo lo que suceden hacen ellos entonces me refiero a que ello lo llaman grupo ya sea ACA EPP pero muchas veces sucede y cuando uno mira se ve algo raro por ejemplo la muerte del capitán Pinanes pero no se si ustedes se...

JD - No

MARCIANO - entonces eso sucede pero hasta este momento no sé da ninguna explicación. Los familiares hacen denuncia y nadie hizo caso entonces hay una situación muy compleja que nadie puede explicar exactamente qué es lo que pasó. Pero que nosotros estamos entendiendo también que hay una intencionalidad muy fuerte de parte de los grupos poderosos económicos de expandir la sojización y también expandir el tema de la ganadería se dice que en Concepción hay una inseguridad impresionante que eso genera una preocupación a la ciudadanía a los empresarios a los ganaderos pero cuando uno ve y no hay mayor no hay mayor impacto negativo en ese ámbito del agronegocio específicamente no lo que no se pudo es extender el tema para que haya mayor espacio de territorio en ganadería y también en la soja eso es lo que no se pudo llevar a cabo porque nosotros estamos resistiendo como comunidad campesina pero a parte de eso hay un avance y un progreso impresionante del tema del agronegocio el caso del frigorífico por ejemplo el frigorífico Concepción según datos 1300 a 1500 cabezas por día están faneando y ahora se instala otro frigorífico en Belem que dicen que eso ya tiene otro nivel de productividad más de 2000 por día y no solamente ganado, sino también ahí ya se faena, pollo, cerdo y otros entonces hay un progreso impresionante

el gobernador anunció que próximamente ya van a transitar los bitrenes sobre la ruta 5ta, que
une Matogrosso
con la región de Concepción
y el objetivo es entonces trasladar la mayor cantidad y lo más rápido y aprovechar también el
caudal del río Paraguay para que ellos puedan trasladar hacia Europa hacia EEUU
la mayor cantidad de soja
entonces los bitrenes traerán los granos de, hacia San Pedro, Hacia Pedro Juan, hacia
Matogrosso para que se pueda por lo menos acercarse más el tránsito y hacer más rápido además
el otro programa que está anunciando y que seguramente ya están avanzando también la
creación de parques industriales en Concepción y otro proyecto es el tema de la instalación de
una empresa italiana hacia Vallemi,
para la explotación de, o sea de la fabricación de cemento por la Ical
que para nosotros es una amenaza también porque lo que van a hacer es explotar de manera
discrecional el recurso natural que tenemos en esa zona que no hay en otra zona que es la
materia prima para el cemento por la Ical.
Y en ese sentido hay un avance impresionante, pero por otro lado para el sector campesinado
no hay nada, entonces....

8847

MARCIANO - ...y vimos también que hay grupos armados, por eso hay muertes y por eso a lo
mejor hay secuestros y otras cosas, pero quién hizo por lo menos ya eso de nosotros ya se nos
escapa
posea que los que sospechamos que hay grupos armados, pero no hay solo un grupo ni
solamente que tiene ese nombre
sino varios nombres y que actúa defendiendo varios intereses, esa es la cuestión que
nosotros...
eso es lo que genera la situación en que estamos viviendo verdad
y últimamente según datos estadísticos y de un profesional salió diciendo que es paradójico la
mayor presencia de la institución de seguridad en el norte
y frente a eso hay mayor crimen
en el departamento, en los departamentos militarizados, como el caso de Concepción, San
Pedro y Amambai.
entonces eso es un claro reflejo que no se soluciona con el aparato de las fuerzas represivas sino
al contrario se profundiza la crisis y se genera mayor inestabilidad para el sector popular para el
sector campesinado y para otros si que entendemos si que beneficia mucho

JD - Nosotros en lo que hemos estado recorriendo es verdad...

8848

JD - ...Asesinato, que se hace pasar por miembro del EPP, completamente...

Acosos de alguna u otra manera, implantando pruebas, hemos encontrado pruebas, pero ustedes acá en Arroyito o en lo que usted conoce de Concepcion, tienen registro de alguna afectacion puntual, bueno el hijo de Na Odulia que supuestamente, que está secuestrado por el EPP, a parte de ese tienen registrado algun otro dano que se le haya hecho a su comunidad por parte de esos grupos armados, sin pensar en los de la FTC.

MARCIANO - Y la verdade suqe acá en esta comunidad no escucho no veo no detecto, ningun problema o ningun dano directamente afectado por la gente verdad

A escepcion de los que usted ya menciona veradd, el caso

pero más que eso nosotros no percatamos de la situación que genera, tanto perjuicio a la comunidad

entonces eso es lo que nosotros entendemos verdad

Entonces los primeros se dijo que, que había en la zona

ese grupo armado, pero que después dicen que, hacía acá en Yndi iU (guraraní), después en otro momento dice que hay en el Chaco y ahora se centra hacía San Pedro

y pero con eso nosotros no estamos tranquilo porque cualquier momento ellos nos oueden

decir que esta otra vez en la comunidad de arroyito y ese es nuestro miedo mayor porque

cuando ellos dicen y afirman eso, entonces ellos nos ausan que nosotros somos los

encubridores quen nosotros somso la logistica que nosotros estamos guardadno en nuestra parcela a ellos

entocnes con esa acusación ellos ya actuan ya hacen como tema de ayanamiento

incurciones fuertes

entonces se genera una preocupación por que la gente ni se puede ir más para trabajar en su chacra, porque uno ya no sabe si se van a la chacra, se pueda topar con la FTC y que muchas

veces sucedió ya eso, que ellos aprovechan muchas veces a la gente cuando encuentran sola

entonces le ataca, le tortura, como el caso de Gumersindo Toledo, y otros casos también

y en ese sentido entocnes genera mucha tensión y mucha preocupacion a la comunidad o sea que genera mucha intranquilidad lo que nosotros no siempre, o sea que siempre no deseamos

la presencia de ellos en esa magnitud

JD - Nos comentaban alguna vez que para prevenir, o que esto ha traído de vuelta una costumbre que es el trabajo en minga, no se si usted nos pueda comentar más si esto realmente se está dando, si están volviendo a trabajar juntos en las chacras?

MARCIANO - Y eso justamente es ya consecuencia de la situación que uno experimenta la verdad, acá nosotros también siempre vivimos y convivimos con nuestra diversidad, algunos creen que pertenece a cierta religión, otro pertenece a una institución otra entonces siempre tuvimos esa diversidad que a veces también genera conflicto, pero ultimamente esos conflictos desapareció, porque hay una causa común que afecta todo que es la amenaza de sacar la tierra, que otra amenaza también que es la pobreza que afecta a todos, el abandono y también la marginación entonces a raíz de eso la gente ahora está muy unida y muy esperanzada que a través de esa unidad se pueda resistir y se pueda lograr, hacer, reconocerse, nuestra propuesta y nuestras reivindicaciones Entonces con eso también se recupera muchas cosas que ya se había perdido verdad el tema de la solidaridad, la unidad como comunidad y por supuesto también el trabajo también en minga, que ultimamente está de moda porque la gente ya tiene miedo de ir a trabajar sola entonces trabajando juntos en grupo de alguna manera se genera un cierto grado de seguridad.

JD - Qué otras estrategias de resistencia cotidiana, no de pronto de las organizaciones y movilizaciones que hacen hacia Asunción pero que otras estrategias cotidianas han encontrado ustedes para lidiar con este lío de estar militarizado?

MARCIANO - Y la mayor tarea que estamos haciendo es las reuniones permanentes la creación de instancias de representación de la comunidad para que esa instancia pueda ser como un factor también para proteger a la comunidad dar garantía y actuar como interlocutor también ante las instituciones, ante los medios de comunicaciones, y ante cualquier situación que se genere verdad y el otro factor que siempre estamos insitiendo y llevado adelante también las asambleas permanentes permanente reflexión análisis información y estamos llevando de esa forma nuestra resistencia, hicimos también jornada de formación, siempre también recurrimos al apoyo de la iglesia en este caso de la pastoral social e instituciones que siempre nos apoya también en términos de derechos humanos y otros que llevan programa también que siempre ellos vienen, siempre hicimos grandes eventos y aprovechamos esos eventos también para explicar nuestra posición, nuestro punto de vista, nuestro proyecto nuestra reivindicación y al mismo tiempo denunciar esa injusticia y esos malos procedimientos

JD - Halbaba usted interlocución, alguna vez en estas organizaciones y como medida de resistencia han tenido ustedes interlocución con la FTC, han podido plantearle sus preguntas, sus reclamos?

MARCIANO - Así mismo, a través de la coordinadora departamental, ya llegamos a hacer al rededor de 4 reuniones y por intermedio de la iglesia de la diócesis, entonces nos acercamos al obispo encargado de la diócesis y a través de la pastoral social ellos gestionan, nosotros llevamos nuestra preocupación y nuestro planteamiento cuando hay situaciones ya demasiada, que genera tensión verdad, entonces en ese momento, ellos invitan a los responsables como el jefe de área, la fiscalía, jefe policial, entonces se genera un espacio de escucha de diálogo, y ahí nosotros aprovechamos decir todo lo que nosotros vemos, lo que nosotros sentimos y lo que nos preocupa sobre la presencia y los malos procedimientos de ellos,

y lo que nosotros suponemos también de ellos

entonces ellos muchas veces se sinceran también en esas reuniones con nosotros hay casos por ejemplo en un momento dado, un jefe de la FTC solo pidiendo disculpas por sus malos procedimientos, diciendo que han recibido una información pero que resulta que fue falsa, pero que a raíz de esa información falsa ellos vienen y proceden, atropellan una multitud de gente en donde estaba disfrutando el campeonato de fútbol, donde estaban niños, mujeres al rededor de 1000 personas

entonces ese fue un caso específico, que el jefe había pedido una disculpa que fue un gran error que cometieron

por la falsa información que recibió de una población o de un poblador de la misma comunidad de Arroyito

y ahí nosotros sacamos nuestra conclusión también de que ellos se manejan a través de los informantes, como en la era de la dictadura de Strossner verdad, que nosotros le denominamos Pirague

que son los informantes, que al mismo tiempo es de la seccional y que ellos tienen otros cargos.

De ese mismo contexto están ellos haciendo también su trabajo, y la mayoría de las reuniones, siempre hicimos esa, presentamos nuestra preocupación nuestra queja y también le solicitamos para que se respete a las organizaciones que nosotros desde mucho tiempo atrás estamos existiendo, seguiremos existiendo, y seguiremos haciendo nuestro trabajo como corresponde como organización y como dirigentes de la organización campesina.

JD - De esas reuniones, de pronto por saber como funcionan y la mecánica, hay algún ejemplo, qué clase de justificaciones dan ellos, salvo la de creo si mal no estoy el apellido del responsable de la FTC era Gonzales, que usted menciona...

MARCIANO - Así mismo.

JD - Si, ese episodio lo conocemos.

Pero de pronto después de +el han habido otras reuniones y que les dicen, que argumentos les dan para lo que le hacen?

MARCIANO - Y bueno ellos dicen que tienen uso inteligencia, que los grupos armados estaban circulando por la zona, y que ellos hicieron una marca, que ellos lo denominan como franja roja y que esa franja roja justamente está dentro de esa franja esta la comunidad arroyito en sí entonces es el motivo de su mayor presencia del mayor procedimiento que hacen pero nunca tuvo algún resultado como ellos esperaban y el resultado lo que ellos tienen es que ellos muchas veces justifican pero que para nosotros nada tiene que ver con el grupo que ellos buscan verdad llevan a la gente preso que a los seis meses sale con sobreseguimiento definitivo, eso quiere decir que no se tiene pruebas que esa persona tenía contacto o estaba involucrado con el grupo armado verdad pero que las secuelas ya quedan entonces esa s la preocupacion maror porque no hay solo un caso de ese caso verdad sino que tenemos muchos casos porque la gente muchas veces gasta pero hasta vende su allina para que pueda salir de susituación a la que se le lleo verad entonces esa era la justificación de ellos, que ellos manjean que estaban circulando por la zona y por ese motivo se estan enfocndo en esta comunidad pero hasa ahora no hay nungun resultado que uno pueda decir que es así veradd.

JD - Ok. Esta pregunta se la hacía también a Benjamín Valiente.

Una de las cosas que nos ha sorprendido es toda esta historai de Maricevich, de toda esta escuela, de cómo se han formado ustedes, de este gran impulso que finalmente también concluye en Arroyito, o se vuelve Arroyito

Una de las cosas que va apareciendo, es que sí hubo gente que tomó otra vía que sí hubo gente que sí tomo la decisión de la vía armada.

Yo quisiera preguntarle, primero, qué opinión le genera que se haya tomado esa vía y la segunda, que va mas o menos en el mismo lado, si ud. cree que aún con las herramientas pacificas, civiles, se puede luchar esta pelea que ustedes están dando.

MARCIANO - Bueno, sobre la primera pregunta, nosotros siempre decimos que cuando uno organiza una formación o un curso siempre está abierto para los que quieran interesarse verdad,

pero cuando uno entra a ese proceso de formación de ninguna manera se garantiza que al salir de ahí se pueda sostener esa cuestión, entonces en todas las instancias de formación, de educación de eso, sucede eso, como nosotros también formamos parte de un grupo que hemos formado dentro de la pastoral social de la iglesia, y también desde hace mucho tiempo estamos en la organización campesina, estamos militando, pero siempre hay alguna excepción, por ejemplo nuestro compañero que era también del curso, de repente se puede encontrar como político del oficialismo, que persigue a su raíz, entonces para nosotros es normal que cuando uno hace un proceso se pueda encontrar otro tiempo en otras situaciones entonces siempre se habla que el grupo armado surgió de la iglesia, que el padre era del grupo armado, era los obispos mismos de algunos especificando también. Esos son argumentos que a veces carecen de una seriedad, de una responsabilidad, y que esas acusaciones se hacen de manera muy subjetiva entonces la otra pregunta que me hice en relación al como se pueda superar esta situación Siempre nosotros sostenemos que el factor principal de la situación de inseguridad está basado por muchas cosas y que el tema de la inseguridad no solo afecta a un estrato o estrato social sino a todos. Y el tema de la inseguridad no solamente está en el campus sino también en la ciudad, por el caso por ejemplo en tres días en los últimos tres días, entre el departamento de Concepción y Amambai se registran cuatro muertes por crimen. Hacia Pedro Juan Caballero y hacia Valle Mi Hacia Puentestino también. En la mayoría de los casos se dice que fue por ajuste de cuentas, entonces nosotros dijimos que a medida que no haya fuente de trabajo los jóvenes de alguna forma tienen que sobrevivir entonces buscan la manera de como lograr esa supervivencia esa supervivencia, y muchas veces recurre a los actos ilícitos en ese caso pasó de robo de asalto, de trabajo de cultivo de marihuana, de cosecha, tráfico de droga. Entonces esas son las mayores causas de esa situación de tragedia. El tema de la inseguridad entonces no afecta solamente al campo sino a la sociedad completa. Entonces a partir de ahí nosotros sostenemos que para que la situación de inseguridad se pueda superar primero que se tiene que crear, establecer, fijar y ejecutar un programa o unas políticas públicas, destinado directamente para el desarrollo social de la zona, en este caso de Concepción, y en particular para el sector campesinado. Si se desarrolla la reforma agraria como se tiene que desarrollar, yo creo que muchas cosas se pueda superar

Si se crea empresa que realmente que da mano de obra, que se paga bien a los jóvenes, y si se genera mayor posibilidad que los jóvenes puedan cursar en las universidades yo creo que muchas cosas se pueda superar en el departamento, cosas que ninguna de esas sucede en el departamento.

Pero a la par de eso se a crea la FTC se ha gastado mucho dinero, y ni siquiera haya algun resultado que uno espera, ni que ellos esperan, ni que otro espera verdad.

Entonces nosotros no consideramos la presencia de la FTC lo que se ha gastado como una inversión, sino sinseramente es un gasto que no da ningún resultado, por lo tanto es una perdida de recurso del estado que se esta destinando a ese sector, por lo tanto lo que se genera es mayor problema, mayor insertidumbre y mayor pobreza al punto de gastar mucho en el tema de seguridad no hay recurso ni para la emergencia. No hay recurso para hacer camino, no hay recurso para hacer escuela, no hay recurso para mejorar la educación, la salud.

Y enontces la gente cada vez más vive en una situación de precariedad, de abandono, y con eso también, por ende ya trae mucho problema a la gente.

Entonces yo creo que se pueda superar mucha cosa, en vez de gastar ese monto tan grande en terminos de seguridad por lo menos a la mitad se pueda destinar al area social y con eso ya se pueda palear muchas cosas.

8849

JD - ...que todos quisieramos, pero ha habido avance, ha habido progreso en la presencia de un Estado social, por decirlo así, esa sería mi primera pregunta, desde que apareció el EPP, a ustedes los tienen más en cuenta?

MARCIANO - Bueno, yo digo que la situación de crisis ya hemos tenido desde hace mucho tiempo atras, y se sigue con esa misma situación y no hay alteración ni a faavor ni encontra, ni con la presencia de los grupos armados, ni con la presencia de los grupos de la seguridad del estado verdad

Y entonces lo s que nosotros sostenemos siempre es que una situación como esa verdad, por lo menos nosotros no estamos de acuerdo con el cambio, la modificación de la ley de la seguridad interna, por que eso atenta directamente contra el articulo de la constitución Nacional, que establece que las fuerzas armadas están encargadas de sobreguardar la soberanía Nacional, y para el conflicto interno está bien especificado, está encargado la policia Nicional, que nosotros sostenemos también que solamente con los policias y con un buen trabajo de la fiscalía y si se hace de manera objetiva, se pueda lograr acompañado de una asistencia social fuerte, para que se pueda dar condiciones para que la población campesina se pueda desarrollar.

Si haya salud, educación, infraestructura, producción y apoyo para la agricultura entonces con eso nosotros digimos que va a ser suficiente para que se pueda superar esta situación, pero no hubo, entonces nosotros siempre estamos al margen de cualquier programa de desarrollo pero a la par también el peor de caso estamos en ojo de ellos, como nosotros si fuésemos peligrosos, sospechosos permanente y esa es la situación que esstamos viviendo verdad. Entonces muy pesada en nuestra carga de resistencia, pero yo creo que con la solidaridad que siempre tenemos también a tra vez de las otras organizaciones fraternas de sindicatos, de obreros, de profesionales, de organizaciones y también siempre no tenemos queja también del apoyo de la iglesia, y también de organismos internacionales.

Y en particular de los organismos de los derechos humanos que siempre nos apoya ,simpre nos acompaña, y siempre a través de ellos tenemos la posibilidad de hacer nuestra denuncia y hacer llegar a la instancia donde se tiene que llegar también entonces hasta este momento estamos consientes de que es justo y es necesario nuestra acción nuestra resistencia y nuestro posicionamiento ante esta situación y estamos en condición de seguir resistiendo y a medida que se va avanzando también se va generando mayor conciencia de que acá en la comunidad y en el depto de concepcion, no es como dicen los medios masivos de comunicaión del país. Sino que acá hay una situación real que es el abandono, la marjgnacion y que hay na intensión detras de todos los trabajos que vienen haciendo el organismo de seguridad, una intención clara que es la descampesinisacon masiva y la expansión sojera y otros rubros que ellos quieren llevar adelante.

JD - De ahí me surgen mas preguntas como todo, pero la primera que me llama mucho la atenciõn en el recorrido que hemos hecho por esta semana que llevamos aquí en Concepción, y espero no me pegue, pero hemos visto que las mayoría de lideres son personas que, mejor dicho, no hay liderazgo juvenil, no parece haber mucho liderazgo juvenil, quisiera preguntarle cuál es el rol de los jovenes en todo esto, cómo está la articulación juvenil, porque ustedes hicieron una lucha muy valiosa para obtener Arroyito, cómo se esta pasando eso a las otras generaciones.

MARCIANO - Bueno, el problema de la juventud estamos arrastrando un problema desde ya años también, y justamente la situación obedece a la falta de oportunidad del estudio, del nivel universitario de los jovenes, nosotros con nuestra propia iniciativa como padres de familia y como de la comunidad hemos planteado, y hemos logrado instalar una escuela agricola que está ahora en el núcleo tres, que ya tenemos al rededor de 350 egresados, de esa cantidad de egresados ya tenemos una cantidad importante de profesionales, pero qué pasa cuando uno culmina su nivel bachillerato uno tiene la idea de seguir su estudio, y la única manera de seguir su estudio, tiene que emigrar, tiene que seguir a la universidad, y la

mayor cantidad de jóvenes que uno pueda encontrar de la zona de Arroyito es en la zona de Pedro Juan Caballero.

Porque anteriormente había más fuente de trabajo para los jóvenes, y más posibilidad de estudiar en la universidad, entonces ese es el primer problema que tenemos, la mayor migración de nuestros hijos hacia la ciudad por cuestiones de oportunidad de estudio, y estamos trabajando en el ámbito de la juventud pero tenemos esa falencia, falta todavía por lo menos trabajar más, ante ayer por ejemplo nuestros jóvenes, por iniciativa de ellos hicieron una manifestación ahí en Concepción, repudiando la ausencia de el estado en área social, asistencia, también repudiando el mayor gasto de la FTC y la militarización, entonces tenemos pero no tenemos como uno pueda esperar que haya más protagonismo de la juventud, pero siempre tenemos en nuestra agenda también.

JD - Esto es otra pregunta derivada de su respuesta anterior, alguna gente teme por su situación. Usted tiene miedo, usted líder, usted visible, de que a usted lo busquen enjuiciar por algo.

MARCIANO - Y siempre esperamos, siempre estamos concientes de que cualquier momento se pueda ocurrir eso, porque ya suele ocurrir en otros departamentos en otras organizaciones hay casos de compañeros dirigentes que están en la cárcel a causa de su lucha el tema de la tierra, y ya tuvimos también casos de víctimas fatales, el caso de la tierra también, el caso del compañero Benjamín, y siempre estamos concientes de que en cualquier momento nosotros podríamos estar en esa situación de persecución de imputación de encarcelamiento que son los menores casos que uno puede esperar verdad, hasta no descartamos que cualquier momento podamos sufrir atentados.

Pero con todo eso nosotros estamos firmes, y gracias a la conciencia de la gente a la solidaridad entonces eso nos da mucha fuerza para seguir siempre en el nivel en que estamos ejerciendo también nuestro trabajo a favor de la comunidad y a favor de la gente, y por suerte estamos en mucho también, hay muchos dirigentes comprometidos en este tiempo, a nivel nacional, a nivel departamental también, y también tenemos mucho apoyo, mucho apoyo de personas muy destacadas, de instituciones y eso nos da mucha fortaleza también para que se pueda ir resistiendo, trabajando, y enfrentando también el desafío,.

JD - Hay una última cosa que a mí me sorprendió antes de venir, cuando estaba planeando el viaje.

Es la aparición de un estudio el de Juan Martens. Es una persona que he escuchado en diferentes ámbitos, algunos queriéndolo mucho por su labor de defensor. Otras muy sorprendidas. Yo quisiera que usted de pronto me comentara si conoce algo del estudio que

opinión le merece las declaraciones que él ha dado y de pronto usted me pueda ayudar a dilucidar.

MARCIANO - Sobre el trabajo de Juan Marten, algunos me comentaron, pero yo todavía no tengo la posibilidad ni la oportunidad de leer el resultado de sus estudios verdad, pero que según el comentario que he recibido, que su punto de vista o su afirmación compromete mucho a la clase dirigente a organizaciones campesinas y nosotros estamos planteando también hacer una evaluación de ese trabajo, el resultado de su estudio verdad. Y nos gustaría tener la oportunidad de sentar también con él. Y preguntar también, qué criterio él tenía, para por lo menos afirmar ciertas situaciones que están dentro de su investigación verdad.

Pero sí que ya me comentaron que hay mucha preocupación del resultado de su estudio, entonces tenemos nuestra agenda también que oportunamente vamos a evaluar con los compañeros profesionales que siempre también trabajamos con nosotros, con las instituciones y con las agencias de cooperación internacional también vamos a abordar ese tema, vamos a evaluar y también, después de eso, vamos a tomar nuestro posicionamiento también sobre el resultado de su estudio verdad

Pero la verdad que no tengo conocimiento específico ni detallado del resultado de sus estudios.

JD - Nosotros tampoco hemos podido leerlo, pero vamos a buscarlo.

No sé si los compañeros tengan una pregunta más?

No?

De pronto yo si quisiera cerrar con una general y se la hice también a la señora Nancy Cuevas y es cuál sería esas cosas que le hacen falta, cuál sería el legado que hay que dejarle a los demás, para que este proyecto de Arroyito que es bien excepcional. No habíamos visto, no conocíamos algo así. Siga, pueda perseverar, pueda crecer.

JD - La verdad que muchos nos dijeron que el factor clave para la lucha del campesinado de Concepción está centrado en Arroyito, cuando hay preocupaciones, cuando hay ideas, cuando hay intenciones de hacer movilizaciones que afectan a muchos otros lugares que no sea de Arroyito, los compañeros que viven en los otros lugares, lo primero que quieren saber es que dice la gente de Arroyito.

Entonces cuando nosotros nos proponemos a hacer cualquier movilización, entonces todos ya se animan, entonces para nosotros, más que un privilegio, es un desafío, porque se ve, que en Arroyito hay gente que realmente plantea y pueda plantear de manera más acertada, y entonces sinceramente en Arroyito hay mucha gente preparada, mucha gente que tiene la capacidad de plantear un modelo de desarrollo un modelo de producción y no solamente depende de uno o dos personas sino varias personas, y esa es nuestra fortaleza y nosotros vimos que el modelo que es el sector campesino y la organización campesina que tiene que llevar

adelante es el liderazgo colectivo, que nosotros también ahora estamos llevando adelante y tenemos una buena experiencia en la coordinadora nacional intersectorial, integrada por 9 organizaciones departamentales y nacionales, entonces durante los 40 días de lucha, hemos encabezado, pero no hay sola una persona como coordinador, o sea que no hay la visibilización de liderazgo sola, sino la colectividad. Entendemos que lo que a nosotros nos da la vida como Arroyito, es eso, que no depende de una sola persona, sino hay una colectividad de liderazgo y nosotros creemos que esa organización es la ideal para todas las organizaciones campesinas y para el sector campesino, entonces estamos trabajando también para que el estilo de la lucha que estamos llevando como Arroyito se pueda también hacer en otros lugares, que vimos también que ya hay luchas en otras zonas como el caso de Loreto por ejemplo, ya hay un grupo de gente que se planta ante la amenaza de aparición de parcela de soja, y ahí la gente ya pone su posicionamiento se organiza y también ahí ataja.

Entonces ellos dicen que gracias al ejemplo de Arroyito, nosotros ya podemos hacer como hacen la gente de Arroyito.

Entonces esa es nuestra percepción y estamos siempre a eso verdad, siempre tenemos dirigentes antiguos, tenemos también dirigentes de mediano digamos, que no es tan antiguo ni tan nuevo, pero también siempre buscamos la forma de incorporar nuevo valor para la dirigencia, o sea que nosotros entendemos que nuestra lucha ya viene ya mucho tiempo atrás. Pero tenemos muchas cosas que hacer en adelante, entonces cada vez más se tiene que buscar la dinamización de la lucha, se tiene que buscar también la renovación del liderazgo, y que se tiene que también cambiar muchas veces la metodología de la lucha y la táctica, entonces siempre estamos en eso y estamos conscientes de que si mañana nosotros por algún motivo ya no podemos ejercer la dirigencia, que va a haber otra persona que va a llevar mucho más mejor que nosotros, entonces estamos convencido en eso, y estamos consciente y esperanzado también.

JD - Pues muchas gracias srn Jara, al fin lo logramos pescar y yo creo que le sacamos el jugo....

MARCIANO - (Suelta una carcajada)

JD - Muchas gracias por sus respuestas. no sé si usted tenga preguntas para nosotros o comentarios que agregar. No sé, somos todo oídos ahora nosotros.

MARCIANO - Sí, lo que yo quería preguntarles es...

8856
(Paneo de casa en obra Arroyito)

8860
(Entrada casa en obra Arroyito)

8861
(Paneo de casa en obra Arroyito desde afuera)

ARROYITO FAMILIA POLICIA SECUESTRADO

9078 (mismo 9256 plano fijo)

- ...estaba por San Pedro, Santa Rosa de Lima y después procuraba mucho otra vez hasta estar un asentamiento acá, hay un lugar, un asentamiento acá en Arroyito y ahí estaba un a comisaia y ahí el trabajaba, estaba ahí en la comisaría, y después el día 5 de Julio del 2014 que unos cuantos de gente le invitaba para ir de cacería supuestamente, pero la idea de otra cosa, nosotros luego después nos enteramos que no era tema de cacería, porque la gente del EPP escribía luego que él era prisionero de guerra y pedía canje por él para su liberación. ...(guaraní)
Epepista.

Y desde ahí estamos pasando esta situación hasta ahora, ya va a ser 3 años 3 meses.

JD - Por entender lo de la invitación a la cacería. Quién lo invitó, cómo lo invitaron? Otra gente que fué con él resultó secuestrada, o sólo él?

-Sólo él, estaba todo parientes de su esposa, hermano de su esposa, tío y también vecino de ahí de cerca, y todos son familiares casi de la esposa de mi hijo, y le invitó, pero siempre a él le gusta la cacería, siempre, por que él es policía, y tenía el día libre, él se quería también divertir, y toda esas cosas. Pero siempre es muy raro lo que pasó por que el nunca se fue a ese lugar, y se le agarro pero a ninguno se le llevo a sus companeros, solamente a él.

JD - Alguna vez su hijo recibió amenazas o alguna vez él se sintió en peligro por estar trabajando en Arroyito.

- Nunca, nunca, nunca. Pero él siempre colaboraba. El comisario Gamarra, a mí me contó esa vez. Esta semana va a ser 15 días el comisario Gamarra que era Jefe de Policía, que cuando el estaba en el asentamiento, era jefe de Policía el comisario Gamarra. Y no sé mi hijo alguna vez, él no dijo nada siempre a nosotros. No sabemos sí él recibía amenaza, para no preocuparnos a nosotros verdad. Pero el comisario Gamarra me contó que él siempre colaboraba muchísimo porque viste que la gente del EPP, su lugar de origen donde ellos se juntaron fue el asentamiento donde el trabajaba. Y había sido mi hijo que el siempre colaboraba con la gente de la policía, llevando fotos que el fulano del EPP entonces a lo mejor por ahí viene...

JD - Usted alguna vez le sugirió a él que se fuera, ud como madre, udes como familia. alguna vez temieron porque él trabajara en Arroyito.

O ustedes lo veían tranquilo porque él ya tenía su familia ahí y ya llevaba tiempo ahí.

Cuál era la opinión...

-No yo siempre digo a mi hijo para que renunciara de su trabajo, porque viste que mucha persecución ellos llevaron ahí en la comisaría, siempre se le atacaron con armas, le amenazaron en la comisaría de matar a todos ahí a la gente que estaba y yo siempre digo mi hijo, salí de ahí, renunciate ya porque es muy peligroso, pero él nunca aceptó mi idea porque me dijo yo mamá soy policía y juré por esas cosas, a mi me gusta. no voy a renunciar de mi trabajo

El siempre me dijo así, pero a lo mejor la gente del grupo mismo ya le marcaba porque a lo mejor le pillaba que él estaba colaborando mucho con la gente de la policía, toda esas cosas, ahora no más yo me enteré que era así las cosas. Por que el comisario mismo me contó, me dijo nha Obdulia, el siempre colaboraba con nosotros enviando fotos de la gente del EPP. Y no sé si por ahí viene la situación.

JD - Desde que el se encuentra secuestrado, sé que una de esas de hecho apareció con Arlam Fick.

Ustedes que cada tanto tienen pruebas?

Han alguna vez obtenido alguna esperanza de liberación, o siempre ha sido intransigente, qué les dice el gobierno, reciben apoyo, como es?

Obdulia - Y la última prueba de vida cuando estaba con Arlam, van a ser 3 años en este mes de Octubre, última prueba de vida cuando estaba con Arlam, y no es también por mi hijo sino por Arlam, porque Arlam se va a liberar en ese mes de diciembre, y le daba esa gente prueba de vida a su papá, y mi hijo estaba con él, y entonces también está mi hijo ahí hablaba, hablando también que está bien, y todas esas cosas pero esa fue la última vez, después ya nunca más.

JD - Cuando liberan a Arlam ustedes pudieron hablar con él y saber cómo estaba él.

Obdulia - Sí, sí, nosotros fuimos luego allá a Paso Tuyá con la gente ahí hablando con el muchacho y nos contó todita la situación que ellos pasaban juntos, desde aquel día que se le agarró mi hijo, todos juntos, los dos estaban juntos ahí, hasta que Arlam salió de la prisión (cautiverio).

Y estaban juntos todo el día.

Me dijo lo que es mi hijo está muy entristecido, me dijo Arlam, a mi me preocupa Adelio, por que él todo el día estaba entristecido, así, esas cosas, lo que ellos pasaban ahí, nos dijo todo ese muchacho, pero desde esa vez ya no hay más ninguna prueba de vida.

JD - Alguna ez ha, tiene una familia numerosa, algun vez uno de sus otros hijos ha recibido una amenaza, alguno ha vuelto, ha intentado ir a Arroyto, o ustedes por precaución evitan tener contacto por esa zona?

Obdulia - No, no, hasta ahora, nosotros, ninguno de mi hijo no recibe amenazas, tampoco nosotros, no pensamos ir de acá porque nosotros vivimos muy tranquilos, nosotros no recibimos nunca ninguna amenaza, antes y después de mi hijo que estaba con esa gente nunca recibimos ninguna amenaza, gracias a Dios y por eso estamos acá. A lo mejor si recibimos ya no vamos a estar luego acá. Pero hasta ahora ninguna amenaza de parte de esa gente, porque nosotros pensamos, la gente del EPP no es a nosotros lo que quisiera hacer mal. Es supuestamente al gobierno. Porque por eso mismo se llevó un policia. Por que el panfleto que escribió así lo escribió él. Pero al final no es también al gobierno sino también a la familia mismo lo que le afectó.

JD - De lo que usted alcanza a conocer de las investigaciones que hace el ministerio publico. Han capturado gente, usted está conforme con el avance judicial que tiene esto.

OBDULIA - No, yo por ejemplo estoy...

9081 (mismo 9256 plano movimiento)

OBDULIA - ...Nosotros con la gente del apoyo logistico, nunca tuvimos ningun contacto, nosotros como familia no nos acercamos nunca a la gente de los que hicieron... porque viste que la gente a lo mejor no ocnfía en nosotros, porque nosotros somos victimas, y nosotros tambien no confiamos también de ellos.

Y por eso mejor no, quedar distansiado unos a otros, mejor preever todas las cosas porque acá la gente del EPP y también su apoyo logistico, no quiere hablar con gente como nosotros.

JD - Se lo preguntaba era por si acaso había obtenido información de cómo estaba su hijo por fuera de los comunicados...

OBDULIA - No, no, no hay....

JD - ...cómo es la actitud en general de la gente, ya hablando más de lo que usted conoce, de haber estado en esta zona desde hace mucho tiempo, nosotros hemos visto que en algunos sitios pues es calmado, es tranquilo, pero hay miedo o no hay miedo de vivir acá?

OBDULIA - Pues si, la gente, es calmado, trabajando, la gente no habla, la gente al parecer no hay nada en el departamento, no hay nada, todo así, tranquilo, trabaja, en su chacra, en su lugar de trabajo, la gente sigue igual, como parece que ya se acostumbra de la situación que hemos pasado, pero mucha gente se preocupa porque no es nada nuevo, por ejemplo la gente uniformado todo el día está bajo peligro porque no sabemos a quién le va a alcanzar esta situación, porque la situación del EPP no para, no hay avance de de investigación de nada, la gente del EPP sigue igual desde que empieza hasta ahora, y amenazando de secuestrar y matar policia y a los militares, entonces, pero la gente civil, esta todo así todo tranquilo, no como nosotros ni como los policiaas, que esta preocupado por ser uniformados como mi hijo, pero así es la situación, pero la gente todo está calmado acá, como si nada hubiera pasado.

JD - Ahora que Ud. habla de uniformes, solo por saber, su hijo cuando fue invitado a esto fue uniformado o él iba de civil?

Obdulia - No, él de civil, pero su arma reglamentaria pero también tenía en su billetera su insignia policial.

Y por eso, pero le sabía, lo que , el estaba en la comisaría del asentamiento, y la gente del grupo era toda del asentamiento, le conocía mucho a mi hijo , por eso mismo.

JD - Yo no sé si usted ha intentado de pronto por otras vías, por medios enviar un mensaje a su hijo, en todo caso si nosotros logramos publicar esto, nos gustaría también publicar algún mensaje que usted quiera dar, a quien sea, al grupo a su hijo, al gobierno, tener su impresión, hay algo que usted quisiera enviar y que nosotros pudiéramos amplificar?

OBDULIA - Y sí yo lo que siempre como mamá le pido a esa gente al grupo mismo también para que libere a mi hijo porque como te dije, es lo que estaba pensando que está perjudicando al gobierno mismo, pero no es así la cosa, porque nosotros somos familia pobre, familia humilde, y a nosotros es a quienes perjudica más, y al gobierno no, pero yo le pido a esa gente encarecidamente para que nos de una prueba de viaa y para que liberen a Edelio, porque ya es mucho tiempo, ya es el colmo que él está ahí, sufriendo sin ninguna causa, para que liberen yo le pido encarecidamente a la gente del grupo EPP y también al gobierno al estado paraguayo que haya reacción de esta causa, porque nosotros no somos muchos habitantes, somos pocos habitantes, no podemos vivir así en el Paraguay con miedo paralizado porque no podemos trabajar tranquilos porque hay temor del EPP la gente uniformada, todos estan preocupados, este muchacho que esta acá tiene a su familia, su papá su esposa, está preocupado, porque porque su hijo está pbajo peligro, el es uniformado y así estamos, la mamá que tiene un hijo uniformado se preocupa mucho porque no hay seguridad, no hay seguridad, y por eso mismo yo

le pido también al gobierno, al estado del Paraguay, al presidente de la republica que solucione este problema.

Viste este señor de 75 años que parece que tiene el señor Felix Urrieta, no merece un señor de esa edad privado de su libertad, él ya merece estar en su casa descansando con su familia y está secuestrado, y por eso mismo, yo, y esto también va al al gobierno al presidente de la republica que se preocupe un poco por su gente por su pueblo porque es un papa, el presidente de la republica es un papa, y tiene que preocuparse por sus hijos por su familia, y nosotros estamos todos así, esa gente que también es pobre, los policas son pobres, y yo les estoy molestando todo el día a esta gente pobre, pero no hay otras alternativas para mí porque yo también necesito de la gente porque nosotros estamos en una situación muy mal, porque ya estamos pasando 3 años y 3 meses, muchísimo tiempo, y el gobierno mismo ya tiene que hacer algo para que se pueda solucionar esta situación porque no podemos vivir así todo el tiempo, eso yo le pido.

JD - Pues nos llevamos ese mensaje intentaremos publicarlo tal cuál nos lo dijo
9259 (mismo 9078 y 9081 plano fijo)

JD - Bueno, ya voy a comenzar Camilo listo?

Listo, ya que podemos comenzar les quisiera pedir si por favor nos pueden dar su nombre entero, yo a usted la conozco como Nha Obdulia pero no sé bien su nombre entero, y pues presentarnos también con usted.

OBDULIA - Obdulia Florenciano de Morenho
APOLONIO MORENO - Apolonio Morenho

JD - Primero quisiera conocer un poco la historia de ustedes en el lugar, si son de acá de Concepción de esta parte de Arroyito, desde hace cuánto están acá, cómo es la historia de su familia?

OBDULIA - Nosotros siempre fuimos concepcioneros... poblador de acá de Arroyito también el distrito del departamento de Concepción ahora nuevo distrito...

Mi marido era también de Horqueta y todos somos de Concepción, departamento de concepción, somos concepcioneros, estamos, 37 años de casados.

JD - Pregunta también, a que se han dedicado ustedes, que actividad económica manejan ustedes, qué plantan?

OBDULIA - Nosotros estamos, mi marido, trabajaba anteriormente cuando era sano, porque el ahora está sufriendo una enfermedad, pero el siempre trabajaba en la agricultura, y nosotros plantamos todas las cosas de la chacra, mandioca, maíz, para la renta sesamo, algodón, y así pasamos el tiempo.
tenemos 12 hijos de matrimonio. Sí.

JD - Ok. Ya entonces, hablando un poco más de su hijo si nos pueden contar como era el como ingreso el a la policía, entiendo que era la fuerza a la que pertenecía, pertenece aún.
Cómo era la historia de su hijo, el creció acá?

OBDULIA - Sí, acá en esta misma casa el nació y acá se crio mi hijo, acá fue educado, acá cerquita en una escuela que entraba del primer grado al sexto grado, y después sí ya que se fue al Colegio Mayor Julio de Otanha, y allá hacía su curso de Bachillerato hasta terminar su curso, y de ahí se fue un año a Asunción, y de ahí se fue a estudiar para ser policía, anteriormente era un año y después si que se quedo, después de ser policía se quedo en Asunción un poco tiempo y después procura su traslado, estaba por San Pedro, Santa Rosa de Lima, y después procurar mucho otra vez hasta estar acá en asentamiento acá hay un lugar asentamiento, acá en Arroyito y ahí estaba un comisaría, y ahí el trabajaba, ahí el trabajaba casi 3 años, estaba ahí, en la comisaría, y después si que un día 5 de julio del 2014 lo que unos cuantos de gente le invitaron para ir de cacería, supuestamente. Pero él no, o sea la idea de otra cosa la preparación nosotros después nos enteramos que no era tema de cacería, porque la gente del EPP escribía luego que el fue prisionero de guerra y pedía canje por el para su liberación, ...(guaraní) epepista.

Y desde ahí está pasando esta situación hasta ahora ya va a ser 3 años y 3 meses.

JD - Por entender lo de la invitación a la cacería. Quién lo invitó, cómo lo invitaron? Otra gente que fue con él resultó secuestrada, o sólo él?

-Sólo él, estaba todo parientes de su esposa, hermano de su esposa, tío y también vecino de ahí de cerca, y todos son familiares casi de la esposa de mi hijo, y le invitó, pero siempre a él le gusta la cacería, siempre, por que él es policía, y tenía el día libre, él se quería también divertir, y toda esas cosas. Pero siempre es muy raro lo que pasó por que el nunca se fue a ese lugar, y se le agarró pero a ninguno se le llevo a sus compañeros, solamente a él.

JD - Alguna vez su hijo recibió amenazas o alguna vez él se sintió en peligro por estar trabajando en Arroyito.

- Nunca, nunca, nunca. Pero él siempre colaboraba. El comisario Gamarra, a mí me contó esa vez. Esta semana va a ser 15 días el comisario Gamarra que era Jefe de Policía, que cuando el estaba en el asentamiento, era jefe de Policía el comisario Gamarra. Y no sé mi hijo alguna vez, él no dijo nada siempre a nosotros. No sabemos si él recibía amenaza, para no preocuparnos a nosotros verdad. Pero el comisario Gamarra me contó que él siempre colaboraba muchísimo porque viste que la gente del EPP, su lugar de origen donde ellos se juntaron fue el asentamiento donde el trabajaba. Y había sido mi hijo que el siempre colaboraba con la gente de la policía, llevando fotos que el fulano del EPP entonces a lo mejor por ahí viene...

JD - Usted alguna vez le sugirió a él que se fuera, ud como madre, udes como familia. alguna vez temieron porque él trabajara en Arroyito.

O ustedes lo veían tranquilo porque él ya tenía su familia ahí y ya llevaba tiempo ahí.
Cuál era la opinión...

-No yo siempre digo a mi hijo para que renunciara de su trabajo, porque viste que mucha persecución ellos llevaron ahí en la comisaría, siempre se le atacaron con armas, le amenazaron en la comisaría de matar a todos ahí a la gente que estaba y yo siempre digo mi hijo, salí de ahí, renunciate ya porque es muy peligroso, pero él nunca aceptó mi idea porque me dijo yo mamá soy policía y juré por esas cosas, a mí me gusta. no voy a renunciar de mi trabajo
El siempre me dijo así, pero a lo mejor la gente del grupo mismo ya le marcaba porque a lo mejor le pillaba que él estaba colaborando mucho con la gente de la policía, toda esas cosas, ahora no más yo me enteré que era así las cosas. Por que el comisario mismo me contó, me dijo nha Obdulia, el siempre colaboraba con nosotros enviando fotos de la gente del EPP. Y no sé si por ahí viene la situación.

JD - Desde que el se encuentra secuestrado, sé que una de esas de hecho apareció con Arlam Fick.

Ustedes que cada tanto tienen pruebas?

Han alguna vez obtenido alguna esperanza de liberación, o siempre ha sido intransigente, qué les dice el gobierno, reciben apoyo, como es?

Obdulia - Y la última prueba de vida cuando estaba con Arlam, van a ser 3 años en este mes de Octubre, última prueba de vida cuando estaba con Arlam, y no es también por mi hijo sino por Arlam, porque Arlam se va a liberar en ese mes de diciembre, y le daba esa gente prueba de vida a su papá, y mi hijo estaba con él, y entonces también está mi hijo ahí hablando, hablando también que está bien, y todas esas cosas pero esa fue la última vez, después ya nunca más.

JD - Cuando liberan a Arlam ustedes pudieron hablar con él y saber cómo estaba él.

Obdulia - Sí, sí, nosotros fuimos luego alla a Paso Tuyá con la gente ahí hablando con el muchacho y nos contó todita la situación que ellos pasaban juntos, desde aquel día que se le agarró mi hijo, todos juntos, los dos estaban juntos ahí, hasta que Arlam salió de la prisión (cautiverio).

Y estaban juntos todo el día.

Me dijo lo que es mi hijo está muy entristecido, me dijo Arlam, a mi me preocupa Adelio, por que él todo el día estaba entristecido, así, esas coass, lo que ellos pasaban ahí, nos dijo todo ese muchacho, pero desde esa vez ya no hay más ninguna prueba de vida.

JD - Alguna ez ha, tiene una familia numerosa, algun vez uno de sus otros hijos ha recibido una amenaza, alguno ha vuelto, ha intentado ir a Arroyto, o ustedees por precaución evitan tener contacto por esa zona?

Obdulia - No, no, hasta ahora, nosotros, ninguno de mi hijo no recibe amenazas, tampoco nosotros, no pensamos ir de acá porque nosotros vivimos muy tranquilos, nosotros no recibimos nunca ninguna amenaza, antes y después de mi hijo que estaba con esa gente nunca recibimos ninguna amenaza, gracias a Dios y por eso estamos acá. A lo mejor si recibimos ya no vamos a estar luego acá. Pero hasta ahora ninguna amenaza de parte de esa gente, porque nosotros pensamos, la gente del EPP no es a nosotros lo que quisiera hacer mal. Es supuestamente al gobierno. Porque por eso mismo se llevó un policia. Por que el panfleto que escribió así lo escribió él. Pero al final no es también al gobierno sino también a la familia mismo lo que le afectó.

JD - De lo que usted alcanza a conocer de las investigaciones que hace el ministerio publico. Han capturado gente, usted está conforme con el avance judicial que tiene esto.

OBDULIA - No, yo por ejemplo estoy muy apenada y me quejo mucho de la justocia paraguaya, no hay justicia en Paraguay, al menos a la gente pobre, porque la fiscalía, el Fiscal, maneja toda la situaciones todas las informaciones de esa situación de mi hijo, pero hasta ahora, ni una cosa a favor nuestro no hizo el fiscal, porque él sabe todito, todas las cosas que pasó, nunca hizo justicia por nosotros.

JD - Pero a usted le han informado como el contenido de la investigación le han contado en qué va o nunca le dan esa información ud qué sabe de esa investgación.

OBDULIA - Nosotros no sabemos nada, porque como te dije, el fiscal nunca hablo con nosotros, y él tenía mucha información, buena información de estas cosas para que pueda él investigar lo que está pasando, y también la gente que estaba ahí con mi hijo, el capataz de la estancia, todas esas cosas pero nunca hubo una investigación formal a estas causas, no hay.

JD - Su hijo tenía familia por lo que entiendo, su esposa. pero hijos no tenía. Ok. Tanto usted como madre, como su esposa, la familia, han recibido algún tipo de apoyo o se han sentido acompañados por parte de la institución?

OBDULIA - Sí, yo nunca me voy a quejar de la institución policial, nunca me voy a quejar, porque la institución policial siempre nos cuidó bien a nosotros, si acá está la gente de la comisaría, acá están los caí, yo siempre que los llamé a ellos siempre me atendieron, de esas cosas no puedo quejarme, de la institución misma no puedo quejarnos.

JD - De los compañeros de su hijo alguna vez han hablado con ellos, qué le comentan? los compañeros de la comisaría que está en el asentamiento de Arroyito?

OBDULIA - Sí, nosotros ahora por ejemplo ya no está más ningún compañero cuando mi hijo trabajaba ahí, ya se los llevaron todos de la comisaría, hay uno que está ahí, un compañero, pero después si que ya no está. Pero si hemos estado hablamos con la gente, el jefe, y prácticamente el jefe de mi hijo, el que le salvo a mi hijo de la justicia porque viste que a mi hijo el ministro del interior dijo en una oportunidad dijo que era luego del grupo, así es la cosa, en primer momento, muy duro con nosotros la situación.

JD - Nosotros hemos leído en medios, y no siempre confiamos 100% por eso venimos a escuchar la versión directa, que usted una vez manifestó que si su hijo se había unido al grupo que usted esperaba que hubiera sanciones, yo quisiera escucharlo de su propia voz, ud qué cree de esta acusación, ud creería conociendo a su hijo qué es posible, o que opina ud de eso que dicen?

OBDULIA - Por eso mismo yo como mamá siempre estoy muy fuerte para salvaguardar la situación de mi hijo porque yo nunca le voy a permitir a nadie, porque mi hijo no es esa clase de persona, yo sé como mamá qué clase de hijo tengo, y mi hijo nunca va a aceptar la idea de esa gente porque a él no le gusta, por eso mismo ahora yo me enteré que él siempre le llevaba foto, de quien estaba en el grupo del asentamiento.

Ahora yo me enteré de la boca mismo del comisario que estaba anteriormente como jefe de policía. Y mi hijo nunca va a ser del EPP, nunca va a ser.

Voy a morir frente a esa situación pero nunca voy a permitir, porque no es cierto, eso es mi realidad.

JD - Yo quisiera saber también si usted tiene un contacto o relación, que tienen de pronto otro tipo de situación victimizante, ya sea también la del secuestro como fué el caso de los Fick o con la familia de Urbieto, o si ustedes se hablan, si tienen algún tipo de contacto, si se fortalecen ustedes, si se acompañan ustedes?

OBDULIA - Así es, yo por ejemplo ya hablé muchas veces con la señora de Don Felix, con su hija, y también con la gente de otra gente de los Menonitas, pues siempre nosotros nos apoyamos, nos hablamos siempre hablamos juntos y la mamá de Arlam también hasta ahora me llamó, me dijo Dona Obdulia, siempre él le contó las cosas que pasaron con su hijo, como van hasta ahora con la situación de su hijo, que el ya no era más un chico como antes, que quedaba traumatado toda esas cosas la señora, siempre me contó la situación de su hijo. Tienes que preparar si algún día tu hijo está libre, porque las secuelas quedan muy graves. Las secuelas quedan.

JD - Hay también otro tipo de víctimas en el departamento. Hemos visto que unas partes, hay veces efectos colaterales, el uso por parte de la FTC hemos visto que hay detenciones que por desgracia se prolonga, usted también habla con esa gente la conoce? gente de pronto tiene una investigación a cargo, usted desconfía O ESPERA, CÓMO ES su posición con relación que tiene una causa judicial por apoyo logístico?

OBDULIA - Nosotros con la gente del apoyo logístico nunca tuvimos ningún contacto, yo por ejemplo, nosotros como familia no nos acercamos nunca a la gente, por que viste que la gente a lo mejor no confía por que nosotros somos víctimas y nosotros también no confiamos también de ellos, y por eso mejor no más quedar distanciados unos a otros, porque prever todas las cosas por que acá, la gente del EPP y también su apoyo logístico no quiere hablar con gente como nosotros.

JD - Se lo preguntaba era por si acaso había obtenido información de cómo estaba su hijo por fuera de los comunicados...

OBDULIA - No, no, no hay....

JD - ...cómo es la actitud en general de la gente...

9260 (mismo plano fijo 9081)

JD - ...desde hace mucho tiempo, nosotros hemos visto que en algunos sitios pues es calmado, es tranquilo, pero hay miedo o no hay miedo de vivir acá?

OBDULIA - Pues sí, la gente, es calmado, trabajando, la gente no habla, la gente al parecer no hay nada en el departamento, no hay nada, todo así, tranquilo, trabaja, en su chacra, en su lugar de trabajo, la gente sigue igual, como parece que ya se acostumbra de la situación que hemos pasado, pero mucha gente se preocupa porque no es nada nuevo, por ejemplo la gente uniformado todo el día está bajo peligro porque no sabemos a quién le va a alcanzar esta situación, porque la situación del EPP no para, no hay avance de de investigación de nada, la gente del EPP sigue igual desde que empieza hasta ahora, y amenazando de secuestrar y matar policía y a los militares, entonces, pero la gente civil, esta todo así todo tranquilo, no como nosotros ni como los policiaas, que esta preocupado por ser uniformados como mi hijo, pero así es la situación, pero la gente todo está calmado acá, como si nada hubiera pasado.

JD - Ahora que Ud. habla de uniformes, solo por saber, su hijo cuando fue invitado a esto fue uniformado o él iba de civil?

Obdulia - No, él de civil, pero su arma reglamentaria pero también tenía en su billetera su insignia policial.

Y por eso, pero le sabía, lo que , él estaba en la comisaría del asentamiento, y la gente del grupo era toda del asentamiento, le conocía mucho a mi hijo , por eso mismo.

JD - Yo no sé si usted ha intentado deprotno por otras vías, por medios enviar un mensaje a su hijo, en todo caso si nosotros logramos publicar esto, nos gustaría también publicar algún mensaje que usted quiera dar, a quien sea, al grupo a su hijo, al gobierno, tener su impresión, hay algo que usted quisiera enviar y que nosotros pudiéramos amplificar?

OBDULIA - Y sí yo lo que siempre como mamá le pido a esa gente al grupo mismo también para que libere a mi hijo porque como te dije, es lo que estaba pensando que está perjudicando al gobierno mismo, pero no es así la cosa, porque nosotros somos familia pobre, familia humilde, y a nosotros es a quienes perjudica más, y al gobierno no, pero yo le pido a esa gente encarecidamente para que nos de una prueba de viaa y para que liberen a Edelio, porque ya es mucho tiempo, ya es el colmo que él está ahí, sufriendo sin ninguna causa, para que liberen yo le pido encarecidamente a la gente del grupo EPP y también al gobierno al estado paraguayo que haya reacción de esta causa, porque nosotros no somos muchos habitantes, somos pocos habitantes, no podemos vivir así en el Paraguay con miedo paralizado porque no podemos trabajar tranquilos porque hay temor del EPP la gente uniformada, todos estan preocupados,

este muchacho que esta acá tiene a su familia, su papá su esposa, está preocupado, porque porque su hijo está pbajo peligro, el es uniformado y así estamos, la mamá que tiene un hijo uniformado se preocupa mucho porque no hay seguridad, no hay seguridad, y por eso mismo yo le pido también al gobierno, al estado del Paraguay, al presidente de la republica que solucione este problema.

Viste este señor de 75 años que parece que tiene el señor Felix Urrieta, no merece un señor de esa edad privado de su libertad, él ya merece es estar en su casa descansando con su familia y está secuestrado, y por eso mismo, yo, y esto también va al al gobierno al presidente de la republica que se preocupe un poco por su gente por su pueblo porque es un papá, el presidente de la republica es un papa, y tiene que preocuparse por sus hijos por su familia, y nosotros estamos todos así, esa gente que también es pobre, los policias son pobres, y yo les estoy molestando todo el día a esta gente pobre, pero no hay otras alternativas para mi porque yo también necesito de la gente porque nosotros estamos en una situación muy mal, porque ya estamos pasando 3 años y 3 meses, muchísimo tiempo, y el gobierno mismo ya tiene que hacer algo para que se pueda solucionar esta situación porque no podemos vivir así todo el tiempo, eso yo le pido.

JD - Pues nos llevamos ese mensaje intentaremos publicarlo tal cuál nos lo dijo

OBDULIA - Yo también, en nombre de mi familia le agradezco mucho a ustedes, por estar preocupados también por nuestra situación y por la situación de este departamento y también del otro departamento, de todos los departamentos que estamos sintiendo esta situación, les agradezco mucho...

JD - Nosotros lo que esperamos es que no pacen por lo mismo que pasó nuestro país, y en parte también estamos aquí conociendo que es lo que pasa, y eso se lo heos dicho a todas las personas que hemos entrevistado, que no se acostumbren a esto. Esto no es normal.

OBDULIA - No es normal, no es normal y no tiene que ser normal porque las cosas no tienen que ser así.

JD - En Colombia fueron 52 años.-

OBDULIA - Y hasta ahora está pasando ahí secuestro, o todavía hay secuestros ahí?

JD - Pues después de las negociaciones... los secuestros bajaron mucho por ahí hace unos 5-6 años, pero estuvieron muy fuertes del 98 al 2002, después bajaron un poco, y después ya se centraron en las negociaciones y en teoría se liberó gente.

Esperemos que sea cual sea la manera negociada, que ustedes puedan reencontrarse con su hijo.

Muchas gracias. Muchas gracias por acompañarnos también (al policía que nos escoltaba). De hecho estábamos, les hago la pregunta a todos ustedes, cuando usted le dijo a Camilo que por seguridad era mejor que nos escoltaran, por eso les preguntaba si ustedes estaban amenazados o algo así, si de pronto hablar con nosotros los pusiera en riesgo, eso me asustaba un poco.

De pronto usted habla frecuentemente con la prensa?

OBDULIA - Si, a cualquier hora, porque hasta ahora no hemos resivido ninguna amenaza gracias a Dios.

...por Edelio que está mucho tiempo ya privado de su libertad, y no sabemos si el está vivo o no está vivo, eso aún no sabemos...

... ya 2 años en ese mes de Agosto, ninguna prueba de vida.

Así es.

JD - Y de los que agarraron hace como 1 mes tampoco?

OBDULIA - No, no, no hay ni una noticia.

Así es

JD - Ojala todo se resuelva pronto.

OBDULIA - (Con voz de resignación como acostumbrada a que ya se los digan)

A sí...

JD - ... del PPC nos decía que en general el no se sentía intranquilo o en riesgo, usted sí le da miedo todo esto?

Soldado - Por la noche es cuando es más peligroso, ...todo tranquilo sin nada pero cuando

JD - A Ustedes les toca subir hasta el asentamiento?

SOLDADO - No, por acá no más, cada comisaría tiene jurisdicción, pero por la noche nos salimos, permanecemos ahí en la comisaría misma.

JD - Y cómo se hace uno policia aquí en Paraguay? Cómo es el curso?

SOLDADO - Primero tiene que pasar algunas pruebas y luego se va en el cuartel. Yo por ejemplo me fui 2 años me fui al cuartel. Antes era 1 año no más, te van a hacer la prueba y te vas al cuartel 1 año. Pero ahora es más exigente.

JD - Y cómo son los ascensos? qué rango tiene por ejemplo?

SOLDADO- Y yo soy el último, el año que viene voy a tener el ascenso.

JD - Y cómo son sus compañeros?

SOLDADO - Y ellos ya tienen más antigüedad que yo, el oficial creo que tiene 9-10 años por ahí,
el chofer tiene 12 verdad.
De antigüedad ya.

JD - Ustedes tienen cursos especiales? por ejemplo en la policía de Colombia esta quienes se especializan, está el Gaula que es la antisequestros...

SOLDADO - Y está, a qui se divide también la FTC tiene un curso especial, los de Investigación tiene cursos especiales y los de Inteligencia también tienen cursos especiales...

JD - Y a usted cuál le gustaría hacer?

SOLDADO - Y yo por el momento estoy bien. Cerca de mi Casa.

JD - Usted salió del cuartel para...

SOLDADO 2 - Todo bien?

JD - Todo Bien, muchas gracias.

SOLDADO 2 - Hacia donde van ustedes ahora?

JD -Vamos hacia Iby Yabu, y ahí nos quedamos en un sitio que se llama como...
Un hotel que queda ahí en la ruta, mañana hay una marcha en Santa Rosa

SOLDADO 2 - (habla sobre la ruta que hay que tomar)

JD - Es cerca

SOLDADO 2 - Sí el restaurante

Y si al lado de la comisaría...

JD - Bueno hombre muchisimas gracias por acompañarnos. Un placer. Les agradezco y les deseo
buen día. mucha suerte con lo que les toca...

SOLDADO 2 - Buen día. Suerte.

MARCAHA CAMPESINA ASUNCIÓN

(ARCHIVOS EN GUARANÍ POR TRADUCIR)

ASUNCIÓN ENTREVISTA

0674

SECRETARIA - ...ELLOS NO manejen mucho el tema verdad, y que significa eso?, que la gente está viada, y de que está buscando soluciones y envía a sus líderes, líderes de organizaciones campesinas, de organizaciones sociales, una cosa rara ocurre, y capaz que ya todo el mundo hasta una ama de casa entiende, que muchísima plata en nada, y si en en los secuestros.

Sientense por un ratito, por favor.

...

(mic desconectado)

JD - ...en esto también influye un poco la visión débil que llega de Colombia, he trabajado en algunos temas de paz, he estado en algunos sitios complejos con unas dinámicas complejas, y la verdad es que es muy extraño porque no se vive tal como se describe en medios, no es un clima, me parece a mi, de sosobra, si hay preocupación pero no se vive una inestabilidad

-En Colombia, cuando estaba las FARC, era así o había un clima de inestabilidad?

JD - Había un clima de inestabilidad.

Yo he conocido por mi trabajo zonas que han tenido un fuerte control no solo de las farc sino de diferentes grupos armados y una de las particularidades era que la militarización o la presencia de la fuerza pública era muy blindada, muy ubicada, no podían salir mucho de ahí, y eran operaciones muy diferentes, con el progresar de la guerra, por desgracia o por fortuna no sé, el ejercicio de la fuerza allá fue mucho más nivelado, allá no se concentraban en unas zonas, pero lo cierto es que había un control o social o territorial militar, por parte de las guerrillas, no solo de las FARC sino de otros grupos armados, y eso uno lo veía en las casas, grafitis, pancartas, allá cuando uno se adentraba en zonas.

Puntualmente en el Cauca que fue una zona que recorí, había un momento en que uno se adentraba y ya veía era pancartas de las FARC reglamentos de las FARC en la carretera. Acá, nos metimos a Arroyito, nos metimos a Kuruzú....

- En toda esa cuestión de los núcleos estuvieron recorriendo, y no se siente nada verdad?

Absolutamente nada.

JD - Sí. Nosotros pasamos una noche en Arroyito...

- De hecho en general nosotros estamos pasando ya 4 gobiernos, de la aparición de la guerrilla. El gobierno de Maqui (?), el gobierno de Nicanor Duarte, fruto del gobierno de Lugo de Franco y ahora de Cartes.

Cada gobierno prometió que realmente no iba a tener mucha vida ya el EPP pero hasta ahora está creciendo verdad.

Yo creo que estuvieron en un comienzo solo en la zona de Kuruzu de Hierro, y ahora están llegando a Santa Rosa. Están creciendo realmente.

Porque el territorio es mucho más hacia acá, que están operando, la colonia menonita. ... toda esa zona de Santa Rosa.

Yo me acuerdo que nuestro proyecto de ley de la ley de derogación, yo presenté en el 2015 en mayo porque pensaba en ese momento que no era la forma de , no solamente la solución pasaba por una salida militar verdad. Tiene que ir acompañado de otra cuestión como la inversión de infraestructura pública que es muy poco en el norte.

La salud está muy abandonada en nuestro país. La educación

Es una serie de cosas, que se tendría que ver también con la salida militar verdad, entonces ese fue el motivo que en aquél momento me llegó a presentar. Porque el gobierno cuando asumió recién, verdad que la medida más cara era la ... de ruta, que se iba a terminar en poco tiempo la guerrilla, que antes no había no más una intención de combatir al EPP.

Entonces estamos en este momento en una situación igual. Crecieron los asesinatos, en este gobierno si mal no me acuerdo está por encima de los 40. Yo tengo los datos, inclusive tengo acá los datos, en.... así precisos, les puedo dar inclusive una copia...

JD - Le agradecería.

-...hay más secuestro en los gobiernos anteriores hubo menos secuestro que en este gobierno, entonces yo creo que nos estamos equivocando en la lucha.

En primer lugar no hay, yo creo que la población así hablando con ellos le tiene más miedo a la FTC que al EPP. Ustedes percibieron también eso.

...

JD - Igual una de las cosas que nos gustaría contar con su visión, es precisamente porque conocemos el antecedente que usted presentó, el pedido de la desmilitarización y un poco lo que nos gustaría saber después de haber recorrido esa zona, no recorrimos lo suficiente creo que el problema es mucho más complejo como para reducirlo a lo que alcanzamos a recorrer de Arroyito, Kuruzú, Tacuatí, y otra zona como San Jamorotí, pero si nos gustaría conocer de pronto

un resumen a manera de contexto de como se ve desde Asunción qué está pasando en el norte, eso sería como una pregunta introductoria, se que es un poco basta, pero si usted nos puede hacer una síntesis. Cómo lo vive usted como representante electo además...

Representante - De hecho yo estuve acá mucho tiempo, en el norte, haciendo reuniones, y hay una preocupación, hay una preocupación hay una serie de cosas que en general la gente con nuestro recorrido con nuestras audiencias públicas, manifestaron y hay la preocupación nuestra verdad.

Por ejemplo la presencia de militares en las estancias.

Y eso es peligroso por que en poco tiempo se puede convertir en paramilitares. Inclusive algunos, la gente no habla pero así en privado te dicen que en muchos casos esa gente están siendo paramilitares e inclusive le dicen que los asesinatos de dirigentes sociales y políticos vienen de por ahí verdad.

Y que están en las estancias cuidando las vacas verdad. y así mismo...

Entonces hay una preocupación verdad...

...Este el proceso de paz cómo va en Colombia?

JD - Ya vamos para, pues, cuando llegamos nosotros acá, inicios de septiembre, no sé si ud, creo que se anunció en prensa Paraguaya, que se anunció el cese al fuego con la segunda guerrilla.

REPRESENTANTE - Sí, sí.

JD - ...lo que significaría a grandes rasgos en que se entró en un momento historico en el que ya no hay cruce de fuego con las guerrillas, ya una convertida ya en partido politico, y la otra en cese de hostilidades, cese al fuego. Pero persisten algunos problemas, el proceso de paz no alcanzo a cubrir todo.

Es evidente que iba a haber algunos problemas pero yo veo que hay bastante optimismo en cierto sectores, y esto puede significar un cambio, en las regiones...

REPRESENTANTE - Pero cómo está la población en cuanto a esto? qué dice la gente ?

JD - Hay polarización, por un lado hay polarización, hay quienes rechazan por completo este tipo de acercamiento...

REPRESENTANTE - Pero fue la mayoría o no?

JD - Fue la mayoría en el plebiscito

REPRESENTANTE - Pero en este momento pregunto

JD - En este momento creo que el entusiasmo subió un poco más, de acuerdo a ciertos sondeos, en relación a los procesos de paz.

Ya veremos bien el termómetro de esto en las elecciones que también tenemos el próximo año, y ahí se marcará un poco si hay continuidad o no a este tipo de políticas. Y ojalá así sea porque finalmente han permitido avances concretos, no hay más muertos en ciertas zonas y eso ya es algo muy concreto...

(intenta escribir su correo para enviarnos un documento, por lo que para constantemente la conversación sin concentrarse)

SECRETARIA - ...nuestros amigos colombianos se van a dar cuenta en la pobreza que vivimos...

REPRESENTANTE - Los que pasa es que nosotros vivimos acá un incendio (Incendio del 2016-2017 que intentó tumbar el gobierno...especificar)

SECRETARIA - Es el reciclado de todo...

(correo sobre afectados, asesinados y secuestrados)

REPRESENTANTE - Bueno, seguimos verdad...

JD - Bueno, entonces le preguntaba un poco una síntesis de lo que está pasando en el norte. Usted me decía que hay una preocupación por el uso que tiene la FTC en el momento de cuidar estancias, pero yo quisiera saber si usted en sus recorridos o en lo que ha tenido de contacto con líderes, pudo percibir algún tipo de temor o de rastro tangible en la población de alguna reacción en relación al EPP que sería el otro grupo armado ilegal.

REPRESENTANTE - De hecho recorriendo la zona no se siente verdad, no se siente la presencia del EPP verdad.

Y en general yo creo que hay sectores de la población que le apoya al EPP por eso es que se está sobreviviendo en la zona verdad, sin apoyo en la población es difícil que un grupo armado sobreviva verdad. Todo lo que implica la logística y una serie de cosas verdad. Por eso decía, la presencia del estado paraguayo. Yo creo, tiene que ganarse a la población allá en el norte verdad, anteriormente hasta el 2013 estaban. Las fuerzas policiales en el norte donde realmente habían más contacto, más contacto entre la población y las fuerzas estaban operando ahí en el

norte verdad, a partir del 2013 con la presencia de los militares yo creo que hay más resistencia de la población en cuanto a la presencia de las FFMM.

No sé si te referís a eso verdad.,

JD - Si, si, saber un poco como se percibe de lado y lado la presencia de uno y otro ejercicio de la fuerza.

Un poco también por ubicarnos en lo que fue esa audiencia que tubo participación diversa. Porque convoco usted esa audiencia y cuales fueron los impactos.

REOPRESENTANTE - en general esta audiencia publica, se hizo varias reuniones en la zona, reuniones concepción, reuniones ibiña u santa rosa, con la gente organizada y afectada ahí en el norte verdad, yo tuve esta audiencia publica y las reuniones ahí en el norte tuvieron su impacto en el sentido positivo, porque en un primer momento hablarlo con la población en el norte verdad había muchas denuncias de violaciones de derechos humanos verdad. Las audiencias publicas y las reuniones ayudo a mitigar a que haya menos eso, haya más control de las FTC. Que están en el norte, por lo menos yo creo que la en ese sentido tuvo un impacto positivo verdad.

Yo creo también ayudo a que entre esto en el debate.

En general con la implementación de la ley 5036 que modifica y amplía los artículos 12 y 36 1337 de defensa nacional y seguridad verdad.

Prácticamente se quitó el control del congreso acá, nosotros prácticamente no tenemos un conductor como antes verdad..

Y bueno, estas audiencias publicas ayudo a entrar otra vez en el debate de lo que está ocurriendo en el norte verdad-

JD - Nos hablaba usted del posible apoyo de la población hemos visto también la aparición, no lo hemos podido leer del estudio de Juan Martenz, que también señala que puede haber una gran simpatía pero me causa curiosidad una cosa y es que esto ha podido llevar de pronto como lo hemos podido corroborar allá. En algunos casos en los que la fiscalía actúa en una manera difícil de entender al leer las acusaciones en las que no vemos necesariamente un... parece haber una estigmatización y persecución de los casos que nosotros conocimos, la violación también puntual de un caso, la violación de un debido proceso como el de los hermanos de Francisca Morales,

REPR - los morales, los gonzales...

JD - sí, hay muchos, no cree usted que se está también, que hay por parte del ministerio público algunos excesos, más allá de la fuerza de la FTC?

REPR - por eso decía que realmente esta audiencia pública, la reunión ha ayudado a mitigar, si hay escos de la fiscalia para mi, como el caso de los hermanos moralaes.

Que la acusación parte de un supuesto informe de una persona desconocida, verdad, según fuentes humanas, con eso empieza la acusación verdad.

Y el caso lo, y hay menores que terminan acusados por 8 delitos, y en 6 meses pues no encontraban pruebas verdad ...

Y en general para mi había una coordinación entre las FFMM la Fiscalía y las gente que esta en el norte verdad, como para presentar a personas que no son parte del EPP por la falta de resultado verdad, por la falta de resultado, hasta ahora no obtuvieron un resultado entonces tenían que presentar los falsos positivos que ustedes les llamaban en Colombia verdad. Para mi pasaba por ahí la situación verdad.

JD - Ud dice que esto ayudó a mitigar. Lo a podido corroborar o medir de alguna manera, o ud tiene contacto permanente con la zona?

nosotros hemos visto que sí ha bajado un poco, la gente nos habla de un antes y un después que ahora están más calmados, pero usted nos puede contar más.

REP - De hecho hablando con la gente, la gente que vinieron acá, están las audiencias publicas recorriendo la zona, hablando con los pobladores, hablando con los lideres sociales, con gente de la iglesia, en general una concidencia que bajaron esas presiones, a lo que nos estamos refiriendo verdad.

En el que personas que no son parte del epp y son acusados de ser parte de la guerrilla.

JD - Ud también mencionaba que el EPP está creciendo, un poco haciendo el restreo publico en el que ellos se presentan como EPP hasta hoy día.

Las cifras que se manejan no parecen dar un crecimiento al menos en su militancia, en sus fuerzas, por que se tiene esa impresion de que el EPP está creciendo? Sólo por las sanciones, o se cree de verdad si están reclutando?

-REP - No puedo decir si estan reclutando, pero en la extensión territorial crecieron, en un comienzo cuando comenzaron en el 2008 verdad, estaban solamente en Kuruzú de Hierro, esa es la zona en donde estaban operando, pero ahora ya llegaron hasta Santa Rosa de Guaraní, para crescer en territorio verdad, crescer en acciones, en acciones en sentido de mantener 5 secuestrados, eso implica una logistica grande.

Y bueno, entonces mi deducción es que el EPP está creciendo verdad, tanto territorialmente como en el número de sus miembros.

JD - Hablemos entonces de este debate que creo que usted ha tenido abiertamente, vale la militarización no vale la militarización, valen los recursos que se están empleando o de pronto esa no es tan poca la estrategia, qué opinión ha tenido usted y porque usted de pronto presenta este clamor de la desmilitarización?

REP - Yo creo que en primer lugar, la presencia militar, a partir de la presencia militar hubo resultados menores. A partir del 2013

Anteriormente con la Policía había mayor resultado, por muchas cosas, en primer lugar porque la policía está en más en contacto con la gente, y esto es más un trabajo de inteligencia que una cuestión una salida militar verdad. Y de hecho también a partir del 2013 como dije, el EPP creció en parte por lo que dije, mantener 5 secuestrados territorialmente el número de asesinatos es mucho más de 24 en 4 gobiernos y ahora más de 40 verdad estamos por encima de los 60 que hubo asesinados en el norte verdad.

JD - Se habla un poco supongo que por la consciencia, pero igual parece raro que cada vez que se habla de demilitarización hay una acción.

en el mismo territorio la gente ya dice esto ya es una coincidencia muy fortuita no, se habla de desmilitarización y después hay el atentado, la emboscada con explosivos al camión de las policías,

se habla de desmilitarización y un secuestro.

Hay gente que habla de convivencia entre el EPP y la FTC que no creería yo posible, pero como ve usted el impacto de esas acciones del EPP en la opinión pública y en relación a la desmilitarización o militarización.

REP - Yo creo que no hay ninguna prueba en que podamos decir que involucra a la FTC con el EPP yo no creo en eso personalmente verdad, no veo que sean así las cosas verdad, yo creo también que el EPP tiene su servicio de inteligencia que está haciendo ese papel de decir que hay una convivencia y que cada vez que hay una convivencia militar hay atentados, presentando como una convivencia.

Las FARC tenían una inteligencia en Colombia funciona como todo, y me supongo que el EPP ha de tener también verdad.

JD - Pero puntualmente el impacto en la opinión pública usted cree que cada vez que estas acciones de verdad, en Asunción o en región se ve la opción de continuar con la FTC como una solución o usted cree que es continuo porque vemos muchas críticas a la FTC el desencanto con esta opción militar.

REP - por eso es importante el debate verdad, analizar esta situación, lo que se está presentando.

En general la gente en comienzo veía como una salida la militarización verdad, que con eso se iba a solucionar el problema en el norte

Pero en este momento la sociedad está ahí debatiendo ya esa presencia militar verdad.

Y ver la forma de darle una salida, esto se pasa como digo, no solamente con una presencia armada o militar, esto tendríamos que nosotros acá en nuestro país, meter el debate de como encarar lo que está ocurriendo en el Norte verdad.

Como digo en un principio nosotros necesitamos una fuerte presencia del estado en una zona muy pobre, hay mucha pobreza en los departamentos de concepción y san pedro verdad

En cambio de invertir en infraestructura, nosotros tenemos 200 500 km de asfaltado en una zona muy grande del país, en los centros de salud no hay medicamentos la educación hay una serie de cosas que la gente no tiene trabajo ahí verdad, entonces esto implica sentarse para inclusive una coordinación entre los poderes del estado, como bien hablabamos la cuestión de la justicia donde hablabamos de los casos de los hermanos morales, hablabamos de la fiscalia del poder judicial, se presta a acusaciones de personas que realmente no son del EPP.

El parlamento tiene que dar mas recursos para inversiones en infraestructura, de salud de educación verdad.

Y la presencia militar o policial allá tiene que ser con toda los rigores de la ley, porque entonces teniamos denuncias hasta que los militares y policias pasaban una persona con sus vehiculos, motos le exigian dinero por no tener una documentación.

En esas condiciones es dificil ganarse a la ciudadanía, eso a ustedes les dijeron en la zona norte verdad, por no tener el documento de conducir o la cc uno sale de su zona sin la documentación pero ahí venía los policiales. era la denuncia que muchas veces llegaban también allá.

JD - una de las cosas que vimos es que parece haber una oposición entre un modelo agroindustrial, un modelo de cultivos expansivos, de ganaderia extensiva y un modelo de agricultura familiar.

Hay muchos reclamos por la tierra, hay muchos reclamos por una reforma rural, ud cree que esto tien una influencia en terminos del conflicto que se puede llegar a vivir en la zona y que se ve de lo nacional...

REP - Yo creo que si, yo creo que tiene mucha influencia, en nuestro país es una zona que esta totalmente en manos de la agricultura mecanizada, eso implica la inclusion de los campesinos de su zona verdad. No sé si ustedes recorriendo la zona de Careyitu, practicamente está en manos de extranjeros. Ese es nuestro mayor problema. Tenemos casos de farreros que se dice que con sus testafellos tienen más de un millon de hectareas en nuestro país verdad y que al

final empieza a presionar a la población y a ser expulsado y venir a las zonas urbanas verdad. entonces hay también una reacción en ese sentido. Yo creo que uno de los motivos del EPP fue eso verdad. La presión de la agricultura mecanizada y la expulsión de los campesinos verdad. Por eso yo creo que personalmente que el EPP tiene mucho apoyo en la zona, le ve la gente como una forma de defenderse por la falta de presencia del estado, en general esta denuncia, estas excursiones masivas se hace con títulos falsos, una serie de cosas, la fiscalía o el poder judicial siempre está a favor de los poderosos si tiene mucha influencia.

JD- Nosotros llegamos en un momento donde se estaba movilizando el campesinado paraguayo exigiendo la aplicación de la ley de emergencia de la agricultura familiar y campesina, me llama la atención de que solo en esa zona del borte haya un ejercicio armado y... un grupo armado, la pregunta es si no están dadas las condiciones le voy a pedir una conjuntura para que esto se expanda en el resto del país o porque puntualmente en el norte, cuales son sus suposiciones cuales pueden ser la razón si las condiciones son similares en el resto del país.

REp Yo creo que hay diferencia, una de las condiciones es que hay más pobreza en el norte. yo creo también que es el territorio, en esta zona del alto parana, ..., prácticamente la poblaciones ya son urbanas. Ya hay poca población rural que la mayor parte de la población fueron expulsados verdad y también tuvo influencia también en la época de la dictadura, del 54 al 89 la gente estaba muy organizada en el norte verdad. Iba mucho debate entonces hay una serie de influencias del porque en norte verdad.

JD - Cual sería además de la presencia, hay alguna voluntad que usted haya visto en los últimos 8 años 12 años que pueda hablarnos en retrospectiva de una reforma agraria, o Paraguay parecen estar einteresadas en actualizar esa deuda que queda de la dictadura.

REP - yo creo que no, en primer lugar, en estos momentos esto pasa en muchos casos por el gobierno. El gobierno me refiero al poder ejecutivo, al legislativo, yo creo que no hay condiciones para pensar en una reforma agraria en estos . Ustedes se dan cuenta que la mayor parte, según las denuncias que tenemos según los medios mucho ... vienen con una fuerte financiación de sectores ganaderos inclusive de las mafias, ahí en el norte, hablando con la gente, hablan de que son financiados y que al final representan a los ganaderos y a los electores que están en el narcotráfico verdad. Los imputados y los parlamentarios, de la zona.

JD - Haciendo un poco este ejercicio de que la prensa y algunos otros sectores político parecen estar haciendo comparación o similar con Colombia, yo quisiera preguntarle uno su oposición y dos porque cree que el tema de Colombia parece un fantasma al rededor del EPP, se escucha voces

que temen que desmovilizados de la FARC se vengan acá. Porque creen que existen esas conjeturas?

REp - En general yo no veo la posibilidad que vengan miembros de las FARC acá a nuestro país no veo la condición acá. Hay gente que están dentro del EPP que estuvieron en Colombia fueron entrenados por las FARC, por ese motivo la gente relaciona y dice como hubo contacto, que gente de las FARC puedan venir acá a nuestro país...

JD - Y siguiendo con la idea de ese símil pero ahora tomándolo de otro lado, usted estuvo en el ministerio del interior en el gobierno pasado, de pronto nos pueda hablar de ese inicio de colaboración de cooperación de como Colombia pero como Paraguay en temas de seguridad...

0676

REP - ...Ver darles salidas a los problemas sociales que teníamos en el ministerio en forma negociada los desalojos, toda esa cuestión estaba a mi cargo, no una cuestión del combate al EPP-

El combate militar por decirlo así, si estuve en la cuestión de darle salida a los conflictos sociales corte de rutas desalojo, que un 90 % le da una salida negociada

JD - Entonces en esa misma vía y haciendo esto de ejercicio de más y más conjeturas, porque por desgracia con el EPP nada es muy concreto no hay contactos.. usted cree que este espacio político que se supone representa el EPP podría en algún momento negociar, negociar con el estado paraguayo, o eso acá no es siquiera una alternativa

REp - en ese se escuchan voces en ese sentido hay voces que dicen que ya debe hablar, pero esto tiene que ser más debatido, hay que involucrarle a la gente en el debate, este tema de hacer la paz, sin el debate necesario al final no sirve para nada y yo creo que con esto se comienza el debate, hay que profundizar esto, cual va a ser la salida a esto entre todos los poderes del estado la población la ciudadanía en general, hay que involucrarle a la gente

JD - Finalmente con una pregunta casi tan general como la que comencé, quisiera una definición suya, hemos contado con Hugo Pereira hemos contado con la de la gente en el territorio, yo le voy a pedir como gran cierre si nos puede decir qué es el EPP?

RP - Una pregunta difícil de verdad... qué le digeron la otra gente

JD - Hemos pasado por varias definiciones, entre una guerrilla inexistente, una guerrilla fantasma, hemos pasado por grupo narcoterrorista, digamos con la FTC entonces hemos pasado por muchas definiciones y quisieramos contar con la suya

REP - Yo creo que el EPP en este momento implica la inconformidad de la gente verdad. porque si ellos no tuvieran el apoyo de la población no iban a poder sobrevivir verdad. Entonces una situación de que me voy otra vez que nosotros tenemos que analizar esto debatir. Y buscarle una salida porque no pasa por una cuestión de o sea para mí pasa por una cuestión de debate de inversión de l estado en infraestructura mejorar la calidad de vida de la gente.

Hay mucha gente que pasa hambre en el norte, y claro esa gente va a apoyar al epp. Entonces va más allá de esas acusaciones de que es inexistente o que son narcoterroristas todas esas cuestiones, porque ahí están y se le siente, hay secuestrados, hay asesinatos hay enfrentamientos entonces amerita eso.

JD- Pues senador Santa Cruz esas son las preguntas yo no sé si los compañeros también tengan una?

Marcelo_ Yo tengo una, con respecto a esa ley del congreso. si existe un apoyo para la desmilitarización o eso, en general acá en el congreso la gente prefiere no debatir esa situación, hay un grupo pequeño de personas que debate lo que ocurre en el norte, porque tomar tomar posicionamiento implica en muchos casos la crítica de mucha gente de los sectores de presión por ejemplo a veces verdad que tuvo, irse al norte solamente ya te acusan de pertenecer al epp verdad, como en el caso del senador Bamber y el senador ... que en algún momento se fueron a visitarle a los hermanos Morales Verdad, muchos medios de prensa el ARP y las organizaciones así de estos señores y eso empezaron a acusarles de pertenecer al EPP muchos parlamentarios prefieren no debatir esta situación o lo que ocurre en el norte

JD -Una situación bastante polarizada entonces,

REP - acá en el congreso prácticamente la gente, yo no sé si vos asististe a la audiencia pública más que la presencia de 4 o 5 senadores más no

JD - Usted mismo alguna vez a recibido algún estigma algún señalamiento por tocar estos temas,

REp - Si en algun momento si, si me estaba refiriendo a la cuestion de los senadores, verdad, vos me comentaste la situacón de los hermanos morales verdad, que estuvieron ahí a paratir de una acusacon de fuente humana como en la epoca de la dictadura ellos estuvieron en la carcel de concepción y bueno eso me llevo a que la rural le acusaran de ser parte de la guerrilla. de apoyo de la guerrilla.

JD - Senador, muchisimas gracias por darnos estos datos.

0677

(Entrevista con senador Documentos con datos de secuestrados y asesinados)

REp - ...Agosto de... esto antes de este gobierno en 14 anhos 24 asesinatos en el norte, 4 victimas de secuestro, los datos a partir del 2013 verdad, esto 40 asesinatos en el norte, 9 victimas de secuestro pero todos aumentaron en el ultimo tiempo, estos son datos del anho pasado.

JD -Se ha corroborado en qué casos corresponde... a lo que nosotros llamamos falsos positivos, en informes de la codupi hay varios casos de gente de civiles que mueren y son presentados con uniformes y fusil, eso que tan frecuente es, o bajas que sean causadas, hablamos de 40 muertos, pero 40 muertos en manos de quien sería la pregunta.

REp - Esa es la cantidad de muertos en general

JD - Incluyendo de pronto delincuencia común?

REP - No solamente en combate al EPP

JD - Gracias ese dato quería tenerlo, muchisimas gracias...

CONCEPCIÓN
Entrevista con el Juez Bonsi

8674

BONSI - ... es superior que integra unos que fueron secretarios de fiscales, o sea de ser secretarios de fiscales vana miembros del tribunal y yo le puedo nombrar una cantidad en privado porque son conocidos míos y no les va a gustar que de sus nombres pero es la realidad.

8675

BONSI - Sí, en otras palabras sí
No hay que negarlos, negar eso sería mentir.

JD - Un poco lo que nos trae acá y le voy a comentar a grandes rasgos que es lo que le queremos preguntar, nosotros llegamos acá a través de Hugo Pereira, a través del trabajo de Hugo Pereira. Y nos llamo mucho la atención el caso de los 14 campesinos que tuvieron una causa en la justicia por causa de este secuestro y un poco lo que nos gustaría conocer es su experiencia como juez en ese caso, después nos gustaría tener una opinión más en cuanto a lo que usted vio, si nos puede dar una opinión supongo será más personal que en experiencia de como siguió ese caso ya sin usted.

BONSI - Tengo conocimiento de como fue tratado posteriormente incluso.

JD - También quisieramos conocer la opinión sobre su caso mismo, sobre como lo apartaron.
Y algunas preguntas ya más como de contexto le estaríamos haciendo

BONSI - Sí, sin problema

JD - Cuando digan, podemos comenzar, bueno.

Si entonces comencemos con el caso de estos 14 campesinos, un poco qué es lo que llega a su despacho como juez.

En qué términos está presentado y un poco como fue la defensa de la acusación en ese caso?

BONSI - Sí, yo recibo un llamado a comienso del año 2011 donde me pregunta el ministro superintendente de nuestra circunscripción judicial, si estoy preparado para un caso penal, muy

emblemático muy profundo, muy mediatizado, y me recuerdo que yo tengo especializaciones en temas penales y sí, y lo más consciente de la dificultad de ese tipo de casos, como es muy grande el tema, entonces me pregunta y yo le digo que no tengo ningún problema es más, para eso me prepare toda la vida, es mi carrera, es lo que amaba, es mi vocación y lo acepté. Y porque lo acepté porque ningún juez de primera instancia quería el caso se inhibía se apartaban por cualquier motivo salía de caso y ya no habían jueces dentro de la circunscripción de Concepción, ya no había jueces, se partaban, inventaban cosas, y bueno, la jurisdicción de Ybiyabú, la circunscripción donde yo estaba actuando como juez el último dentro del departamento en esa época y bueno fui a parar ahí, yo recibí los 42 tomos, eran 42 tomos de 200 hojas cada uno, y una camionada de distintas pruebas indiscriminadamente... bajaron ahí todo el bulto y yo comencé a estudiarlo, y lo que hago es aceptar el cargo jurisdiccional, acepto como juez acepto la causa y les notifico a todas las partes incluyendo defensa imputados y fiscalía ministerio público que yo voy a ser el nuevo juez en el caso si es que alguien va a estar interesado en apartarme o recusarme. nadie me imputo entonces me quede ahí como juez en la causa.

Y luego ahí empiezo a estudiar el caso, y lo he leído pero como mínimo 5 o 6 veces y ya estaba aturdido de leerlo tanto pero no encontraba ninguna acusación, encontraba cosas genéricas, fundamentación aparente, pero en realidad nada, porque ellos le acusaban supuestamente de ayudar a secuestradores pero en qué? no había el qué el cómo el tiempo de donde a quién, en qué consistía, nada, entonces, este yo preocupado, le llamo al fiscal recuerdo a Delfino, Federico Delfino, le digo esto normalmente no se hace, pero estoy preocupado porque es un caso importante, y ustedes han presentado una acusación pero del nombre es acusación, acá no hay ninguna acusación, mirá que esto es peligroso donde está el hecho del qué se van a defender las personas, de que se va a tratar el juicio oral señor fiscal, porque las personas se defienden de los hechos, no de la calificación oral.

Para que entiendan uno no se defiende de la calificación secuestro, uno se defiende de los hechos, usted está acusado de haber hecho esta o esta conducta en tal tiempo o en tal lugar, todas esas cosas, esos sí son hechos, son hechos verdad.

Bueno, entonces ellos se reúnen y le envía al fiscal Guillermo Ortega el fiscal de la ... muy buena persona, no tengo queja del fiscal, y me dice, mira DR Bonsi, no se preocupe que nosotros en la audiencia preliminar donde se va a exponer los hechos y las pruebas a la defensa para ver de que se va a tratar el juicio oral, entonces ahí nosotros corregimos esos errores, admitimos, sin problemas, creo que ese fue mi error porque le escribí, la fiscalía, la élite de la fiscalía viene y dice que van a corregirles, bueno empieza la audiencia preliminar para definir de que se va a tratar el juicio de los 14 campesinos.

Y yo me doy cuenta de que mi única garantía era la prensa, transparentar todo, porque en el transcurso de la preparación de la audiencia preliminar me cuenta que todo está mediatizado, polarizado, ya los tenían como culpables, juicios a lo del EPP directamente, y la constitución

nacional prohíbe ese tratamiento, directamente es el acusado verdad, a esas personas, entonces directamente una prensa paraguaya que no tiene ningún control por lo menos de ética ni nadie le apibta con el deo tal vez porque de repente los políticos están canso de las presnas, también tiene el techo de vidrio me imagino.

No hay nadie que controle esos abusos de la prensa verdad, y bueno, yo entonces qué hago, abro el juicio para toda la prensa, todos los cables, nacionales e internacionales, cnn incluso creo que estuvo, le di un lugar preferencial para que ellos puedan grabar todo, y bueno comienza la audiencia y como comienza una audiencia, comienza dándole la palabra al fiscal, al ministerio público, estaban 4, estaban Federico Delfin, Guillermo Otorga, Sandra Quinones, hoy en día candidata a Fiscal General del Estado, es promedio de 2, del 1 al 5, es bajísimo, es mediocre, eso quiere decir, y Francisco Ayala hoy en día renunciante ya no está más en el ministerio público,

bueno esos 4 fiscales estaban encargados de explicarles de que se trataba, a ver señores fiscales pongas sus acusaciones pongan los hechos.

Y empizan ellos a leer, cosa que tiene que ser oral.

Y bueno, por ser un caso emblemático, y muy este digamos importante, hago algunas permisiones pero que no son dañinos al proceso verdad

entonces comienzan a leer a leer a leer, no leen nada absolutamente nada diferente a lo que habían presentado inicialmente, y eso que habían presentado inicialmente le había advertido al ministerio público de que estaba mal, no había acusación, y ellos habían prometido que iban a corregir eso, y no lo hicieron.

Desde ese momento yo supe, si esto sigue así, yo voy a tener que so... estas personas, de qué se va a tratar este juicio oral por Dios, algo de simple razonamiento, acá no hay ningún secreto, entonces yo me voy desesperado, todo sudado, yo ya empiezo a ponerme incómodo y muy nervioso porque si voy a hacer concretamente mi trabajo voy a tener que liberarles y me voy a quedar como el malo de la película por la prensa y todas esas cosas, pero no había nada, así de sencillo, hago un fuerte intermedio y me voy al piso 10mo a hablar con el superintendente el ministro Bajal y le digo ministro, le explico la situación, todo lo que le explique, esto es una locura, no hay acusación, y voy a cometer un error muy grande si hago lo que me dicen en la fiscalía, al menos en esta condición, ellos tienen pero todo el tiempo del mundo, le vamos a dar toda la oportunidad del mundo.

El ministro preocupado me consigue una entrevista inmediatamente con el presidente de la corte suprema, Benítez Rivera, y que no me da ninguna respuesta, hace una respuesta, diplomática, haga usted lo que tiene que hacer.

Yo pensé que me iba a respaldar, claro que voy a hacer lo que tenía que hacer.

Per yo buscaba su respaldo como cabeza de la justicia del Paraguay de que se va a respetar su decisión, mal o bien, lógicamente después tendrá que apelar para la corte, yo necesitaba

tranquilidad como magistrado, para poder decir que esto es negro y negro y punto, no es blanco.

No tuve ninguna respuesta, once días duró la audiencia preliminar. Un trabajo ... Pruebas ridiculas, por ejemplo había videos de cantinflas, había bombachas, había maíz.

Había un pedazo de madera y en realidad cualquier cosa puede ser pruebas. pero no asociaba a ningun hecho.

que se yo "...esta bombacha se utilizo para la violación..." algo

No existía nada de eso, maíz, no entiendo, o sea había 500 pruebas y no había asociación de las pruebas con los hechos.

Sinceramente era un mamotreto de asociación que era de no creer, en el juicio más importante del Paraguay, en esa epoca, un mamotreto igual.

Por que yo pienso que lo que ellos tenían entendido es que con la fuerza mediatica ellos ya estan fritos, y cualquier cosa y ya.

Pero cuando yo se lo pregunte ellos no me lo aclararon.

Qué va a probar un video de cantinflas, qué va a probar, lógicamente se quedan cayados. Entocnes, ya en los alegatos finales, ya terminando la audiencia, cómo sería la audiencia, una locura.

Creo que fue el Dr. Roche errero que alza la mano y dice, n defensor creo que era el defensor rRestrepo y dice, señor juez nosotros lo único que queremos saber de que estan acusados nuestros defendidos. De nada.

Aunque sea que inventen pero queremos saber de que se van a defender en un juicio Oral. Y si nos dicen nosotros nos cayamos retiramos todos los incidentes y nos vamos a juicio oral. No hay ningun problema. Y el Dr. Roble estaba tan seguro de lo que estaban haciendo.

O sea se dieron cuenta de que no tenían la más minima idea de lo que escribieron.

Y yo en una situación que no se suele ver, mne bajo del estrado, me voy ante el ministerio publico, y les dije, quien defendio esta acusación, qué pasó acá le dije.

Y guillermo ortega me dice a no yo solo vine porque soy de la zona. Le miré a Delfino y tampoco sabe.

Y ustedes saben que Sandra Quinones es la que estaba a cargo de todo este tema.

Y le miro a Sandra Quinones y no ahí los muchachos fueron los que escribieron ahí fue los que escribió.

O sea escribieron los secretarios pero ellos como responsables ni siqueira echaron un vistazo y si echaron un vistazo no controlaron o no les importo.

Pero en fin los 4 eran los responsables aún.

Bueno entonces yo más asustado aßun por esta situación me subo al estrado y digo yo creo que es muy razonable, prudente es más legalmente es importante lo que dijo el docrot Roque Urreo, se va a levantar cada acusado y ustedes le dicen qué fue lo que hicieron. Y en todo caso decirles cuales pruebas le corresponden y ya vamos a juicio oral.

Se levantan todos nada, pasan los 14, nada.

Ya está todo, ya está todo.

No está todo, dónde está, y si está todo por favor repita de qué se va a tratar el juicio con respecto a esta persona y vamos a llevar a juicio Oral.

Usted dice que ya está todo en los papeles entonces explíquese y vamos a llevarlo a juicio oral.

No paso nada, se callaron se mantuvieron hermeticamente y así se cerró, había 28 incidentes por 14.

Iba a llevar más o menos 3 meses.

Entonces yo digo bueno. Dentro de 5 días o 3 días después sale la resolución acerca a este caso.

Todo se hizo en asuncion por el tema de seguridad.

Todo el mundo armados hasta los dientes, una cosa de locos.

Ni el chapo Guzman seguramente tuvo tanta guardia como acá se tuvo verdad.

Y bueno todo el palacio de justicia se armaba hermeticamente de seguridad, todas esas cosas.

Y bueno yo agarro, me vengo a Concepción, hablo con mi familia, le explico todo con mucho más detalles logicamente.

Y senciramente estaba triste, estaba desesperado por un lado porque yo sabía que así como estaban las cosas no había ninguna chance de irse a juicio oral. De que se va a tratar el juicio oral.

Algo tan sencilo.

Y bueno recibí apoyo de mis padres y bueno hacer lo que se tiene que hacer.

Porque si no lo hace va a ser peor ahí si van a reaccionar en contra de voy las personas que no tienen absolutamente nada que ver. Y amigos me apoyaron me llamaban.

Y me sentí bien porque las personas que eran importantes para mi en este mundo me apoyaron.

Sabían quien era. Sabían de mi vocación, entonces elegí hacer lo correcto, a pesar de que ya estaba casi seguro me iban a echar porque ya me di cuenta que el sistema judicial está hecho a base de politica y de humores del momento un cosa de locos.

Entonces me voy, me lleva 5 días elaborar todo y declaro sobre el seguimiento de los 14 por el simple hecho valga la redundancia de que no había ningun hecho acusatorio ahí, es la conducta, la resolución de la conducta, y decirle qué hechos hicieron es la parte más importante de una acusación para que la persona se pueda defender de eso, y como no había eso, entonces no había por ende de qué se van a defender, o de qué se iban a defender entonces terminó así, les liberé, un escandalo absoluto, porque todo el mundo 14 guerrilleros, no era 1, 14 guerrilleros, así se expresaba la prensa.

Me trataron de todo, hay presna que me apoyaban, hay prensa que no, hicieron un show.

Obviamente tenían que vender...

...la funcionaria, la acusadora no es una persona honesta objetiva, la acusadora era exfuncionaria del mismo jurado juicio del estado.

O sea la que me acusa depende otra vez del mismo jurado. Entonces a mi yo pedí que me defiendan, no me dieron la oportunidad de defenderme. Yo expliqué eso y... el asesor jurídico Enrique Cronawetel sabiendo la mediación y lo importante de la independencia del poder Judicial, el recomendó una amonestación, lógicamente no es vinculante, significa que no tiene que hacer lo que dice exactamente el asesor jurídico del estado.

Y Enrique, analiza todo el tema y recomienda una sanción, porque no sé Pero acá lo más grave del tema es que ellos se entrometen dentro de la decisión de un juez y le dice al juez vos tenes que resolver así y no así, porque este es el interés político y circunstancia ellos no se refieren a... eso es lo grave, ellos se meten dentro de la intimidad de la conciencia del juez y dicen vos tenes que pensar así y no así y cómo hacen, a través de su poder político, hay tres tipos de poder económico, el poder político y el poder de hecho, en este caso ellos tienen el poder político y de hecho porque son los que juzgan a un magistrado y tienen ese poder de dañar de procesar a un magistrado verdad.

JD — Pero una vez más nunca le digeron a usted, nunca le señalaron alguna irregularidad en su procedimiento.

BONSi - No, ellos digeron a la prensa que yo me extralimité, de que estudié cosas propias de un juicio oral. Y eso es imposible, cómo voy a escribir cosas propias de un juicio oral si no había ni siquiera elementos para llevar a juicio oral, al revés es el tema.

Cómo me iba a extralimitar a través del juicio oral si le digo precisamente es lo que no existe.

Y me hechan por una cuestión, según... yo no lo leí, que uno de esos argumentos es que supuestamente me extralimité, y otro argumento principal era que yo tenía que inmediatamente tenía que dictar la solución y no en 5 días.

Mira eran 400 incidentes, humanamente es imposible, además la interpretación que le dieron a eso.

El código paraguayo dice que una vez finalizada la audiencia preliminar, inmediatamente el juez dictara resolución, inmediatamente significa que no existen más otros trámites.

Inmediatamente significa que ya no hay mediación ahí, directamente el juez tiene que dictar una resolución, no se refiere inmediatamente al tiempo, inmediatamente significa que ya no se da ningún trámite nada más dicta la resolución, eso significa inmediatamente. Ellos dicen que yo lo hice en 5 días y tenía que ser inmediatamente.

Imposible hacerlo inmediatamente 28 incidentes por 14 y bueno.

A mi lo que me sorprende es que lo hice en 5 días. Porque era algo para hacerlo en 3 meses como mínimo era una locura. Pero gracias a Dios mis funcionarios me ayudaron bastante yo grababa toda la audiencia. lo transcribíamos, lo veníamos estudiando antes de los 11 días. Me permitió hacer una sentencia bastante razonable, bastante clara, donde uno en la sentencia puede hacer el seguimiento de lo que pensó el juez para llegar a esa conclusión. Ya que era mi obligación, fundamentar debidamente como dice la constitución nacional.

Y bueno esos fueron los argumentos una extralimitación que se trataba

Y la otra que tenía que hacerla inmediatamente y no en 5 días

Hoy cómo está el caso?

yo presenté una opción de inconstitucionalidad, contra el jurado de los magistrados de que ellos no podían actuar así, de que ellos atentaron directamente contra la independencia del magistrado del poder judicial. Adirtiéndole que si eso seguía así, esto va a ser un disciplinamiento, de cosas inconcebibles. Es decir no es por ser mi caso, no es el caso del Juez Luis Ponsi. Es la institucionalidad siendo atacada.

Imaginate una cosa que se me había pasado. Los fiscales, me amenasaron. Si lo haces así te echamos. Y lo dijeron el primera persona te echamos.

O sea quiere decir que ellos estaban tan seguros del poder político que tenían.

JD - Y a que altura del proceso fue eso, cuando se lo digieron.

Bonsi - Eso me lo digieron en el día 11, en el día 11 o sea cuando estaba por terminar la audiencia, y después me mandaron decir.

También un fiscal amenazando un magistrado, ni si quiera recibí amenaza de quien supuestamente debía recibir en todo caso. Recibir amenaza de un ministerio público, una vergüenza una calamidad sinceramente, lamentable. Lamentable, y bueno es lo peor que se cumple.

Ahí completamos... lo peor es que se cumplió una atrocidad.

JD - Hay una cosa que desde su posición de haber sido Juez porque hemos estado no solo leyendo los informes de la Codupi sino hemos tenido la posibilidad de hablar con gente de la zona de Kururz, y nos llama la atención que este tipo de acusaciones, que los acusados, o los familiares de los acusados no tienen claro de que es lo que se les acusa y están en prisión preventiva y hay dilatación de sus procesos es más o menos lo que usted estaba presenciando en ese momento.

Es decir que hay una manera de tratar la justicia en estos casos que no es ni clara para el acusado ni clara para los familiares, ni clara para la defensa. Estamos en el mismo?

Bonsi - Así mismo.

Otra particularidad de este caso yo estuve pensando como fue a terminar todo esto. resulta ser que el Paraguay no tiene, usted puede corroborar con los más expertos de Paraguay se lo pido si es que tienen ustedes esa capacidad de corroborar lo que estoy diciendo

El Paraguay no tiene una política ni criminal ni penal, no tiene una política de cómo actuar, no tiene una política definida, no tiene una política criminal ni penal. +

Entonces qué pasa, cada uno actúa independientemente, como le sale sin ninguna orientación.

Y lo que yo veo es que el ministerio público como hay tanta presión en este tipo de hechos más la mediatización que para vender sus diarios o la tv o sus programas o lo que sea sus radios.

hacen tanto show que se sienten presionados, es más por un lado yo creo que ayudan a este tipo de organizaciones insurgentes porque un ladrón común no quiere que se sepa sus hechos se esconden para que nos se sepa

Pero unos insurgentes, tiene su política, mal o bien tienen su política, necesita que se propagan, necesitan que lo que hagan tenga el mayor impacto posible, como una bomba que impacte todo el país, y lo logran por medio de la prensa.

No hay una política criminal donde diga, los paraguayos decidimos tener esta política criminal que la prensa no le de tanta alar a este tipo de personas, que se trate de hacer esto, no es censura, es una política para que no se propague el terror o el miedo y vamos a actuar de esa manera, ellos no tienen ninguna política criminal. entonces desatinados ellos vienen de forma desordenadas a hacer las cosas.

Y en ese sentido el ministerio público creo yo tendría tanta presión de que no sabría qué hacer entonces empezaron a criminalizarle a los campesinos, a ver este, a ver este, no tenían, creo que en Colombia lo llaman falsos positivos, nosotros lo llamamos chivos espiaños.

Verdad que son personas, estos ya le agarraron, entonces ya se le agarró del EPP a este le quiero, entonces la comunidad se tranquiliza más, nadie pregunta si es o no es, pero le tranquiliza, entonces son cosas, esto es lo que yo creo que hizo el ministerio público en ese momento para descomprimir la presión social y después tuvieron que justificar, y cómo van a justificar si no tenían nada.

Entonces eso fue una avalancha, ese procedimiento erróneo fue una avalancha y termina en algo tan ridículo como esto, y hoy la justicia paraguaya está a merced de las circunstancias políticas, politiqueras que no tienen ningún destino.

JD - Nos sorprende una cosa y de pronto usted nos pueda ayudar a elucidar y es el rol que tiene la fiscalía en lo que se ha registrado de violación a los derechos humanos por parte de la FTC como la presencia de un fiscal en operaciones fuera de hora además de la FTC, nos sorprende un poco ese rol preponderante que tiene la fiscalía en todo esto, la pregunta es, en la justicia paraguaya, en la ley paraguaya, es normal que se hagan allanamientos a domicilio con presencia de la fiscalía y sin orden de un juez?

Hay algo que permita a la fiscalía tener este tipo de función?

BONSI - No, absolutamente.

La fiscalía desde todo punto de vista se extralimita en ese sentido. Viola una serie de derechos humanos o asilos, con el cual nosotros tenemos convenio, con el pacto de San José de Costa Rica, a veces viola de cabo a rabo porque esa no es la función de la fiscalía, la fiscalía puede hacer ayunamientos en la noche con orden judicial y justificado porque ese ayunamiento. Uno no puede tener carta blanca para ir a hacer lo que se le antojara para eso existen los controles jurisdiccionales.

No es que no sean habiles, es que no se les usa.

Y además a partir de mi caso fue empeorando el tema. Ningún juez se atrevía a decirle nada al fiscal, porque, vamos a terminar como el juez Bonsi. Los fiscales hacen y deshacen y a partir de ese momento se da la vuelta. O sea los fiscales están por encima de los jueces, porque son como asistentes fiscales, hacen lo que digan los fiscales finalmente, porque no se animan, porque van a terminar como el juez Bonsi.

Entonces fue tan ridiculo el caso del juez bonsi de que lastimosamente empezaron a ir para atras como cangejo la justicia paraguaya en vez de ir por delante, y hoy día se tiene una fiscalía totalmente descontrolada, porque no existe control que valga, ya que la circunstancias politicas fueron cambiando, y hoy día tenemos fiscales que hacen lo que quieren, porque no hay jueces que se animen a parar el carro.

JD - En ese caso porque lo que nos hemos encontrado son más dudas que certezas en cuanto a lo que se acusa a los campesinos que se sienten estigmatizados por el EPP.

Ha habido algún caso en su conocimiento que sea emblemático de lo contrario en contra de alguien relacionado con el EPP o hasta ahora no hay nadie relacionado en la justicia, justamente, debidamente comprobado en relación a la insurgencia.

BONSI - Desconozco, a través de la prensa de revistas jurídicas, a través de medios jurídicos sitios y de la prensa en general me he enterado de que hubo casos realmente inclusive que fueron condenados como corresponden, existen. Incluso luego de terminar el juicio oral incluso hacían urras y amenazas de que van a ser juzgados por el tribunal revolucionario.

Evidentemente hay cosas que se hicieron bien, hay cosas que se hicieron bien porque es evidente ellos mismo admiten verdad. Hubo condenas ya anteriores y posteriores en mi caso, solamente que el tema de la peligrosidad está que ante una presión social terminemos llevándole tipo a una caza de brujas, a quemarlas a como de lugar porque digamos el pánico social tenemos que llevar a quemar a alguien, verdad y en este caso quemar digo y especialmente y judicialmente quemaron a los 14 campesinos. Porque hasta hoy día, ellos no han presentado ningún hecho la mayoría ellos que le iban a condenar a 30 años la mayoría fueron condenados porque ya no tenían recursos esa pobre gente entonces aceptaron cualquier cosa, fueron condenados 1 año dos años etodos están en libertad, hay una persona que fue

condenada pero ridiculamente, creo que fue Rumilda Gimenez fue condenada por una fotografía que tenía supuestamente en su computador, que le fue evidentemente plantada, pero porque fue plantada? Según lo que yo leí tenían 45 días para estudiar la computadora, la defensa presentó su peritaje no hay nada, la fiscalía presentó su peritaje, no hay nada, otra organización independiente, no hay nada, después de 15 días viene apareciendo, a se me olvidó había sido en un cd, 15 días después vienen e introducen y ven que había fotos, es ridiculo,... por todas partes, pero ya no había caso porque nadie quería terminar como el Juez Bonsi, porque condena segura.

8678

Bonsi - Me pareció un trabajo excelente, un trabajo muy bueno, primera vez un trabajo que se hizo con las reglas científicas de comparaciones de verificación de hechos, con una metodología científica importante y apoyada por una universidad nacional. Un buen trabajo que la ftc debería de tener en cuenta. Porque ellos entran de golpe y no saben con qué se encuentran. Ellos se van y no saben ahí con qué tipo de circunstancias con el grupo insurgente se enfrentan.

Yo creo que son proto-insurgentes, porque los grupos insurgentes son grupos pequeños todavía no son una guerrilla como la que fue de Colombia, pero son insurgentes porque están armados, tienen políticas, tratan de tener contacto con el exterior y todas esas cosas.

Están naciendo hacia ese lado.

Usted me dice si hay grupos interesados-

JD - o si la justicia recibe presión de algún grupo económico que está en la región.

BONSI - Lógicamente la justicia recibe presión por parte de los grupos económicos, están los menonitas, los productores de Soja, por otro lado, el EPP manifiesta en todos sus panfletos de que se deje de echar árboles, porque ellos según leí defienden que Paraguay no tiene ninguna ley forestal que se cumpla, ellos echan indiscriminadamente, y como el poder no funciona el arma es el único camino, eso es básicamente lo que ellos tratan de transmitir verdad, no quiere decir que yo esté de acuerdo con eso verdad, Ahora, cada problema trae sus beneficios a algunos y sus perjuicios a otros, el perjuicio le trae a la zona, la gente le tiene miedo, hay pocos inversionistas, nadie quiere venir al norte, porque si uno lee la prensa de Asunción o hacia Colombia no más, se mete a leer y parece que es una zona de guerra, la tranquilidad de Concepción es única, es una ciudad muy linda, una ciudad acogedora, uno puede dejar su vehículo abierto nadie le va a tocar nada.

SON cosas para vender, y uno tiene una falsa sensación, lo que le digo, los perjudicados somos los lugareños por la estigmatización, y los beneficiarios son la prensa la FTC, porque no hay transparencia en los gastos, son 3 millones de dólares anual creo, combustibles, comida armas, y uno se baja y mira y tienen la misma pistola oxidada, y que ellos mismos terminan comprando sus balas.

Es decir hay gente que otra vez se beneficia detrás del , o sea termina el EPP y terminan los dólares que vienen como ayuda, y esos dólares que vienen como ayuda creo que se tendría que ver si es que va más a los bolsillos de algunas personas que a las personas que realmente se necesita.

Estamos en un país donde la corrupción está realmente fuerte, y no sería una sorpresa que eso ocurriera así.

JD - Quizas una pregunta para redondear que me surge porque sí hay muchas cosas que me son incoherentes. Y es el rol de la defensa pública acá, vemos que hay casos de tensiones que son francamente no justificadas o al menos esa es la percepción de los familiares no nos han podido transmitir, eso es un poco o que encontramos en reporte de la CODUPI, y a todas estas nos preguntamos el rol de la defensa pública ante estas dilataciones, es bueno, es malo, no hay otras instancias cuando hay estas dilataciones en los procesos aquí en Paraguay para poder frenar de pronto esta extensión de casos que lleva tres años sin una acusación. Es una cosa que no logro entender muy bien, cual es el rol de la defensa pública acá, y cómo fue en el caso de los 14 si hubo defensa pública.

BONSI - es interesante tu pregunta porque demuestra que estas haciendo un seguimiento de lo que te estaba diciendo, y lógicamente vas a notar un punto negro en toda esta historia porque es lo que resalta, la defensa pública no funciona también como debería más bien legaliza el protocolo de defensa pública, pero ellos hacen lo que se puede, hay defensores públicos con ese tipo de ..#la defensa pública, hace un esfuerzo tremendo para ser una buena defensa pero el sistema no funciona así como no funciona para los particulares tampoco funciona para la defensa pública, y en este caldo de circunstancias jurídicas y políticas, en este caos, jurídico y político no encuentras respuesta al igual que los abogados particulares, y hoy en día yo te digo la misma cosa estando desde afuera, me siento igual que la defensa pública, no hay solución, a corto plazo porque la cosa está podrida desde arriba y uno recorre y cuanto más arriba te vas más podría estar así que uno se adapta a este sistema perverso arbitrario, así que te repito no hay ninguna política ... les ruego verifiquen lo que les digo con expertos en política y yo creo que no estoy errado, y es lo que te puedo decir, la defensa pública hace lo que puede, existen muy buenos defensores públicos. Y a mí me consta que hicieron un buen trabajo en el tema de los 14 campesinos, a mí me gusta llamarlos así porque al menos para mí yo nunca he visto algo incriminatorio, yo no voy a llamarlos del EPP ni nada por el estilo porque eso va a ser una falta

de coherencia o al menos una injusticia, pero la defensa hace lo que pueda pero en esta situación política caótica, jurídicamente hablando también, no tiene la posibilidad de ejercer bien su función.

Porque su sistema está dañado no existe sistema.

JD - Usted se vio estigmatizado, yo sé que usted tomó una causa y evidentemente hubo efectos, pero usted o casos de defensa pública cree usted que ha habido que sean estigmatizados como amigos del EPP o?

BONSI - Todo el mundo me llama que soy del EPP, se burlan, yo llegué a una depresión impresionante, yo siempre fui tranquilo, un ciudadano más, que le gustaba el derecho tranquilo, nunca tuve ningún tipo de problemas ni con mi vecino y después llega esto todo el mundo a atacarme, yo me enfermo mucho una enfermedad que no se ve y que no se la deseo a nadie, tremendísima mis padres me trasladaron a Asunción me tuvieron en un mes, tuve que ir al psicólogo, inclusive me llevaron psiquiatra todas esas cosas, yo me deje, porque me considere demasiado extremo verdad, pero lo que te lo que le quiero decir, es que fue una depresión tremenda y yo veía como mis familiares sufrían. A mí lo que decían por mí no me interesaba sino lo que mis padres mi hijas mi señora todo, sufrían mucho por eso y eso me pesaba mucho verdad porque de alguna manera digo, bueno será que valió la pena, ser justo, verdad. Y en este caso hasta ahora me siguen pasando la factura, yo sé que hice bien, pero cuando vez que un familiar tuyo está sufriendo uno de repente quiere retroceder y hacer las cosas a una manera diferente pero ellos gracias a Dios con el tiempo supieron llevar las cosas y supieron manejarlo y hoy día estoy días conforme con mi trabajo,

JD - Pues me alegra, ese es un punto que a mí me causaba curiosidad, porque en toda la cadena de sucesos la estigmatización es una de las cosas que más vemos, de los campesinos, yo, miré cuando yo entré a la política para distraer mi mente por un lado, a parte que es la segunda cosa que más me gusta, la contraria es como le van a elegir a un miembro del EPP.

Yo le dejaba porque al final la gente sabe, al final la gente no es tonta, ya razona, y la boca de la gente...

Así que la boca de la gente mal intencionada irreflexiva siempre va a haber, así que ya me estoy acostumbrando.

Y para terminar lo que puedo decirte es que sigo siendo juez solamente que está pendiente en la corte suprema de justicia, hasta ahora no hay novedad nadie quiere conformar... lo están dilatando, lo están dilatando y son ya 7 años y no hay todavía juez porque saben que hice bien y tienen que políticamente va a ser incorrecto decir que el juez Bonsi tenía la razón, o tiene la razón,, entonces nadie quiere agarrar el caso, entonces así estamos hoy en día

JD- tambien estaremos pendientes,
senor Bonzi gracias por este espacio. No se si hay algo que usted quiera agrearnos sobre la situacion en general, yo ya me llevo con mis preguntas un buen vistazo de su punto de vista y espero poder seguir comentandolo con más gente.

BONZI - Me gustaia, sinceramente le recomiendo el trabajo de Juan Martens, el último el que hizo, el que vino a lanzar acá en Concepcion.

JD - Sí, de hecho hemos encontrado versiones encontradas es de amores y de odios Juan Martenz, lo unico que conocemos del trabajo, me dicen que esta en la página de la conaci...

BONZI - ellos tienen figuras, no logicamente nadie dice que estén de acuerdo con Juan, yo no más digo que como hice un trabajo científico, hizo con un sistema metodológico con datos ciertos, comparaciones ciertas, es comprobable su trabajo, ahora la política que el tiene es otra cosa, a mi me interesa el trabajo científico porque por primera vez alguien lo planteo con trabajo científico.

JD - A mi lo que me llama la atención es lo que dice la prensa, y la prensa puede decir muchas cosas equivocadas de una lectura de un trabajo, pero lo que salió en la prensa, a opinion muy personal y fuera de lo que estoy viendo lo vi antes de venir aquí al Paraguay, me pareció muy estigmatizante, o muy propenso a estigmatizar a cierta población de concepción.

BONZI - Así mismo, es una lectura correcta, porque es así, nosotros los concepcioneros sufrimos esa estigmatización lastimosamente, sufrimos eso y de repente nos sentimos impotentes ante el caos jurídico político y hasta ahora no hay una solución.

JD - Yo quiero leer el trabajo, esperemos que el trabajo no sea de ese corte estigmatizante porque lo que relevo la prensa...

BONZI - no yo ese trabajo lo tomaron científicamente o sea es lo que es, no lo tomaron, prejuicio, hace comparaciones de las prisiones, después de mi caso, se llamaba aproximación de la naturaleza del epp, se llama su trabajo, aproximación porque es un trabajo científico pero todavía no está completa, por eso yo creo que le dieron ese nombre. Pero los datos que dan de pronto, unos 20 minutos de suposición lo ha tomado de forma metodológica y va descartando las cosas, inclusive tomó en cuenta el trabajo del sr Hugo pereira e hizo comparaciones, algo que para unos está bien y para otros mal, los datos comparados para ellos está bien esto porque así se comprueba, esto si es, esto no es, por eso digo, que la FTC si quiere que hacer algo bien tiene que empezar a partir de ahí a actuar y debería hacerlo de forma científica por otro lado.

JD - Pues esperemos que hacía sea.

BONZI -Esperemos.